

The image features a woman's profile in the lower-left corner, looking upwards. Her head is adorned with a vibrant, artistic arrangement of flowers and paint splatters in shades of pink, blue, green, and red. The background is a white canvas with a horizontal band of colorful paint splatters at the top. The title 'Tudo que POSSO ver' is prominently displayed in the upper half, with 'POSSO' in large pink block letters and the other words in a teal script font. Below the title is a quote in teal script: '"Quantas cores você pode ver?"'. At the bottom, the author's name 'CINTHIA BASSO' is written in teal, preceded by 'Da mesma autora de IMPLACÁVEIS' in a smaller teal font.

Tudo que **POSSO** *ver*

"Quantas cores você pode ver?"

Da mesma autora de **IMPLACÁVEIS**
CINTHIA BASSO



PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo que
POSSO
ver
"Quantas cores você pode ver?"

Da mesma autora de **IMPLACÁVEIS**
CINTHIA BASSO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Cinthia Basso

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Margareth Antequera

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON



SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[1 - Athos](#)

[2 - Erika](#)

[3 - Athos](#)

[4 - Erika](#)

[5 - Athos](#)

[6 - Erika](#)

[7 - Athos](#)

[8 - Erika](#)

[9 - Athos](#)

[10 - Athos](#)

[11 - Athos](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[12 - Erika](#)

[13 - Athos](#)

[14 - Erika](#)

[15 - Athos](#)

[16 - Athos](#)

[17 - Erika](#)

[18 - Athos](#)

[19 - Athos](#)

[20 - Erika](#)

[21 - Athos](#)

[22 - Athos](#)

[23 - Erika](#)

[24 - Athos](#)

[25 - Erika](#)

[26 - Athos](#)

[27 - Erika](#)

[28 - Athos](#)

[29 - Athos](#)

[30 - Erika](#)

[31 - Athos](#)

[32 - Erika](#)

[33 - Athos](#)

[34 - Erika](#)

[35 - Athos](#)

[36 - Erika](#)

PERIGOSAS ACHERON

[37 - Olívia](#)

[38 - Theo](#)

[39 - Erika](#)

[40 - Athos](#)

[41 - Athos](#)

[42 - Erika](#)

[43 - Athos](#)

[44 - Erika](#)

[45 - Athos](#)

[46 - Athos](#)

[47 - Erika](#)

[48 - Athos](#)

[49 - Athos](#)

[50 - Erika](#)

[51 - Athos](#)

[52 - Erika](#)

[53 - Erika](#)

[54 – Erika](#)

[55 - Athos](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

[Notas](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



SINOPSE

Erika Albuquerque sempre teve sua vida traçada, com a certeza de que um futuro glorioso a esperava. No entanto, por que ela não se sentia feliz? Entre idas e vindas da vida, ela acaba se encontrando na avenida Sentimento, onde um estúdio de tatuagem se sobressaía ao seu mundo caótico de cores.

Com uma singularidade, Erika conseguia enxergar tudo o que os outros... não conseguiam ver. E ao colocar seus olhos naquele homem, teve a súbita certeza que nada seria o mesmo sem ele.

Athos Monteiro, uma pessoa tranquila, que vivia cada dia por vez, não imaginava que a sessão

marcada em uma segunda-feira calma e sem pretensões mudaria a sua rotina de uma forma tão irreversível. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas tinha a noção de que aquela mulher com cabelos cacheados e olhos tão verdes, quanto esmeraldas, o deixava incomodado de uma maneira estranha e sem explicação.

Athos e Erika não deveriam se encontrar, mas, entre uma trama de mistérios e mentiras, se veem interligados. Correndo contra um sentimento tão irrefreável quanto uma tempestade e tão inevitável... como o tempo.

Playlist on Spotify

[**Clique aqui!**](#)



NOTA DA AUTORA

Tetracromatismo: Condição rara em que uma pessoa consegue enxergar cerca de 99 milhões de cores, enquanto as pessoas normais conseguem enxergar apenas um milhão. Ainda é pouco estudada, devido a sua raridade e a dificuldade de encontrar os tetracromatas, pessoas que possuem essa condição. Alguns podem nem saber o que os afeta, mas o fato é que, a magia das cores é tão surreal que muitos poderiam julgar até mesmo irreal.

Fato, existe, o Tetracromatismo é realidade.

A pessoa tetracromata nasce com essa condição, no entanto, pode viver a vida inteira sem saber

disso, visto que a habilidade pode ser “disfarçada” pelo próprio cérebro. Apenas algumas pessoas conseguem desenvolver completamente essa noção e tudo pode depender de um gatilho, sem qualquer explicação exata pela ciência, partindo do princípio que é algo ainda pouco estudado e compreendido.

E para melhor desenvolvimento da história, o assunto abordado neste livro, foi incrementando com alguns pontos que deixariam tudo ainda mais profundo para a personagem. Então, ressalto que nem tudo escrito se refere a característica peculiar em si, mas em grande parte, a imaginação e carinho da autora, que usou o lado literário da ficção.

Para maior esclarecimento sobre o tema, acesse: http://www2.ee.ufpe.br/codec/eye_seminar.pdf. As informações neste seminário são bem resumidas e de fácil entendimento para compreender uma parte das peculiaridades da personagem Erika Albuquerque.



Passei entre os girassóis, fechando meus olhos com os reflexos, sem que eles fossem do sol alto no dia. O céu parecia verde, cinza e prateado, o que era estranho porque eu me lembrava apenas do azul na maioria das vezes. Claro que o céu poderia conter várias cores, dependendo do dia, mas nesse em específico, tudo estava muito esquisito.

Esquisito demais.

Uma pontada aguda fervilhou minha cabeça e eu apertei forte os dedos da minha mãe.

— Tudo bem, Erika? — perguntou ela e eu apenas balancei a cabeça confirmando.

Não gostava de me queixar. Ela sempre me dizia

para agir como uma garota crescida e eu o fazia.

Ter seu orgulho era importante para mim, não sabia até quando seria, mas até o momento, era.

— Tudo sim. Está vendo as cores, mãe?

Ela olhou em volta, absorvendo a paisagem, o mar de flores amarelas em meio ao seu núcleo preto e a vastidão de verde que eu costumava ver. Por que hoje estava diferente? Além do verde eu enxergava todas as outras cores, em uma mistura maluca, que mais me lembrava do filme *Alice no País das Maravilhas*, do que a realidade.

Será que eu estava vivendo em um mundo imaginário?

Se eu fosse levar em conta todas as minhas conversas fora de hora e meus devaneios, com certeza essa não era uma coisa impossível.

Por que o caule dos girassóis era repleto de verde, com as bordas amareladas, se trançando com veios vermelhos e uma camada bem polida e pequena de marrom claro? Por que havia pequenos pontos lilases? Por que havia tantos tons nas cores?

— Bem colorido aqui, não é?

Balancei a cabeça negando, ela não estava entendendo.

Fixei meu olhar nela, reparando de verdade na minha mãe. Seus cabelos loiros reluziam um tom claro de verde, e em algumas partes, uma cor púrpura bem forte. Eu devia mesmo estar doente, como conseguia enxergar isso? Eram pequenas listras, mas que se ressaltavam conforme eu as observava.

Quando a luz do sol incidiu sobre alguns fios, o vermelho saltou aos meus olhos.

Pareciam debochar de mim: *“Você está nos vendo, garota? Sabia que aparecemos apenas hoje, mas que na verdade tudo a sua volta é assim? Uma mistura de cores e tonalidades que a maioria das pessoas não enxerga e por isso não entende?”*

Aproximei-me e olhei a sua blusa vermelha de alças, notando vários pontos pretos no tecido. Como? Como isso era possível?

Franzi minhas sobrancelhas e questionei várias alternativas na minha mente.

Poderia ter olhado diretamente tempo demais

para a luz do sol. Sim, definitivamente essa era uma opção, já que eu ficara tão embasbacada com a visão, a paisagem dos milhares de girassóis em uma tarde maravilhosa de verão que me esquecera da luz solar e de como ela afetava a visão.

Os pontos brancos que enxergávamos quando fazíamos isso eram uma prova. Essa minha nova percepção ou delírio, deveria ser fruto disso.

E os tais pontos, nem sinal mais deles.

Por que... hoje? Por qual motivo eu estava vendo o que jamais conseguira?

— Têm muitas cores... nas cores. A senhora não enxerga? — questionei, tentando forçá-la a me entender.

Não falava simplesmente “*das cores*”. Eu queria que ela visse “*as cores nas cores*”. Precisava que alguém entendesse o que estava acontecendo comigo, porque eu não compreendia e isso me deixava assustada.

Os girassóis balançaram com a rajada do vento que atingiu o lugar e o colorido brilhou forte, formando uma espécie de arco-íris, mesmo que no

céu azul límpido não houvesse qualquer sinal de que choveria em breve.

Passei as mãos nos olhos várias vezes e todas as vezes que os abria, enxergava o mesmo. Na verdade, uma aquarela maluca, e por que eu não parava de ver aquilo?

Eu piscava e piscava, apenas querendo voltar ao normal.

— Que cores, filha? Só vejo um mar de amarelo, o céu azul claro, e o verde do caule das flores. Essas são as cores predominantes. Afinal, estamos em um campo de girassóis, que outras cores teriam? — apontou em volta e indicou o óbvio.

Mesmo que o óbvio já não fosse mais tão claro assim para mim.

— Não vê o vermelho nas pétalas?

Ela pegou um girassol na mão e olhou-o fixamente, tentando desvendar de onde eu tirava o vermelho que dizia.

Eu conseguia enxergar com uma clareza assustadora, tão assustadora que eu sentia meu peito se apertar em angústia. Ao redor do centro

PERIGOSAS ACHERON

preto, misturado com a cor vinho, um vermelho crescia e se tornava laranja-escuro, para depois continuar em vários fios e finalmente alcançar o amarelo que eu enxergava anteriormente. Era bem sutil, no entanto, estava ali, zombando de mim.

— Não, apenas amarelo. Um amarelo lindo.

Peguei um entre as minhas mãos e notei os padrões e a mistura mágica de várias nuances, me indagando como ela não via isso. Como? Era gritante aos meus olhos e parecia me ferir com a intensidade do brilho.

Será que meu pai veria se ele estivesse aqui ao invés de ter ficado em casa no feriado, para trabalhar? Ele já não trabalhava o bastante? Quase nunca conversávamos e quando o fazíamos era para ele dizer o que esperava de mim quando crescesse.

Theo ficara com ele, para estudar.

Não entendia por que não podiam passearem um pouco de vez em quando. Não entendia por que era necessário pensar no meu futuro, quando o presente estava ali, pedindo para ser aproveitado.

Estávamos a uma pouca distância de Santa Clara,

na cidade de Amorosa, onde o campo de girassóis era famoso por realizar sonhos, por trazer para as pessoas o que elas mais queriam que acontecesse, mesmo que nem elas soubessem ainda ao certo o que era.

Eu queria apenas ser feliz, ansiava por encontrar a felicidade no caminho da minha vida e não apenas no final. Era criança ainda, mas sabia disso, que ser triste e indiferente como os adultos à minha volta pareciam ser, não era uma opção.

Onde estava o amor?

Era o que eu vivia me perguntando.

“Que eu seja gigante e que as cores não se tornem meu maior pesadelo.”

Foi o que pedi naquele momento, foi o desejo mais sincero do meu coração.

E os girassóis me atenderam, ou não, só descobriria dali alguns anos, que nem sempre nossos anseios mais sinceros, eram as palavras que abandonavam nossos lábios. Eles poderiam ser muito mais profundos e necessários.

— Certeza? — questionei, inconformada.

Será que eu tinha passado por alguma coisa?

Não enxergava todas essas coisas antes, como eu passara a enxergar agora?

— Está me assustando, Erika. Certeza que não aconteceu nada com você? Parece maluca, filha. Está me olhando estranho! — minha mãe aparentava horror com as minhas ações e isso me deixou ainda mais retraída.

Será que eu estava olhando estranho para ela, ou olhando estranho para tudo?

Descobrimo um mundo novo através dos meus olhos?

— Está tudo bem, mãe.

— Se quiser, posso conversar com um amigo do seu pai, ele poderia te ver, acho que precisamos marcar uma consulta. Caso fique olhando assim para todo mundo, vão te achar louca e imagina a vergonha que seria?

Fechei minha mão e fiquei quieta.

Será que eu estava mesmo ficando maluca como ela pensava? Minha mãe era extremamente

preocupada com isso, ela dizia que um de seus irmãos tinha desvio mental antes de falecer e ela achava que isso era vergonhoso e sempre fugia do assunto, gaguejando quando tocávamos nele.

Quando falávamos dele, minha mãe ficava tão fora de si, que se trancava no quarto e não saía nem mesmo para comer.

Isso me irritava.

Contudo, quem eu era? Uma garota de doze anos, que era criada para ser uma alta dama da sociedade, mesmo não tendo qualquer momento de diversão, assim como as demais meninas da escola. Enquanto elas se divertiam, brincavam de se maquiar, eu era maquiada para as festas, que se realizavam em minha casa, até altas horas da noite.

Precisava falar perfeitamente e me portar como uma pessoa respeitável, mesmo que eu nem soubesse ao certo o que era isso. Meus vestidos ficavam impecáveis, sem qualquer mancha ou defeito, porém, algo em mim também parecia se fechar conforme o tempo passava.

Só queria ter infância, era muito pedir algo assim?

E agora, tinha ainda toda essa confusão acontecendo na minha cabeça. Se alguém pudesse me consertar como ela pensava, talvez não fosse tão ruim.

Eu tinha conserto?

Era uma peça defeituosa para a família?

Theo diria que não, meu pai talvez, mas minha mãe diria com certeza, que sim.

— Não estou louca, mãe.

— Não tem como sabermos. Loucos não se acham loucos, Erika.

Não se achavam?

Então isso me colocava na categoria louca? Eu tinha minhas dúvidas sobre o que era ou não.

— Por que, não?

— Não sei. — respondeu e ficou quieta, sua mão na minha, seus dedos traçando círculos carinhosos.

O chapéu dela era de palha, grande e redondo, com uma cor bege bem clara, que variava desde o marrom-escuro até um tom claro imaculado.

— Sério mãe que não está vendo todos os meios-tons? — perguntei novamente.

Sua mão se desprendeu da minha e ela me olhou, perdendo a paciência, como se eu estivesse falando um absurdo do qual ela não fazia a menor questão de entender.

— Fique quieta, Erika. Já cansei dessa sua invenção. Não quero mais ouvir uma palavra sequer sobre isso, entendeu? Sabia que seu pai e seu irmão deveriam ter vindo com a gente, apenas nós duas nunca nos divertimos, não sei aonde estava com a cabeça de vir até aqui achando que faria bem para a nossa relação. Até comentei com as minhas amigas, o quão difícil estava te educar como elas educam as filhas e todas me entenderam, acredita? Deveria ter te mandado para algum internato onde aprenderia tudo, sem que, eu me estressasse com isso.

Balancei a cabeça confirmando, acuada.

O único que me entendia e parecia se preocupar comigo, acima dessas coisas era meu tio, irmão do meu pai. As demais pessoas nem ao menos pareciam olhar para o lado.

— Você tem certeza que me entendeu? —
reafirmou ela e eu balancei a cabeça de novo.

Naquele momento, ao lado da minha mãe, depois de dizer o que estava enxergando, percebi que nem todas as pessoas estariam preparadas para saber sobre o *diferente*. Que, nem todas as pessoas iriam querer ouvir que o raro existia e que ele morria de medo dessa condição. Nem todo mundo queria de fato conhecer, e por esse motivo eu manteria o segredo apenas para mim.

Se eu não contasse para ninguém, não me machucaria por ser rejeitada.

A ignorância seria então, a minha maior proteção.

01



Athos

Eu observava o movimento da rua onde ficava o estúdio, concentrado em identificar os padrões das muitas pessoas que nem ao menos olhavam para o lado. As portas de vidro, me davam uma bela alternativa quando eu queria apenas admirar para além de tudo. Gostava de observar e imaginar quais eram suas maiores preocupações.

— Cara, *tô* querendo ir beber mais tarde, pra me distrair. Topa ir?

Olhei para o meu amigo, tentando me desligar do caos de ideias no qual minha mente se tornara.

— Que horas? Tenho uma sessão às 5:00 h da

tarde. A *mina* quer uma tatuagem com o nome do namorado, uma coisa estúpida na minha opinião. Se eu a convencer a voltar atrás, consigo sair sim, senão, não tenho a menor ideia de que porra de hora vou me mandar.

— Nome do namorado? — Meu amigo se sentou em um dos meus divãs personalizados.

Pegou minha pasta entre as mãos e folheou sem qualquer propósito. Aqueles eram desenhos que eu fazia mais por diversão do que por trabalho propriamente dizendo e, talvez por esse motivo eles ficavam tão bons. Eram exclusivos, logo que uma pessoa escolhia e se marcava permanentemente, eu os tirava da pasta e vida que seguia.

— É, *saca* a merda acontecendo? Eu consigo até prever. Eles vão romper e ela vai voltar aqui querendo cobrir com algum desenho qualquer, como se isso a impedisse de lembrar do que tatuou ali em primeiro lugar. Nada contra, só acho que as pessoas têm que se ligar de algumas coisas. Eu não faria isso, talvez por ver tantas vezes a mesma coisa acontecendo, dia após dia.

— Soou rancoroso, *irmão*.

Sabia que sim, mas não conseguia evitar.

— Tomara que ela decida fazer algo diferente. Gosto de caprichar quando as pessoas mudam de ideia. — Dei de ombros e voltei a olhar a movimentação do lado de fora.

Era de tarde, o sol estava a pino e conforme a claridade passava pelo vidro, eu me sentia mais compelido a sair do pequeno estúdio e só ficar lá na frente, tomando um banho de vitamina D. Ou mesmo pegar um livro do Stephen King, sentar no meu divã e ficar ali, passando o tempo.

As pessoas marcavam as sessões e muitas vezes desistiam de fazer. A coragem lhes faltava e então davam um bolo sem ao menos ligarem para desmarcarem e eu ficava com esses buracos no meu horário. Não que eu me importasse muito, só não gostava de ser feito de trouxa.

— Sei que gosta e faz um trabalho do caralho quando a inspiração bate forte.

— Pois é. — Peguei o meu celular para conferir se alguém tinha mandado alguma mensagem desmarcando, e nada.

O dia estava absurdamente quieto.

Uma segunda-feira das mais chatas. Odiava as segundas. Quando os horários eram poucos nesses dias, eu remarcava e ficava de boa no apartamento.

O som no estúdio variava entre *GUNS N' ROSES*, *AC/DC*, *METALLICA*, *MEGADETH* e várias bandas indie, que me acalmavam na hora de tatuar. Elas entravam em mim e quando eu menos percebia começava a balançar a cabeça, cantarolando a música.

Em outros momentos ouvia alguns raps, variava de dia para dia e do meu humor com o cliente.

Alguns esgotavam totalmente a minha paciência. Isso porque eu me achava um cara extremamente calmo. Eros, um amigo que dividia o estúdio comigo era muito pior e as vezes ele lançava umas desculpas para não tatuar certas pessoas, ou xingava alto quando estava sozinho, para extravasar.

Morria de gargalhar.

Se eu era louco, ele era insano.

— Quero fazer algo, mas ainda não sei o quê...

Fiz um barulho de *tsc*, achando graça na sua indecisão comum. Todas as vezes era a mesma coisa, já nem me ligava muito na sua dúvida.

Peguei uma folha sulfite e comecei a desenhar algo que tinha acabado de vir à mente.

O lápis escorregava pelo papel sem qualquer resistência, enquanto a minha imaginação criava, através dos traços, algo que acabaria enfeitando a pele de alguém, ou não.

Nunca previa quando um desenho ganharia vida, eu só o fazia.

— Cara, você nunca sabe.

Ele continuou olhando minha pasta e de repente parou em uma folha. Já até imaginava qual desenho chamara mais a sua atenção, mas esperaria que ele dissesse para provar o meu palpite.

— E esse? Topa?

Levantei minha cabeça e encarei as linhas que eu me lembrava de ter desenhado no último mês. A coruja em estilo *Old School*¹ estava magnífica, colorida e com traços grossos, além de um olhar

mais real do que eu costumava ver em muita gente.

Se eu a fizesse no meu amigo, que nem sabia ao certo o que queria, seria um desperdício. Era uma pena, porém, a verdade.

— Por que quer tatuar essa?

— Achei bacana.

Mais um *tsc* saiu dos meus lábios.

Se todos que viessem ao estúdio tivessem essa motivação, eu não tatuaria nunca. Precisava ganhar *grana* e tal, mas eu não trabalhava neste ramo apenas por esse motivo, fazia tatuagens porque eu gostava de marcar as pessoas com coisas que elas olhariam e se sentiriam bem.

E alguns trampos me rendiam tanta grana que eu podia me dar a essa escolha de vez em quando.

— Não vou fazer em você. Vai estragar o desenho e isso é capaz de me deixar realmente *bolado*².

— É um saco ser seu amigo. — murmurou irritado.

Abandonei o desenho que tinha começado e apoiei na mesa, olhando-o.

— Fica ao seu critério, quer colocar isso na sua pele, eu faço pra você, mas quando se arrepender, não venha chorar como uma criança pra mim. Não suporto essas merdas e vou te mandar tomar naquele lugar. Sabe muito bem.

— Tem razão. — concordou a contragosto e eu voltei a pegar o lápis.

Pena que com a interrupção, já não parecia mais tão certo o que eu fazia. Gostava de concentração e com Bruno ali, a concentração era algo luxuoso demais para mim.

A porta do estúdio foi aberta e o cara da próxima sessão, que tatuaria um urso que eu já desenhara, entrou feliz e assoviando. A diferença entre uma pessoa que queria mesmo fazer uma tatuagem e outra que não sabia o que queria estava aí, na forma como elas entravam no estúdio.

Algumas queriam fugir, engolindo em seco assim que viam a decoração do ambiente.

Outras não queriam sair dali, sentindo conforto

até mesmo no barulho da máquina. O que eu achava relaxante, inclusive.

— Ei, Athos, eu vi a mensagem que me mandou com a tatuagem! *Tá* maneira demais e eu não via a hora de chegar o momento pra rabiscar minha coxa! — Olhou para o meu amigo, sentado em um dos divãs — Ei, e aí Bruno? *Tá* tentando descobrir algo pra tatuar de novo?

Bruno era tão indeciso e aparecia tanto no estúdio, que todos sabiam que ele mais chorava do que fazia alguma coisa. Até mesmo meus clientes. Eram raras as exceções em que ele decidia de primeira e fazia, ou comigo ou com Eros.

Make me Wanna Die começou a tocar no som e as batidas ecoaram, vibrando tudo ao redor. Balancei a minha cabeça, acompanhando a voz da Taylor Monsem. Adorava muitos estilos de música, mas rock sempre tinha sido minha paixão e isso era incontestável.

— Estou pensando ainda. Esse *quengo* não quer me tatuar.

— E com razão, tenho certeza — Theo caminhou e se sentou no sofá preto, em um dos cantos do

PERIGOSAS ACHERON

estúdio, olhando em volta.

Seu olhar parou por instantes no aquário de madeira na lateral, com um móvel feito sob encomenda que o deixava à vista de todos, porém escondia toda a instalação. A madeira subia até o teto e na parte de cima, um armário com duas portas visível, enquanto a base do aquário era charmosamente encoberta por duas portinholas.

Todas as pessoas que entravam ali ficavam pasmas com a minha escolha de itens decorativos.

Muitos quadros de bandas, frases pintadas nas paredes, que tinham um tom claro de cinza, fora meus divãs personalizados com meus desenhos e a enorme mesa de mogno que eu usava para desenhar. Em uma sala separada, ficava a maca e todas as minhas coisas para tatuar. Gostava de ter um lugar separado para bolar as *tattoos* e também conversar com as pessoas. Muitas vezes elas ansiavam que adivinhássemos o que elas queriam e, eu tentava fazer isso uma boa parte das vezes.

Outras, eu simplesmente excedia as suas expectativas e me vangloriava pelo feito.

Era considerado o melhor tatuador da cidade por

PERIGOSAS ACHERON

um motivo e já ganhara vários prêmios em convenções por essa mesma razão.

— *Tá* a fim de sair hoje? — meu amigo questionou para o recém-chegado.

— Não, estou tranquilo. Minha irmã marcou uma tatuagem aqui mais tarde. Conheceu ela? — ele indagou e eu franzi minhas sobrancelhas, vasculhando minha agenda mentalmente por uma mulher, além da que viria às 17:00 h, mas ele continuou falando, e me deu a resposta que eu procurava — Ela quer fazer o nome do namorado, um otário de marca maior. Não gosto dele, que diferença faz? Ela é a filha perfeita para os meus pais e, eu sou apenas a ovelha negra da família, ninguém leva em conta a minha opinião.

— *Tava* comentando com o Bruno, que vou tentar convencê-la a não fazer essa merda. Sua irmã vai se arrepender, tenho quase certeza.

— Não é o único com essa noção, pode apostar.

O desenho foi completamente esquecido na minha mesa. Ainda não tinha visto a mulher e não sabia como era, mas se eu pudesse ser aberto e falar para ela, dar um conselho que a impedisse de fazer

PERIGOSAS ACHERON

uma cagada, eu faria.

— Como eu disse, não *tô* a fim de tatuar uma coisa que daqui a uns anos ela vá odiar. Odeio *trampo* assim, na moral.

— Ou até menos. Não sei se anos é uma realidade naquele mundo cor-de-rosa dela. Nossos pais estão pressionando-a pra casar e o cara é de família rica, todos médicos e para a galera de casa, isso é um currículo ótimo pra filha de um engenheiro e uma arquiteta consagrada.

— Que merda — sussurrei e era realmente o que eu achava.

Talvez por ser desprendido e relaxado demais para os padrões da sociedade, o fato era que não me importava com essas formalidades. Muito menos com a conta bancária de alguém.

O que só provava que as divisões entre sociedades ainda eram absurdas. Eram “eles” e “a gente”.

— A melhor coisa que eu fiz foi sair de casa. Se a Erika não sair logo, vai ficar louca, escreve o que eu digo.

— Ou não. — murmurei.

Olhei para o meu amigo que ainda procurava um desenho na minha pasta e balancei a cabeça, desamparado. Ele estava concentrado, mesmo sabendo que já tinha visto aqueles desenhos milhares de vezes.

— Bruno, para de folhear essa porra. Juro que faço algo pra você que vai curtir pra caralho, só para de ficar analisando tudo, que *tá* me deixando irritado ao extremo.

Ele sorriu, sabendo que tinha conseguido me deixar furioso a ponto de ganhar uma promessa.

— Conseguiu tirar o Athos do sério? Queria ter essa coragem. — Sorri com a fala do cara e me levantei, chamando-o para a sala e deixando meu amigo cuidando de tudo.

Ele claramente não estava fazendo nada e, tanto eu como meu parceiro de estúdio sabíamos que precisávamos de uma recepcionista, mas estava foda arranjar alguém maneira, que ficasse de boa com a gente por perto.

Ela teria que ser no mínimo tão louca quanto, ou

ao menos não ser cheia de preconceitos.

Odiava gente assim.

Odiava com um ódio tão sincero que até trincava os meus dentes quando notava o olhar de desprezo.

— Preparado? — perguntei logo que ele se deitou na maca com o plástico filme e ficou esperando que eu comesse.

— Nasci preparado.

Sorri confirmando e comecei a arrumar as coisas.

Os acordes de uma música qualquer deram o ar da graça, acompanhando o *tznnnn* que minha *Stigma*³ produzia.

E porra, esse era o som mais foda para mim.

Um eco que representava liberdade.



02

Frika

— Não acredito que vai fazer isso! Gata, é horrível! Tatuar o nome daquele traste? Meu Deus, só eu vejo o absurdo nisso? — Carla preocupou-se, se jogando teatralmente na minha cama.

Já tinha me decidido. Tatuaria sim.

Ele me pediria em casamento em breve, conseguia sentir, e nada mais me soava tão perfeito. Teria uma vida toda planejada e muitos filhos com um futuro brilhante, que seguiriam o caminho do pai e da mãe.

Sorri com o pensamento. Já imaginando todas as nuances da minha futura vida.

— Qual o problema? — questioneei.

Sentei-me na minha banquetta da penteadeira e comecei a arrumar o meu cabelo para ir até o estúdio. Estava um pouco nervosa, mas coragem não me faltava e eu amava o Ricardo, sabia que sim, então, só parecia natural demais o que eu faria. Não era a única no mundo a fazer algo assim, não mesmo, logo, não entendia o susto por parte da minha amiga.

Tinha sido um rompante, uma necessidade massacrante de tatuar qualquer coisa que me viesse a mente? Não mentiria, dizendo que não, entretanto, algo em mim realmente me impulsionava a fazer isso e eu sentia como se fosse acontecer uma coisa muito ruim caso eu não obedecesse a essa premonição.

— Qual o maldito problema? Meu Deus, você só pode estar louca! Que absurdo! — Ela pegou um dos meus travesseiros e arremessou-o na minha direção. — Totalmente alienada!

Olhei-a irritada.

Poderia ter derrubado meus frascos de perfume, ou mesmo o espelho, e ter feito uma bagunça digna

PERIGOSAS ACHERON

de nota.

— Estou fazendo o que o meu coração manda, lide com isso!

— O que o seu coração manda? Ele te manda se ferrar? Porque é o que parece! Que porcaria! Até minha cachorra parece ser mais inteligente que você. Isso porque ela fica girando tentando morder o próprio rabo!

Parei de prender o meu cabelo e me mantive em uma ameaça velada direcionada a ela. Já me bastava as suas falas fora de hora perto do Ricardo, que me colocavam em problema em boa parte das vezes, ela ainda se via no direito de insultar minha inteligência.

— Está passando dos limites, Carla.

Ela odiava o seu nome. Principalmente a música. Então eu usava isso a meu favor. Não que visse motivos para odiar um nome tão bonito, mas desde quando eu a entendia? Nunca.

— Tudo bem. Mas fique preparada para o choque que vai tomar. Dani me disse que esse tatuador no qual você vai é um gato de bambear as

pernas e deixar a calcinha encharcada.

Nem dei importância para a sua fala. Não iria no lugar procurando um cara com quem passar a noite, ia apenas fazer uma tatuagem, nada mais.

— Não ficarei olhando pra ele. Essa informação foi inútil, pode acreditar.

Ela me fitou através do espelho, com um sorriso malicioso e eu ignorei completamente.

Carla nunca tomaria jeito. Apesar que eu a amava exatamente assim, se mudasse não seria a mesma pessoa que eu adorava ter na vida. Reclamava sempre, mas quando Ricardo tentava exigir que eu passasse menos tempo com ela, o mandava pastar. Não conseguia visualizar meus dias sem a minha melhor amiga.

Eram anos de amizade. Praticamente tínhamos dividido o berço e quem ele achava que era para exigir que me privasse desse amor sincero com a vadia da minha vida?

Sendo vadia um apelido carinhoso, não havia dúvidas quanto a isso.

— Certeza? Duvido! Estilo *bad boy* que a
PERIGOSAS ACHERON

mulherada ama. As meninas que tatuaram com ele ficaram suspirando por no mínimo uma semana. Disseram ainda que o perfume que ele usa é maravilhoso. Dani deu o mesmo para o namorado só porque achou o cheiro irresistível. Depois ainda reclama que as mulheres estão caindo matando em cima dele! Se o cheiro é tão afrodisíaco quanto ela fez parecer, daqui uns dias estará sem namorado, aposto! Chama Carpe Diem ou algo assim, pelo que me disse, faz sentido pra mim. Liga o estilo dele ao odor também, gosto disso! O que me espanta é ele ter dito o nome sem colocá-la em uma lista de louca completa, que tenho certeza que os homens costumam fazer, se bem quê... nunca saberemos, não é?

Carla sempre falava demais.

Sempre.

Ela tornava uma resposta de simples sim ou não, em uma locução de no mínimo cinco minutos.

Soltei uma risada baixa.

— Não vou me obcecar pelo cheiro do homem e quem me indicou foi o Theo. Não acho que ele quisesse que eu me apaixonasse pelo mesmo

PERIGOSAS ACHERON

profissional que o tatua.

Minha amiga levantou uma das suas sobrancelhas, uma atitude sugestiva, mas eu a ignorei de novo e voltei a terminar de me arrumar.

Minhas mãos começaram a suar por antecipação e eu não entendi muito bem o motivo. Queria fazer aquilo, não queria?

Sim, claro que queria!

— Certo, depois dessa experiência a gente conversa então. Não vou poder ir com você porque tenho um encontro com um cara supergato, mas sinceramente, eu queria ter dito *não* se eu pudesse ver a sua cara quando sentir o toque do bonitão. Vai se arrepiar e não pela dor, tenho certeza!

Ela tirou sarro, seus olhos negros dançando em divertimento, enquanto o tom rosa se espalhava suave pelas suas bochechas alvas.

Levantou-se da minha cama, assoprou um beijo e saiu do meu quarto, com o seu cabelo extremamente preto e liso, com vários outros pigmentos, brilhando tanto, que eu até me sentia cega com o reflexo.

Era complicado ser *tetracromata*.

Minha condição era rara e eu percebi que não enxergava as cores como todas as pessoas, quando minha mãe me levou em um campo de girassol e eu perguntei para ela se enxergava todos os tons de vermelho, laranja e até mesmo marrom nas pétalas dos girassóis. Ela deve ter me achado louca, porque me olhou como se eu fosse uma. Nunca mais toquei no assunto e continuei com a minha excentricidade particular.

Quando tinha dezesseis anos fiquei realmente curiosa e depois de algumas pesquisas, li alguns artigos científicos e o escasso conhecimento que tinham do *Tetracromatismo*.

Eu era uma exceção em milhares. Descobri o quão difícil era encontrar as pessoas que viam todas as cores e toda a magia em torno delas, enxergando muitas vezes mais do que as outras.

Os raios de sol eram cambiantes. Uma mistura de matizes de laranja, amarelo e até mesmo dourado, que se infiltrava nos meus olhos e me brindava com uma imagem única. Queria que a maioria das pessoas pudesse ver. Era inexplicável.

Ir ao supermercado era uma luta que eu enfrentava constantemente, já que todas as cores saltavam aos meus olhos e me deixavam em estado de perder os sentidos por alguns instantes. Despertava pânico e me fazia arfar com a quantidade de informação. Logo, ninguém entendia por que eu amava o preto. Preto era a ausência de cor, uma dádiva que não me fazia ter enxaqueca por excesso de informação.

Preto era a minha paz e até parecia brincadeira divina. Sendo uma ironia pensar que velórios representavam a tranquilidade na Terra para mim.

Isso não é uma boa coisa a se pensar.

Fiquei olhando o meu reflexo no espelho, observando e captando tudo, sentindo-me adversa, porque a essa altura, já tinha me acostumado e aprendido a lidar com isso, quando a figura era conhecida, claro. Quando algo novo surgia, as cores sempre me importunavam.

Levantei-me da banquetta e peguei minha bolsa, respirando fundo, assim que saí do quarto.

— Já vai, querida? — minha mãe questionou e eu concordei, com um aceno.

Ela e meu pai estavam na sala, tomando chá e conversando sem muita animação aparente. Eles eram estranhos na própria casa e eu ainda tentava entender como conseguiam ficar juntos se mal se suportavam. Disfarçavam com perícia, porém, alguém que olhasse para ambos, por mais do que alguns minutos, notaria o mal-estar claro que pairava nos ambientes.

Até o meu irmão tinha notado.

E para sua sorte, se mandou de casa a tempo, antes que a loucura o acometesse também.

Eu fiquei e acabei me tornando a filha com excesso de atenção, a filha que seguia todos os planos da família, que cursava engenharia civil, e que rumava para o estrelato do nome, assim como todos. Que se dedicava em tudo, mesmo ficando perdida em meio ao próprio abismo da sua cabeça.

Se eu contasse o que me assolava, tinha uma parca noção do que eles seriam capazes de fazer para poder chamar a atenção, com o único pretexto de que “queriam me ajudar”. Não, eu os conhecia, e os Albuquerque não concordavam com nada que não pudesse lhes reverter algum proveito.

— Sim, preciso me apressar pra poder falar com o pessoal.

Se eles sonhassem que eu faria uma tatuagem como Theo tinha feito várias, desconfiava que me prenderiam em casa e não me deixariam sair nunca mais.

— Bom estudo e não deixe de falar com aquele seu amigo, certo? Andei conversando com o pai dele sobre o projeto da mansão que está construindo e tenho algumas dúvidas quanto ao que quer no quarto. Não deixe de me fazer esse favor.

Eu me relacionava com pessoas influentes pela gama de clientes da alta sociedade que meus pais tinham, mas sempre me sentia fora da bolha, sem pertencer a nenhuma realidade da qual eles me incluíam.

Parecia vazia.

Uma pequena gota de água que refletia todas as cores que com ela se chocavam, mas que não conseguia absorver nada de realmente valioso com isso.

Era frustrante. Deixava-me desesperada por fazer

a diferença em alguma vida que não a minha.

— Vou falar com ele. É apenas isso? —
questionei, já com a mão na maçaneta, querendo
evitar que eles dissessem mais alguma coisa, ou me
dessem mais alguma tarefa insuportável.

— E os convide para a pequena comemoração
que faremos aqui. Se não for incomodo.

Comemoração.

Havia comemoração para tudo e em algumas, eu
criava compromissos apenas para não comparecer.
Ricardo me acompanhava e nós passávamos um
bom tempo juntos, sem muita preocupação ou ter
que ficar ouvindo como nosso casamento seria
glorioso quando acontecesse.

Se já me irritava, eu não queria nem imaginar
como deveria irritá-lo mil vezes mais.

— Certo, sem problemas.

— Amanhã conversaremos sobre os detalhes do
casamento. — minha mãe comentou e eu fiquei
chocada, na frente da porta aberta.

Virei-me e me deparei com seu semblante

tranquilo como se não tivesse dito algo que nem ao menos havia acontecido ainda.

Não tinha sido pedida em casamento e em breve até poderia ser, mas se todos ficassem querendo saber como seria a tal união, eu suspeitava que ela nem ao menos pudesse acontecer. Ricardo ficava estranho quando o assunto era esse e eles deviam respeitar o nosso próprio tempo, não ficar pressionando.

— Ainda não fui pedida em casamento.

E também não falava com meu suposto noivo por quase dois dias. Ele não atendia as minhas ligações, nem sequer respondia as minhas mensagens e eu tentava forçar a noção de que tudo estava as mil maravilhas, entretanto, em alguns momentos eu simplesmente... sabia não estar.

— Mas será. Ricardo não é idiota a ponto de perder um partido tão bom quanto você.

Passei pela porta rapidamente, sem responder o seu comentário, ouvindo-a chamar meu nome e, eu ignorando sem qualquer remorso.

Disquei o número do meu namorado, chamou

diversas vezes e caiu na caixa postal.

Joguei meu celular na bolsa de maneira brusca.

Inspirei, expirei, e segui em frente com a minha ideia. Sendo que a noção de que eu estava fazendo o certo, mesmo sem saber o motivo ainda, era substancial.



Abri a porta do estúdio *Athos & Eros* na avenida *Sentimento*, uma das principais da cidade e fiquei impressionada com a decoração. As cores saltavam aos meus olhos, maravilhosas e combinando perfeitamente. Tons dos mais variados; quentes, frios e acolhedores que irradiaram a minha alma, tranquilizando todo o tumulto de cores que me atingiam como uma enxurrada quase sempre.

Respirei aliviada.

Era um milagre isso acontecer.

Olhei em volta, para todos os quadros, dois divãs com vários desenhos de tatuagem, que eu imaginava ser do próprio tatuador, que meu irmão dissera e algo a mais no lugar que o tornava

PERIGOSAS ACHERON

especial. Um sofá preto enfeitava um dos cantos e um enorme aquário estendia-se em uma das paredes. Cheirava a incenso e algum rock que eu desconhecia tocava suave nos alto-falantes, em um volume suficiente para ser ouvido, porém, que não incomodava.

Não havia ninguém atrás da mesa, que imperava majestosa na lateral. Senti-me momentaneamente acanhada pelo estilo absoluto do lugar.

Era esplêndido e fascinante.

“Ser estranho é o que há.”

“Normal é entediante demais, se vanglorie por ser louco.”

Havia várias frases pintadas ao meu redor, que me deixaram abobalhada, sorrindo sozinha.

— Oi, é a irmã do Theo?

Uma voz imperiosa invadiu os meus tímpanos e eu pisquei algumas vezes, na vã tentativa de dissipar tudo o que eu estava vendo, antes de poder conversar com o cara.

Nada me prepararia para o que eu veria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Virei-me e me deparei com a pessoa mais colorida que eu já tinha visto, suas tatuagens, tudo nele saltava em direção aos meus olhos, como uma chuva de arco-íris e uma miríade de sensações quentes e imperceptíveis a olho nu. Melhor, para qualquer outra pessoa. Para mim, ele era magnífico.

Era uma surpresa até mesmo para mim, que eu me sentisse tão em... paz. Ele era... colorido de uma forma única. Tão distinta e sua, que a bagunça de cores que sempre se formava na minha cabeça, desapareceu instantaneamente.

Seu cabelo reluzia a traços de preto, verde, azul, prateado, púrpura e vermelho e seu corpo... Seu corpo era um festival à parte, suas tatuagens resplandeciam em todas as cores na minha mente. Absolutamente todas.

Meu olhar acompanhou cada centímetro da sua pele e assim que chegou ao rosto, o ar se extinguiu dos meus pulmões. Dissipou-se como uma nuvem de poeira deixando-se levar pelo vento.

Seus olhos eram... incríveis. Multicolores.

Athos tinha heterocromia, percebi.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto no esquerdo tons de cinza imperavam se misturando com um azul gélido, o direito era dominado pela cor de mel, com o verde despontando pelas beiradas, querendo ocupar seu território por direito.

Como podia existir uma pessoa como ele?

Abri a minha boca, absorvendo cada aspecto da sua imagem.

Sua pele brilhava, seus lábios tinham um tom rosado diferente que me deixava com vontade de fazer coisas que eu com certeza, não faria.

Seu nariz era perfeitamente desenhado e combinava com a boca ligeiramente carnuda. Não havia piercings no rosto, mas nem precisaria para ressaltar seu estilo, ele estava estampado em todo ele. As tatuagens cobriam as partes visíveis e eu não duvidava que houvesse dezenas delas escondidas sob suas roupas.

De repente, eu me vi ansiando por decifrá-lo inteiro e esse não era um pensamento bom para uma garota nada rebelde como eu.

— *Moça*, você é a irmã do Theo? — ele

perguntou de novo e eu me forcei a dizer alguma coisa.

Mesmo que minha voz se recusasse a sair.

Não parecia certo eu estar ali. Não parecia certo admirá-lo como se fosse a pessoa mais valiosa e extraordinária no mundo.

Simplesmente não parecia certo.

Contudo, era exatamente isso que eu estava fazendo.

— Sou sim...

— *Tá* tudo bem? Se quiser podemos remarcar, não parece se sentir bem... Quer água, ou sei lá, uma cerveja? Temos cerveja no frigobar atrás da mesa, caso queira. Não vou te julgar, vai por mim, preciso muito disso as vezes.

Não deixei de acompanhar o movimento dos seus lábios e tudo o que eu conseguia reparar era na singularidade dos seus olhos.

Será que eu sempre fazia isso e não notava?

— Qual a cor dos seus olhos? — perguntei, me aproximando rápido, querendo tirar essa dúvida.

Tudo o que eu enxergava eram milhares de pontos, mas sabia por experiência própria que nem tudo o que eu via as pessoas sabiam identificar.

— O esquerdo dizem que parece um azul acinzentado, o direito acho que castanho, mas sei lá, — deu de ombros — não costumo me ligar muito nisso — ele comentou, despropositado, como se fosse comum uma louca se aproximar sorrateira e ficar absorvendo cada detalhe do seu rosto.

Eu era mesmo uma louca e até ele, que nem me conhecia, devia saber disso.

— Têm rajadas pretas no meio dessas cores, é bem sutil, mas enxergo. Gosto de preto — falei antes que pudesse me policiar.

— Que informação útil... Quer se sentar para podermos discutir sobre a tatuagem? — Meus olhos não conseguiram abandonar seus lábios e eu notei que ele estava nervoso com isso quando trocou o peso do corpo, apoiando-o no outro pé.

Sacudi a cabeça, tentando parar de ver tudo aquilo e assim que voltei a fitá-lo, notei que a aquarela ainda estava ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo estava ali.

E não dava sinal de que iria embora tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON

03



Athos

A mina me olhava estranho.

Estranho demais.

Eu deveria me sentir incomodado e por mais conturbado que isso pudesse soar, eu não me sentia nem um pouco estranho com a sua observação. Ela parecia guardar cada detalhe meu para si e por que algo assim aparentava tanta... normalidade?

A irmã do Theo, Erika, ficou um bom tempo absorvendo minhas tatuagens, enquanto eu riscava com o lápis em uma folha, o que ela poderia fazer. Esperava que com o desenho, ela notasse o que estava prestes a consumir e desistisse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava beber, precisava só esquecer esse encontro, talvez?

Devia ser exatamente disso que eu precisava.

— Por que *tá* me encarando assim? —
questionei, cismado.

Eu não sabia nem cogitar o que passava no pensamento dela e *essa* sim era uma realidade que me incomodava.

— Como? — Ela parecia aérea, o que era estranho pra caralho.

Não com medo.

Ansiosa.

Nem ao menos receosa.

Parecia apenas aérea, presa em outro mundo.

— *Tá* me olhando esquisito. — Parei de traçar as linhas do nome que ela dissera e a encarei com a mesma intensidade a qual ela me dirigia.

Senti meu corpo inteiro vibrar e travei meus dentes, tentando impedir essa porra que acontecia comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe, é que você... é tão bonito.

Assustei-me com a sua fala.

Poucas mulheres seriam tão diretas nas suas constatações e não parecia algo apenas físico, ela aparentava dizer isso com uma certeza que abrangia muito mais do que os olhos poderiam ver.

Por quê?

Precisava mandá-la embora logo. O quanto antes, melhor.

— *Valeu*. E aí, o que acha? — Mudei de assunto e mostrei a fonte que eu tinha *bolado*⁴.

Ela arregalou os olhos. Só não sabia dizer se espantada para o lado bom, ou espantada para o lado ruim.

— É a tatuagem, né?

E o que mais seria?

Merda, a dúvida estava presente ali, como eu suspeitava, e nem ferrando eu a deixaria se marcar se nem certeza a *mina* tinha.

— É sim. Olha, eu queria te dizer que não

precisa fazer isso pra provar que gosta do cara, *saca*? Seja você mesma, continue com ele, diga que o ama. Mas tatuar o nome é algo sério e eu só costumo concordar de boa quando é nome de pai, mãe e filho, porque são eternos, entende o que quero dizer?

Ela balançou a cabeça suavemente e eu me permiti relaxar. Era só dispensá-la e seguir com os planos para a noite.

— Você tem razão... é que eu não sei, eu o amo e queria tanto ter algo que comprovasse isso, mas não acho mais que seja o ideal. Devo ser maluca.

Sorriu fraco e eu acompanhei o seu gesto, admirando o seu cabelo negro e cacheado caindo por entre seus seios, sua boca carnuda e rosada, e um par de olhos verdes que me decifrava a cada encarada.

Droga!

Não perde o foco não Athos, cacete!

— Que bom que a razão tomou seu lugar. Nem vou te cobrar meu desenho, ou o tempo que perdi, porque considero seu irmão um amigo. Mas na

próxima marque um horário por algo que quer realmente fazer e não uma estupidez qualquer, certo? — Minha voz saiu estranha, como uma repreensão.

Ela balançou a cabeça concordando de novo e eu sorri confiante dessa vez. Deixei o lápis no seu lugar e joguei o nome fora, o papel embolado no meu lixo. Não tinha se passado nem mesmo meia hora e achava que daria tempo tranquilo de ir para casa, tomar um banho e aproveitar a noite como um bom malandro.

— Obrigada pela luz. — Sorriu acanhada e colocou uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

Fiquei preso.

Quando seria solto?

Sei lá.

Nunca tinha sido preso na vida e não sabia qual era a sensação, mas quando a olhei, e ela levantou a cabeça, rebatendo minha atenção, senti algo muito maluco acontecer. E cogitei até jogá-la na mesa de mogno e ensinar como um cara louco fazia sexo. Como não só as tatuagens no meu corpo eram

intensas, mas uma parte bem mais animada também.

Engoli em seco.

E passei a língua na boca, sentindo-a ficar seca, mas tão seca, que o áspero me assustou.

Erika acompanhou meu gesto e não aparentou qualquer reação, me deixando travado nessa troca maluca de tempo. Que fenda era essa que deixava os segundos parados enquanto nos olhávamos?

Aproximei-me um pouco dela, apoiando meus cotovelos na mesa, sentindo o frio da madeira contrastar com o quente do meu corpo e caí na real, na mesma hora, percebendo assustado o que eu estava prestes a fazer.

Que merda era essa?

Levantei-me com tudo da cadeira, irritado com essas sensações que ardiam e queimavam a minha pele. Assemelhava-se a um músculo exposto e não gostei nem um pouco da ideia.

— De nada. Acho que é melhor ir... — falei sem jeito, passando as mãos na minha calça.

Assisti-a se levantar e me olhar profundamente mais uma vez, descobrindo coisas que eu não queria que ninguém desvendasse.

Dava um medo do caralho.

E eu odiava me sentir covarde a esse ponto.

— É sim. Obrigada de novo por me fazer desistir. — Erika colocou suas mãos a frente do corpo, aparentemente nervosa.

Ela não queria ir embora?

Ou eu que não estava entendendo merda alguma?

Com o meu súbito silêncio, apostava que a segunda opção era bem mais confiável.

— Já *tá* ficando chato toda essa coisa. — Fiz um gesto de descaso com as mãos, sem dar muita importância para o seu agradecimento.

Ela já tinha agradecido, o que custava só... ir?

— Está. Tem razão, me desculpe. Precisa sair, não é? Theo me avisou que tentaria me convencer. Desculpe por fazê-lo perder seu tempo. — Sua voz saiu baixa e eu automaticamente me arrependi de ter agido como um *cuzão*.

A *mina* não precisava ouvir minhas lamúrias, muito menos minha grosseria sem sentido. E estava mais do que certa em esbofetear meu rosto com uma luva de pelica, só deixando clara a sua elegância e a diferença de status entre a gente. As suas roupas de grife, caras pra porra, só aumentavam ainda mais o abismo.

— Tranquilo — Menti.

— Pra que lado você vai? Onde mora? — ela questionou ao me ver arrumar tudo para dar o fora.

Falava ou não falava?

Que mal poderia fazer?

Nenhum. Era o que eu pensava.

Fechei as cortinas na frente da porta e a abri, deixando assim para que Erika entendesse que eu já estava de saída. Ela passou por mim quando captou o recado e o seu perfume me atingiu em cheio, dilatando minhas narinas e preenchendo meus pulmões com um aroma que me fez arfar.

Cheiro de girassóis.

Nunca conhecera ninguém que cheirava a

girassóis, mas porra, era muito bom.

Travei por alguns segundos, processando tudo o que me incendiou.

Voltei a agir normalmente só quando a vi com as mãos na frente do corpo, na calçada, me esperando fechar tudo. Não entendia o porquê de ela não ir embora logo de uma vez, o negócio *tava* estranho demais para o meu gosto.

— Eu vou pra lá — aponte para frente, com o sentido da rua.

Morava perto do estúdio para poder facilitar tudo. Depois de anos eu consegui financiar o apartamento e era pequeno, mas era meu. Levava uma vida feliz e eu gostava dela assim, com as pessoas e com meu o trabalho tomando a maior parte do meu tempo.

Não rezava mais.

Mesmo que fosse horrível não agradecer pelas coisas boas.

O problema era que meu relacionamento com Deus estava com uma brecha que não deveria estar. Quando se vivia coisas horríveis o suficiente na

PERIGOSAS ACHERON

infância para superar, era meio que impossível não questionar todas as crenças que tentavam fixar na sua cabeça.

Queria, queria de verdade entender e seguir em frente.

No entanto, os meus questionamentos eram maiores do que as minhas respostas.

— Jura? Vai a pé?

Encarei-a, com as sobrancelhas franzidas. O que *tava* acontecendo com essa garota?

Se ela estava me cantando não saía muito bem nessa coisa. Mais fácil ela ser direta e eu gostava muito mais, mesmo que fosse negar na mesma hora. Estava correndo de *rolo*, e uma mulher como ela era sinal de confusão, tão chamativo quanto as placas em luzes neon na fachada do estúdio.

Encrenca.

Erika Albuquerque era sinal de encrenca para um cara como eu.

— Vou. Moro nem dez minutos daqui.

Por que expliquei?

Que merda.

— Quer uma carona? É meu caminho.

Ela apontou para um Jeep Renegade zero bala, estacionado do outro lado da rua e eu acenei em aprovação. Não sabia o motivo, mas tinha a noção de que se fosse imaginar qual carro ela teria, seria um como aquele. Patricinhas geralmente andavam com o que tinha de melhor. Roupas, carros e caras de estirpe, o que eu claramente não era.

E não, não tinha problemas com minha autoestima, pouco me fodia para essas regras. Só não curtia que ficassem me julgando e preferia me envolver com os meus, porque então a loucura era a coisa mais normal nas nossas vidas.

— Não me leve a mal, Patricinha, mas eu gosto de ir andando. Tenha uma boa-noite e leve em conta o que eu disse pra você, converse com o playboy, que ele vai entender. — falei baixo e comecei a andar, com as mãos nos bolsos, sem ao menos olhar para trás.

Levantei a minha cabeça, fitando o céu alaranjado de final de tarde, quase início de noite e tentei tirar a imagem dela da minha cabeça, sem

PERIGOSAS ACHERON

fazer da sua estranha fascinação, um grande caso.



— Como foi com a irmã do Theo? — Bruno questionou e eu fiquei quieto.

Peguei a minha garrafa de cerveja na mesa e tomei um gole, sem estar muito a fim de responder a sua pergunta.

O *Insanos tava* tranquilo, era uma segunda-feira, claro que estaria tranquilo, mas meus pensamentos não poderiam encontrar-se mais fora dos padrões. O bar era bem alternativo e a maioria das pessoas que entrava ali era para passar um bom tempo, ouvindo alguma música *indie* tranquila e relaxante. A decoração era em tons escuros, com uma iluminação colorida e um balcão comprido com banquetas, disposto em torno das prateleiras com as bebidas.

Perto do palco, havia várias mesas de madeira, para o pessoal comer e beber de boa, sem se preocupar em trombar com ninguém.

Vários quadros de rock se destacavam.

PERIGOSAS NACIONAIS

E muitas mulheres também. Maravilhosas. Com estilos únicos e irresistíveis.

Era meu lugar, e eu ficava bem ali. Tão bem, que minhas idas com a galera eram tão frequentes que mal eu chegava, a garçonete já colocava a minha cerveja preferida na mesa e uma porção de batatas para acompanhar. Com cheddar e muito bacon, porque se não fosse para caprichar, reclamaria até o próximo ano.

— Não vai me responder? — meu amigo insistiu e eu resmunguei irritado.

Não entendia qual importância que isso teria para ele.

— Por que eu tenho que responder?

— Ei, calma, é que sempre fala dos trabalhos. Achei que comentaria alguma coisa.

— Não tem nada pra comentar. Ela desistiu e eu estou aqui.

— Ela é gata? — Parei de beber e olhei para ele, ameaçador.

Gata...

PERIGOSAS ACHERON

Bruno estava claramente me provocando, ao perguntar isso, já que ele sabia que beleza não era o que eu levava em conta para ficar com alguém.

O conceito de beleza era relativo. O que poderia ser uma beleza para mim, poderia não ser para outra pessoa e vice e versa.

Uma árvore magnífica, porém, oca, não firmava uma estrutura.

— É normal.

Erika não tinha nada de normal, mas eu não diria isso para o meu amigo. Ele ficaria pensando coisas que só piorariam meu estado de espírito.

— Só pode estar brincando comigo! Normal? Por que é *você* que não me parece nada *normal* hoje?
— Semicerrou os olhos e não me importei.

Não conseguiria tirar muita informação de mim.

Ainda mais com a minha pouca vontade de cooperar.

— Não preciso ficar explicando as coisas, e acho que já vou nessa. — Levantei-me da cadeira, pegando a minha carteira no bolso, sem me ligar

muito nos protestos de Bruno.

— Mas já? Nós chegamos não faz nem uma hora! Que merda *tá* acontecendo contigo, meu irmão?

Uma boa pergunta.

Só não estava com paciência para nada. Nem mesmo para beber em pleno começo de semana. A garrafa da qual eu tomara apenas um gole, ínfimo, estava ali para provar.

— Sei lá, só acho que não *tô* a fim de ficar por aqui. — respondi, parando por pouco tempo na sua frente.

— A gente mal bebeu!

— E daí? *Tô* indo nessa, fica pra próxima. — falei e deixei a grana para pagar a minha parte em cima da mesa.

Bruno nem se importou muito com o dinheiro, me encarando em busca de respostas.

— Certo, você que sabe. Vai lá pro seu apartamento ficar sozinho e não me ligue no fim de semana querendo sair, não vou te atender. Preciso

descontar essa noite.

— Qual o seu problema, cara? Não consegue ficar sozinho por alguns minutos?

— Sabe que não é isso, Athos. Só não quero te ver todo pra baixo e...

— Isso não vai acontecer — Cortei-o.

Sabia o que ele estava querendo dizer, mas não deixaria que essa tensão caísse de novo sobre a minha vida. Só precisava ficar sozinho, assim como muitas vezes, em muitos dias, onde o barulho dos meus pensamentos já eram o suficiente para me deixar esgotado.

— Se está dizendo, vai lá, amanhã depois do trabalho colo no estúdio.

— Nem se dê ao trabalho se for pra ficar tirando minha concentração! — respondi, dissolvendo a seriedade e sorrindo, ao dar tapas amigáveis nas suas costas em despedida.

— Nunca tiro sua concentração, dou apoio moral.

— *Aham*, com certeza, um apoio do cacete!

Saí de perto, antes que ele me enrolasse na conversa e fui para casa, precisando apenas sentar no sofá e ler algo, ou simplesmente ver algum programa interessante de televisão.

Caminhei por vários minutos, sentindo o vento frio passar por mim e se instalar na minha pele, deixando um rastro de solidão que eu aceitava com todo o carinho. Era solitário, de verdade, mas não ligava muito para isso, adorava meus momentos só e a cada nova manhã uma descoberta acontecia.

Erika...

Seu nome pareceu um sussurro da brisa no meu ouvido, eu só não entendi o porquê de estar me sentindo bem ao ouvi-lo.

Não entendi de verdade.



Frika

— Graças a Deus ele te convenceu a desistir!

— Ele não me convenceu, eu me convenci, já te disse! Não fazia mesmo sentido essa loucura, nem sei por que tive a ideia.

— E o que achou do tatuador bonitão?

Carla quando queria se intrometer na vida alheia, realmente se intrometia. Já tinha tentado cortar o assunto por diversas vezes e ela sempre insistia em trazê-lo à tona. O que era estressante. Ainda mais no campus da faculdade, onde qualquer pessoa poderia ouvir a nossa conversa e sair propagando fofocas que não teriam nenhum teor de veracidade.

Sim, talvez algum.

Contudo, a verdade poderia ser distorcida completamente e causar um mal gigantesco, mais do que eu estava disposta a enfrentar.

Se minha vida pudesse se resumir a uma frase, ela seria: “Penso, logo evito”.

— Fica quieta, prefiro não me comprometer, Carla. — resmunguei e olhei para os lados.

Ninguém à vista, melhor.

Estávamos sentadas em uma das muitas mesas do refeitório, esperando o horário da primeira aula. Era segunda-feira, e eu odiava as aulas de segunda, a matéria resistência dos materiais não era muito minha praia e preferia mil vezes a aula de desenho técnico.

Às vezes, acreditava que enxergar milhares de cores me atrapalhasse, mas com o tempo eu já tinha acostumado e era como se isso me tornasse especial e fosse algo a ser aceito.

Faltavam apenas três semestres para a minha conclusão.

O que era um alívio.

E um desespero ao mesmo tempo.

O que eu faria, então?

Trabalharia, lógico. No entanto, tudo parecia tão estipulado na minha carreira, que eu até me arrepiava com a ideia. Na cabeça do meu pai e da minha mãe, todas as minhas decisões já estavam tomadas e até mesmo a pós que eu faria eles queriam escolher.

Uma sensação de impotência me massacrava sempre, mas o que eu faria? Discutiria com eles? Poderia ser uma solução, mas ficaria me achando a pior filha do mundo e acabaria pedindo desculpas. Conheciam-me bem o suficiente para saber disso.

As vezes queria ser como o Theo, desprendido.

Simplesmente saiu de casa e seguiu com a sua vida.

Eu era medrosa demais para fazer o mesmo e morria de medo do que o futuro me reservava.

— Não sei por que, ninguém vai te ouvir. Ricardo ainda nem chegou para a aula dele.

Falando no cara, você não acha que ele está estranho ultimamente com você, Erika? Não sei, mas sinto algo pairando no ar e não gosto nada disso.

— Não sei do que está falando.

Mas sabia.

Claro que eu sabia.

Também tinha sentido a mesma coisa, aliás, percebera há muito tempo, mas meu subconsciente decidiu simplesmente ignorar e no momento, não achava que isso tinha sido o mais sensato a se fazer.

— Sabe, claro que sabe. Só não quer aceitar. Se me permite dizer, o que sei que não vai acontecer, mas vou dizer mesmo assim, sua mãe e seu pai pressionam tanto o rapaz que ele está se sentindo sufocado. Não me espantaria que ele voltasse atrás com o namoro e sumisse da sua vida. Se eu fosse homem faria isso sem pestanejar!

— Carla, se você fosse homem, seria o maior cafajeste do planeta. — rebati sua fala, sorrindo, sabendo que não a tinha ofendido.

Ela gostava mesmo de aproveitar a vida, e não a
PERIGOSAS ACHERON

estava julgando por isso, pelo contrário, aplaudia a sua coragem. Deveria ter o mesmo pensamento, o problema era a minha timidez e o excesso de cores que me deixavam estranha na maioria das vezes.

Ninguém queria ficar com uma mulher que parava de falar do nada, e fitava tudo perdida.

O tal do Athos era a maior prova disso. No estúdio, ele parecia querer fugir de mim a qualquer momento, apenas pela forma como eu ficava quieta, encarando-o. Só que ele não entendia o quão fascinante era. Nem entenderia um dia.

— Seria mesmo e com orgulho. Melhor coisa que existe é aproveitar as coisas boas da vida.

— Já estudou a matéria da última aula?

Ela me olhou com cara de poucos amigos e eu acabei rindo da situação. Quando Carla abria o fichário longe da faculdade, um *toró*⁵ de inundar as partes mais baixas da cidade acontecia.

— Nem vou me dar ao trabalho de falar sobre esse assunto.

— Vai ficar de dependência nessa matéria, Carla.

Precisa estudar ao menos um pouco. A dita cuja já é difícil estudando, sem estudar você irá com certeza pegar ferro e ficar um semestre a mais pra concluir o curso.

— Bate na madeira, minha nossa! Um semestre a mais? Isso seria ir para o inferno já em carne viva.

— E aí garotas, como estamos hoje? Muito de bem com a vida? — Um dos nossos colegas de sala falou, se sentando de qualquer jeito no banco ao meu lado.

Sua blusa de frio era amarela, o que me fez fechar os olhos para evitar a dor de cabeça.

Abri em seguida, mas me virei, para não ficar olhando-o e massacrando meus olhos. Vários tons de amarelo, muito fortes por sinal, era demais para mim. Se ele soubesse da minha condição atípica, teria no mínimo piedade das minhas pobres pupilas.

Porém, não podia saber.

Ninguém podia saber.

— Estamos bem. E você? — perguntou Carla.

— Melhor impossível! — falou ele, com um

sorriso malicioso brotando em seus lábios.

— Antes da aula começar?

— E desde quando isso é um problema?

Os dois ficaram debatendo sobre sexo e eu apenas pesquei uma cartela de remédio para dor de cabeça na minha bolsa, começando a sentir as primeiras ondas me trucidarem, esperando que a medicação ao menos suavizasse. Caso contrário, seria impossível prestar a atenção na aula.



Eu não estava mais aguentando as pontadas angustiantes e assim que o professor liberou para o intervalo, arrumei minhas coisas rapidamente e peguei a chave do meu carro. Despedi-me da minha amiga e corri para o estacionamento do campus, doida para sair e respirar ar fresco.

Uma chuva fina se fez presente e coloquei minha pasta de projetos em cima da cabeça para não me molhar tanto até alcançar meu Jeep.

Por sorte, eu tinha chegado cedo e estacionara “praticamente” perto, mas com a garoa, a distância

PERIGOSAS ACHERON

parecia ser maior, e os pingos gelados e finos acertavam a minha pele, me causando estremecimento.

Respirei fundo, assim que abri a porta e entrei, abandonando minhas coisas no banco do carona, passando as mãos pelos meus braços. Torcendo para conseguir dormir quando chegasse a casa, mesmo com o meu crânio sendo prensado aos poucos, quase se dissolvendo com o tsunami de enxaqueca.

Girei a chave na ignição e saí da faculdade, dirigindo devagar, incapaz de acelerar e correr o risco de perder os sentidos e uma tragédia acontecer. Nunca tinha acontecido isso, mas eu não gostava de arriscar e se não fosse ficar ouvindo da minha mãe, até a teria chamado para me buscar. Ou Theo, mas eu precisava deixar meu irmão mais velho em paz. Ele merecia isso.

Virei na avenida onde ficava o estúdio de tatuagem, o mesmo onde o cara colorido trabalhava e assim que fiz a curva, no começo, o vi caminhando com a cabeça baixa.

Era noite, as luzes dos postes iluminavam de

forma alaranjada e fraca a calçada, mas eu conhecia aquelas cores e a forma de andar a quilômetros de distância. Estavam memorizadas em mim e não ajudava que eu o tivesse visto há apenas poucas horas.

Acelerei um pouco para depois parar logo ao seu lado no meio-fio.

Ele levantou a cabeça assustado e abaixei o vidro para que ele visse quem era.

— Quer uma carona? — questionei, evitando com o máximo de mim olhá-lo de forma estranha.

Se é que eu era capaz disso.

— *Tá* me perseguindo, Patricinha? Se quer brincar com um *malandro*, eu não sou o indicado pra essa merda. — Seu amargor me massacrrou.

Entretanto, disfarcei.

Olhei para frente, tentando me conter e mordi meu lábio, para não dizer nada que pudesse deixá-lo ainda mais irritado comigo. Mesmo que eu não soubesse o motivo para isso acontecer.

Notei de súbito que minha dor de cabeça tinha

sumido e as suas cores ainda estavam fortes, mas pareciam mais calmas e acessíveis, como se estivessem se controlando na minha presença. Athos vestia uma camiseta preta, aparentemente velha e uma calça preta rasgada nos joelhos; na sua cintura, uma blusa de frio estava amarrada, sem que eu conseguisse definir sua cor exata. Era a imagem do despojado e eu fiquei me perguntando como ele conseguia ter essa noção de estilo mesmo sem tê-la de fato.

— Não, estou te oferecendo uma carona. Vai chover. — Como se seguisse minhas instruções, um relâmpago cortou o céu, assustando nós dois.

Ele fitou a imensidão negra acima de nós e eu notei um tremor de medo reverberar pelo seu corpo, que o impeliu a desistir de caminhar. Athos rapidamente contornou o carro, passando pela frente, mal imaginando que eu o acompanhava em cada segundo. Incapaz de desviar o meu foco.

Abriu a porta e seu perfume amadeirado e sensual inundou a caixa metálica que chamavam de automóvel.

Agora entendia por que uma das meninas dera o

mesmo para o namorado. A essência era... irresistível.

Firmei meus dedos no volante.

Erika, sem dar uma de louca aqui, pelo amor de Deus. Ele já não pensa o melhor de você.

— Só por isso parou pra me oferecer uma carona? — Uma de suas sobrancelhas se levantou em um arco e me arrependi de ter agido por impulso.

Ele devia estar pensando que eu era uma mulher em busca de trair o namorado, querendo me aventurar com um *bad boy* para saber como eles passavam seu tempo de diversão.

A verdade não era essa.

O fato era que ele acalmava o tumulto na minha cabeça. Assim como aconteceu durante a tarde. Senti-me em paz, minha dor de cabeça evaporou e as cores nele se mantinham felizes, sem ferir meus olhos no processo. Athos não imaginava o quanto isso era raro na minha vida.

— Claro.

— Nem precisava. Moro a cinco minutos daqui. É só virar à esquerda e seguir reto. — Ele me indicou e eu liguei novamente o carro, sem qualquer pressa.

Algo nele me impelia a aproveitar cada segundo e tinha que admitir que não queria que ele saísse e me deixasse com o massacre novamente. Sua presença surtia o efeito de um tranquilizante, e suspeitava que para minha infelicidade, fosse tão viciante quanto.

Parei na frente de um edifício pequeno com apenas cinco andares, que ele dissera ser onde morava. Ficamos quietos, apenas ouvindo a respiração do outro, sem saber o que dizer.

— Chegamos. — falei.

Como se ele não soubesse!

— Sim, chegamos... Valeu pela carona, não que tenha sido muito longe, não é? — Sua mão foi até a maçaneta da porta e meu coração se apertou com isso.

Uma coisa sem fundamento.

O que acontecia comigo perto desse cara?

Tinha o conhecido há horas, horas! E parecia que sua ausência me jogava ao penhasco sem qualquer remorso.

— Não precisa agradecer. — falei, mas já era tarde demais.

Athos tinha descido e nem ao menos se despedira.

Passou pela frente do carro novamente, entretanto, pareceu ponderar algo e voltou atrás, caminhando até a minha janela. Desci o vidro e me deparei com seu rosto sério, refletindo várias dúvidas que também deveriam ser visíveis no meu.

— Quer entrar? Tomar um café ou algo assim? Não *tô* te cantando, Patricinha, mas parece muito querer conversar. Se tiver algo que eu possa fazer por você, vou ficar feliz em ajudar.

Balancei a cabeça em concordância e desci do carro também, acionando o alarme e seguindo-o pelo prédio extremamente simples. Passamos pela portaria, ele cumprimentou o porteiro e então subimos pelas escadas. Os ecos dos nossos passos representavam todos os erros nessa situação, mas sinceramente, não estava me importando com eles.

A sua presença soava certa demais pra mim e eu arriscaria confiar nele enquanto ele estivesse me passando esse sentimento de proteção.

Assim que Athos abriu a porta do seu apartamento, fui surpreendida, e de uma forma boa. Tudo estava arrumado. Havia uma estante abarrotada de livros na parede lateral, na outra ficava um pequeno rack com uma televisão de tela plana em cima. O ambiente entre a cozinha e a sala era dividido por um balcão americano, que separava, mas não dava a sensação de estarmos presos... eu gostava daquilo.

Ele esperou a minha avaliação sem se importar com ela e quando finalmente voltei a olhar seu rosto, um sorriso enfeitava seus lábios.

— Terminou a checada? Quer ver se guardo drogas e arma no quarto? — Fez uma careta e eu não entendi o motivo que o fazia dizer essas coisas.

— Só estava admirando seu lugar. É arrumado para um homem.

Ricardo também morava sozinho, mas em um apartamento no centro, enorme, e sua bagunça era toda limpa pela sua empregada.

A diferença entre os dois não poderia ser mais clara.

E era justamente isso que estava me fascinando tanto.

— Com o que *tá* acostumada? Bagunça? Duvido disso! E sinceramente, odeio desorganização, então evito. Sou apenas eu, claro que consigo manter tudo nos eixos.

Ele caminhou sem pressa para a cozinha, abriu a geladeira e tirou uma jarra de água, me ofereceu e eu recusei. A bola na minha garganta não deixaria que nada passasse por ela. Sentia-me sufocada, no entanto, pacífica. Como essas duas coisas poderiam coexistir no meu corpo, não sabia.

— Não. Aprecio organização. E gostei do seu apartamento, é acolhedor, dá a impressão de estarmos em casa.

Ele parou o copo a milímetros da sua boca e me encarou, perplexo.

Eu também estava perplexa com o que acabara de dizer.

— Também gosto. Me esforcei pra ele parecer

PERIGOSAS ACHERON

aconchegante.

— Tem namorada? — questioneei, antes de perceber que essa não era uma boa ideia.

Pareceria que eu estava dando em cima dele e um cara como Athos tinha uma malícia e esperteza gigantescas.

A verdade é que eu ficara curiosa. Ressaltara que era apenas ele, e não sei por que raios, pensei que deveria fazer uma pergunta tão íntima para alguém que eu não conhecia.

— Namorada? Eu tive algumas, sendo que só uma foi um relacionamento mais longo — Pensou um pouco —, mas não tínhamos ideias muito parecidas. Ela era liberal demais e por mais que ache que sou um cara sem meus limites, tenho minhas ressalvas. Queria um relacionamento aberto, eu ansiava por um fechado. Demos um basta, vida que segue.

— Sinto muito.

— Não sinta. Eu não sinto na maior parte das vezes.

— E nas outras? — Terminou de beber a água e
PERIGOSAS ACHERON

deixou o copo em cima do balcão.

— Só sigo em frente. O *trampo* me distrai.

— Fiquei fascinada com a paixão que vi nos seus olhos enquanto desenhava o que faria em mim.

Ele se inclinou, seu hálito fresco me atingindo e me deixando tonta, com a nossa proximidade.

Apenas o balcão nos separava.

Não sabia em que momento me aproximara tanto, só sabia que acontecera.

— Na realidade, eu não *tava* desenhando com tanta vontade assim, e vamos lá... Imagino que não tenha subido aqui apenas pra falarmos sobre isso. Manda a real, o que *tá* acontecendo com você e o playboy? É com ele seu problema, não é? Ou o seu problema é tudo? Devia ficar mais esperta, e não entrar na casa de pessoas que nem conhece... — Piscou para mim, sem qualquer sentido oculto — Sorte sua que eu sou muito de boa, Patricinha, e na moral, senti que estava sendo ruim demais com você.

Como ele resumira minhas confusões com tanta perfeição?

— Estou meio dividida com a pressão, é verdade. E acho que Ricardo também está.

— Não quer se casar, é isso? Bom, posso dizer que pessoas não gostam de ser pressionadas e eu no lugar dele, teria dado no pé. Minha paciência é bem curta nesses casos, se ela ainda for existente.

— Mas eu o amo, sinto que sim.

Seus olhos sustentaram os meus e eu pressenti que ele diria algo realmente com sentido.

— Só amar não adianta, Patricinha. Se não cuidarmos do sentimento, se transforma em indiferença e morre tão rápido quanto nasceu. Uma faísca pode começar o incêndio instantaneamente e a falta de combustível pode terminar com ele do mesmo modo. — Contornou o balcão e foi até uma das poltronas, só havia duas, o que me levava à ideia de que ele não recebia muita gente ali. — Quer sentar? Tomar uma cerveja? Tenho algumas na geladeira.

Ele se sentou e esperou que eu fizesse o mesmo.

Devia me sentir ameaçada na sua casa, na sua *batcaverna*. O irônico é que me sentia mais segura

do que me sentia em qualquer outro lugar.

— Estou bem assim.

— Desembucha. *Tô* me sentindo extremamente de bom humor, se quiser despejar toda a frustração, essa é a hora.

Sorri com a sua fala.

E comecei a contar...

Não sei em que ponto ele começou a prestar atenção. E não sei em que ponto eu comecei a notar a sua mania de passar a mão no pescoço enquanto absorvia cada palavra que eu dizia. Só sei que um momento depois, nós dois sustentamos nossos olhares por um tempo bem longo, sem nada dizer e foi tão puro que eu me senti... leve.

05



Athos

Que merda de *talarico*⁶ eu *tava* me tornando? Ouvindo a *mina* de outro cara falar dele, e ainda tentando entender tudo para ajudá-la a descobrir o que acontecia?

— Nós começamos a nos afastar. Ele me liga muitas vezes dizendo que vai ficar sozinho, que precisa fazer alguns trabalhos e eu fico em casa, estudando, vendo algum filme ou seriado. Não tenho muito mais o que fazer, não quando...

Ela parou e eu me ajeitei na poltrona, ainda mais interessado em ouvir o que ela diria a seguir. Tão interessado que não contive a pergunta que saiu da minha boca.

— Quando?

Ela me olhou desesperada e eu desisti na mesma hora de pressioná-la. Era errado e não, eu não faria isso.

— Não quero falar disso.

— Tudo bem. Continue com os relatos, *tô* formando uma ideia na minha cabeça.

Ele tinha outra.

O tal de Ricardo a traía na cara dura.

Quando ela terminasse de relatar todas as merdas, a faria ligar os pontos e entender que nem todas as pessoas nasciam para serem fiéis, algumas simplesmente se achavam no direito de fazer o que quisessem. Eu tinha trombado com uma, ela trombara com outra, mas isso acontecia.

Não havia muito o que fazer além de lamentar e passar para a próxima.

— Então, ele só foge do assunto, também não quero ficar falando sobre, mas ele foge de verdade e isso está me assustando. Quando ligo ele raramente está atendendo. Fora os dias em que me

vê na faculdade, mas nem se digna a me cumprimentar. Nem parecemos mais namorados, não consigo definir o que somos. No último fim de semana, disse que viajaria com os pais, mas eu vi umas fotos no Instagram de uma amiga, onde ele estava com o pessoal, fazendo caminhada e acampando em uma cidade não muito longe daqui... — Erika torcia as mãos no seu colo e até mesmo ela já sabia a verdade.

Eu só deixaria outro ponto de vista para a sua certeza.

— Então por que caralho essa ideia de tatuagem? Tem a noção de que ficaria com o nome dele na sua pele, por um bom tempo até decidir cobrir com qualquer outra merda? Tirando o fato que o tatuador teria que ser bom para nem ao menos deixar vestígios da marca anterior? — Fiz um barulho de indignação — Seria a pior coisa que faria, vai por mim.

Até conseguia entender a sua súbita ideia de fazer uma tatuagem. Ela achava que algo tão pessoal como isso, faria o otário voltar atrás? Eu sinceramente duvidava. Já tinha visto muitos casos assim e na maioria deles, era de algum cliente

PERIGOSAS ACHERON

querendo que eu cobrisse o *trampo* de outra pessoa.

— Não sei — Ela mordeu o canto da boca e eu virei nesse gesto pequeno e hipnótico — Foi um impulso, sério... Algo muito estranho, mais forte que eu, acordei com a necessidade de fazer alguma coisa e não consigo explicar, não me deixe ainda mais confusa... E sobre cobrir, acho que você tem razão. — Eu quase tocava toda a sua perturbação.

Não ansiava ser o portador de más notícias, mas era o que era. Devia ter ficado mais tempo no bar. Se tivesse enrolado mais um pouco lá, não teria topado com ela antes de chegar em casa e então não estaria ouvindo nada disso.

Um aperto me sufocou.

Por quê?

Queria ouvir o que ela tinha a dizer?

Sim, pelo visto eu queria e não era pouco não.

— Você já deve imaginar o que *tá* acontecendo...
— falei baixo.

Um murmúrio.

— Acha isso? Que ele está me traindo?

Sinceridade era mesmo uma merda. Machucava demais, principalmente quem a gente não queria machucar. Dava para enxergar nos olhos dela e na sua delicadeza, que sem dúvida, não merecia nada do que ouviria.

— Tenho certeza, na verdade. Nunca traí ninguém, acho covardia, mas já conheci muitas pessoas que traíam seus companheiros e é exatamente assim que acontece. Algumas desculpas, não surge mais vontade de ficar com a pessoa e bem, a verdade massacra, mas a mentira causa uma cicatriz bem pior.

— Vou tentar falar com ele. — Ela pegou o celular e uma dor se apoderou do meu peito.

Estava comigo, querendo falar com o namorado.

Que merda era essa?

Por que eu sentia que se a deixasse sair da minha vida como tinha entrado, o único que se perderia seria eu?

Ela pousou novamente o aparelho nas pernas e me olhou, segurando o choro. Porra! Isso sim me desarmou e me levantei apressado, apoiando a sua

cabeça no meu abdômen, fazendo carinho nos seus cabelos cacheados. Queria consolá-la, mesmo sem saber o motivo para querer tanto isso, que o chão sob meus pés simplesmente desaparecia.

— Ele não atendeu... — presumi.

— Não. E também não foi pra faculdade. Não falo com ele desde ontem de manhã.

Nada?

Isso era estranho pra caralho.

— Nem mesmo uma mensagem pra dizer que estava bem?

— Não. Mandeí várias, mas ele não respondeu nenhuma.

Em pensar que a *mina* ainda queria tatuar o nome do cara, me causava enjoo. Por sorte desistira antes.

O choro seria bem maior se ela o tivesse feito.

Ricardo.

Decidi que eu já odiava esse nome, sem nem ao menos conhecer o lixo que se chamava assim.

— Passa no apartamento dele. Se ele não foi, não

PERIGOSAS ACHERON

atende, deve estar com alguém. Ou não... O fato, é que a dúvida pode acabar.

— Vai comigo? — ela pediu e eu me arrepiei.

Eu?

Ir com ela?

Nem fodendo!

Que me desculpasse a atração, mas não estava a fim de me meter na briga dos outros. Não de um casal, se ele não levantasse a mão para ela, claro. Se o fizesse veria como era muito mais difícil bater em um homem de igual para igual.

— Acho melhor não.

— Por favor? — Seu tom foi choroso.

Eu olhei para os seus olhos e essa foi minha morte. Caí no desfiladeiro da minha própria consciência. Um tombo tão feio que eu jurava que tinha quebrado minhas pernas.

— Posso ficar te esperando no corredor? Ainda não sei por que *tô* fazendo isso, mas vamos lá, descobrir tudo.

— Jura? — perguntou, desconfiada.

Fui até a porta e a abri.

— Se não formos agora, não vou mais. — falei sério.

Minha cabeça não andava no rumo certo ultimamente, mas em alguns momentos o errado era bem mais divertido.

— E se ele estiver com alguém de verdade?

Levantei uma das minhas sobrancelhas em resposta ao seu questionamento.

— E não é isso que quer descobrir, Patricinha?

— Tem razão.

Ela se levantou e passou por mim, seu perfume me atingindo como uma brisa de muitas essências. Travei meus dentes e me forcei a respirar ar puro, antes que estivesse intoxicado por ela.

Erika desceu as escadas apressada, e eu não consegui evitar de olhar a sua bunda, evidenciada pelo short jeans que usava. Suas pernas chamaram minha atenção e eu tropecei em um dos degraus, segurando no corrimão para não desabar quicando

PERIGOSAS ACHERON

minha cabeça no restante.

Ela ouviu o barulho e se virou, me perguntando silenciosamente se tudo estava bem, disfarcei com um esgar e voltei a descer, assim que ela o fez também.

— O que vai fazer quando descobrir? — indaguei, logo após entrar no carro.

— Não sei... — Assumiu ela, parecendo desolada.

A pressão nos meus braços e o formigamento nas minhas mãos evidenciaram o que eu queria fazer, mas me contive. Se eu quisesse complicar as coisas, seria necessário apenas isso, envolver sua mão com a minha e não a soltar nunca mais.

— Tem certeza que quer ir até lá?

— Tenho. Eu preciso descobrir.

Claro que sim. Eu também não ficaria tranquilo se estivesse no seu lugar.

— Precisa. Ninguém merece metades e não se contente em ser apenas mais uma pra ele, merece mais.

— Nem me conhece, como pode saber? —
questionou, começando a se irritar com a minha
interferência.

Mas paciência.

Ela que me pediu para ir junto, por mim teria
ficado no apartamento fazendo alguma merda
qualquer.

Precisava finalizar *Sob a Redoma* do grande
King. Talvez eu devesse ter ficado quieto, afinal.

— Não preciso te conhecer para saber que não
merece um cara que te trai e não se importa com os
cacos caindo nos seus olhos.

Abriu a boca em espanto.

Conseguia identificar uma pessoa quebrada a
quilômetros de distância e ela não fazia muito para
disfarçar, além do mais.

— Cacos?

— Sim. Todos temos cacos, e você não os
esconde. O que acontece com você, Patricinha? O
que ninguém sabe?

— Ninguém nunca me perguntou isso.

Deu a partida no carro e eu olhei para frente, pensativo. Sentia-me incapaz de abandoná-la, ainda mais prestes a enfrentar uma *barra pesada*.

— As pessoas ao seu redor não te conhecem então, porque em cada palavra que sai da sua boca dá pra notar que tem algo que esconde com uma necessidade maluca.

Acertara em cheio.

— Isso porque é tatuador... — murmurou e eu sorri.

— Gosto de desenhar e gosto de marcar as pessoas com uma coisa que as deixe bem. Não imagina quanta gente aparece querendo cobrir uma cicatriz, muitas vezes fruto de alguma violência doméstica, ou até mesmo de uma cirurgia. Não imagina Erika, quantas pessoas não se sentem bem na própria pele e precisam desesperadamente ocultar os indícios com algo que elas escolheram, só pra poderem sorrirem. Há marcas que procuramos e amamos, assim como há marcas que odiamos.

Apertei o tecido da minha calça, ao me lembrar de tudo o que já ouvi em uma sessão. As palavras
PERIGOSAS ACHERON

entravam, mas não saíam, e eu mantinha todos os segredos comigo.

Os de outras pessoas...

E principalmente, os meus.

— E você se recusou a me tatuar.

— Não me recusei a te tatuar, mas sim o nome de um cara. Se fosse qualquer outra coisa, pode ter certeza que eu teria feito, com todo o profissionalismo, assim como faço no seu irmão.

— Será?

Por que ela parecia duvidar?

Fiquei quieto.

Não fazia nem 24 horas que nós nos conhecemos e ela aparentava saber mais de mim do que meus amigos de anos.

— Tô falando sério.

— Vou marcar algo no próximo mês, então. Sou fascinada por *Senhor dos Anéis*. Pode desenhar algo pra mim? Que tenha a minha cara?

Olhei para ela, realmente olhei para ela e o
PERIGOSAS ACHERON

desenho me atingiu como um tsunami. Colorido, lindo, real, e ficaria perfeito na sua pele. Um desenho feito exclusivamente para a doçura que eu enxergava nos seus sorrisos acanhados.

Já conseguia ouvir o barulho da minha máquina e a noção de que eu a tatuaria não me deixou tão tranquilo quanto deveria. Erika seria mais uma cliente, como qualquer outra. Sim. Nada deveria ficar tão louco como parecia que estava ficando.

— Claro que sim. Me mande uma mensagem quando estiver decidida. Já tenho um desenho em mente, tomara que goste quando eu o colocar no papel.

— Tenho certeza que vou amar. — A sinceridade na sua voz me tombou.

Que caralho era isso?

O carro deslizava entre o trânsito tranquilo de Santa Clara e nem me senti claustrofóbico por estar com ela no mesmo ambiente. Era bom conversar com ela, nada de pressão, nada de brincadeiras sem sentido, apenas uma conversa entre duas pessoas sem nada mais importante para fazer no momento.

— Chame quando estiver de boa.

Como se estivesse sendo invocado das profundezas do inferno, meu celular vibrou no meu bolso e uma *mina* que fiquei no último fim de semana, tinha me mandado uma mensagem. Seu papo estranho pareceu tão sem sentido que me perguntei quando marcara de me encontrar com ela.

— Chamo sim. — Ela batucou no volante, nervosa e eu me condói pela sua agitação.

Nem imaginava o que estava passando pela sua cabeça.

— Qual a sua idade, o que faz da vida? Falamos sobre tantas coisas, mas não falamos sobre isso. Há quanto tempo namora esse Ricardo?

— Tenho 22 anos, trabalho com o meu pai no escritório da construtora. Curso engenharia civil e estou com o Ricardo há dois anos. Minha vida é toda regrada e foi traçada desde que eu era um bebê, tenho certeza. Depois disso, só sigo os planos estabelecidos.

— Segue os planos da sua família para a sua vida? — perguntei, pasmo.

Como ela podia não aproveitar a própria existência?

Não existia nada mais libertador do que isso.

— Sigo...

Ela diria mais alguma coisa, preferi não pressionar.

— Que barra. Algum dia fará o que quer fazer e verá como se sente bem melhor. Talvez os cacos tenham a ver com isso. — Divaguei.

— Os cacos não têm nada a ver com isso.

— Então existem mesmo cacos? — Minha intenção era brincar, mas ao notar a forma como me olhou, desisti na hora.

— Não te interessa. Aliás, nem sei por que eu te chamei, não te conheço, não faço a menor ideia se tem boa índole, eu devo estar mesmo maluca!

— Se eu quisesse te fazer alguma coisa já teria feito. *Tava* no meu apartamento, sozinha, tive todas as chances do mundo pra te fazer mal, mas não sou assim. Sinceramente, desde o momento em que te vi no estúdio, só venho fazendo coisas pra te

ajudar.

Invoquei toda a minha sinceridade e não deixava de ter razão. Se ela fosse se preocupar com isso, nem deveria ter entrado no meu apartamento para começo de conversa.

A mina era mesmo doida.

— Tem razão.

Ela estacionou o carro em uma área chique da cidade e eu assoviei ao ver o edifício onde o cara morava.

Nem fodendo subiria com ela!

Aquele não era lugar para um cara como eu. Nunca seria.

Ela desceu, e me esperou na calçada, ao lado da porta, com o olhar interrogativo.

— Não vou descer! Tem cara de ser luxuoso pra caralho e eu não sou um cara com cacife pra isso. Posso ficar aqui? Juro que te espero.

— No meu carro? — questionou, atordoada.

O que ela achava? Que eu sairia dirigindo?

Certo, a *mina* nem me conhecia, fazia sentido. Mesmo que minhas intenções fossem as melhores.

— Vou dar uma volta. Tem algum bar por aqui, nesse antro de riqueza?

Desci do carro e para todos os lados que eu olhava, só enxergava lugares de rico, coisas de rico e pessoas ricas. Minha presença destoava de todos ali, mas que se ferrasse.

— Tem um no final na da rua. É bem alternativo, acho que vai gostar, nunca fui lá, mas parece ser bom.

Acenei com a cabeça, se ela nunca tinha ido era provavelmente meu tipo de lugar. Um no qual eu me sentiria confortável. Comecei a andar com as mãos no bolso, mas parei e me virei, ao me lembrar de algo.

— Vai ficar bem? Quando descer, me manda uma mensagem que venho pra cá.

— Vou ficar sim. Ou eu te encontro lá e a gente beba um pouco pra aliviar. Vai depender do que eu ver lá em cima.

— Boa sorte, Patricinha. E não se dê ao trabalho

PERIGOSAS ACHERON

de ficar mal, não na frente dele ao menos. Deixe pra chorar quando ele não estiver vendo o que te causou, tudo bem?

Ela balançou a cabeça em concordância e passou pela portaria do grande edifício. Fiquei olhando até que Erika desaparecesse e então continuei meu caminho até o bar, sentindo que uma coisa muito ruim poderia acontecer, mas que pelo menos ela não ficaria mais repleta de dúvidas.

Não havia nada mais negro do que desconfianças sem qualquer prova.

Andei vários quarteirões, sendo analisado por todas as pessoas que passavam por mim e assim que cheguei no bar, ouvi *Metamorfose Ambulante* do Raul Seixas tocando e já me senti em casa. Um ponto positivo para o lugar tão fora da minha zona de conforto.

Passei pela entrada de madeira, aparentando rusticidade, bem polida e envernizada. O ambiente que me saudou no interior era escuro, cheio de mesas e em cima delas pequenos pendentes com lâmpadas iluminavam castamente o centro. Era um lugar perfeito para um encontro. Tranquilo e

discreto na medida certa. Dava para se avançar um ponto na partida, mas sem soar desrespeitoso. Anotei para frequentar ali quando tivesse um encontro de verdade.

As batidas da música vibraram o lugar e assim que me sentei, o refrão se apoderou dos meus pensamentos.

Metamorfose ambulante...

Preferia mesmo ser uma metamorfose do que ter *uma velha opinião formada sobre tudo*, sábio Raul Seixas.

O ser humano vivia mudando de opinião, uma transformação constante de sabedoria e as pessoas que julgavam estar cobertas de razão e com uma ideia fixa de que sua verdade nunca mudaria, não poderiam estar mais erradas. Havia tantas verdades, tantas opiniões a serem respeitadas que o certo e errado era dividido por uma tênue barreira de consciência.

Minhas mãos começaram a acompanhar o ritmo da música e parei apenas quando o garçom veio me perguntar o que eu queria beber.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem julgamentos.

Gostei ainda mais dali.

Pedi uma batida sem álcool, com a horrível sensação de que eu teria que voltar dirigindo e fiquei olhando as pessoas que conversavam pacíficas, aproveitando o momento de distração das suas responsabilidades.

Olhei meu celular e não havia nenhuma mensagem.

Ainda...

Porque meu pressentimento me dizia que em breve teria uma e ele não costumava errar. Nem mesmo ao me avisar que eu deveria mantê-la distante da minha vida.

A batida chegou.

Tomei um gole.

No entanto, o desespero e vontade de saber se ela estava bem ainda não tinha me abandonado. E para porra da minha infelicidade, achava que não se despediria tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



06

Frika

Minhas mãos estavam suando, não pelo motivo certo, mas estavam.

Imaginava que encontraria Ricardo me traindo realmente, e então eu terminaria tudo. O problema era que Athos me esperava para levá-lo embora depois e, eu tinha medo do que seria capaz de fazer sem estar presa a qualquer compromisso.

Ele tinha me deixado fascinada e todo o resto parecia tão sem graça.

Toda a minha vida aparentava não ter mais qualquer sentido.

Aguardei o elevador no térreo, torcendo as mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

na frente do meu corpo. Ansiosa por encerrar um mar de dúvidas que fazia as ondas arrastarem os grãos de areia na minha cabeça.

Assim que cheguei no andar do apartamento do meu namorado, minha respiração ficou acelerada, esperando pelo pior. Pensei até em ser covarde, dar meia volta e ir para casa, mas não poderia deixar passar. Não, sem sombra de dúvidas.

Bati na sua porta.

Toquei a campainha.

Bati novamente.

Nada.

Golpeei mais algumas vezes e desisti de ficar ali, plantada como uma idiota, esperando alguma coisa.

Ricardo claramente não estava ali..., mas se não fora para a faculdade e não estava no apartamento, aonde ele estava?

Um alívio por não o ter encontrado me dominou, assim como uma sensação de perda de tempo. Virei-me para voltar para o elevador, entretanto, o barulho da porta se abrindo, fez com que eu

PERIGOSAS ACHERON

estacasse no lugar.

— Erika... — Ricardo me chamou, e eu olhei para ele. — O que faz aqui?

— Vim saber como estava, não tem me dado respostas...

Seu semblante se tornou pesaroso e as nuances de azul, característica sua, me deixaram atônita.

— Entra, precisamos conversar... — Seu tom de voz não me soou nada bom.

No fundo, já imaginava o que aconteceria conosco, mas o sentimento, toda a vontade de ficar junto, nublava meus julgamentos. Nosso relacionamento não caminhava muito bem e o resultado estava apenas sendo adiado.

Nem entendia direito a minha ideia estúpida da tatuagem.

Era como se eu tivesse sentido um impulso, uma vontade muito louca de fazer isso... Inexplicável, não conseguiria definir essa força insana nem mesmo que eu quisesse.

Passei pela porta que ele mantinha aberta e não

me atentei ao mar de cores do seu apartamento. Ricardo amava decoração colorida, o que para mim era como uma tortura todas as vezes em que ficava no seu apartamento. Ele tinha uma *chaise* em um dos cantos da sala, vermelha, em uma tonalidade gritante. Fechava os olhos sempre que a via..., mas dessa vez não me importei, como se meu pressentimento avisasse que eu tinha algo muito diferente para me preocupar.

— Preciso me sentar? — indaguei, me aproximando do sofá.

— Por favor — ele disse em um fiapo de voz.

A conversa não seria nada boa, pelo visto.

— Como vai ser? — Sentei-me no sofá e aguardei que ele fizesse o mesmo.

Ricardo apoiou os cotovelos nas coxas e abaixou a cabeça, apreensivo. Meu coração começou a se apertar aos poucos, sentindo as várias facadas que ele estava prestes a dar. Um frio na barriga de agouro, me dizia exatamente o que eu não queria ouvir.

Eu e ele seríamos isso, “eu e ele”, não mais

“nós”.

As lágrimas começaram a se formar nos meus olhos, ameaçando virem à tona. Controlei-as por não querer aparentar o quanto me sentia fraca. Athos tinha me dito, *não deixe que ele perceba o quanto te afeta*. E eu não deixaria. Não, essa não era uma possibilidade.

— Não dá mais certo, amor. Nós dois não damos mais certo. Queria muito dizer o contrário, mas a verdade é que sinto que já não temos ligação há um tempo. Queria te entender, sabe? Mas sinto que isso não vai acontecer nunca. Erika, você muitas vezes é fria e parece um robô diante de todo mundo, concordando, perdendo o foco, isso não é normal... você não é normal... Eu só — colocou as mãos na cabeça — sei que não vai dar certo. Não estou preparado para toda essa situação chata pra cacete e não me sinto bem para dar o próximo passo...

Estreitei meu olhar em sua direção. Agora os vários tons de azul deixavam com que um mais escuro se destacasse.

Nem mesmo eu entendia de fato, a bagunça de cores que eu era. Nunca compreenderia o fardo que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu carregava. Logo, não podia esperar que ninguém o fizesse por mim.

— Minha família nos cobra demais, eu sei...

Ele me interrompeu — Não é questão disso, Erika. A questão é que eu acho que eu não te amo mais...

Eu não te amo mais.

Eu

Não

Te

Amo

Mais.

Fechei meus olhos, sentindo o peso das suas palavras no meu peito.

— Claro, entendo, obrigada por ter me dito antes de você sabe... seguir em frente.

O silêncio imperou no ambiente. Odiei ter uma ideia do que ele significava.

— Sobre isso...

PERIGOSAS ACHERON

Minhas pálpebras se abriram, temerosas.

— Você já tem alguém — Assumi. — Enquanto estava comigo, você já ficava com alguém...

Quão idiota eu era?

Como eu podia enxergar tanto e ao mesmo tempo não vislumbrar nada?

— Me desculpe de verdade, não queria que tivesse ocorrido dessa forma..., mas, acontece, não é? Sinto muito que esteja te magoando, sinto muito por tudo. Eu só...

— Cala a boca, Ricardo. Só... cala a boca! — Proferi, sentindo as lágrimas salgadas escorrerem pela minha bochecha e se infiltrarem por entre meus lábios enquanto eu falava com ele.

Passei uma das mãos no meu rosto e assisti o seu olhar arrependido.

A sensação era horrível, a sensação de ter sido cega para todos os sinais e de ter sido enganada. Porém, mesmo diante dessa amargura, eu sentia como se acabasse de me libertar e meu Deus, eu desejava que ele fosse feliz. De verdade. Meus sentimentos estavam confusos e eu não conseguia

identificar nenhum deles com perícia.

O que estava acontecendo comigo?

Por que apesar de tudo, o alívio era predominante?

— Erika... — Ele se aproximou e puxou minhas mãos, aninhando-as entre as suas.

Repudiei seu toque.

Ele percebeu e fechou os olhos, notando que nem mesmo nossa amizade seria salva. Não, claro que não.

— Deveria ter me dito quando pensou em me trair, sabe disso. No fundo, acho que se sente tão arrependido quanto eu em ter sido cega. Desejo toda a felicidade do mundo pra você, Ricardo e por favor, não tente falar comigo. Em nenhum lugar. Nossa relação acabou e pela sua falta de lealdade, não quero nenhum contato com você. Cada um segue a sua vida e... — Fitei-o — por mais que eu esteja magoada agora, desejo do fundo do coração que seja feliz.

— Digo o mesmo. — Sua voz saiu baixa, transparecendo a dor que emanava de mim e o
PERIGOSAS ACHERON

atingia em golpes tempestuosos.

Levantei-me, incapaz de olhá-lo.

Só queria sair dali, com o restante da dignidade que tinha no corpo.

Precisava ir embora e não tinha a menor noção de aonde ficaria, porque não voltaria para casa com a cara inchada nem que me pagassem. Todos iriam querer saber o que tinha acontecido e não conseguiria explicar sem tornar tudo ainda pior.

Saí do apartamento do meu agora ex-namorado, desnorreada. Perdida nos meus próprios devaneios. Parei na frente do elevador e comecei a apertar freneticamente o botão de chamada. Não parei até que ele abrisse as portas, me dando um pouco de refúgio que tanto precisava.

Estava transtornada.

Olhei para o espelho no seu interior. As cores me brindando, um arco-íris que não transparecia a escuridão que eu sentia se alastrar por todo o meu corpo.

A claustrofobia por estar em minha própria pele me fez gritar. Gritei a plenos pulmões, liberando a
PERIGOSAS ACHERON

vazão que eu tentava manter trancafiada a setes chaves nos meus olhos e no meu coração.

Meu cabelo cacheado e negro. Meus olhos verdes, com o contorno amarelo das íris, esbugalhados e completamente vermelhos. Meu rosto inteiro vermelho e inchado. Estava patética e acabada. Uma sombra do nada.

Por que eu era tão diferente de todos?

— Você não é assim, Erika. Seja forte, seja você. Não deu certo, esqueça. Não precisa de ninguém para ser completa, é completa por si mesma e ele estava errado, ser normal não foi uma ofensa, foi um elogio. Ser normal é — murmurei, me admirando, tentando fixar essa verdade a ferro e fogo na minha consciência. — Entediante.

Saí e passei pelo porteiro, que me olhava com condolência. Com certeza ele sabia, mas já não fazia qualquer diferença agora.

Cheguei perto do carro e minhas mãos tremiam enquanto eu procurava a chave, tremiam tanto que eu estava derrubando a maior parte do conteúdo da minha bolsa no chão, sem notar.

Mãos seguraram as minhas.

Mãos tatuadas...

Respirei aliviada, acompanhando o padrão dos traços, enfeitados por veias ressaltadas. Sensuais e misteriosas. Uma flor de lótus impecavelmente desenhada cobria a maior parte da pele da sua mão direita. Enquanto na esquerda, uma linda floresta tinha sido reproduzida com esmero e talento incontestável. Suas mãos eram obras de arte à parte. Coloridas, milhares de cores que não feriam meus olhos, mas me acalentavam. Traziam-me... paz.

Vermelho.

Azul.

Verde.

Amarelo.

Preto.

Muito preto.

E milhares de outras miscigenações, complementando a sua sensualidade natural e sua leveza em lidar com tudo. Como uma base, eu mal

PERIGOSAS ACHERON

o conhecia, e o considerava uma base.

Deixei que a bolsa caísse e me virei, passando meus braços na sua cintura e me apertando firmemente ao seu corpo, chorando tudo o que eu não tinha me permitido chorar. Athos me apertou mais. Seu calor servindo de proteção para a baixa temperatura das minhas lágrimas.

Seus dedos começaram a afagar o meu cabelo e depois os senti se movendo em círculos no meu couro cabeludo. Depositou um beijo no topo da minha cabeça e os soluços começaram a desaparecer, aos poucos, sendo silenciados pelo carinho velado que eu estava recebendo.

Era o abraço mais gostoso que eu já ganhara na vida.

Não continha nenhuma outra intenção, além do puro e claro carinho.

Estreitei meus braços em torno da sua cintura e só me mantive apoiada no seu peito, sem chorar mais, apenas absorvendo o que ele se via disposto a me dar. Uma sensação de reconhecimento me dominou e o silêncio pareceu ser o mais certo no momento.

— Imagino que seu estado já deixe claro o que estava acontecendo. Vem, vou te levar embora.

O calor que me envolvia me deixou à deriva e a única vontade que me possuía era me agarrar a ele e não deixar que me soltasse nunca mais. Precisava de alguém, precisava que alguém me entendesse e ele estava ali. Athos me entendia.

— Não quero ir pra casa, não nesse jeito. — Implorei, observando-o colocar minhas coisas todas dentro da bolsa.

Até mesmo alguns pacotes de camisinha e absorventes.

Não era hora para ter vergonha, meu estado era muito pior do que ele notar que eu gostava de me precaver.

— Quer ir pra aonde? — questionou, parecendo tão perdido quanto eu.

— Não sei... Só não quero ir pra lá. Farão muitas perguntas, que eu não quero responder. Só desejo esquecer que essa noite existiu e seguir em frente sem ter que comentar com ninguém, mas vai ser impossível, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais surtariam.

Que Deus me ajudasse.

Surtariam de verdade.

Principalmente minha mãe, que mesmo sob meus protestos mais veementes, alugara o maior salão de festas da cidade por uma pequena fortuna, para o fim do ano, achando que eu me casaria.

— Onde seu irmão mora? — questionou.

E tentei me lembrar ao certo o endereço do Theo. Levou alguns segundos, mas me lembrei.

— Mora um pouco depois de casa, no bairro Independência.

— Vamos lá eu te levo.

— Não, eu vou dirigindo. — Tentei pegar a chave da sua mão, mas ele me impediu.

— Nem pensar, não *tá* em estado de dirigir, Patricinha.

Concordei com o seu ponto de vista e esperei que ele destravasse o alarme do carro e entrasse, para eu fazer o mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Girou a chave na ignição e me olhou, para checar se eu estava bem.

Não estava. Mas, com o passar dos dias eu ficaria, tinha certeza.

Mantive meus olhos presos nele por segundos e toda a efervescência multicolorida se aquietou.

07



Athos

— Seu irmão não *tá* em casa... — comentei.

Tocara a campainha milhares de vezes e nenhum sinal de vida dentro daquele lugar.

Merda!

O perfume que ela usava *tava* me sufocando, e aquele seu olhar perdido, piorava ainda mais minha situação, como se eu pudesse me perder em todos os seus segredos.

— Pelo visto não... acho que vou para algum hotel, então.

Desabei a cabeça no encosto, e me arrependeria

pelo que diria a seguir, mas não era tão sacana a ponto de deixá-la no estado em que estava em algum hotel qualquer. Poderia dar merda e depois eu ficaria me sentindo mal pra cacete.

Com certeza, melhor evitar.

Um babaca sempre podia se provar uma ótima pessoa, pelo visto, meu momento acabara de chegar.

— Quer ficar no meu apartamento? Durmo em uma das poltronas. Só tenho um quarto, mas não me importo que fique lá por essa noite.

E realmente não me importava. Pelo menos saberia que ela estava bem.

Erika pareceu não acreditar no que tinha ouvido e sinceramente, nem eu acreditava na merda que tinha falado.

— Eu...

— Desculpe, não foi no sentido maldoso. Sou otário, mas não tanto. Juro que dessa vez foi porque consigo enxergar que você não *tá* bem e minha consciência ficaria pesada se eu te deixasse em qualquer lugar nesse estado. Coisas piores

PERIGOSAS NACIONAIS

poderiam acontecer, Patricinha. Coisas muito piores. Na moral, você não imagina quão perigosas as ruas podem ser.

Ela estremeceu ao meu lado. Senti esse seu gesto reverberar por todo o meu corpo como uma onda gigantesca de pânico, apenas em pensar nela ferida ou pior, com aqueles cacos nos seus olhos, maiores.

Erika balançou a cabeça suavemente e complementou — Sei que sim. Não ia falar nada demais, apenas agradecer a oferta. São raras as pessoas que assim como você, se importam com o que as outras estão sentindo. Agora até entendo... — ela começou a falar, mas parou, deixando no ar uma dúvida que me manteria concentrado tentando decifrar.

— O quê?

Seus olhos se prenderam aos meus e o verde me manteve absorto na paz e na transparência que eles prometiam.

— Nada. Deixa pra lá...

Fiquei cismado. A *mina* começava a falar alguma coisa e depois cortava do nada?

PERIGOSAS ACHERON

Não fazia sentido.

E minha natureza curiosa pra caralho não ajudava nem um pouco. Que porra.

— Começou tem que terminar.

— Não é nada, sério. Eu só... Estava pensando que agora entendo por que é tão bom no que faz.

— Tatuagens? — perguntei, incrédulo.

Eu me importar de verdade com todos era uma parte de mim, usava nos *tramos* também, mas meu pressentimento gritava que o que ela diria não passava nem perto de ser isso.

Ignorar e esperar que ela se abrisse algum outro dia ou pressioná-la e deixá-la *puta* da vida?

Melhor esperar, sem dúvidas. Quando uma *mina* ficava brava, era melhor tirar o time de campo e esperar que a chuva de raiva passasse.

— Sim. Tatuagens. — Sua voz falhou, expressando a mentira, mas me absteve.

Não precisava de mais um idiota querendo saber tudo, não depois do que tinha descoberto. Ela nem ao menos me dissera o que acontecera de fato,
PERIGOSAS ACHERON

porém, não precisava ser um gênio para saber.

— Quer falar sobre... você sabe, tudo?

— Não.

Simples e direta.

Cortou o assunto de uma forma tão eficiente que me calei no mesmo momento.

Dirigi calmo até o meu prédio e tive que deixar o carro dela do lado de fora, bem na frente da portaria por questão de segurança. O meu *tava* na minha vaga, droga. Aquela máquina devia ter seguro. Se não tivesse, eu não seria o culpado por nada, mal a conhecia. *Tava* sendo muito bacana em ajudar, inclusive.

— Vamos? — Desci do carro e fui até o seu lado, abrindo a porta e esperando que ela descesse.

Estava puto por vê-la assim, mas no fundo, tinha sido o certo. Melhor agora do que depois de casados. Aí então tudo estaria ferrado de vez e seria bem pior se livrar. Tinha uma teoria pra vida, que achava fazer muito sentido, pelo menos pra mim, *nem sempre o que você quer é o melhor pra você.*

PERIGOSAS NACIONAIS

E na maioria das vezes não era mesmo.

O ser humano tinha uma tendência a gostar e se atrair para o que lhe fazia mal. Uma porcaria, porque quando a emoção queria, era foda dizer não. Sabia muito bem, por isso nem me dava ao trabalho de julgá-la, ou qualquer outra pessoa. Julgar emoções era uma atitude tão hipócrita que nem deveria existir.

Todo mundo errava em algum ponto da vida, era meio que uma coisa que a maioria não se ligava, mas não havia teto de vidro.

Na minha ideia, nenhum.

Alguém santo na Terra?

Ah tá, corta essa!

— Tem certeza que não vou te causar problemas?

— Não, não vai.

Por que eu teria problemas?

A única pessoa que teria que bolar um relatório depois para os pais, eu tinha certeza que era ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Até porque, enfim... Havia partes, detalhes, histórias, que não valiam a pena serem contadas. Eu tinha muitas delas, algumas eternizadas em tatuagens no meu corpo, só para que eu me lembrasse sempre de onde eu viera e para onde eu estava indo.

Nossas marcas moviam nossos sonhos.

Nossas sombras do passado, alimentavam a esperança no futuro.

Impossível, não era? Que uma pessoa sofresse a vida inteira. Uma hora, seu momento teria que chegar e porra, eu nem era um cara que acreditava em carmas e tudo o mais, sei lá, mas tinha um pressentimento que coisas melhores estavam por vir.

A cada *trampo* que eu fazia, a cada sorriso, essa noção só aumentava.

Eram como sinais, ficando cada vez mais altos, conforme se aproximavam.

— Posso ficar em uma das poltronas, não me importo. Quem está me cedendo um lugar para dormir é você, nada mais justo.

PERIGOSAS ACHERON

— *Tá* de brincadeira comigo, não é, Patricinha? Minha aparência é assim tão ruim a ponto de você achar que eu dormiria de boa na cama, enquanto fode suas costas na porra da minha sala? — Eu me irritei enquanto subíamos as escadas.

Em que raios de planeta ela vivia que achava que eu a deixaria dormir em uma poltrona? Não era nada minha, mas a parte cavalheira que ainda existia em mim protestava com a simples menção à ideia “Erika dormindo em uma das minhas poltronas”.

Minha mãe até teria ficado orgulhosa das minhas resoluções.

— Podemos dormir os dois na cama, se quiser...
— ela falou baixo e eu respirei fundo.

Nós dois na mesma cama?

Essa era meio que impossível. Simplesmente pedir demais para como a minha libido reagia diante do seu cheiro indescritível.

— Só se for louca.

— Como se fosse difícil! Com certeza, não sou o tipo de mulher que chama a sua atenção... Na
PERIGOSAS ACHERON

verdade, sei lá se chamo a atenção de alguém. — Exaltou-se repentinamente — Qual o problema comigo? Qual a porcaria do problema comigo? Por que tudo não vai embora? — Ela colocou as mãos nos olhos, o choro começou e eu fiquei sem saber o que fazer.

Merda!

Eu não tinha esse tato todo!

E o meu pressentimento de que havia muito que ela não estava contando só teimava em ficar pulsando na minha cabeça.

— O problema nunca foi você... E sério, chama a atenção em qualquer lugar. Chama a minha também, mas eu não sou bom o bastante nem para sequer querer você, garota. Sou o tipo de cara do qual você deve fugir, Erika. — Abracei-a e fiquei alisando suas costas, sentindo a maciez do tecido da sua blusa ressaltar a temperatura da sua pele.

Pressionei o seu corpo contra o meu, e tive a sensação de tocar o paraíso.

Afastei-me.

Não podia me deixar levar por essas coisas.

Erika levantou a cabeça e me olhou com uma dor que me deixou em frangalhos, tocado com a imensidão de sentimentos que transbordavam daquela natureza em forma de olhos.

Ela era uma obra prima, não tinha dúvidas.

Alguém muito foda estava inspirado quando a criou e puta merda, parecia ter sido feita exclusivamente para mim, para me tirar dos trilhos e jogar em uma parte da qual eu não conseguiria sair.

— Obrigada... Por tudo. Hoje eu realmente tomei o seu dia, não é? Uma porcaria, me desculpe de verdade, se soubesse que as coisas mudariam assim do nada, não teria te metido nessa. Me desculpe mesmo, Athos.

Meu nome na sua boca ficou foda demais.

Cristo! Eu tava ficando louco!

— Sem problemas. Já somos praticamente amigos de tanto que conversamos! Amanhã vai tá melhor e vai poder dar um rumo na vida, tenho certeza.

A única certeza que eu tinha era a indecisão.

Se isso fazia algum sentido.

— Acho difícil.

Não concordaria, só pioraria.

— Mas não é. Quer fazer alguma coisa? Sair pra comer, aproveitar a noite? Amanhã eu só tenho horário marcado depois do meio-dia, posso ficar até tarde na rua, se quiser.

Seus olhos se iluminaram e eu não sabia se me arrependia agora ou quando ela aceitasse a oferta.

— Mas depois eu vou voltar aqui?

— Pode ser.

Dei de ombros.

Já estava na merda de qualquer forma.

— Certo, o que tem em mente?

Falei o que pensava e ela concordou animada. Conversamos mais um pouco e fui para o quarto, tomar um banho e trocar de roupa. Ficaria de babá, mas se beber até ficar extremamente feliz pudesse deixá-la melhor, pouco me fodia para o cargo novo. No momento, a minha única preocupação, era tirar

aqueles traços de tristeza que dominavam o seu semblante e a deixavam tão... pesada.

Depois de quase uma hora, estávamos entrando no *Insanos*.

O lugar nunca fechava. Abria de domingo a domingo e porra, eu adorava isso. O foda foi que a garçonne que sempre me via por ali, nem disfarçou a sua confusão em me ver de volta no mesmo dia. Com uma mulher ainda por cima. Com uma com aquele... estilo refinado.

A maioria das pessoas ali era bem alternativa.

Arqueou uma das sobrancelhas e eu dei de ombros. Se ela soubesse o quanto de coisa tinha acontecido na minha transição de tarde para noite e agora, de noite para madrugada, com certeza me ajudaria a cuidar da mulher em frangalhos que me acompanhava.

Erika estava silenciosa, como se ela receasse abrir a boca e me fizesse desistir de ficar por perto.

No momento, eu me forçava exatamente a isso, formular mais e mais motivos para não me deixar envolver por uma mulher tão fora da minha

realidade. Nunca acreditei na coisa de um segundo mudar toda uma vida, no entanto, observando tudo o que se passou, achava que um segundo era até muito para definir.

— Que lugar maravilhoso! — O deslumbramento na sua voz foi evidente.

Concordei com um aceno.

— É o tipo de lugar para o qual adoro vir. — resmunguei, percebendo o meu erro ao notar que Bruno ainda estava ali.

Porra, agora que meu inferno pessoal iria começar de verdade.

Ele abriu a boca em choque ao perceber a mulher ao meu lado e seus olhos se voltaram rapidamente aos meus, em uma pergunta silenciosa.

Dei com a mão, para que ele se aproximasse.

— E aí, grande amigo de merda, quem é essa? — indagou, olhando com um interesse exagerado para a mulher comigo.

Ele sabia que ela não fazia o meu tipo, por esse motivo, já conseguia presumir que havia muita

coisa nessa história. E havia, porra se havia.

— Sou a Erika! — Ela estendeu a mão para Bruno que arregalou os olhos assim que percebeu quem ela era.

A surpresa por eu estar com a irmã de um amigo, ali, também me espantava.

— Gata, eu posso dizer assim na lata, que já gosto mais de você só por não ter tatuado o nome de um cara. Sabe, nós, — apontou para ele, para mim e depois a nossa volta, para os vários homens no bar — quase nunca prestamos! Acredito que é mais fácil encontrar um diamante do tamanho de um *punho na minha bunda*, ao invés de encontrar um homem que mereça a grandeza das mulheres. É quase impossível, eu diria. Nunca vamos merecer — Ele divagou e eu revirei os olhos.

Bruno sempre dava um de filósofo depois de beber pra caralho. Isso quando não começava a dizer que amava todo mundo.

— Se eu não estivesse me recuperando de um rompimento tão recente, pode ter certeza que eu teria caído na sua lábia só por essa fala.

Ele piscou e eu movi o peso do meu pé, incomodado. A respiração, engasgada na garganta, enquanto minha paciência fugia de mim aos poucos, por mais que eu desconfiasse de umas paradas com relação a Bruno, enfim...

— Não estou perdendo o jeito, afinal — Brincou, fechando aos poucos o semblante ao notar que eu não via graça nenhuma no comentário. — Não *tá* mais aqui quem disse idiotices! — Levantou as mãos em rendição e eu mantive o meu semblante sério.

Como uma mudança podia acontecer tão rápido?

— Sabe onde o Theo, *tá*? A gente passou na casa dele pra ela poder ficar por lá, mas ele não *tava*. — comentei, pegando a cerveja das mãos da garçoneira, que me trouxe depois do susto inicial.

Caminhei até uma das mesas afastadas, vazias e sossegadas, sem o tumulto da galera que ficava em frente ao palco com shows de bandas desconhecidas todos os dias e arrastei a cadeira para que Erika se sentasse, enquanto eu ainda conversava com meu amigo. Se ele estranhou meu gesto, não demonstrou, o que eu agradecia.

— Não tenho a menor ideia. Não falei com ele depois que saiu do estúdio... e se quiser, pode ficar em casa, Erika. Não sei o que *tá* acontecendo, mas te garanto que não sou nenhum lobo mau e que tenho dois quartos, caso queira. Um cara dividia o aluguel comigo, por causa da faculdade que ele fazia na cidade vizinha, mas daí o maluco se formou e deu no pé.

Meu peito protestou ao ouvir isso, mas Bruno estava certo. Naquela altura e enxergando o quão mal a família dela fazia pra ela, achava que se mudar e tentar caminhar pelas próprias pernas seria o melhor a fazer.

— Não seria estranho? — indagou ela. — Quer dizer... eu conheci Athos hoje e vou passar essa noite no apartamento dele — Meu amigo me encarou no mesmo momento, como se me alertasse para o perigo. Ignorei —, mas depois do que aconteceu, acho que preciso mesmo crescer, entende? Não que eu não seja madura, eu só era... protegida demais.

Sua franqueza me deixou embasbacado.

Poucas pessoas seriam capazes em admitir com

essa facilidade, os pontos errados da sua vida e a quão mimada tinha sido.

— Verdadeira. Gosto disso — Bruno pousou a garrafa de cerveja na mesa e olhou fixamente para ela — Se quiser, amanhã a gente já combina essa coisa de mudança.

— Claro. Gostei da ideia. Mas me sinto no dever de te informar que caso tente alguma coisa, eu sou excelente no *Muay thai*. Nada de gracinhas pra cima de mim! — falou, com a sombra de um sorriso zombeteiro espreitando entre seus lábios.

Contive minha gargalhada.

Bruno era tão indefeso que não matava nem as moscas, formigas ou qualquer outro inseto que ele encontrasse.

— Fica tranquila, Patricinha, Bruno é o cara mais bundão que eu já conheci. — Bati nas suas costas e ouvi o som irritado que escapou da sua garganta, tentando me amedrontar.

— Bundão, se eu te mostrar quem é bundão, vai se arrepender.

Erika gargalhou pra valer, e o som rouco e feliz
PERIGOSAS ACHERON

da sua risada rimbombou e ricochetou entre as paredes do meu peito. Não consegui parar de olhar para ela, fascinado. E Bruno percebeu, claro que sim. O sorriso que se abriu no seu rosto dessa vez, foi cúmplice.

Fiz o meu máximo para evitar olhá-la depois disso. O complicado foi quando ela voltou comigo para casa, tão alegre que eu tive que pegá-la no colo para subir os lances de escada.

Coloquei-a na cama, toda sorridente, com o corpo tão consistente quanto gelatina.

Em um impulso da bebida que corria nas suas veias, Erika colou seus lábios aos meus, quando eu estava prestes a soltá-la no colchão. O rompante me pegou desprevenido. Demorou segundos para que eu conseguisse tirar meus braços dela e deixá-la em paz na cama.

O formigamento que dominou minha boca e permeou meus pensamentos, não deu sinais de que iria embora e notei o quanto estava ferrado, principalmente por sentar em uma das poltronas e não conseguir pregar os olhos.

Justo agora.

Em um ponto da minha vida em que eu ainda não me sentia preparado.

Peguei *Sob a redoma* na minha estante e decidi ler, pelo menos até que eu conseguisse dormir.

Assim que o céu começou a ficar claro, foi quando eu apaguei.



08

Frika

Despertei antes das 9:00 h e fiquei esperando que Athos acordasse. Enquanto eu aguardava, a admiração apenas crescia. Seu peito subia e descia cadenciado com a respiração tranquila, o livro aberto sobre sua camiseta, indicava que ele ainda lia quando pegou no sono.

Stephen King.

Ele tinha bom gosto.

Um silvo baixo passava por entre seus lábios e assisti triunfal, descobrindo que pelo menos um defeito ele tinha, se é que eu podia chamar aquilo de ronco. Estava mais para respiração pesada pela

posição desconfortável na qual dormira.

Suas cores estavam mais fortes depois de ontem e eu não conseguia parar de olhá-lo. Era como se eu tivesse encontrado algo... O quê, eu não sabia ainda.

Coloquei os dedos nos meus lábios, relembrando a sensação do beijo que acontecera na noite passada. Eu estava alterada com o álcool e não me recordava com exatidão do momento, mas sabia que ele havia acontecido.

Permaneci muito tempo nessa admiração velada.

Olhei para o relógio, já passava das 10:00 h.

Se eu quisesse ao menos ter uma transição calma, sem precisar discutir com todo mundo em casa, precisava sair antes do horário de almoço, caso contrário, correria o risco de encontrar meus pais e ter que enfrentá-los de uma vez. Não estava preparada. Não neste dia.

Precisava me tornar a mulher forte que eu ansiava ser e o primeiro passo seria admitir o quanto me sufocavam. O quanto me limitavam.

“Maninha, nada de bom sairá daqui se não se
PERIGOSAS ACHERON

mandar. Escuta o que estou te dizendo. Não posso te obrigar a nada, você quem tem que perceber a alienação pela qual passa. Não deixe que eles minquem seus sonhos, não deixe que eles anulem as suas singularidades. Não quer conversar comigo, beleza, mas saiba que caso precise, as portas da minha casa jamais estarão fechadas para você, jamais.”

Fazia-me de idiota e fingia não entender o que meu irmão dissera. Entretanto, a verdade era que suas palavras encontraram o caminho exato até a parte do meu subconsciente que sabia que ele tinha razão.

Era patética.

Acatando todas as ordens com uma devoção e amabilidade irritantes.

Athos ainda dormia sereno quando eu decidi finalmente sair dali. Uma falta se instaurou no meu peito logo que eu coloquei o pé para fora do seu prédio, mas algo me dizia que ainda teríamos muito tempo de convivência.

Algo bom, pela primeira vez em muito tempo, algo infinitamente bom.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei profundamente e segui até meu carro, torcendo para que a coragem que eu sentia se apoderar de mim, não se esvaísse assim que eu chegasse a casa.

Dirigi pelas ruas de Santa Clara com milhares de pensamentos fervilhando e me lançando para o desconhecido. Minhas mãos batiam suaves no volante, acompanhando uma música qualquer e a tentativa de me acalmar estava se provando infrutífera.

Desliguei o rádio.

O silêncio foi esmagador.

Todo o colorido à minha volta, um fermento com o qual eu já estava acostumada, familiarizada. Era parte de mim e se eu me recusasse a viver apenas porque cada dia era uma provação diferente, como eu me sentiria?

Eu precisava me encontrar pelo caminho, antes que fosse tarde demais.

Ultrapassava meus limites todos os dias, sendo singular, diferente do que as pessoas imaginavam, uma aberração vivendo normalmente em meio a

PERIGOSAS ACHERON

todos. Não tivera coragem de contar para ninguém como eu via o mundo. Era um mundo meu, um universo criado especificamente para que eu pudesse me perder nele.

Se soubessem, eu seria uma cobaia.

Tinha certeza.

Quantas pessoas teriam condições raras em torno do mundo e morriam de medo de expor essa particularidade?

Se fossem medrosas como eu, devia haver muitas.

Lembrei-me das minhas pinturas amadoras no meu quarto, retratando a minha dificuldade e também maior dom. Sorri amarga, ao perceber que as mantivera para mim com pavor do que todo mundo acharia.

O diferente assustava, deixava as pessoas em pânico.

A mim, principalmente.

Quando tudo se tornava pesado demais para carregar e a dor de cabeça se tornava insuportável,

eu me sentava no chão e colocava minha cabeça entre meus joelhos, fechava os olhos e então... só enxergava o preto, a ausência de cor. Era nessa parte da minha vida que eu sentia calma.

Nessa pequena parte.

Ou quando eu caí em meio aos olhos multicolores de Athos.

Sacudi minha cabeça, querendo afastar essa ideia. Ele não deveria ser meu porto seguro, ninguém deveria. Eu precisava ser meu próprio ponto de terra firme.

Olhei para as casas que me rodeavam, no bairro onde ficava a que eu chamava de minha e notei a diferença dali para o restante da cidade. A separação era clara, infelizmente.

Estacionei na minha vaga de garagem e acessei a sala através da porta lateral.

As únicas pessoas na casa eram as empregadas, que se assustaram com a minha presença. No mesmo instante, como se previsse que eu estava ali, meu celular começou a tocar, e quando vi quem era, deslizei, recusando a ligação. Meu pai devia

estar se perguntando o motivo para o meu atraso do trabalho. Como eu os conhecia, tinha certeza que nem faziam ideia que eu não dormira em casa.

As coisas ali eram estranhas.

Sempre me forcei a pensar que era uma fase, que eu estava preocupada demais com o que me atormentava para enxergar com veracidade o nosso relacionamento amoroso.

Sempre me enganei.

Agora eu era capaz de entender.

Desde que eu não os envergonhasse, não recusasse os seus convites para comparecer a eventos ou socializar com seus amigos, me deixavam em paz e as vezes só nos falávamos na construtora, assuntos de trabalho, inclusive.

Nunca entenderia a logística e a falta de amor da família.

Ou sei lá, talvez me amassem muito, de um jeito maluco e inexplicável.

Meu pai tinha seus momentos afetivos, minha mãe pelo contrário, nunca fizera questão. Não dava

qualquer importância a mim e ao meu irmão, mas uma semana antes que ele saísse de casa, tudo piorou... Brigaram para valer e desde então, ela não olhava na cara dele e nem se dignava a perguntar se estava bem.

Eles conversaram... sozinhos.

Theo saíra abalado do quarto da minha mãe, chorando e enxugando as lágrimas com uma lentidão excruciante. Dava para absorver toda a sua dor. Permaneci olhando da fresta da minha porta aberta até que ele entrasse no quarto dele e se trancasse por um dia inteiro.

Dias após o ocorrido, ele discutiu também com o papai, e saiu de casa. Sem levar nada, sem dizer mais nada.

Parte da minha capacidade de lutar foi junto com ele. Era o único que se esforçava para me ouvir.

— Menina, o que faz aqui nesse horário? — Cássia, uma das empregadas, indagou, me olhando amorosa.

Ela era maravilhosa.

Sempre conversávamos quando surgia
PERIGOSAS ACHERON

oportunidade e eu amava seu jeito forte e determinado, de buscar tudo o que sonhava e ser tão feliz, mesmo diante de tanta dificuldade. A ajudara a pagar várias parcelas da faculdade do seu filho. Meus pais fizeram há muito tempo uma poupança para que eu pudesse me virar, e sinceramente, não via mal nenhum em ajudar quem precisava com ela.

— Eu vim pegar minhas coisas... — admiti, em um sussurro.

Consegui sentir as dúvidas através dos seus olhos. A mulher baixa, com alguns fios de cabelo ligeiramente coloridos e as rugas que surgiam com a idade, franziu as sobrancelhas, confusa. Sua pele claríssima deixava em evidência várias veias em tons de azul e verde, assim como a cor predominante em todo o seu corpo era de um azul bem claro, semelhante a um dia de céu no verão, puro e encantador.

— Vai sair de casa? — Colocou as mãos na boca, assustada — Meu Deus, menina, onde vai ficar? Me sinto no dever de te dizer para não fazer isso... E se acontecer alguma coisa? E se...

Segurei suas mãos, acalentando-a.

— Pode ficar tranquila. Eu sei me virar — falei e ela expressou dúvida. — É para me desafiar e ver se o que imagino é mesmo verdade. Não sei — Olhei em volta, perdida — mas sinto que cheguei em um momento da minha vida em que se eu não arriscar, ficarei eternamente estagnada.

Ela se aproximou, para sussurrar, preocupada que os outros empregados ouvissem.

— Se quiser, pode ficar na minha casa, é simples, mas é um lar. — Seu tom de confiança e a sua preocupação comigo me emocionaram.

Não era à toa que ela tinha um lugar gigantesco no meu coração.

— Não precisa... de verdade. Eu adoraria ficar com você, mas não quero de forma alguma atrapalhar. Além do mais, preciso me descobrir, *Cassita* e pra fazer isso, tenho que desbravar a parte do mar que eu morro de medo de encarar. — comentei e ela pressionou meus dedos levemente, como se me apoiasse em qualquer decisão.

— A imensidão pode guardar segredos seus que

nem mesmo você conhece, menina. Afunde, mas garanta que tenha alguém para puxar a sua mão quando começar a se afogar.

Eu abri a boca sem saber o que falar. Palavras incoerentes nunca fizeram tanto sentido pra mim.

— Obrigada — Agradei.

— De nada. Agora suba logo, antes que eles cheguem. Caso queira um acontecimento horrível e traumatizante, é só esperar mais um pouco. Fora a possibilidade de que te tranquem no quarto e não a deixem que saia nunca mais.

Arrepiei-me com a ideia, mesmo sabendo que ela já acontecera quando eu era adolescente. Fiquei quinze dias trancada no meu quarto, sem poder nem mesmo ir para escola, pelo fato de estar apaixonada por um garoto que minha mãe julgava “não ser o certo para uma Albuquerque”. Só me deu permissão para sair quando eu prometi que não olharia mais para o rapaz.

Não havia muito o que fazer naquela época, mas agora havia e eu faria.

— Obrigada de novo. — sussurrei e me virei, em

direção à escada. — Parei na metade do caminho, prestes a subir o primeiro degrau. — Eles sentiram a minha falta? — A última tentativa de encontrar um motivo para não ser uma filha ingrata surgiu na minha mente.

— E eles se importam com alguma coisa além deles, Erika? — A fala da Cássia me deu a certeza de que eu fazia o certo.

Realmente...

Eles não se importavam com nada além deles.

— Acho que não. — Proferi.

— Minha oferta ainda estará de pé, menina, não importa quanto tempo passe. Pense com carinho.

Não respondi.

Não precisávamos de respostas nas nossas trocas de afeto.

Subi até meu quarto e peguei as coisas que eu mais precisava no momento. Olhei para o ambiente, sentindo que tudo estava prestes a mudar. Não só a forma como eu vivia, mas também o que eu pensava de todos.

Era necessário.

Assim como a chuva precisava desabar para trazer consigo a pureza cristalina da água.

Fugi da luta que seria conversar e ser sincera com meus pais. Entretanto, algumas batalhas precisavam ser adiadas para que conseguíssemos passar tudo o que precisávamos e essa... era uma delas.

Mandeí uma mensagem para os dois.

“Preciso me encontrar. Estou bem. Não é um sequestro caso se perguntem e sim, eu sei a nossa frase secreta: Preciso de roupas novas, te encontro na loja.”

Saí antes que eu cruzasse com eles.

Uma sensação excelente aqueceu meu peito e se eu pudesse defini-la de alguma forma, com certeza compararia a Harry Potter quando tomou sorte líquida. Porque, o que eu pressentia era que mesmo de um jeito torto, tudo daria certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

09



Athos

— Você tá uma merda hoje, o que aconteceu cara? — Olhei meu parceiro de estúdio, que acabara de chegar e praticamente rosnei em resposta.

Fazia dois dias que eu não falava com ela.

Não que precisasse dessa merda, só que, ceder meu espaço para que ela dormisse e se encontrasse, não era um motivo bom o bastante para me dizer se estava bem?

Bruno fizera esse trabalho, viera dar notícias, disse que Erika tinha se ajeitado no apartamento e que pagou por três meses de aluguel adiantado.

Uma onda de alívio me percorreu ao saber que ela estava bem. Ao menos isso.

— Nada. Me deixa.

— Uma *mina* veio aqui querendo um trampo de *Old School*, mas eu te indiquei. Não é minha melhor área, *saca*? Ela te mandou mensagem? — Eros questionou.

Balancei a cabeça, concordando.

A *mina* dissera mesmo que ele tinha a indicado. No dia que ela viera eu não estava. Terça de manhã... eu dormia o mais alto sono em casa, com a Patricinha adormecida na minha cama.

Droga.

Pensara nela de novo.

E podia jurar que a porra do meu travesseiro ainda exalava o seu maldito perfume. Doce e inebriante.

— Ela me disse o que queria, eu desenhei e tal. Marcamos um horário para amanhã de tarde. — comentei.

Levantei-me da minha poltrona e fui até a minha
PERIGOSAS ACHERON

pasta, pegando o último desenho, o que eu tinha feito para ela.

Mostrei para o Eros e ele assoviou, sem desgrudar os olhos da folha de papel.

— Tá *cabuloso*, cara! Urso em *Old School*... Tenho que conhecer meus limites e definitivamente, esse não é meu estilo! — Eros e seus olhos escuros pareceram brilhar com o meu desenho.

Nem era meu melhor trampo.

Tinha feito alguns muito mais fodas.

Achava que a minha falta de foco tinha me atrapalhado, já que parei incontáveis vezes de bolar essa *tattoo* só para desenhar Erika e as suas mudanças de semblante claras durante o tempo em que conversamos. Pura maluquice.

O cara de *dreads* à minha frente, a figura mais alternativa e da paz que eu conhecia, balançou a cabeça em aprovação.

— Nem é meu melhor *trampo*.

— Tem razão, mas isso não tira o mérito e beleza

desse.

— Talvez. — Dei de ombros.

A porta do estúdio se abriu e o ar quente entrou, se misturando ao gelado que permeava o cômodo. Odiávamos o calor e preferíamos usar moletom ao invés de deixar a temperatura um pouco mais alta.

Eros abriu a boca assim que olhou para a recém-chegada, eu ainda não o tinha feito, mas nada me prepararia para o que eu sentiria ao olhar para Erika, que parecia ainda mais... linda.

As batidas pararam.

Percebi que além da música, as repetições que haviam parado por instantes, habitavam em mim. Bem no fundo do meu peito.

— Ei, e aí, o que podemos fazer por você, linda?
— Eros colocou seu charme em ação, o que costumava fazer com todas as mulheres que podiam ser suas clientes, entre vinte e quarenta anos, sem nenhuma aliança no dedo.

Ele não disfarçava que sair com clientes não era problema para ele. Não me incomodava, desde que ele não saísse com as *minhas clientes*. Se o fizesse,
PERIGOSAS ACHERON

depois de não ligar no dia seguinte, meu *trampo* seria prejudicado. Era lei no estúdio, nada de pegar minhas clientes, que eu não pegava as dele. Simples assim.

— Oi, eu vim falar com o Athos — Ela proferiu, com a voz baixa.

— Eu sou o Eros, como o deus do amor, *saca?*
— Ele se levantou, foi até ela, ainda parada na frente da porta e estendeu a mão.

Erika aceitou o cumprimento e sorriu acanhada quando ele ergueu e beijou a sua pele.

— Posso perceber que o nome tem tudo a ver com você, não é? — Ela olhou para ele por segundos e depois voltou a me fitar.

Eu ainda me sentia incapaz de dizer qualquer coisa.

— Com certeza, minha mãe nunca acertou tanto
— Ele sorriu e eu respirei fundo quando percebi que estava tentando chamar a atenção dela.

— Eros... — Falei em um tom incisivo e quando ele percebeu o que eu queria dizer, a sua mudança de ações foi perceptiva.

— Bom, acho que preciso desenhar um *trampo* marcado pra semana que vem. A gente se vê, Erika. Vou pra minha sala, pra você sabe, desenhar e tal... E mosqueteiro, aquela regra lá ainda *tá* valendo? Queria muito a *mina* do urso!

— Nem pense nessa merda — Rosnei.

Erika fitou a nossa conversa, confusa. Não fez questão de explicar para ela, ficaria horrorizada com a personalidade extremamente... safada de Eros.

— Foi mal, cara, *tô* indo! — disse e passou por mim, acenando antes de abrir a porta ao lado da minha e desaparecer no seu interior.

Meus olhos não se desviaram das esmeraldas, e pude perceber a quão incomodada ela estava com a minha avaliação, quando trocou o peso de perna, se apoiando ligeiramente na direita. *Wild Love* da Elle King dominou as caixas de som do estúdio e Erika pareceu gostar do estilo e da voz rouca da mulher, porque tombou a cabeça para o lado, suavemente, apreciando o som.

Fechou os olhos e balançou sutilmente o corpo, se perdendo em meio ao estilo de música diferente

PERIGOSAS ACHERON

e envolvente.

Segui cada gesto seu vidrado, como a porra de um idiota.

— Quem canta? É... muito boa. Nunca tinha ouvido. — perguntou.

— Elle King. — respondi e me movi até a minha mesa, me sentando nela, de lado, com uma das pernas balançando, para afastar o pequeno tremor de nervoso que me assolava — Você vai gostar do estilo dela, da voz e das letras. É bem alternativa, mas penso que tem uns sentidos ocultos e me pego tentando decifrar muitas vezes.

Erika concordou com um esgar e olhou fixamente para mim. Daquele mesmo jeito que tinha feito na primeira vez que nos vimos. Ela parecia desvendar cada pequeno segredo, cada pedaço de mistério e cada trauma que eu escondia sob a minha pele, enxergando além, muito além de tudo. O que era bem insano, se parasse para pensar que mal nos conhecíamos.

— Legal. Vou procurar. E... Athos, vim aqui para conversar com você, agradecer por tudo.

— Sabe que não precisa, Patricinha. — Abri um sorriso e ela fez o mesmo.

Ficamos quietos por segundos, apenas ouvindo uma música que falava de amor selvagem, loucura, e todas essas baboseiras. Nunca fiquei tão constrangido pela letra de uma canção, ao notar que Erika me olhava e pensava o mesmo.

— Mesmo assim, precisava vir conversar com você. Bruno me disse que estava amargo por esses dias. Pensei que fosse porque eu fui muito mal-educada.

Fiz um barulho de descontento com a boca ao ouvir as suas palavras. Ela não podia estar mais certa e errada ao mesmo tempo. Fiquei chato pra porra só pelo fato de não ser considerado importante a ponto de me manter avisado.

Que bosta.

Nunca me pegara em uma situação tão controversa.

— Não é isso, relaxa.

Ela suspirou aliviada, o que me arrancou um sorriso sincero.

— Estava me sentindo muito ingrata — murmurou e moveu-se até o divã onde Eros estava sentado, desabando de forma teatral — E... *mosqueteiro*? Por que o deus do amor te chamou assim?

— Sério que meu nome tão te lembra nada? — indaguei, arqueando uma das sobrancelhas.

Como ela não tinha ligado imediatamente o nome ao possível motivo?

— Não brinca! Foi por causa de *Os três mosqueteiros*? Sério? Meu Deus, isso sim que é um nome interessante!

— Não posso dizer que não gosto. — Desci da minha mesa e a contornei, me sentando na cadeira estofada, reclinando-a com o corpo a fim de relaxar.

Não queria tocar nesse assunto, histórias de nomes geralmente envolviam família e eu não queria que tudo seguisse para esse tema e essa parte da minha vida. Sentia-me claustrofóbico apenas em imaginar isso acontecendo.

Erika percebeu meu desconforto e não fez a

pergunta.

Agradei-a.

De verdade.

Olhei para as minhas mãos, conseguindo enxergar as marcas que foram escondidas, ou melhor, mascaradas, com as camadas de tinta, e soltei um resmungo baixo.

— Meu irmão vai se mudar para a casa também, para morar comigo e Bruno. Acho que ele o está fazendo por minha causa. — comentou.

Eu duvidava. Imaginava o motivo para ele estar fazendo isso, mas não cabia a mim contar para a sua irmã.

— Deve ser, é irmã dele.

— Sim, eu sou. Acredita que Ricardo quer voltar? Na maior cara de pau, me ligou, disse que precisamos conversar, que cometeu um erro e que precisa remediá-lo. Essas foram as palavras dele! Juro! — Levantou as mãos, indignada — que precisa remediar o erro! Quem diz essas coisas quando quer reatar um namoro por ainda amar a outra pessoa?

— Ninguém? — Arrisquei um palpite.

— Claro que ninguém! — pareceu indignada.

Levantei-me da minha cadeira e fui até ela, sentando-me no divã, ao seu lado.

Erika acompanhou meus movimentos com uma necessidade que me deixou de pernas bambas. Sufocado por meus próprios movimentos.

— E o que disse pra ele? — indaguei, encarando seus lábios quando ela passou a língua para umedecê-los.

Senti minha garganta coçar com a visão. Tossi, na vã tentativa de afastar as ideias que ameaçavam tomar conta dos meus atos.

— Mande-o enfiar a vontade de reatar na bunda dele! — falou orgulhosa, em um tom de aprovação própria.

Gargalhei.

Gargalhei pra valer.

Pela sua forma rebuscada de falar, não imaginaria em hipótese alguma que sua resposta tinha sido essa.

— Porra! — Meu tom era de zoeira, mas de total orgulho também.

Só Deus podia saber o motivo para eu me sentir orgulhoso por ela ter dado um basta no babaca riquinho.

— Juro, bem devagar, inclusive! — parou de falar por instantes, olhando para frente, mordendo o canto da boca — Ele até engoliu as palavras por uns segundos na ligação, absorvendo o que tinha ouvido. Foi libertador, muito libertador.

— Xingar quem nos machucou, com certeza é libertador.

Sabia por experiência própria que um “vá se foder”, era tão doce quanto pudim de leite condensado.

— Muito. Tive a prova hoje. — Aprovou ela, e ao se virar, seus olhos desceram para a minha boca e a mordida suave no seu lábio inferior carnudo, fez com que os dentes alvos despontassem, o que me manteve absorto, focado apenas nesse gesto.

Singelo e sexy ao mesmo tempo.

Levantei a minha mão direita e segurei
PERIGOSAS ACHERON

parcamente seu queixo com meus dedos, passando meu polegar entre seus lábios, entreabrindo-os, ouvindo a sua respiração se acelerar, premeditando o que viria a seguir.

Aproximei-me um pouco.

Centímetros.

Centímetros gigantescos que nos mantinham separados.

Conseguia sentir seu cheiro doce e afrodisíaco. Sua respiração tocava meu rosto, conforme eu me aproximava mais e mais, aumentando exponencialmente o desejo que exalava pelos meus poros.

Feromônios.

Eu, com certeza, neste momento, era puro feromônios. Eles dançavam pelo ar que nos rodeava e nos envolviam nessa névoa inebriante de pura tensão sexual. Minha temperatura parecia capaz de esquentar qualquer coisa e ao perceber como ela abria ainda mais a boca, esperando pelo beijo, tudo só aumentava a resolução.

Eu beijaria a Patricinha... e merda, que parasse só

PERIGOSAS ACHERON

no beijo.

— Ei, Athos, você viu minha... — Afastei-me rapidamente dela, que sacudiu a cabeça, recobrando os sentidos.

Queria mandar Eros pra cova, queria tanto que essa vontade me massacrava. Porra, por que justo nessa hora? O que custava esperar mais um cacete de minuto? Merda, era muita sacanagem.

Nunca tinha ficado tão puto na minha vida, nem mesmo quando ele pegara uma das minhas clientes e acabara por desperdiçar um trampo muito foda que eu fizera, fora a penca de grana que eu receberia. Jamais meu *“índice de putisse”* chegara no ponto que ele alcançava neste instante.

Fechei meus olhos, impondo limites ao meu desejo.

Erika estava fora dos limites.

Totalmente

FORA.

— Acho que eu já vou... Me desculpem por atrapalhar vocês. — Ela se levantou depressa,

arrumando a bolsa no seu ombro.

Seu vestido preto era simples e descia solto pelo seu corpo, fixando-se aos lugares certos e deixando toda aquela magia que nos fazia querer ver tudo o que escondia, desembrulhando camada por camada, como um presente; a todo vapor.

Passei as mãos pelos meus cabelos, sentindo os fios protestarem.

A imagem dela entregue não estava ajudando em merda nenhuma.

Seu cheiro me nocauteou logo que ela abriu a porta e se mandou mais rápido do que o faria se tivesse visto um fantasma.

Meus ombros desabaram, inconformados com a possibilidade do que aconteceria caso não tivéssemos sido impedidos.

— Foi mal, cara, eu não... — Ergui uma mão, interrompendo a ladainha.

— Fez o certo. Não podia ter caído naquela... Patricinha não é uma mulher com a qual posso fantasiar. — Levantei-me e rumei para a porta da minha sala.

— Não entendo o motivo para pensar assim... — desabafou Eros.

— Somos de mundos totalmente diferentes. Não daria certo nem nos meus melhores sonhos, Eros.

— Porra, cara, que *vibe* ruim essa no seu corpo! Vou até acender outro incenso pra ver se consigo tirar essa energia negativa que agora paira no nosso estúdio. Os clientes sentem, camarada. Pode ter certeza que eles sentem toda essa nuvem escura que parte de você. E aí, o que prefere agora? Lavanda pra relaxar ou Rosas pra trazer intimidade e amor? Eu, particularmente, acho que precisa da segunda opção.

Suspirei irritado.

— Sabe que acho isso uma baboseira.

— Claro que sei, por esse motivo sempre falo essas asneiras. — Eros deu uma pausa, e eu pressenti que viria lição de moral quando ele abrisse a boca novamente. Não poderia estar mais certo — E devia tentar, sabe como é, só pra ver se realmente não têm nada a ver um com o outro. Estavam muito próximos e envolvidos para duas pessoas que não dariam certo, nem mesmo na...

PERIGOSAS NACIONAIS

cama, pra foder bem gostoso e...

Abri a porta da minha sala e me refugiei em seu interior, ignorando totalmente meu amigo e suas falas certeiras.

PERIGOSAS ACHERON

10



Athos

— Aqui o cartão com os cuidados que você terá com a tattoo, certo? — Estendi o cartão pra *mina* e fingi não perceber todos os sinais que ela dava que queria muito ver se meus dedos eram tão habilidosos como pareciam.

A forma com a qual ela passou a língua na boca todas as vezes em que as agulhas tocaram a sua pele, só provaram isso. Tornou o ato de tatuar indecente pra cacete e eu tive que disfarçar que o volume na minha calça estava ganhando vida com essa sua provocação. Não me sentia nada tentado a deixar que as coisas seguissem por um caminho sexual.

Ela resvalou seus dedos nos meus assim que pegou o pedaço de papel.

Seu olhar se manteve travado no meu e não deixei a máscara de profissionalidade cair. Ela percebeu.

— Muito obrigada!

Impulsionei com um dos pés a cadeira, e me aproximei da minha bancada, sentindo as rodinhas deslizarem sem esforço pelo laminado perfeitamente polido. Peguei um espelho de mão, para que ela visse o trabalho completo e assim que me aproximei, ela se levantou, sem se preocupar em cobrir nada com a roupa.

Tinha tatuado uma caravela em estilo *Old School*, que contornava a sua coxa e terminava na sua nádega direita. Ela precisou erguer a saia que usava até a cintura, e notei tarde demais que nem calcinha a *mina tava* usando.

Porra.

Eu era um cara muito calmo e da paz. Quase nunca me envolvia com as telas, porque como diziam, não se comia onde ganhava o pão, certo? O

foda é que tinha *mina* que adorava testar os limites e cacete, essa era uma delas. Dava pra sentir a sensualidade emanando de cada gesto seu e cada atitude pensada com o simples propósito de seduzir.

Seu olhar decidido me deixou até com medo.

Ela sabia o que queria e neste momento, *me* queria.

Engoli em seco e senti o nó que se formou na minha garganta, raspar como uma lixa.

— E aí, o que acha? — indaguei.

Ela apoiou os pés no chão e se virou, olhando por sobre o ombro para o espelho.

Os traços estavam perfeitos, mesmo que os barulhos que ela fazia enquanto eu tatuava tivessem tirado um pouco da minha concentração.

— Ficou per... feito! — Segurou a sua nádega e a levantou, me dando uma visão bem ampla da...

Virei o rosto.

Provavelmente ela pensaria que eu não gostava da coisa e tal, mas porra, eu tinha uma sessão dali

PERIGOSAS ACHERON

vinte minutos, não podia e nem iria bater uma no banheiro. Muito menos deixaria que o próximo cliente notasse como eu tinha ficado com a última tatuagem.

— Gata, eu gosto muito de foder, *saca*? Mas, porra, esse não é o horário, nem o melhor momento pra ter uma *trepada sacana* em um estúdio. Sou um profissional que gosta de levar as coisas a sério e não sei o que Eros te disse, mas separo clientes dos meus casos sexuais. Você é muito gostosa, do tipo gostosa de bambear as pernas, mas entende o que eu quero dizer? — Mandei a real, respirando fundo.

Voltei a olhá-la, mas direto nos seus olhos, me controlando para não me deixar levar pelo pau.

A vontade dele era de massacrar. Mas, teria que se conter.

À noite, tínhamos uma festa para ir e eu garantiria que a vontade passada seria sanada. Era isso ou assistir algo bem sacana na tevê no canal adulto em casa e depois deixar que minha mão fizesse o trabalho.

— Entendo — Abaixou a saia, bruscamente e eu fechei meus olhos, sabendo que tinha magoado

PERIGOSAS ACHERON

seus sentimentos.

Ou sei lá que porra.

Nunca entendia nada.

Não foder quem pedia pra foder era perder cliente.

Foder quem eu queria, era perder cliente.

As *minas* tinham que se decidir, afinal.

Não enganava ninguém, eu não queria um relacionamento, não queria me envolver com ninguém, porque então teria que me abrir e todas as merdas que casais faziam. Fora os ciúmes. Eu era tatuador e puta merda, a porcentagem de mulheres seminuas no meu *trampo* era bem grande. Não que eu fizesse algo com elas, mas o ciúme ainda seria foda de combater.

— Eu até ficaria com você em outra circunstância, mas porra, não agora. Desculpe.

Segurei no seu braço, antes que ela passasse por mim, desolada.

— Ei, já terminou com ela aí, mosqueteiro? O cara da próxima sessão já chegou — Eros abriu a

PERIGOSAS ACHERON

porta em um rompante, colocando a cabeça para dentro, a fim de me ajudar.

Quando um estava livre, auxiliava o outro com essas coisas. Receber clientes, pagamentos e outras merdas. Por esse motivo precisávamos de alguém na recepção, já estava complicado fazer tudo ao mesmo tempo e nem sempre estávamos livres.

— Já, acabei. — respondi e a olhei — Sinto muito de verdade, quem sabe a gente se *topa* por aí? — Balançou a cabeça concordando — Acerta com o Eros e qualquer coisa é só me mandar uma mensagem.

— Tudo bem.

Não estava nada bem. Consegui enxergar. Mas, deixei que a *mina* saísse fora. Não compensaria o trabalho para não dar em nada.

Ela saiu e depois de minutos, Eros abriu a porta novamente, sabendo exatamente o que tinha acontecido. Suspeitava que ele no meu lugar, não deixaria passar nem em sonho.

— Ela *tava* na sua, não é? — Anuí — E por que caralho, não pegou?

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu tom de voz era duvidoso, como se tivesse nascido uma segunda cabeça no meu pescoço.

— Não misturo as coisas, sabe disso.

Ignorei o som abafado de surpresa que partiu dele e comecei a arrumar tudo para a próxima sessão. Abri uma caixa de luvas, a anterior tinha acabado, troquei o plástico na máquina, joguei as agulhas usadas no *Descarpack*⁷ e puxei algumas que eu usaria da gaveta de um dos armários.

Tudo na minha sala puxava para o escuro. A parede onde ficavam os armários era cinza e deixava em evidência meus quadros de filmes de terror. Em um canto mais afastado, estavam os meus *tramos* mais fudas, em molduras, pendurados como troféus. Tatuava apenas uma vez a mesma tatuagem e todos que iam até ali sabiam disso. Buscavam exclusividade e eu garantia isso. Se outro tatuador copiasse, através de alguma foto postada na internet, a culpa já não era minha.

— Se eu não te conhecesse bem o bastante, acharia até que *tá* mudando de lado. Sem preconceito, sabe que curto os dois e...

PERIGOSAS ACHERON

Eros parou de falar assim que eu comecei a gargalhar. Gargalhei tanto que quase caí da cadeira. Só ele para começar papos como esses.

— Cara, para com essa merda. É só porque não gosto mesmo de misturar tudo. Sempre me disseram que onde se ganha o pão, não se come, *saca?*

— Claro que não, quem disse isso *tá* errado. Total. — proclamou, se fazendo de ofendido.

— Vamos parar com esse papo sem sentido? Fala pro cara entrar, já vou preparar o *decalque*⁸ dele. — pedi e Eros sibilou, como se ainda não acreditasse no que eu tinha feito.

Ou melhor, no que eu *não* tinha feito.

— Beleza. E vai na festa hoje, certo? *Tá* todo mundo contando com a sua presença rabugenta.

Mostrei o dedo do meio para ele, que fechou o semblante no mesmo instante.

Resmungou um “*seu otário arrogante*” e desapareceu pela porta.

Aguardei que o próximo cliente entrasse e me

permiti por segundos, ou melhor, milésimos de segundos, fantasiar se a Erika iria ou não para a tal “festa”. Theo eu sabia que sim, Bruno também, mas ela? Nem tinha noção se era um ambiente no qual ela se sentiria bem.

Esperava que sim. Porque cacete, estava começando a sentir saudade dela e da sua forma misteriosa de me olhar. Uma porra, porque se eu pudesse classificar alguém como inalcançável, esse alguém seria ela.

Patricinha era como uma blusa de frio de marca que eu queria ter quando criança.

Linda.

Mas, cara.

Macia.

Entretanto, fora dos meus limites.

Sim, definitivamente, Patricinha era aquela blusa. Uma metáfora que eu não podia nem imaginar o quão certa se provaria.



A tal “festa”, não tinha nada de festa.

Era apenas um encontro da galera e eu me vi inconformado por ter saído de casa por nada demais. Eles sempre faziam isso, porque sabiam que se não dessem um motivo muito bom, eu preferia ficar no meu apartamento... lendo histórias de terror.

Era um lugar muito maior que o *Insanos*, com shows melhores e muito mais gente. Não sabia definir ao certo se era um bar ou uma balada, talvez os dois. As mesas que ficavam em um dos cantos para a galera que gostava de comer porções, enquanto apreciava uma cerveja, estava parcialmente cheia. Ainda havia alguns lugares vazios e assim que vi Bruno acenando empolgado, apressei meu passo até lá, com a esperança batendo furiosa no meu tórax, esperando por um vislumbre de alguém que representava tanto problema pra mim.

Theo estava ao lado do meu amigo, com seu semblante sério de sempre, seus cabelos negros em desalinho e suas roupas costumeiras, que destoavam do lugar. Ele, querendo ou não, se vestia como a mulher que prendera minha atenção, com

PERIGOSAS ACHERON

peças engomadas e que gritavam “custamos mais do que pode imaginar”. Camisas de botão, calças de grife e tênis que definitivamente valiam o equivalente à parcela do financiamento do meu apartamento.

Acenei em cumprimento.

Ele não sabia dos meus pensamentos sobre a sua irmã, mas cacete, se eu ficasse olhando para ele, daria bandeira, me conhecia e não era um cara com habilidade para mentir.

— Pensei que não fosse mais vir — comentou Bruno.

Sentei-me na sua frente e me empurrei para o canto do banco. A mesa em madeira nos separava e notei como Theo e Bruno estavam bem próximos.

Estreitei meus olhos e... como as pessoas não percebiam? Estava na cara que os dois se gostavam. Suspeitava que não se assumiam apenas pelo preconceito desmedido de ambas as famílias e a sociedade.

— Deviam ter coragem. — sussurrei, no mesmo instante em que atraí a atenção de uma das

garçonetes.

Ela se apressou na minha direção, com o bloco de anotação já nas mãos.

— Coragem? — indagou Theo.

— Devia saber que você tinha notado e não é questão de coragem, Athos, são outras coisas.

Encarei os dois, deixando claro que eu não julgaria, nem merda nenhuma. Eles que fossem felizes, era a única coisa na qual eu pensava.

— Não diga pra ninguém, muito menos pra minha irmã — A voz do Theo saiu baixa dessa vez, assim que eu vi os cachos escuros se balançando até a gente.

Meu corpo inteiro se iluminou com a presença dela e Erika sorriu assim que me viu. Não contive a suavidade que atingiu a minha expressão e devolvi o gesto. A leveza se apoderava de tudo à minha volta quando ela estava ao redor. Era como vários fogos de artifício, sendo lançados para o alto em comemoração. *Florence and the Machine* tocava e porra, eu nunca mais esqueceria a voz da mulher, assim como da *Elle King*, ligando-as a sensação

maravilhosa que tomava conta do meu corpo.

— Ela entenderia. Se tem alguém no mundo que te entenderia, é a sua irmã, cara... — O que eu disse a seguir, saiu abafado entre todo o barulho — Os cacos ainda *tão* caindo e porra, o que ela precisa para que eles parem de desabar? — indaguei a mim mesmo, em um sussurro.

Nenhum dos dois ouviu o que eu disse.

Agradei a Deus por isso.

Eram divagações de um cara atraído por uma mulher que nunca poderia almejar.

Theo e Bruno se afastaram centímetros antes que ela estivesse perto demais.

— Oi, e aí? — perguntou, olhando pra mim — Já estava desanimada, achando que teria que aguentar a conversa entediante desses dois — Indicou o irmão e meu amigo, mal percebendo o quanto os dois se esforçavam para disfarçar. — Eros se mandou quando um casal o chamou — ela franziu as sobrancelhas com o pensamento e eu abri um sorriso de canto, mal sabia ela como o cara era cheio desses *rolos* — talvez nem volte.

Fiz uma nota mental de tirá-la de perto do irmão e do Bruno assim que possível. Os caras precisavam respirar um pouco. Imaginava que o último só oferecera o quarto porque provavelmente Theo já se mudaria para lá e como Erika não teria onde ficar, se viu no dever moral de não deixar a irmã do cara que gostava na mão. Todas as suas motivações eram tão claras quanto uma redoma para mim agora.

Admirei meu amigo por isso.

— *Tá* falando como a gente já, é, Patricinha? Toda cheia de marra no “e aí”? — Ela abriu um sorriso deslumbrante para mim.

Fui nocauteado.

Sua imagem pairou a milímetros de todos os meus sonhos.

Dois pares de olhos me fuzilaram. Não precisava ser a merda de um gênio para saber o motivo.

Ela deslizou a bunda no banco ao meu lado e eu travei meus dentes, sentindo seu perfume formar uma névoa de desejo maluco e possessivo em torno de mim. Não seria capaz de deixá-la ficar com

ninguém e sinceramente, isso soava horrível, tanto que eu passei a mão no cabelo, incomodado.

Ela não era minha.

Ela nunca seria minha.

— Vocês estão me levando para o mau caminho, garotos! — Forçou um sorriso dessa vez e percebi um vinco se formar entre suas sobrancelhas, assim que uma das luzes do bar focou diretamente na nossa mesa.

O grande globo colorido girava e girava no teto, enorme, acompanhando as batidas das músicas, dando um efeito bem maneiro no lugar.

— *Tá* tudo bem? — questionei.

— Sim. Não é nada, só uma pontada de dor de cabeça. — falou e colocou uma das mãos na têmpora, tentando aplacar o que a corroía.

Eu queria fazer parar, queria fazer o que fosse preciso para ela se sentir bem. Mas a súbita sensação de que nada era tão simples quanto parecia me manteve travado.

— Quer um remédio? — Pousei minha mão no

seu ombro e ela tremeu sob meu toque.

Tentei captar a essência por trás do gesto e praguejei quando não consegui.

— Não, não vai resolver. — comentou.

Só eu conseguia ouvir os mistérios implícitos na sua frase?

— Tem que comer, então. Andou bebendo e não comeu nada, não é? — Presumi.

Ela anuiu.

Chamei a garçonete de novo e ela prontamente atendeu, caminhando mais do que depressa de volta para a nossa mesa. Assim que parou na nossa frente, olhou entre mim e a mulher, pareceu entender que não tínhamos nada e voltou a sorrir, sem qualquer traço de receio.

Pedi uma porção de batatas, mais uma cerveja e ela rapidamente anotou meu pedido, formando a palavra meia-noite com os lábios.

Claro, ela saía meia-noite.

Pisquei por questão de costume, mas tinha a plena ciência de que não a esperaria. E pelo

PERIGOSAS ACHERON

desânimo que ela demonstrou, entendeu totalmente a minha ideia.

— Essas tatuagens suas atraem mais gatas do que se estivesse coberto de chocolate, *mano*. Que porra! Como consegue?

Fiz um som de desdém em resposta a Bruno.

— Não consigo evitar, sabe como é. Acho que parte disso tem a ver com meus olhos multicolores e todas essas tatuagens enigmáticas, *manja*? No fundo, todas elas querem saber os significados e...

Uma tosse interrompeu a minha narração.

Olhei para Theo intrigado.

— A minha maninha está aqui, cara, controla essa boca, merda! — Ele tinha razão.

Virei-me para Erika que não aparentava nada e murmurei — Foi mal, Patricinha.

— Não se importem comigo, sou a intrusa no *Clube dos Cinco* — Ergueu as mãos se desculpando e eu decidi gostar ainda mais dela por isso.

Não tinha frescuras, por mais que eu achasse que
PERIGOSAS ACHERON

seu berço de ouro a tivesse deixado como as dondocas que eu via por aí.

— Não existe *Clube dos Cinco* com quatro, minha linda. Você nos completa! — Brinquei e assisti as suas bochechas se avermelharem, envergonhada pelo que acabara de ouvir.

Mesmo com a escuridão parcial do lugar.

Cacete, eu era mesmo um puto dos maiores. O que custava deixá-la em paz?

— Para de lançar essa porra de charme pra minha irmã, Athos! Ela é foda demais para você! — Theo rosnou e eu o ignorei.

Por acaso ele pensava que eu não sabia dessa merda?

— Tô só brincando com ela, relaxa. Todo mundo pensando que eu sou o lobo mau, quando a verdade é que eu sou o cara mais maneiro desse bar. A aparência é toda hostilidade, sabem como é, mas ela engana, seus *cadelos*. Engana muito! A intenção é completamente boa por debaixo desse exterior fodido, podem ter certeza. — Peguei a cerveja que a garçonete depositou na mesa, fechei meu punho

para deixar o músculo firme e abri com o antebraço.

Deixando todo mundo besta.

Ou melhor, deixando a mulher ao meu lado, paralisada.

Ela nunca tinha visto algo do tipo?

— Como fez isso? — perguntou em meio ao deslumbramento.

— Muita prática? É a sua primeira noite na farra, Patricinha, enquanto eu... tô muito calejado. — Quer tentar? — indaguei.

— Será que consigo? — Seus olhos brilhavam com o desafio.

Peguei a cerveja do Bruno, que ele não tinha aberto ainda e dei para ela. — É só fechar o punho, apoiar no antebraço e girar como se tivesse virando um volante ou algo do tipo.

Ela tentou.

E tentou.

E tentou de novo.

A cada vez que não conseguia, me olhava com dúvida se eu fizera aquilo mesmo. Como uma coisa tão pequena poderia fasciná-la tanto?

Ela me assustou ao explodir em uma gargalhada, quando falhou mais uma vez, e eu contive a minha vontade de acompanhá-la.

Senti um olhar me fuzilar e ao me virar, Theo parecia... surpreso, com o rompante da irmã. Seus olhos corriam de mim para ela, em uma velocidade lancinante, querendo entender o que acontecia.

— Desisto! Sério! Jamais vou conseguir entrar pro *Guinness* por ser a mulher que mais abriu garrafas de cerveja com o antebraço em menos tempo. Considerem a minha carreira encerrada, uma que nem começou, aliás! Vou ao banheiro, não falem mal do meu fracasso na minha ausência! — disse e se levantou, murmurando sua descrença quanto ao meu feito.

Eu a segui com o olhar até que ela desaparecesse entre as pessoas que lotavam a pista de dança. Estava com um outro vestido, aberto nas costas, também preto, e fiquei me perguntando por que ela só usava essa cor? Claro que grande parte do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

guarda roupa também era predominante por ela. Mas sei lá, essa mulher guardava tanta coisa em si, que eu tinha certeza que havia um motivo para esse em específico.

— Cara, eu nunca a vi sorrir tão genuinamente.
— Seu irmão soou desacreditado.

— Esse é o efeito Athos nas pessoas. Ninguém consegue permanecer sério demais perto dele. Tem aquele lance de falar sério coisas sem sentido, sabe?

— Mentira — sussurrei. — Ela ficou bem séria quando dormiu em casa. — Percebi a merda que tinha falado assim que um irmão protetor me ameaçou silenciosamente.

— Como assim dormiu na sua casa?

— Não é isso que *tá* pensando, mano. Ela teve uma briga com o babaca riquinho e ficou desolada, ofereci minha cama, enquanto eu dormia no sofá. Saiba que isso é culpa sua, depois de me indicar para que ela fizesse uma tattoo. Cara, que maluquice, aconteceu tanta coisa em tão pouco tempo que eu fico até tonto. — assumi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi você que a ajudou? Ela não quis me dizer... Nem o Bruno — Abaixou o tom de voz, como se odiasse a percepção de um cara qualquer ajudar a sua irmã ao invés dele.

Seus olhos pousaram no homem ao seu lado e percebi que o coitado estava em maus lençóis pela omissão.

— Batemos na sua casa, não estava lá. Não podia deixá-la sozinha, prestes a surtar.

— Tem razão. Eu devia te agradecer, então lá vai, segura que só vou dizer isso uma vez... obrigado! — Ele franziu as sobrancelhas — Nossa, como dói te agradecer!

Eu dei risada com a sua falsidade e bebi mais um gole da minha cerveja, procurando pelos cachos entre a multidão.

Não a enxerguei em nenhuma parte e a preocupação começou a tecer seus ramos em torno dos meus bons pensamentos. Eram como braços de escuridão me impelindo a levantar e me mover atrás dela a fim de evitar qualquer porcaria que pudesse acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela tem coisas que esconde até de mim, Athos. Se conseguir se aproximar e manter tudo afastado dela, não vou me opor a nada.

Mantive seu olhar travado no meu, em um entendimento, e me apressei para fora da mesa. Disposto a encontrá-la.

11



Athos

Em um lugar do passado, eu sigo preso.

— Corra, Athos! Corra como se sua vida dependesse disso!

Foi a última coisa que ouvi da minha mãe antes de forçar minhas pernas rua abaixo.

O desespero corria latente nas minhas veias.

E me mantive ainda desesperado por mais um bom tempo antes que desabasse sobre meus joelhos.

Confusão era sinônimo de dor.

Estar perdido significava estar atento para tudo

o que viria a acontecer.

Eu acreditava em Deus.

Acreditei até esse dia.

Juntei as minhas mãos.

Rezei.

Implorei por ajuda.

Quando ela não veio, decidi que meu relacionamento com o Senhor nunca mais seria o mesmo.

E não foi...

Nem nos meus sonhos.



Frika

As luzes repletas de cores em tons fortes estavam me matando. Saí da mesa, sentindo meus neurônios se colidirem a cada girada daquele maldito globo.

Pra quê tanto colorido?

Meu maxilar estava cerrado, enquanto eu tentava absorver todo o peso de enxergar tanto. Eram reflexos para todos os lados, que somados as músicas, todo o barulho e tumulto de pessoas, me deixava desnorreada.

Soube assim que Theo e Bruno me convidaram que não seria uma boa, mas minha vontade de socializar e não parecer uma pessoa avessa a

qualquer amizade falara mais alto.

Encostei na parede de um corredor que levava para o banheiro e senti o frio da superfície tocar as minhas costas expostas pelo vestido de frente única que eu usava. Fechei meus olhos e me concentrei na ausência de cores que esse gesto me proporcionava.

A calma e a tranquilidade me assolaram.

Suspirei, agradecida.

— O que faz aqui, sozinha, Patricinha? —
Aquela voz rouca arrepiou os pelos do meu corpo.

Um tremor se alastrou como ondas.

Forcei-me a ignorar.

— Só querendo um pouco de paz — Optei pela sinceridade, ao abrir meus olhos e me deparar com as diversas nuances dos de Athos.

Desde o cinza que se transformava em azul, até o verde que seguia suavemente para o âmbar. Cada olho de uma cor, tudo tão hipnótico, como se não bastasse ele ser... ele.

— Alguém andou te perturbando? Basta me dizer
PERIGOSAS ACHERON

— Senti a ameaça na sua voz, mas ela não me assustou.

Sequer sobressaltei-me.

De uma forma bem estranha, a ciência de que Athos nunca me machucaria era predominante.

— Não, nada disso — Estendi minha mão, sem entender o motivo para precisar tocá-lo.

Pousei meus dedos no seu braço e ele olhou para o meu toque com uma atenção excruciante, tão penetrante e esmagadora que me vi retirando a mão com uma agilidade sem precedentes.

Seus lábios se entreabriram, logo que percebeu que eu me contraíra com o seu olhar.

Ele se aproximou, como fizera no seu estúdio. Sua altura me deixando intimidada ao mesmo tempo em que uma excitação maluca despontava no meu baixo ventre, ansiando por ser a sua presa da noite.

— Eu sei que não posso ficar com você, que somos de mundo diferentes, mas porra, o proibido nunca foi tão atraente e a atração nunca foi tão foda de ser combatida. Entende o perigo que *tá* correndo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em ficar sorrindo assim pra mim? Como se quisesse que eu lançasse tudo para o alto, para te mostrar que não sou bom apenas em desenhar? Não é uma *mina* burra e sabe tão bem quanto eu, que nós dois juntos é sinal de perigo na certa — Athos pegou uma mecha do meu cabelo entre as mãos e ficou enrolando-a entre os dedos.

Tatuados. Repletos de significados.

Meus fios em meio às suas cores nunca pareceram tão sem graça.

— Você que veio atrás de mim — Empinei meu queixo e deixei claro o que pensava.

A verdade.

— Eu vim, sabe por quê? — neguei com um esgar — Te procurei nesse maldito lugar porque assisti os cacos novamente, vi a forma como tentava disfarçar tudo e como saiu depressa quando percebeu que era simplesmente demais para você. Me sinto um demônio, caminhando no meio da multidão atrás da luz e, é como dizem, ser mau tem um preço, e o meu neste momento é saber que ficar com você, ou te seduzir, entenda como quiser, seria errado pra caralho.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se aproximou ainda mais e seu hálito quente tocou meus lábios, em uma carícia irresistível.

Peguei-me imaginando como seria seu beijo. Apostava que seria do tipo selvagem, que fazia as mulheres gritarem como loucas e se enroscarem no seu corpo em busca de alívio. Fazia sentido, se parasse para observar a sua forma felina de caminhar e aquele olhar que prometia noites insanas, sem qualquer julgamento depois.

Pousou suas mãos nos meus ombros e era como se um demônio sussurrasse para cair e não ansiar voltar atrás. Uma atitude impensada da minha parte, mas diante do sopro de ar fresco que ele me proporcionava, decidi que era melhor ser imprudente uma vez na vida do que morrer sendo casta demais.

Eu disse oi para o demônio e estendi minha mão.

Cortei o espaço que nos separava e pressionei minha boca na sua, ficando na ponta dos meus pés para alcançar os seus lábios. Meus dedos se prenderam na gola da sua camiseta, em busca de firmeza. O que não precisei fazer por muito tempo, já que quando o choque passou, suas mãos

desceram até a minha cintura e Athos me pressionou brutalmente contra a parede.

Senti seus músculos duros fazerem pressão em todas as partes.

O fogo me consumiu e eu não consegui enxergar cor nenhuma, perdida em meio ao beijo.

Sua língua lasciva passou por entre meus lábios e senti algo gelado tocar a minha. Percebi que era um piercing quando senti a temperatura fria em contraste com a alta. Eu gemi em meio ao toque diferente e a necessidade do seu beijo. Selvagem e possessivo. Suas mãos abandonaram a minha cintura e contornaram o meu rosto, me forçando a ceder mais e mais à sua exploração.

Esfreguei minhas pernas uma na outra, com a tensão que crescia e me tragava.

Gelado.

Com gosto de cerveja, mentolado.

Um gemido escapou dos seus pulmões e ele colocava tanta força para se grudar a mim, que imaginei que nos fundiríamos em determinado momento e colocaríamos aquela parede abaixo.

Sentia-me bem, muito, muito... bem.

Seus dentes arranharam meu lábio inferior e ele fez um movimento muito sexy de vai e vem, que deixou o beijo em uma categoria que eu nem sabia que existia.

Se beijos mereciam nota de zero a dez, o dele tinha escala até cem, com esse atingindo a nota máxima, sem dúvida.

Sugou minha língua e eu gemi ainda mais, sem me importar com as pessoas passando por nós, sem me importar com nada além da sua boca na minha, do seu cheiro em torno de mim e das suas mãos protetoras e exigentes traçando caminhos enlouquecedores pela minha pele. Seus dedos me pressionavam, não de uma forma dura demais, mas de uma forma extenuante, que me excitava e me lançava para o desconhecido.

Nossas línguas se colidiam com euforia e tanta imposição que eu me sentia derretendo diante de tudo.

O beijo foi se suavizando, com cadência, e seus dedos amenizaram a pressão aos poucos, até que eu já não os sentisse mais, em nenhuma parte de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

O vazio tomou conta do meu corpo inteiro, e foi como se eu estivesse oca diante dele, que se afastara e me olhava com o desejo pulsando e vibrando nas suas íris. Arfava, mas seus olhos permaneciam vidrados na minha boca, onde ele tinha acabado de me fazer ver estrelas.

Pareceu perturbado, com o pânico tomando conta do seu semblante.

Virou-se depressa e desapareceu no meio da multidão.

Fiquei alguns minutos ali, incapaz de mover meus pés, mexida com o que acabara de acontecer.

Quando por fim decidi voltar para a mesa, passei pela pista de dança e vi aquele colorido que agora me deixava tão preocupada, dançando com uma mulher, sexy como o inferno, em um gingado que os poderia muito bem levar a fazer sexo no meio de todo mundo.

Fechei meus punhos.

Os olhos multicolores de Athos me fitaram por sobre o ombro da morena e ele os desviou rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

O nosso beijo não tinha sido nada além de um impulso para ele e... não deveria passar do mesmo para mim.



— Papai e mamãe me ligaram, perguntando sobre você — comentou Theo, enquanto eu pescava uma batata repleta de cheddar, da porção à minha frente.

Bebi um gole da cerveja do Athos. Ele definitivamente não a beberia tão cedo, enquanto se matava de se esfregar em agora duas mulheres ao som de *Come as you are* do Nirvana.

Nunca imaginei que essa música pudesse soar tão repugnante na minha cabeça, mas agora ela, com certeza, soava. Bruno e meu irmão seguiram meu olhar, de maneira curiosa. Não dei importância para a questão que brilhava neles.

— O que disse a eles? — Tomei mais um gole, dessa vez sem prestar a atenção em nada.

A garrafa gelada na minha mão, me entorpecia.

— Que precisa de tempo e algumas babaquices.

Acredita que eles foram imperativos em dizerem que você *deve* voltar para casa? Isso mesmo, foram essas as palavras. “*Erika deve voltar para casa, Theo. Não admitimos que a influencie com esse seu comportamento marginal*”.

Bufei.

Isso soava muito como eles.

— Não sei como aguentei todo esse tempo.

— Também não tenho a menor ideia.

— Enfim, mandei-os se foderem. — meu irmão proferiu entre uma golada e outra, arrancando sorrisos meus e de Bruno.

— Posso ver você fazendo algo do tipo. Quando saiu de casa, os mandou tomarem sorvete no inferno.

— Sentados no colo de Satanás. Esqueceu do final da frase — Bebeu mais um gole da sua cerveja e pareceu orgulhoso.

Eu acenei em aprovação e passei o indicador no vidro gelado, lendo uma bobagem qualquer impressa no rótulo. Contornei o gargalo da garrafa

com o dedo, sem entender por que eu decidira mudar tudo justamente agora.

Aquela sensação de procurar por algo que eu não sabia ainda estava lá, pulsando em mim, mas diminuía a cada minuto. Muito estranha, de verdade, uma coisa muito estranha.

— Acho que vou trancar minha graduação — admiti, em um sussurro.

Meu irmão se engasgou com a cerveja à minha frente e porcaria, essa não era uma boa coisa vindo dele. O cara mais “faça o que quiser” que eu conhecia.

— Agora que eles vão me matar de verdade. Devem pensar que eu tô te obrigando a fazer tudo isso. Mas que se fodam, não é? E aí, por que essa ideia de trancar? Por causa do mauricinho do Ricardo ou tem algum outro motivo que nunca me contou?

Tinham vários motivos. Dentre eles estar cursando engenharia civil apenas porque meus pais julgavam como sendo o meu futuro brilhante desde que eu comecei a falar. Até gostava do curso, mas não o amava, nem sabia se teria escolhido essa

PERIGOSAS ACHERON

profissão para mim, caso tivesse a opção de cursar outra coisa desde o princípio.

Agora, de fora da bolha de coação dos Albuquerque, percebia a quantidade de coisas das quais me privara por puro medo de desapontá-los. Via tudo de uma perspectiva diferente e gostava dessa nova eu, com essas novas resoluções.

— Eu não sei se quero seguir adiante com isso, entende?

— Devia pintar. Sempre amou pintar e seus quadros são maravilhosos. Cheios de cores e vida.

O que Theo não sabia é que eu só reproduzia o meu olhar do mundo.

— Quem sabe — Dei de ombros — O fato é que eu não sei o que fazer.

— O *Insanos* tá precisando de uma garçonete...
— Proferiu Bruno.

Levantei meu olhar depressa para encontrar o dele, amoroso e encorajador.

— Garçonete? — Conseguia sentir a descrença na voz do meu irmão.

— E qual o problema, cara? Acho que para Erika se desprender dos seus pais de vez, o primeiro passo que tem que dar é se manter por conta própria.

Ele tinha toda a razão.

Meus olhos se arregalaram ao perceber que sim, eu precisava sair das asas de sufocamento da minha família o quanto antes possível.

— É isso que preciso!

Ele olhou para o meu irmão, como se emanasse o “eu te avisei”.

Theo apenas me fitou, recriminador, mas logo a sua feição suavizou-se, ao perceber que eu estava determinada a recomeçar de uma forma diferente e disposta a mandar a dependência para o seu lugar de direito.

— Se acha que é o melhor, maninha, estou aqui pro que der e vier.

Meu irmão era professor de história no ensino médio, uma profissão nada agradável aos olhos dos nossos pais e foi por essa sua determinação de seguir as suas vontades e de impor limites ao

PERIGOSAS ACHERON

controle que eles queriam exercer, que eu o admirava mais a cada dia.

— Obrigada.

— Só se prepare para o inferno que vai ser quando os Albuquerque souberem que a filhinha de ouro está trabalhando de garçonete. Mal posso esperar pra ver isso! Será fenomenal! — A empolgação com a qual terminou a fala foi contagiante.

— Vai rolar faíscas para todos os lados — sussurrou Bruno.

Meu irmão olhou para ele misteriosamente e a curiosidade despontou em mim, mas decidi mandá-la para longe. Bruno não deixava de ter razão.

Ficamos quietos por minutos, bebendo relaxados, até que Athos deslizasse para o meu lado.

Não falei com ele, sequer olhei na sua direção.

Não daria esse gosto.

Ele chamou a garçonete assim que percebeu que eu bebi toda a sua cerveja. Pediu duas, que instantes depois apareceram na nossa frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esperei que abrisse a minha e voltei a beber, ignorando sua figura ilustre a centímetros de mim.

Ignorei tanto que em certo ponto, todos se cansaram do jogo idiota entre mim e ele e decidiram ir embora.

De volta, no carro que pedimos pelo aplicativo, nós quatro não dissemos uma palavra sequer.

PERIGOSAS ACHERON

13



Athos

O carro parou na frente de onde eles estavam morando e eu optei por descer também. Eram apenas quinze minutos de caminhada até em casa. E... bem, eu cagara em tudo, sabia muito bem disso. E não, não estava nada contente com a minha burrada. O foda foi que depois daquele beijo, eu senti uma coisa que eu não queria sentir, algo que eu não conseguia conter.

E essa merda me assustou. *Me* assustou tanto que eu me descontrolei e fiz justamente o que não deveria fazer.

Desci e nenhum de nós parecia confortável.

Eu e Erika, tensos pelo que acontecera. E Bruno e Theo, receosos por eu saber do segredo deles.

Como se eu fosse contar para alguém.

Não era esse cara.

— Preciso trabalhar amanhã, sabem como é. Vou entrar. — Theo se despediu de mim com um aceno.

Estendi o cumprimento.

Bruno o seguiu rapidamente, sem se dar ao trabalho de dizer nada. Ambos sabíamos que não demoraria muito a ele aparecer no estúdio, se passasse um dia longe já seria um tremendo de um milagre.

Erika por outro lado, permaneceu no mesmo lugar, na calçada, presa sob seus pés. Sua cabeça estava baixa e ela não parecia disposta a nada, nem mesmo a abrir a boca e dizer “*Valeu, foi bacana, mas você é um babaca, então se afaste de mim*”.

Coloquei as mãos nos bolsos e me sentei em uma mureta que ficava na frente da casa, um canteiro de flores que nunca tinha flores. Esperava que ela dissesse a primeira coisa, com a consciência gritando que era *eu* quem deveria abrir a boca.

Precisava me desculpar pela forma com a qual agi, por beijá-la e me sentir tão maluco a ponto de ansiar por provar para mim mesmo que nada daquilo estava acontecendo.

Não entendia sequer um terço daquela necessidade e isso me apavorava.

— Foi mal, Patricinha. Pelo que fiz e tudo o mais. — Tomei coragem para dizer.

Meu corpo inteiro ficou tenso, esperando pela sua resposta.

Ela me olhou e um arrepio desgostoso percorreu todo o caminho, dos meus pés, até a minha garganta, deixando um sabor amargo na boca e uma sensação de ausência no estômago.

— Por qual das coisas está pedindo desculpas, Athos? — Merda, meu nome na sua boca foi surreal e me fez arder. Lancei essa coisa doida para o submundo — Por me beijar do nada ou por depois se agarrar a duas mulheres, com a clara intenção de me provocar? Se acha que sou estúpida, basta dizer. Soube que aquele beijo não significou nada quando o quebramos, não precisava parecer um idiota se acasalando no meio de uma pista de PERIGOSAS ACHERON

dança lotada.

Ai!

Fiz uma careta com esse soco invisível.

Ela estava correta em tudo o que disse, mas como eu explicaria que nem sabia ao certo o que se apoderara de mim e me impeliu a fazer aquilo?

— Pelos dois? — perguntei, respondendo duvidoso.

Cara, que foda falar com uma mulher quando ela me encarava com aquele olhar assassino. Parecia que nenhuma resposta seria a certa.

Poderia muito bem morrer ali, no meio da calçada, na rua Do Perdão, sem deixar de ignorar a ironia nessa porcaria.

“Assassinado na Rua Do Perdão, homem de 25 anos é encontrado morto na manhã de sábado. A polícia tem fortes suspeitas de que o motivo para o ocorrido seja... ciúmes.”

Ciúmes.

Estreitei meu olhar para a mulher próxima a mim e desvendi pelo menos uma parte do que *ela não*
PERIGOSAS ACHERON

estava dizendo.

— Claro que não pelos dois! — Levantou as mãos frustrada.

Patricinha era muito calma, e ver sua explosão repentina me deixou em um território desconhecido. Precisava voltar para o neutro, precisava me manter na linha de segurança.

— *Tá* com ciúmes, não é? Só posso acreditar nisso — murmurei, convencido.

Erika me fitou como se pudesse me matar a qualquer instante. Se ela tivesse um tijolo ao seu lado, com certeza o teria lançado direto na minha cabeça sem o menor remorso.

— De você? Nunca, Athos.

— Nunca, é? Claro, posso fingir que acredito nisso. O foda, Patricinha, é que nem você mesma acredita no que acabou de dizer. — Levantei-me e caminhei até ela, parando a meros milímetros do seu corpo. Ela não ergueu a cabeça para me fitar nos olhos, mas notei que seu corpo tremia com a minha proximidade — Gostou do beijo tanto quanto eu e ficou puta quando não me deixei afetar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acabara de ganhar um troféu por ser tão mentiroso. Sério. De onde eu tirara essa porcaria de que não me deixei afetar?

Se ela prestasse a atenção em todos os sinais que meu corpo deixava evidentes, entenderia que eu cheguei muito, realmente muito perto de perder completamente a cabeça naquele momento.

Bati o piercing no céu da boca, incomodado com tudo.

Sua respiração saiu entrecortada.

Não me movi um centímetro sequer.

— Está louco. — disse e virou-se.

Abriu o portão depressa e entrou na casa.

Eu fiquei perdido, na calçada, sem saber ao certo o que acabara de acontecer. Optei por não pensar muito nisso quando forcei minhas pernas a se moverem em direção do meu apartamento. Não que ele fosse o melhor lugar do mundo para não pensar nela, visto que sua imagem nos cômodos ainda estava vívida na minha mente, entretanto, eu tinha que fazer alguma coisa. Ocupar minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

Se eu não pudesse ficar no meu próprio canto, onde ficaria?

Abri a porta desnorteado, olhando para a minha estante, minha tevê e me sentindo sem ânimo para fazer nada.

Tomei um banho e vesti uma boxer, procurando algo para comer na geladeira e falhando miseravelmente em esquecer a forma intensa com a qual ela me olhava.

Tinha um mistério ali.

Um mistério de verdade.

Ele era tão forte que me impulsionava e me levava até ela, afoito para colocar as cartas na mesa, como se ela precisasse de mim, na mesma proporção a qual eu ansiava por ela.

Peguei meu bloco para desenho e me sentei em uma das poltronas. Liguei o som e *The Doors* vibrou e bateu nas paredes, suas palavras ricocheteando em todos os cantos da minha solidão.

Comecei os primeiros traços e a cada deslizar da minha mão, o queixo, as marcas embaixo dos seus olhos, o volume da boca, se formavam. Suas

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelhas perfeitamente arqueadas me fascinaram, seu olhar perdido e cheio de intensidade me fez prender a respiração. Suspirei antes de desenhar o perfil reto e delicado do seu nariz, assim como seus cílios volumosos e longos, que sombreavam a bochecha quando ela os abria e pareciam uma cortina de ingenuidade quando ela fechava os olhos.

A bagunça de cachos não ficou de fora do meu olhar atento e da minha capacidade de reproduzir o mundo que eu via. Eles despontavam em todas as direções e pareciam se rebelar contra a tristeza estampada no rosto da mulher.

Não me controlei, e nas íris detalhadas, o lápis correu, com as rachaduras se tornando indissolúveis. Um caco despencou do canto do olho esquerdo, como se ela inteira estivesse desabando. Era a sensação que eu tinha sempre que olhava para ela, que desmoronaria a qualquer segundo.

O retrato não poderia ser mais verdadeiro.

Balancei meu lápis tipo 2B, girando-o entre meus dedos, admirando a mulher nas minhas mãos.

Suspirei resignado e olhei minhas mensagens, em
PERIGOSAS ACHERON

busca de alguns clientes que eu tinha marcado para a próxima semana e ainda não havia esboçado seus desenhos. Descartei um a um por ordem de não me sentir inspirado para fazê-los no momento. Alguns eram fáceis demais e eu me vi ansiando por um desafio, que me fizesse espairar.

Abri a conversa com ela. E nossas palavras simples e diretas me deixaram uma sensação horrível. A foto que ela usava, era de longe, em meio aos girassóis. Conhecia aquele lugar, tinha ido lá uma vez. Não ficava muito longe da cidade de Amorosa. Era uma plantação linda, cheia de cor e vida.

Ela combinava com tudo.

Desde o amarelo vívido até os raios solares refletindo-se nos seus cachos.

Estava de costas, com os braços abertos e eu apostava que devia sorrir muito no momento, feliz e repleta de sensações boas.

Seu status aparecia como online para mim e me contive ao máximo para não mandar nada, mas eu era um otário masoquista acima de tudo. E, que se fodesse, por que seria ruim? Tínhamos saído juntos,

PERIGOSAS ACHERON

como amigos, e amigos podiam mandar mensagens.

Mudei seu contato de Erika (Theo), para Patricinha.

Que bosta. Que merda eu estava fazendo?

Algumas gatas me chamaram para sair qualquer dia, e eu visualizei, mas não me senti tentado a responder de imediato. Parecia perda de tempo.

***Eu:** Ei, esse campo de girassóis é lindo.*

Não resisti e mandei.

Depositei meu caderno de desenho em cima do balcão atrás de mim e aguardei a sua resposta. Patricinha visualizara, mas demorou vários minutos para que sua resposta chegasse.

***Patricinha:** Para com isso. Não adianta ficar arrependido agora. Manda uma mensagem para os seus contatos, e vê se me deixa dormir.*

Ri amargamente.

Não estava nada tentado a fazer o que ela disse.

***Eu:** E a treta com seus pais?*

Comprovou-se, eu era uma merda para puxar assunto.

Na moral.

***Patricinha:** Vou falar com eles amanhã. Depois vou no Insanos para ver se dão uma chance para uma pessoa que nunca chegou perto de carregar uma bandeja na vida.*

***Eu:** Ninguém nasce sabendo.*

***Patricinha:** Tem razão.*

***Eu:** Não quis me desculpar pelo beijo, tá ligada, né? Eu sei lá, me aproximei e te vi tão perdida... A única coisa que me veio na mente é que eu queria muito beijar você. Foi o que fiz. O que veio depois*

foi uma merda, eu sei, mas porra, você me deixa confuso.

Patricinha: *Todos estamos confusos em algum ponto da vida.*

Eu: *Dessa vez, sou eu quem tenho que dizer: tem razão.*

Patricinha: *Eles ficarão malucos. Sempre acharam que tinham controle sobre mim, já que Theo chutou o balde e os mandou à merda. Se acham no topo do mundo e eu me sinto uma moeda de troca entre famílias buscando alianças. É medonho.*

Eu: *Dê um basta nisso, coragem sei que tem.*

Patricinha: *Duvido de mim mesma na maior parte do tempo.*

Eu: *Esse é o seu erro. Se sua confiança for maior do que seu receio, nada será capaz de te parar. Nada.*

Patricinha: *Nada é capaz de parar você, Athos?*

Sua mensagem me pegou desprevenido e precisei

de um tempo para encontrar as palavras certas para responder.

***Eu:** Não quando tenho certeza do que quero.*

Nada seria capaz de me parar diante da possibilidade de tê-la. Foi a frase que veio na minha cabeça, entretanto, era idiotice. Nada nessa porra passava perto da verdade. Não porque Erika me fascinava apenas por ser diferente, algo novo na minha vida e totalmente fora do meu alcance, era outra coisa... uma maior e incapaz de ser contida.

***Patricinha:** Queria ser assim.*

***Eu:** Você é.*

***Patricinha:** Obrigada.*

***Eu:** Vou cobrar como tela. O que acha de ser minha tela na próxima exposição? Tô bolando um trampo bem bacana e não queria postar nada falando sobre, buscando alguém disposto a tatuar. Tá a fim?"*

Mordi o lápis, aguardando a sua mensagem.

Patricinha: *Nunca tatuei nada. E se doer demais e eu não aguentar?*

Eu: *A dor é gostosa.*

Não pensei enquanto digitava isso e mandava para ela. Porra! Teria minhas bolas chutadas e mereceria! Entretanto, nem tinha sido no sentido malicioso, fora maior que eu e totalmente por impulso. Fiquei tentado a apagar antes que ela visse, mas assim que caí em mim percebi que ela já estava digitando uma resposta.

Patricinha: Acho que já ouvi isso antes.

Seu senso de humor arrancou um sorriso meu.

Eu: *Não sei se quero saber a ocasião quando*

ouviu.

A barreira estava sendo ultrapassada. E puta merda, eu queria ultrapassá-la.

Patricinha: *Está desenhando?*

Eu: *Estava... Dei uma parada, acho que depois de beber algumas cervejas, não seja o melhor momento pra me dedicar a um trampo.*

Patricinha: *Acha?*

Seu sarcasmo me deixou atordado.

Eu: *Acho... Meus melhores tramos vêm depois de uma lata de cerveja. Não me julgue!*

Patricinha: *Acredito totalmente nisso. Você é esse tipo de cara, sabe? Que vai de contramão a tudo o que as pessoas acreditam. Talvez por isso seja...*

Eu: *Seja?*

Não gostei nada da interrupção brusca que ela dera na própria mensagem.

***Patricinha:** Nada, esquece. Vou descansar e me preparar para enfrentar as feras amanhã. Boa-noite, Athos.*

***Eu:** Por que sempre faz isso, patricinha? Me deixa sem saber o que pensar? Diz coisas sem sentido e não tenta ao menos me explicar. Cacete, tá me deixando louco!*

***Patricinha:** Porque às vezes nem eu me entendo, Athos.*

E essa foi a última mensagem que recebi dela.

Respondi as *minas* que tentavam falar comigo e dispensei a maioria de forma educada. Fiquei conversando com uma que eu conhecera no *Insanos* e que era bem legal, na verdade. Não tinha nenhum mistério, nem aquela vontade esmagadora de retratá-la nos meus desenhos, mas poderia ser interessante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Deitei-me na cama nessa noite e cruzei meus braços atrás da cabeça, sem saber por que me sentia tão travado.

Sem saber por que me sentia tão... cego.

PERIGOSAS ACHERON



Frika

Parei na frente da enorme casa em um bairro nobre de Santa Clara e respirei fundo, inalando o frescor da grama recém-cortada, do jardim que a rodeava, bem cuidado e com uma seleção de flores lindas; sentindo uma falta imensa dali, mesmo que diante de tudo, o que eu mais quisesse fosse ir embora.

Antecipei-me ao caminho de cascalho que cortava o jardim até a porta principal, com meu coração batendo na garganta e ansiando por explodir meu tórax com a sua força. Sentia-me ansiosa, irritadiça e medrosa. Três sensações conflituosas em um mesmo corpo.

Abri a porta com a minha chave e entrei.

A sala estava vazia e exatamente do jeito que eu me lembrava. Um enorme sofá preto se apoiava a uma das paredes laterais, em frente a enorme tela plana. O tapete cheio de desenhos rebuscados em cores fortes, muito fortes, importado direto da Índia, deixava claro para mim que nada mudaria ali. Desde a decoração, até as ações das pessoas que se intitulavam meus pais.

Ouvi os dois discutindo no andar de cima e pisei no primeiro degrau silenciosamente, não querendo interrompê-los.

Primeiro ouvi uns gritos de desespero, em seguida veio a primeira frase.

— Erika está fora de controle, Olívia... Deus! E agora? Primeiro Theo falou aquele monte de babaquice para nós, agora a nossa filha decide sair de casa, abandonar o emprego na construtora da família e sabe se lá o que pretende fazer. Eu perdoei todo o rancor que construiu, sabe tão bem quanto eu e odeio jogar isso na sua cara, mas não vejo como poderia ser diferente. Não a deixe se afastar da gente! Eu não vou aceitar! — Meu pai

parecia irado. — A culpa foi sua por tratá-la tão mal, e não vou mais fechar os olhos para isso. Não vou!

Já o tinha visto irritado muitas vezes e na maiores delas era sempre com a minha mãe, mas algo me dizia que agora a coisa era muito mais séria. Seu tom de voz era de alguém perturbado e disposto a fazer qualquer coisa.

— Sua... — a voz saiu mais baixa e não consegui ouvir — não é minha responsabilidade. A mimou demais, sempre te avisei do que poderia acontecer — mais alguns sussurros que não consegui distinguir.

Eu fechei meus olhos, sentindo-me incomodada com o alvoroço de cores que me atingia conforme meus sentimentos entravam mais e mais fundo em direção ao caos. Era como se eu estivesse vivendo em um pesadelo, onde havia uma névoa tão fina que me separava da realidade, que depois de um tempo, ela decidira ruir.

A névoa da hipocrisia e ignorância em casa estava despencando como nunca imaginei que aconteceria.

Seria um desastre.

Se é que podíamos chamar quatro pessoas que se aturavam assim.

Claro que eu e Theo nunca deixamos de nos amar, com aquele carinho fraternal imenso que há em nós, mas nossos pais... esses já eram um caso completamente diferente.

— Não colocamos. Nunca colocaremos enquanto você não se esforçar. A chantagem pode simplesmente... — Novamente, o tom foi baixo.

Irritei-me por perceber que havia algo mais que eles não contavam e que se esforçavam para esconder a qualquer custo.

— Como assim? — a voz sussurrada da minha mãe deixou claro que ela estava perdendo a força na discussão.

Espantava-me que não tivesse feito antes. Meu pai e ela eram um tanto... resilientes.

— Eu já disse que não aguento mais! Que se foda tudo o que pensa! Simplesmente estou saturado, Olívia!

— Eu aturei as suas merdas, eu aturei e olhei para ela todos os dias! Como tem a coragem de me dizer quem eu devo ou não receber? Além do mais, sabe que ele foi embora por causa de você, de tudo o que causou...

— Por causa de mim? Ou da decepção? Sinceramente, nem eu acredito mais nas suas loucuras.

— Senhora? — Uma das empregadas chamou a minha atenção justamente quando eu estava prestes a entender de quem minha mãe falava.

Havia muito mais segredos naquela casa do que eu iria querer descobrir. Mas por quê? Por que tanta mentira e maus tratos? Certamente havia um sinal que eu estava deixando passar batido. Quando os dois estavam em casa, a tensão entre eles era palpável, tão sobrenatural que o sabor estranho de mistério polvilhava a minha língua.

— Sim? — Forcei-me a dizer.

Tinha acabado de ser pega ouvindo a discussão dos meus pais. Isso não era nada saudável.

— Seus pais me pediram para avisá-los quando

chegasse. Pode por gentileza se sentar no sofá? — Pediu de forma polida e eu franzi minhas sobrancelhas.

Tinha dado no pé, mas morara naquela casa há não muitos dias. A chave ainda estava comigo. Então, qual o motivo para ela me tratar daquela forma?

A não ser que soubesse muito mais do que qualquer outra pessoa.

Quando se ficava andando entre os corredores, limpando a sujeira de um bando de ricos insuportáveis, que não a tratavam muito bem, era bem provável que guardasse todos os seus truques na manga, caso precisasse usá-los.

— Claro. Eu iria chamá-los, mas parecem estar... *hmmm...* fora de si. — Testei as melhores palavras para não dar na cara que ficara ouvindo por vontade própria.

Sentei-me no sofá e esperei, enquanto ela subia os degraus e logo depois andava pelo corredor superior. O barulho de uma porta batendo se fez ouvir, o insulto que minha mãe direcionou para a mulher também foi claro.

— O que você quer, sua estúpida? Não está vendo que estamos em uma situação particular aqui? — Arrepiei-me com o desprezo na sua voz.

Ela sempre tinha sido assim. Tratava todos como lixo, menos as suas amigas ricas e da alta sociedade. Odiava a forma como ninguém se sentia bem próximo a ela, principalmente seus filhos. Suas agressões eram comuns, quando bebia vinho e se embriagava, triplicavam.

Theo apanhara por mim muitas vezes seguidas e na maioria delas ele não chorava. Nem sequer uma lágrima. Podia sair com o olho roxo, hematomas por todo o corpo, mas nunca, em nenhum momento, as lágrimas desciam pela sua face. Era como se ela quisesse descontar em nós dois alguma coisa pela qual havia passado. A sua primeira escolha sempre era eu, mas meu irmão jamais deixou que eu suportasse sozinha e exatamente por este motivo nós dois éramos tão ligados.

Quando ele saiu de casa, senti como se estivesse me abandonando. Como se fosse me deixar em meio ao pavor que dominava minha vida.

Foi então que eu criei coragem para enfrentá-la e

ela nunca mais foi capaz de levantar as mãos para mim. Sabia que eu já não era mais uma boba que chorava pelos cantos e Olívia tinha ciência, que se eu contasse para o meu pai, a mais prejudicada seria ela.

Olhei em volta, absorvendo meu lar.

Não, não era meu lar, era uma construção que eu chamava de casa, entretanto, uma construção que guardava tanta mágoa que a qualquer momento seria capaz de explodir sua contenção.

— É que... — A voz da empregada parecia receosa, não por falta de motivos — Erika está esperando vocês na sala.

— Graças a Deus! — Essa era a voz do meu pai e ele aparentava estar aliviado com a notícia.

Pena que esse alívio não fosse durar tanto.

Ouvi seus passos apressados massacrarem os degraus da escada e depois de segundos a sua figura moderna e imponente retumbou pelas paredes da sala.

Papai estava transtornado. Com olheiras e alguns quilos mais magro. Ele era alto, com os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

negros, as pontas ligeiramente esverdeadas em meio ao preto e olhos mais escuros ainda. Alguns fios coloridos, leia-se branco, visto que eu raramente via a cor branca pura, lhe davam um charme, transformando-o em um coroa que as minhas amigas adoravam admirar.

Caminhou depressa até mim no sofá e me puxou pelas mãos, a fim de me abraçar. Era um homem que amava os filhos, porém, em alguns momentos, eu não tinha tanta certeza disso.

Não como William parecia nos amar. William e Heitor. Os gêmeos Albuquerque idênticos. Eles eram muito parecidos por fora, mas a semelhança parava aí, a forma como agiam ou tratavam as pessoas, não poderia ser mais diferente.

Will era doce, um homem cheio de sonhos, respeitável e educado ao extremo. Enquanto papai, bem, ele era bom do jeito dele, desde que ninguém provocasse seu pior lado.

— A filha volta a casa! — A voz sarcástica da minha mãe fez com que uma onda de choque me atingisse.

Livre-me dos braços do meu pai à minha volta e

PERIGOSAS ACHERON

fitei-a, sentindo todo o seu ressentimento sendo direcionado a mim.

O que eu tinha feito para ela, não fazia a menor ideia.

— Pare com isso, Erika não tem nada a ver com seus erros.

— Não com os meus, com os seus, Heitor.

Ouvi meu pai trincar os dentes de nervoso e logo depois tentar aliviar o clima.

— Já desistiu dessa aventura sem cabimento, Erika? Precisa voltar para casa. Aqui é seu lar, não onde seu irmão está.

Se ele soubesse...

— Odeio ter que concordar com seu pai, mas ele está certo. — A voz da minha mãe indicava sarcasmo.

O motivo? Não sabia, nem queria saber.

Contemplei-a, sua elegância com um vestido em tons de vermelho colado ao seu corpo. O coque alto e perfeitamente arrumado, com seu cabelo liso e loiro parecendo fios de ouro. Tinha várias nuances

de laranja até que chegasse ao amarelo da raiz. Ela era uma mulher linda, com traços bem desenhados, nariz fino e boca carnuda. Cuidava muito bem do corpo, vivia fazendo dieta se engordava um quilo sequer. Nunca conhecera alguém mais vaidosa. No entanto, suas atitudes impensadas e totalmente preconceituosas eram conhecidas na cidade inteira.

A talentosíssima e renomada arquiteta Olívia Albuquerque.

Não fazia muitos anos que ela se formara, me lembrava de ela ter se formado quando eu tinha uns... dezesseis anos? Não sabia ao certo a idade que eu tinha, mas enfim, seu nome só subira devido ao sobrenome.

— Não vou voltar. Vim para conversar com vocês e dizer que preciso viver a minha vida. Na segunda-feira irei até a faculdade e irei trancar a minha matrícula. Não posso mais trabalhar na construtora. Estou me sentindo claustrofóbica e precisando seguir com meus próprios passos antes que enlouqueça. Já devem ter percebido, diante do meu sumiço nesses últimos dias.

Meu pai fechou o semblante assim que as

palavras perfuraram a sua mente.

Foi nítida a sua mudança de pai zeloso para pai furioso.

— Garota mimada! Sua mãe sempre teve razão, nós te demos muita liberdade, Erika! — Ele segurou com força no meu braço e eu o sacudi, me desvencilhando.

Dava para sentir a amargura na sua voz como se ele tivesse acabado de me acertar um tapa. Ao olhar para a minha mãe, notava como ela admirava a situação, com um semblante de satisfação que me causava nojo.

— Qual o problema de vocês? Por que não me deixam viver a minha vida? Querem que eu fique aqui, sendo o troféu de vocês, que eu me humilhe diante das pessoas e que faça relações de troca de favores? Que tipo de pessoas são? — indaguei, revoltada.

Ambos não se alteraram.

— Seu noivo não vai gostar disso.

— ELE NÃO É MEU NOIVO, MÃE! — Perdi a paciência — Ele nunca foi meu noivo e nunca vai
PERIGOSAS ACHERON

ser! Sabe por quê? Seu querido genro, amado por vocês dois e exaltado, elevado ao altar do bom afeto *albuquerqueiano*, estava me traindo, fodendo alguma outra mulher enquanto vinha na cara de pau e dormia debaixo do teto de vocês! — Quando terminei de falar, meu peito subia e descia fora de ritmo.

Sentia-me esmagada por quem deveria me apoiar.

Talvez eu não fosse diferente de todas as pessoas no mundo para eles.

— Essas coisas acontecem — ela fez um sinal de descaso e eu abri a boca em choque.

— Não para mim. Não quero isso pra mim. — sussurrei, revoltada.

— Sua mãe tem razão, Erika. O que você fez para ele procurar outra mulher? Não tenha medo de conversar conosco — Meu pai falou como se fosse a coisa mais natural do mundo e senti uma pontada de dor ao ouvir as suas palavras.

Ela nasceu bem no meio do meu peito e migrou para os meus pulmões, me deixando sem ar, sem

capacidade de rebater aquilo com uma fala inteligente.

— Só podem ser loucos... O que eu fiz? EU? Puta merda, bem que o Theo me disse!

— Olha o linguajar sua menina egoísta! Nós estamos tentando te ajudar e colocar juízo nessa sua cabeça estúpida! Volte já para casa e não, essa não é uma opção! — Rosnou minha mãe.

O frio, gerado pelo medo do seu tom de voz, revirou meu estômago.

— Não voltarei coisa nenhuma. Vim apenas pegar algumas roupas e preciso de espaço. Não ousem me procurar — Soltei no mesmo tom de voz que eles usavam comigo.

Estava cansada de todas as manipulações e ainda mais cansada da sensação de ser um meio para os seus fins.

— Nada disso! Irá até o apartamento daquele menino de coração maravilhoso e implorará para ele te aceitar de volta. — Cruzou os braços, como se isso me fizesse obedecer a sua fala.

Soltei um som estranho de indignação.

— Nunca. Não quero mais contato nenhum com Ricardo.

— Sabe do que a família dele é dona, garota? — Dessa vez foi ela quem se aproximou do meu braço, cravando suas unhas bem feitas na minha pele — Não pode fazer isso com a gente, não pode dar adeus a uma parceria de anos por puro capricho e desejo de uma garota que teve tudo na vida. — Havia algo escondido na sua fala, entretanto, não consegui enxergar o que era.

Travei uma batalha de olhares com ela, até que senti seu aperto no meu braço diminuir.

— Quer ir, Erika? Tudo bem, não me oponho. Mas devolva todos os seus cartões, inclusive os de débito. Deixe seu Jeep aqui, nada de carros de meninas ricas, não é? Já que quer se virar, não te prenderei, mas também não apoio. Saia como seu irmão, com as suas roupas e o dinheiro que tem no bolso. Quando precisar voltar, quero que peça desculpas e abaixe a cabeça, fazendo o que nós mandarmos. É sua escolha, saia por aquela porta e tenha que se humilhar para voltar, ou fique aqui e desfrute de tudo o que o dinheiro pode comprar. É imprescindível também que eu deixe claro que não

PERIGOSAS ACHERON

há noivado desfeito. Você vai se casar com quem nós mandarmos, sem direito a negativas. — disse ele, em um tom de brincadeira.

Não, não era brincadeira.

Percebi quando nem mesmo uma sombra de sorriso espreitou seus lábios.

— São horríveis — Proferi.

Como meu pai tinha se transformado nessa pessoa fria?

Lembrava-me dele na minha infância, e não chegava perto de ser tão ignorante como estava sendo agora.

Autoritário.

Dono da verdade.

Sentia-me em torno de grades, esperando que o festival de circo começasse e eu fosse apresentada ao público como a nova atração da gaiola da morte. Os Albuquerque eram um circo de horrores.

— Tem as suas opções. Como vamos fazer isso, filha? Do jeito fácil ou difícil? — Notei no seu olhar que ele ainda tinha esperança que eu

desistisse desse absurdo.

Nunca enxerguei meu pai com tanta escuridão a sua volta, como enxergava agora.

Causava-me repulsa e me fazia questionar todos os anos que morei nessa casa, me fez indagar se eu realmente sabia o que acontecia entre essas paredes.

Abri a minha bolsa, agradecendo a Deus por ter sacado algum dinheiro. Não muito, mas que daria para me virar até conseguir um emprego, fora o cartão da minha conta salário da construtora. Deixei meus cartões de crédito na palma da sua mão, os de débito, vinculados a sua conta e o da minha poupança que tinham feito. Depositei sentindo uma raiva descomunal das pessoas com as quais eu mais me importava na vida além do meu irmão.

Pelo visto, só eu me importava de verdade.

— Pronto. Se isso me deixar livre de vocês, não me importo. — Retirei a chave do meu Jeep Renegade, abandonando-a também.

Não senti qualquer dor com isso.

O alívio era o sentimento mais presente.

Suspirei e virei-me, indo em direção à escada.

— Onde pensa que vai? — falou Olívia.

— Pegar algumas roupas.

— Não ouviu o que o seu pai disse? Para sair com apenas as roupas do corpo?

Travei em um dos degraus, incapaz de acreditar que estava ouvindo uma coisa dessas.

— Deixe, Olívia. Deixe que ela leve algumas peças. No fim, ela voltará para esta casa, de qualquer forma.

Percebi neste instante que eles nunca foram quem eu pensei que fossem, mas tudo bem, eu me viraria dali para frente. Não estava sozinha, tinha Theo. Ele deixara claro que me apoiaria em qualquer decisão e eu acreditei nele com cada grama do meu ser.

Theo nunca mentia.

Theo nunca me escondera nada.

Entrei no meu quarto, peguei uma mala no meu

closet e coloquei as roupas que eu mais usava, alguns sapatos e descí.

Meus pais ainda estavam na sala, como se esperassem que eu desistisse a qualquer momento. Espantava-me que eles não tivessem surtado de vez e me prendido no meu quarto. Do jeito que eram, me tratando como se eu ainda fosse menor de idade, não duvidava de que fossem capazes.

— Não farei a proposta de novo, Erika.

— Poupe-se do trabalho. — resmunguei.

Saí de casa, arrastando minha mala preta, torcendo para meu futuro ser melhor do que o meu presente.

Peguei meu celular na bolsa e disquei o número do meu irmão. Ele atendeu no primeiro toque.

— Me espera no próximo quarteirão. Te pego em quinze minutos. — Foi o que ele disse.

Podia contar com Theodoro. Eu sempre podia contar com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

15



— Erika foi sábado no *Insanos* e conseguiu o emprego, sabia?

rosnei em resposta.

Uma das clientes tinha furado e eu *tava* com uma janela de duas horas na minha agenda. Com Bruno ali, disposto a tornar nossa conversa o mais chata possível, preferia que chutassem meu saco.

E bom, meus planos de ir para o lugar a noite, tinham ido por água abaixo. Sem problemas, conseguia lidar com essa porra, claro que sim.

— Imaginei. O *Caveira* é um cara de boa.

Caveira é o dono do lugar e não era segredo para ninguém que o cara era maneiro. Às vezes ele se sentava com a gente, batia um papo e foda-se, era isso. Nada também muito puxa-saco, apenas uma conversa normal.

— Acho que ele gostou dela — A fala do meu amigo foi o suficiente para que eu levantasse a cabeça em um rompante.

Caveira

Tinha

Gostado

Da

Patricinha?

As palavras viajaram desconexas na minha cabeça. Não achava que essa poderia ser uma verdade, se bem que... Erika seria capaz de conquistar qualquer um com o seu jeito alheio a admirações.

— Duvido. — murmurei.

Sendo que não duvidava de nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Ela é bacana. Uma mulher com um papo bom. Passo todas as noites desde que ela se mudou, conversando com ela. Têm uns assuntos artísticos interessantes, fala sobre tudo e com uma perspectiva diferente da gente, sabe? Simpatizo com ela. — Bruno finalizou a sua fala e pegou uma das minhas revistas... de novo.

Suspirei, resignado.

Não sabia como ele não cansava dessa merda.

— Larga essa porcaria aí. — falei, entredentes.

Ele rapidamente fez o que pedi.

— Foi mal. Não pensei que ficaria tão *puto* em saber que o Caveira gostou dela também.

— Também? — Bruno pescou minha total atenção.

— Além de mim, não foi o que eu disse antes? Ou estava pensando em outra pessoa, talvez... você? — Ele deu uma pausa dramática na fala e me fitou, como se desnudasse todos os meus debates internos.

— Eu. Com certeza, eu — ironizei.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que prefiro ficar quieto a essa altura. — comentou e levantou-se. — Compreendo números muito melhor do que pessoas.

Bruno é professor de matemática e nunca conheci alguém que amasse os números tanto quanto ele e... porra. Dá aula na mesma escola que Theo. Olhei para ele, como se entendesse completamente o motivo para esconderem o relacionamento. Que barra tensa pra caralho. Achei melhor nem expressar minhas descobertas.

De repente, a verdade ficou mais clara do que seus olhos.

— Mais tarde no *Insanos*? — Dei para trás e indaguei.

Se Patricinha estava trabalhando lá, nem fodendo que eu não colaria no lugar. Minha falta de vontade se tornara total empolgação diante da possibilidade de tentar barrar os avanços de alguém sobre ela.

— Pensei que não quisesse ir. — Ele arqueou uma das sobrancelhas e eu ignorei.

— Pessoas mudam de ideia.

— O tempo todo — Complementou ele. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso corrigir uns trabalhos, a gente se encontra mais tarde por lá.

Deu as costas e saiu do estúdio.

Eros colocou a cabeça para fora e eu revirei meus olhos. Mal saía um, outro aparecia.

— Ouvi vocês dizendo *Insanos...* Vão colar lá mais tarde? — Aparentava animação.

Não fazia a menor ideia de quem ele queria encontrar lá, mas para falar dessa forma, com certeza tinha alguém no meio.

— Vamos. Cola com a gente — Convidei, sem aparentar metade da sua empolgação.

— Com essa sua *felicidade*? Tô cogitando fugir para o mais longe possível.

Ignorei-o também.

Andava ignorando as pessoas falantes na minha vida com uma frequência absurda ultimamente.

— Falou com a Grazi? — perguntou do nada.

Apoiei meu cotovelo na mesa, despropositadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem tive muito tempo.

Eros estreitou os olhos, como se desconfiasse da verdade.

— Tempo ou vontade?

— Sei lá, um pouco dos dois? — desabafei.

— Certo... Ela me ligou pra perguntar se você *tava* pegando outra *mina*. Falei que não sabia de nada, mas provável que ela *baixe* aqui em algum momento pra... — Ele mal terminou de falar e a porta do estúdio foi aberta.

Grazi em carne e osso.

Só podia ter sido invocada. Sem dúvida. Demônios eram invocados.

— Oi, Athos. — Sua voz foi sedutora, como eu me lembrava.

Tinha ficado com ela no mês passado e cacete, me sufocava. A *mina* era muito invasiva, sendo que eu apreciava mais do que qualquer coisa, meu próprio espaço.

— Ei, e aí? Como *tá*? — Ela percebeu o meu incômodo?

Apostava que sim.

Isso era perfeito, porque eu estava incomodado. Ou não incomodado em si, talvez, sem vontade, como Eros dissera.

— Bem. Não posso dizer o mesmo de você, não me parece nada contente.

Tsc.

Só estava sei lá, livre quando era para estar tatuando?

— *Nah* — Fiz uma careta — Na verdade, deram um bolo em mim e agora tô aqui sem fazer nada. — A morena tomou minha fala como um incentivo e se sentou no divã que Bruno deixara vago.

Suas pernas torneadas estavam maravilhosas como sempre. Seu rosto também não escondia o que ela esperava que acontecesse a noite. Era decidida, amava sexo, eu também, mas... Não *tava* com essa vontade toda, não com... ela.

Só queria me livrar da sarna que arrumaria para me coçar, caso voltássemos a nos envolver.

Como eu ressaltara anteriormente, a *mina* não

respeitava meus limites.

E eles eram muitos.

— O que vai fazer essa noite?

A sirene começou a apitar frenética na minha cabeça, me avisando do pior.

— Nada demais.

— Que tal aproveitarmos, então?

Percebi que estava fodido com qualquer resposta. Se falasse que iria no bar, ela iria também. Se falasse que ia ficar em casa, ela provavelmente se convidaria. Se eu falasse que sei lá, ia me oferecer como voluntário na África, ela pagaria de boa moça sem pestanejar.

Louca.

Com certeza, louca.

— Tô de boa hoje, na moral, Grazi. Veio tatuar ou algo do tipo? — perguntei.

Dar voltas não era comigo.

— Algo do tipo... — Foda, pelo seu tom de voz carregado de malícia, ela não tinha desistido ainda.

— Eros tatua o estilo que gosto.

— Certo. Quando quiser é só vir.

— Não tem aquela regra entre vocês, garotos? De não pegarem clientes?

— Não *tô* pegando você, logo, a regra se torna desnecessária aqui.

Foi minha forma sutil de firmar o fora que eu tinha dado nela há quase três semanas. Só uma pessoa muito imbecil não perceberia a minha jogada.

— Certo, entendi a minha deixa — Ergueu as mãos se desculpando e foi sem graça até a porta do estúdio de Eros.

Abriu sem ao menos bater, e sumiu lá dentro.

Aproveitei e entrei no meu. Era melhor ficar lá sozinho, fazendo algo de útil do que arriscar cruzar com ela de novo.



— Grazi quer o corpo do Athos e ele *tá* correndo que nem o coisa ruim foge da cruz — comentou

Eros para os caras, enquanto eu não dava a mínima para a conversa. — Se eu fosse ele, só ficava pelado e deixava rolar, o estresse de depois fica para depois.

Eles sempre davam um jeito de me colocar no meio sem que eu, ao menos, estivesse interessado nisso.

— E diz uma novidade? — ironizou Bruno — Não sei o que ele fez pra ela, mas essa mulher parece subir pelas paredes toda vez que o mosqueteiro *tá* por perto. Certeza que ele mostrou o mosquetão e colocou pressão.

Bebi direto do gargalo da garrafa. A cerveja desceu pela minha garganta e puxou minha atenção por instantes das idiotices que um dos meus amigos falava.

— Vocês enchem muito o saco do Athos, cara. Se eu fosse ele, dava um sacode em todos.

Foi só Theo falar isso que nós gargalhamos.

— Não acho que seja a arma de fogo em si. Talvez a língua? — Eros me olhou de um jeito que fez com que um sorriso indicativo se abrisse no

meu rosto — AH, SEU PUTO! Já sei o que você faz, e envolve os piercings e a língua habilidosa, não é não? Eu sempre soube que deveria ter criado coragem pra colocar naquela vez que me chamou, agora só posso suprir esse ponto a mais com a minha maestria milenar!

Senti a presença da Patricinha atrás de mim e meu corpo inteiro gelou.

— Vocês querem beber mais alguma coisa? — Sua voz doce despertou todos os meus desejos adormecidos.

Questionei-me se ela tinha ouvido o teor da conversa. Esperava que não. Não entendia o porquê de não querer que ela escutasse essas coisas, mas o fato é que a ideia não me agradava.

Ah não ser que isso despertasse a sua... curiosidade.

— Eu acho que quero mais uma cerveja — pedi e deitei minha cabeça para trás, a fim de olhá-la.

Erika estava séria e não deu importância para mim.

Assumi minha posição antiga e ignorei o olhar

PERIGOSAS ACHERON

avaliador do seu irmão.

— Mais uma pra mim também.

— Traz uma rodada a mais pra todos, *Dita Von*. Coloca na conta do Athos. Ele disse que ia bancar essa pra gente. — Olhei irritado pro Bruno.

— Não falei merda nenhuma, mas como sou um cara muito tranquilo, pode colocar na minha conta. Mas as próximas são todas deles. — murmurei.

— Certo — concordou ela, anotou as coisas no seu bloco e saiu de perto da gente.

— Dita Von? — indaguei.

— *Dita Von Teese*⁹. Ela não parece a mulher com esse uniforme? *Caraca*, linda demais. — Eros provocou e eu não me dei ao trabalho de responder a sua frase.

Ele estava jogando comigo, isso era claro.

— Quem não *tá* babando nela? Se olhar a sua volta, metade do bar *tá* com o chão repleto de saliva. — disse Bruno.

O gesto foi involuntário.

Minha mandíbula se retesando também.

Acompanhei-a até que encostou no balcão e falou com o Caveira, se inclinando na sua direção e abrindo um sorriso singelo. A cerveja que eu bebia travou na minha garganta e a porção de batata que eu comera pesou como chumbo no meu estômago. Estava a ponto de me levantar para ir interromper os dois, quando Eros falou ao meu lado.

— Tem que disfarçar, fera. *Tá* comendo a *mina* com os olhos.

— Vão se ferrar! Nada de *comer* e *mina*, que no caso é minha irmã, na mesma frase. Sou capaz de chutar a bunda de vocês e *tô* falando totalmente sério. — Theo resmungou e nós ficamos quietos.

Não queria “comer” a irmã de ninguém. Nem gostava dessa palavra nesse caso, mas... Erika era uma incógnita que eu não via a hora de decifrar.

— Eu não disse nada. Os caras que *tão* falando sem saber das coisas — Tirei o meu da reta.

— Oi garotos, vocês por aqui? — Uma das mulheres que sempre ficava dando em cima da gente, apareceu.

Ela era gata. Ainda mais que a Grazi, eu acreditava.

Nunca tinha ficado com essa, mas o Eros sim. E pelo visto, ele queria vê-la tanto quanto eu queria ver a que aparecera no estúdio de tarde. A forma como ele engoliu em seco e travou com a garrafa de cerveja na boca só provou.

Até ela percebeu.

— Sabe como é, tempo livre e malandragem. Soma essas duas palavras e dá “otários no bar” — falou Theo.

O único dando moral para ela.

— Estão muito quietos, aconteceu algo? — Ela se inclinou na nossa mesa e apertou os peitos, fazendo-os saltar aos nossos olhos.

Engasguei-me com a cerveja.

Tapas ecoaram nas minhas costas enquanto eu tentava puxar o ar e fazer com que a sensação da minha garganta queimando parasse.

Sentia um olhar sobre a gente e não precisava ser um cara muito ligado para saber que Erika não

tirava os olhos da nossa mesa. Virei-me só para comprovar as minhas suspeitas.

Ela estava maravilhosa, com um vestido vermelho, o uniforme do *Insanos*. Caveira era vidrado em *Pin-ups* e fazia as gatas se vestirem com esse estilo. As caveiras pretas no vestido, ressaltando o apelido do dono. A faixa vermelha que ela usou para prender o cabelo *tava* do caralho e eu me segurara ao máximo quando ela parou atrás de mim, para não agarrar a sua mão, puxá-la, e ver seus cabelos cascadeando sobre meus ombros.

Seus lábios vermelhos não me ajudaram em porra nenhuma.

Dita Von Teese.

Pro inferno do meu pau, o deus do amor tinha razão. Ela estava tão linda e sexy que eu cheguei a perder a noção de palavras por um tempo.

— Nada. Não aconteceu nada. — respondeu Eros.

Todos olhamos para ele.

Estávamos participando claramente de uma competição de egos ali. O que não era nada bom.

— Percebo.

— Quer conversar? — disse entredentes, já se levantando, para se colocar ao lado da mulher.

Ele sussurrou alguma coisa para ela e os dois desapareceram nas entranhas do bar. Não me dei ao trabalho de dizer nada. Muito menos fazer suposições. Eros era meio louco e muito, muito aberto com essas coisas. Ele que se virasse com as suas *minas*. Cada dia aparecia uma no estúdio, puta da vida com o cara.

Athos & Eros Tattoo.

A cidade era pequena e eu duvidava que tivesse outro Eros pelas redondezas. Elas matavam a charada e era batata que todo dia uma mulher surtada aparecia.

— Acho que ele aprontou com a Ayla.

— Ele sempre apronta — resmunguei.

— Verdade — Concordou Bruno.

Depois de minutos, em que nós ficamos apreciando o cover de Janis Joplin, Eros voltou para a mesa, deixou dinheiro para a gente pagar a

parte dele e se mandou.

Nem precisou dizer nada. Nós o conhecíamos bem o bastante para saber o motivo da sua saída silenciosa. Pelo menos alguém iria se dar bem na noite. Se ele aparecesse no dia seguinte de manhã no estúdio seria um milagre.

— Pelo visto, não aprontou o bastante, para ela ainda querer outra rodada. — Bebi um gole da minha cerveja e cantarolei a música que tocava.

— Esse filho da puta se deu foi bem! Saiu com duas. Não viu não? — Caveira falou, colando na nossa mesa.

Ele era poucos anos mais velho que a gente e sua pele era inteira coberta de tatuagens. Já o conhecera assim, quando fundou o bar e aos poucos, fomos nos enturmando e até do cachorro dele, nós tínhamos notícias.

Todas as vezes cumprimentava ele de boa. Dessa vez não me senti nem tentado. Sendo sincero, nem queria conversar com o cara.

— Daqui não dava pra ver, só do balcão. — Bruno respondeu logo que viu que eu não o faria.

Ouvi o barulho de cadeira sendo arrastada bem ao meu lado. Pedi paciência.

— *Tá* explicado. Eu gostei da Erika, ela é educada, atende os clientes bem. Três caras já vieram elogiá-la quando pagaram a conta.

A cerveja ficou com gosto de merda na minha boca.

Caras.

Claro que seriam homens a fazerem isso.

Sempre tinha uns idiotas no mundo.

— Caras? Essa não é uma boa coisa para se dizer a um irmão, parceiro — Theo murmurou, incomodado.

Ele se sentir assim era normal. O que não era normal, era *eu* me sentir assim.

A risada dela ultrapassou o nível da música aos meus ouvidos e quando me virei, a vi conversando com um grupo de homens, enquanto eles claramente olhavam para todas as partes expostas da sua pele, como se ela fosse algo de comer.

Balancei a cabeça, atordoados. Minha vida inteira

PERIGOSAS ACHERON

estava sendo chacoalhada.

— *Babacas* — sussurrei, amargo.

Três pares de olhos me fitaram.

Eu não tinha dado bandeira, acabara de sacudi-la na frente de todos.

Dei de ombros.

— Não vai acontecer nada com ela. Quem vocês pensam que eu sou? Se as minhas meninas não puderem trabalhar em paz, como pensam que vou me sentir? Ninguém toca nelas, ninguém sequer fala palhaçada pra elas e isso todo mundo sabe.

Acenei em concordância.

Theo também.

O único que se divertia com a tensão na mesa, era Bruno.

— Puta merda, já *tá* tarde — resmungou ele assim que olhou para o relógio.

Olhei para o meu, ainda não era nem meia-noite. Se bem que os dois davam aulas logo pela manhã.

— Tem razão. Preciso ir, mas não sei que horas a

maninha vai sair.

— Só as duas — Caveira respondeu.

— Duas? Cacete, não vou conseguir esperá-la pra gente se mandar, mas também não quero que volte sozinha nesse horário.

— Eu acompanho ela. Amanhã só tenho trampo às 11:00 h, de qualquer forma — Assumi a responsabilidade e percebi tarde demais para onde esses gestos sutis estavam me mandando.

— Certo. — concordou Theo — Mas nada de se aproveitar da minha irmã. — apontou o dedo na minha direção e entendi que sua ameaça era mais do que verdadeira.

— Se ela não quiser — comentei em tom de brincadeira.

Não havia qualquer traço de divertimento em mim nesse caso. Se ela quisesse, não teria irmão maluco que me impediria.

— Otário — resmungou e seguiu Bruno para fora do bar.

Caveira mal esperou que os dois pagassem e

cruzassem a saída para se levantar da mesa. Fiquei sozinho, divagando com a loira gelada.

— Theo pediu para que me esperasse? — Sobressaltei-me com a voz dela ao meu lado.

Levantei meu olhar e quando prestei atenção na sua boca vermelha, mordi a minha em resposta.

Droga.

Ela arregalou os olhos, percebendo o meu lapso.

— Na verdade, não. Eu não *trampo* amanhã de manhã, me ofereci — Tive que voltar a prestar atenção na garrafa de cerveja para conseguir respondê-la.

— Não precisa fazer isso, Athos. Não se for por causa daquele beijo.

Voltei a fitá-la.

— Esquece essa coisa, Patricinha. Tô fazendo isso porque você agora é parte da turma. Nós não abandonamos os nossos, gatinha.

Ela suspirou e se moveu assim que umas pessoas a chamaram.

Acompanhei-a com o olhar pelo bar até que as últimas pessoas se levantassem e partissem. Erika nunca tinha trabalhado em um bar, mas a força de vontade e garra dela eram evidentes. Tão evidentes que a admiração começou a tomar um espaço gigantesco no meu peito, e quando menos percebi, já estava orbitando em torno dela.

16



Athos

Em um lugar do passado, a dor segue imortal.

— *Esse é o seu novo lar, Athos.*

A mulher que tinha me ajudado disse. Seu sorriso era amoroso, mas havia uma tristeza embutida nos seus olhos, que me avisava que nem tudo seria como ela esperava.

Era como se soubesse.

Como se não pudesse combater o que aconteceria desse dia em diante.

Foram os piores meses da minha vida.

E eu só desejava morrer.

Nunca mais rezei.

Nunca mais fui capaz de juntar as minhas mãos e implorar para Deus que tivesse ao menos piedade.

A caminhada da vergonha, se tornava cada dia pior.

A esperança cada vez mais rara.

Viver em meio ao inferno, deixava seus rastros.

Os pesadelos, de repente, se tornaram os melhores lugares que eu poderia habitar na madrugada. Sonhos... eles não existiam. Talvez nunca mais existissem. Eu me tornara incapaz de sonhar, de idealizar uma alternativa para amenizar o caos.

Em cada olhar eu conseguia enxergar os cacos caindo. Em cada olhar que eu me perdia, identificava o terror.

Às vezes, ele estava mais perto do que imaginávamos.

Muitas famílias nos visitavam, em muitos dias, elas escolhiam quem mais despertava a sua afeição

e levavam embora. A felicidade pairava entre a gente nesses dias. Mas, também o deixava furioso.

Muito

Furioso.

Não havia esconderijo, não havia escapatória.

Uma nova marca habitava nosso corpo depois de alguns dias. Uma nova abertura que não cicatrizaria nunca. A dor de viver esperando o pior, me fizera amadurecer da noite pro dia. A culpa por permitir, me deixavam acordado por horas após o toque de recolher do orfanato.

Eu desenhava.

Desenhava demais.

Coisas aleatórias que nada tinham a ver com isso, mas que me transportavam para uma realidade em que eu era feliz.

Em que os anos se passavam sem que eu os sentisse mais.

O terror parecia não ter fim.

Mas um dia, ele acabaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ou eu daria um ponto final à minha vida.

PERIGOSAS ACHERON



A brisa não estava tão fria quanto parecia. É que com Athos do lado, exalando calor com a sua presença, senti a necessidade de passar os braços em torno do meu corpo para aplacar a temperatura que caía bruscamente.

Talvez não à nossa volta.

Talvez tudo não passasse de coisa da minha cabeça.

— Por que se ofereceu pra me acompanhar? —
A dúvida me corroía.

— Gosto de conversar com você, Patricinha. E pode parecer maluco o que vou te dizer, mas é que

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele deu uma pausa e nós paramos de caminhar. Seus olhos multicolores fixaram-se nos meus — Me traz a paz que há muito tempo eu não sentia... — Ele balançou a cabeça e voltou a caminhar — Esquece o que eu disse, Erika, acho que ando mais fodido do que o normal ultimamente.

Sentia-me da mesma forma.

Como se uma ferida estivesse sendo aberta para depois ser curada. Como se eu precisasse me perder para depois me libertar de tudo o que me mantinha presa ao chão.

— Pode confiar em mim — Apressei-me para acompanhá-lo e pousei a mão no seu braço.

Athos parou de se mover e fixou seus olhos no nosso contato.

Foram segundos, mas a troca de confiança que se passou entre a gente, pareceu carregar décadas. Anos de puro conhecimento. O sofrimento aproximava as pessoas, e entre nós havia muito disso, por qual motivo acreditava que nos identificávamos tanto mesmo que nenhuma palavra abandonasse nossos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu confio em você. De uma maneira louca e inexplicável, mas eu confio de verdade.

— Que bom.

— É uma grande coisa, não costumo confiar nas pessoas. Nem sequer gosto de muita gente, prefiro minha solidão tumultuada a uma vida repleta de pessoas, mas vazia.

A dor na sua voz me machucou.

O que Athos tinha passado que o deixara tão perdido com relação a tudo?

— Quer conversar, contar alguma coisa?

— Não, valeu. — O cinza em torno de um dos seus olhos se avolumou e engolfou o azul gélido.

— As únicas pessoas nas quais eu confio, são meu irmão e meu tio. Acho que eles entendem que as vezes eu não quero falar nada, sabe? — desabafei e olhei para frente, insegura com as coisas que estava deixando escapar.

Passamos por um canteiro colorido, com a névoa de perfume natural nos rodeando e tornando nosso caminho mágico. Admirei as Damas da Noite, com

PERIGOSAS ACHERON

brilho nos olhos. Seu aroma era único e forte, impondo a sua presença na noite estrelada. Athos acompanhou meu olhar e fitou o caminho de flores, curioso.

Ele não enxergava.

Ninguém enxergava.

O cheiro parecia ter cor, tudo parecia ter cor. Uma profusão de arco-íris para todos os lugares que eu olhava. O verde nunca tinha sido tão vivo. Nada nunca tinha sido tão incrível quanto eu me sentia no momento.

— A Dama da Noite exala o aroma apenas a noite, por causa das mariposas responsáveis pela polinização, sabia? Elas só saem a procura do néctar quando já está quase anoitecendo. Então, por isso que essa flor exala esse cheiro apenas nesse horário. Para atrair tais insetos.

— Gosta dessas coisas? — indagou Athos.

Dei de ombros.

— Acho que sim. Me fascinam. Sempre procuro saber o máximo que consigo, é como um hobby. — Aproximei-me da planta e inalei o aroma.

Eram nessas pequenas coisas que eu me permitia pensar quando todo o resto se tornava pesado demais para aguentar.

— Patricinha, juro que me assusta as vezes. Olha de uma forma muito estranha pra tudo. — Athos sorriu incomodado.

O diferente era uma coisa maluca, assustava e fazia com que todo mundo se afastasse. Se eu contasse minha condição para ele, me acharia insana. Mas um dia... um dia eu pintaria a forma como eu via o mundo e ele veria tudo o que eu sentia.

Precisava mostrar para alguém como era o espectro que eu via.

Como era repleto de arco-íris.

— Algum dia vou te contar... — murmurei.

Se ele achou minha fala estranha, não expressou. Aceitou-a com um silêncio de compreensão cega, enquanto caminhávamos entre as várias casas do pequeno bairro anterior ao qual eu morava.

As pinturas variavam de vermelho vivo para laranja, rosa, azul, e um tom bem claro de amarelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eram simples e cheias de identidade. Dava para imaginarmos quem as habitava apenas pela sua fachada.

Em uma, repleta de flores penduradas, podia jurar que uma senhora doce passava seus dias. Em outra, com alguns rabiscos de lápis, uma casa de cachorro e um caminho de pedras levando até a entrada, apostava uma família; com uma criança ou talvez duas.

Segui desvendando os padrões da minha cabeça, sentindo Athos ao meu lado, perdido nos seus próprios pensamentos.

— Minha mãe dizia que as pessoas não entendem o diferente, Patricinha. Eu sei que ela tinha razão, porque sei que você tem algo que a diferencia, e não consigo mesmo compreender. O que ela não me disse é que algumas pessoas vão se afastar por essas diferenças, enquanto outras... se sentirão ainda mais atraídas.

Minha boca se abriu em choque, o chão desapareceu sob meus pés.

O diferente assusta.

PERIGOSAS ACHERON

Fora o que eu aprendi por minha própria conta. As palavras que ele dissera não poderiam ter me tocado de forma mais magnânima.

— Em qual categoria você está? — Minha voz saiu baixa.

Se por medo, nervosismo ou pura curiosidade, não fazia ideia.

— Eu não fujo de nada. Nada.

Athos respondeu sem rodeios e meu coração pulsou ao compreender a profundidade da sua constatação.

— Também vejo os cacos — falei e ele me olhou, sem entender nada — caindo nos seus olhos multicolores. Você enxerga os meus e eu consigo tocar cada um dos seus.

Ele abriu a boca, absorvendo a minha fala e assisti seu peito subir e descer afetado, incapaz de lidar com a verdade que eu dedicava.

Estávamos nós dois sem chão.

Incapazes de respirar diante do desconhecido.

— Eu odeio esses cacos, Patricinha. Odeio com
PERIGOSAS ACHERON

toda a força que há em mim. Odeio como não consigo esquecer e me sinto sujo cada vez que fecho meus olhos. São mais do que cacos, é uma vida inteira se despedaçando diante de um passado. O mundo é cruel, Erika. Se você não for forte o suficiente para combatê-lo, ele te traga e te lança para a merda de um desfiladeiro repleto de dor e traumas. Repleto de lágrimas. Eu aprendi desde cedo, da pior forma, que confiança se torna uma arma na mão de quem nunca teve boas intenções, então guarde essa minha frase pra você e nunca, jamais, duvide da ruindade do ser humano.

— Fala como se tivesse visto o que há de pior no mundo.

— Não, mas te garanto que uma parte do inferno eu conheci. — seu resmungo foi baixo.

Quase imperceptível.

O modo aterrorizado como ele levantou a cabeça em direção ao céu, também me pareceu desolador e um ofego de dor cresceu dentro de mim.

Notei sem qualquer traço de felicidade que tínhamos chegado em casa.

Queria ouvir a voz dele, ansiava por ouvir as suas frases que transbordavam significados ocultos. Era como se eu estivesse desvendando camada por camada de Athos. Como se eu precisasse desnudá-lo aos poucos, para que doesse menos nele e passasse a doer mais em mim.

Uma transferência de dor.

Pressentia que uma carga exponencialmente maior ainda estava por vir. E o que eu pudesse fazer por ele eu faria, até mesmo, pegar todo o seu sofrimento e mantê-lo trancado para que não pudesse mais atormentá-lo.

— Você é fascinante. — admiti.

Ele sorriu e abaixou a cabeça.

Um charme nato e envolvente me atingiu, fazendo com que as palavras se embaralhassem na minha cabeça. Uma confusão de sentidos.

— Acredite em mim quando digo que não existe nada mais fascinante do que você. E porra, isso me deixa apavorado. Nunca uma *mina* mexeu tanto comigo antes... E nem é a atração sexual, entende? É mais do que isso, parece aumentar a cada vez que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu te vejo e o céu inteiro sabe o quanto isso me assombra. — admitiu Athos.

Minhas pernas amoleceram completamente com a expressividade do seu olhar.

Aproximei-me dele, centímetros sendo cortados em um tempo curto demais, distante demais para a minha vontade.

Precisava me perder em um beijo e me encontrar em um olhar.

— Por que ficamos assustados? — indaguei.

— Porque somos humanos. Porque nossos medos ainda são incompreendidos e temos pavor de cair.

— Deixe-os pra depois, então. Me leve para baixo, Athos.

Cortei o restante da distância depressa e o choque da minha boca na sua, empurrou-o até que suas costas encontrassem o muro. Prendi meus dedos no tecido da sua camisa e senti suas mãos subirem em uma carícia necessária pelas minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

Cravou-os na minha blusa fina e eu me arrepiei inteira.

Espasmos de prazer percorreram em câmera lenta tudo o que eu acreditava.

Sua boca se moveu sobre a minha, em uma mistura de lascívia, necessidade e paz. Athos virou-me e me prensou contra a parede. Suas mãos na minha cintura me levantaram e eu me entreguei a tudo o que ele me fazia sentir, a tudo o que ele me fazia esquecer.

Eu o queria em minha vida.

Eu não entendia o porquê, mas era como se eu pudesse vê-lo em sua forma mais vulnerável e ela me deixava desnorteada com a extensão dos machucados.

Estávamos quebrados.

E procurávamos a cola que não deixaria o restante dos pedaços se separarem para sempre.

Puxei-o ainda mais na minha boca, sentindo o sabor de cerveja e uma mistura bem louca apenas dele, somados ao frio da peça sensual na sua língua. Seu cheiro irresistível também estava ali e eu perdi

PERIGOSAS ACHERON

toda a razão, perdi qualquer traço coerente que me avisava o quanto sairíamos despedaçados se nos envolvêssemos.

Sequer nos importávamos com isso.

Sua língua contornava a minha e exigia tudo o que eu pudesse dar.

Não contamos segundos.

Não contamos minutos.

Não contivemos a entrega que acontecia.

Não entrega física, muito mais que isso, uma entrega indescritível de medos e vontades.

A concessão de todos os traumas estava começando.

Nossos corpos unidos, causavam um redemoinho de emoções, um furacão de sensações.

Senti mãos quentes contornarem meu rosto e abri meus olhos. As cores se chocaram com a *heterocromia*¹⁰ de Athos.

— Como vamos conseguir combater isso, Patricinha, se tudo o que eu quero é me perder em

você? — O que ele disse foi o suficiente para que nenhum de nós pensássemos na consequência dos nossos atos.

Despreendi-me do seu corpo para procurar a chave do portão na bolsa. Abri-o com meu corpo inteiro pulsando. O mesmo aconteceu com a porta da frente. Não pensei que poderíamos cruzar com Bruno e Theo e por sorte, não cruzamos. As portas de seus quartos estavam fechadas.

Ao olhar para trás, enxerguei todas as nuances de desejo e elas me deixaram sem fôlego.

Athos parecia prestes a perder a linha e eu não devia estar muito longe disso.

Abri a porta do meu quarto e esperei que ele passasse por ela.

— Sabe que vai ser foda voltar atrás, não sabe?
— Parou, à minha frente, a poucos centímetros do meu corpo no vão da porta.

Desceu a boca na altura do meu pescoço e passou a língua sensualmente na minha pele. Gemi. Sem qualquer pudor.

— Ah, sei sim. — murmurei.

Ouvi o barulho de uma porta se abrindo e empurrei Athos para dentro do meu quarto. Ele não entendeu nada, mas eu fiz um sinal para que ficasse quieto, enquanto eu esperava que meu irmão viesse ver se eu chegara bem. Conhecendo-o bem, tinha certeza que ele faria isso.

— Ei, irmãzinha, tudo bem? — indagou, colocando a cabeça pra fora, na porta ao lado da minha.

Ele estava descabelado, com um olho aberto e outro fechado devido ao sono e a claridade.

— Tudo sim. — Quase gaguejei.

Era adulta, Theo não tinha nada a ver com quem eu ficava ou deixava de ficar, mas no fundo, imaginava que ele não lidaria tão bem assim se eu assumisse um relacionamento com Athos, em tão pouco tempo. Poderia pirar, meu irmão poderia pirar de verdade. E por ser uma das únicas pessoas no mundo com a qual eu podia contar, não queria arriscar nossa fraternidade por nada.

Nem mesmo Athos.

Ou era isso o que eu queria acreditar.

— Certeza? Athos não forçou a barra, não é? — Fiquei mais branca que papel, será que ele percebeu? — Já o ameacei e avisei que se ele aprontar com você, vai ter que se ver comigo. — Meu irmão terminou de falar e eu ouvi uma risada baixa no interior do meu quarto.

— Tem que parar de ser o irmão neurótico. Me deixou namorar com o Ricardo. Deveria ter me impedido. — Dessa vez ouvi um resmungo ecoar.

— Não foi por falta de aviso! Me mandou cuidar da minha vida quando eu te disse que ele não valia nada, não lembra? Achei melhor que você descobrisse por conta própria já que não me ouviu — Não o contradisse, Theo tinha razão.

Ele me alertara sobre Ricardo e mesmo assim, em meio à minha estupidez ingênua, escolhi fechar os olhos e seguir em frente.

— Tem razão.

— E Athos, nem sequer quis entrar? — Meu irmão franziu as sobrancelhas assim que ouviu um barulho vindo do meu quarto.

— Não... Quer dizer, ele disse que precisava

desenhar, Theo. Sério... E isso foi só o meu fone de ouvido que caiu! — falei, apressada, me embolando no meio das palavras.

— Fone? Certo. Vou dormir, amanhã preciso aplicar prova. Dorme bem, maninha e nada de deixar que os caras tirem proveito de você!

— Já sou adulta!

— Claro que sim, mas será sempre a minha irmã.
— Brincou ele, fechando a porta do seu quarto logo depois.

Encostei a minha e respirei fundo, olhando para a face zombeteira do homem deitado de lado na minha cama. Ele parecia estar bem confortável ali, como se não esperasse nada mais da vida. Minha cama de solteiro, cortesia dos últimos moradores daquele quarto, parecia pequena demais para ele, e seus pés passavam do fim da cama, pendendo com seus coturnos pretos e impecavelmente limpos.

Sua calça jeans estava rasgada em várias partes e sua camiseta com a logo do estúdio de tatuagem jazia em um preto imaculado. Nada de colorido partia dali.

Athos passou uma das mãos pelos fios rebeldes e escuros, piscando para mim quando meus olhos pousaram nos seus.

— Seu quarto é neutro, patricinha. — Olhou em volta.

Eu tinha poucas coisas ali, comigo.

Algumas fotos minhas com Theo. Com meu tio. Mas nenhuma com meus pais. Eu não queria me lembrar deles com esse recomeço.

A parede era em um tom de azul tranquilo, que eu agradeci quando entrei no quarto pela primeira vez. Recusei-me a pintar de qualquer outro tom.

— Não gosto de coisas muito coloridas. — falei, por fim.

Caminhei até a minha cama e Athos se lançou para o lado, encostando-se na parede, liberando espaço para mim. Deitei-me ao seu lado e ficamos quietos, por segundos.

— Percebi... É seu pai? — apontou para a foto em que eu estava abraçada ao meu tio, ambos sorriamos, depois de passar uma tarde inteira no parque de diversões itinerante.

— Não, meu tio.

— Tio? E seus pais? — perguntou, embasbacado.

Virou-se para mim e eu me mantive deitada de costas no colchão, com as mãos em cima da barriga, incapaz de olhá-lo neste instante.

— Bem, meu relacionamento com os meus pais não é dos melhores, sabe disso. Meu tio, é irmão gêmeo do meu pai e a única pessoa que sempre esteve disposta a ouvir a mim e ao Theo. Não importava o que acontecesse, Will sempre estaria lá por nós. Viajou a trabalho há alguns anos e não voltou até agora. Está em Montreal e não sei quando virá nos visitar. Disse que eu e meu irmão precisamos passar uma temporada por lá, talvez eu vá quando tudo se resolver. — falar sobre meu tio era a coisa mais fácil pra mim.

Amava-o com uma intensidade assustadora. Era ele e Theo, em dois pedestais. Os dois homens da minha vida. Horrível pensar que meu pai não ocupava o mesmo lugar que eles, mas era uma relação complicada, muito, muito complicada.

— Entendo... Meu pai era horrível e minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

era a mulher mais doce que eu conhecia. Sempre que me lembro dela, me recordo dos seus bolos, dos seus sorrisos sem cobranças, da sua forma diferente de enxergar a vida. Uma mulher cheia de sonhos, cheia de amores, que de repente, começou a viver seu pior pesadelo... — Athos divagou em meio ao seu desabafo e eu assumi que aos poucos, ele conseguiria conversar comigo.

Se eu o pressionasse, ele se acuaria.

Conhecia bem esse sentimento, ele estava enraizado nas minhas entranhas.

Seus olhos se tornaram pétreos e ele engoliu em seco quando olhou para mim.

— Pode se abrir comigo se quiser.

— Ainda não, Patricinha. Ainda não. — Athos começou a se levantar e eu me perguntei o que tinha se passado em questão de segundos com a gente.

De doidos para nos perder em meio ao corpo um do outro, para congelados, nadando em meio às águas polares.

— Onde vai?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para a minha casa? — ele perguntou, retoricamente, debochadamente. Encolhi-me com a sua falta de senso. Ele percebeu já que se apressou a dizer — Desculpe por isso, Erika. De verdade... é que tem coisas que ainda machucam pra caralho. Se eu me permitir que elas saiam, voltarão a doer como nunca e no momento, não tô preparado para enfrentá-las.

— Eu só queria que ficasse comigo... — Ele conseguia sentir a súplica no meu sussurro?

Porque meu Deus, a presença dele aliviava qualquer dor que ameaçava me assolar. Fossem as dores físicas ou as dores da alma.

— Ficar com você é mais perigoso do que imagina. — Não disse nada, aguardei que ele decidisse por si próprio — ah, quer saber? Acho que se eu ficar por aqui, não vai interferir em nada, não é? Me passa um edredom, eu vou deitar no chão.

Levantei-me e peguei um dos edredons no guarda roupa e lancei para ele.

Athos forrou no laminado e depois pegou um dos travesseiros na cama.

PERIGOSAS ACHERON

Ajoelhou-se e puxou a camiseta pela cabeça.

Abri a boca em choque, sem conseguir respirar, sem conseguir fazer... nada que não abrangesse babar no seu corpo à mostra.

Nas costas, havia uma enorme caveira, com os olhos negros e profundos, a concavidade do nariz evidenciada e os dentes enfileirados e perfeitamente traçados na boca. Era possível enxergar algumas marcas debaixo da tinta e não me contive, ajoelhando-me atrás dele e pousando meus dedos suavemente na sua pele, acompanhando cada linha fina que eu conseguia sentir.

Elas eram muitas.

E eu conseguia enxergá-las com uma clareza que me aterrorizava.

Ouvi Athos trincar os dentes e conter a respiração, conforme meu toque acompanhava cada frágil linha. Dava para notar como isso mexia com ele.

Virou-se e segurou minha mão antes que ela sequer encostasse na próxima. Seus olhos aparentavam tanta fraqueza quanto vidro e a linha

do seu maxilar, estava proeminente, ressaltando seu incômodo.

— O passado é uma merda, Erika. Existem feridas que nunca irão se curar. Não importa o tempo que passe, não importa o quanto eu tente lutar contra.

— Você é mais forte do que imagina.

— Engraçado como as pessoas dizem isso, sem saber o quão fraco já fomos.

— Até onde elas vão? — indaguei, em um fiapo de voz.

— Elas?

— As marcas, Athos.

— Nem queira saber — Foi a única coisa que ele disse antes de se virar bruscamente e me ignorar.

Deitou-se, sem se importar que eu ainda estava ajoelhada, com as mãos no ar, sem saber o que pensar sobre tudo.

Desisti de tentar fazê-lo falar e me deitei na cama, de lado, olhando para ele no chão. Athos ficou de costas para mim o tempo inteiro e nenhum

PERIGOSAS ACHERON

de nós conseguiu dormir imediatamente.

Sabia disso porque sua respiração não se normalizava, como a minha.

Fechei os meus olhos após perceber que tinha ultrapassado uma linha que ele ainda não estava disposto a me deixar conhecer. Meu peito se apertou com essa noção, e uma lágrima desceu pelo meu rosto, molhando o travesseiro.

Uma lágrima por ele.

Uma lágrima por imaginar todos os terrores que o Athos criança tinha sofrido.

Ele sabia das minhas rachaduras, porque nele, elas eram milhares.

Fiquei sentindo cada tremor no meu corpo, em condolência ao homem perto de mim. Não sei definir exatamente o momento em que caí no sono, mas tinha a certeza que foi com ele que sonhei... quando fechei meus olhos.

18



Athos

Minhas pálpebras pesavam, um reflexo de como eu estava uma merda por ter dormido malditas quatro horas. Quando me deitei no chão, não imaginei que fosse ser tão difícil pregar os olhos, com a noção de que ela estava tão perto, na distância de um braço. Levantei-me, com uma vontade de mijar do caralho, depois de horas estático.

Olhei para o lado e caí em desgraça.

Seus lábios rosados se separavam e seu rosto estava tão tranquilo quanto uma manhã de verão. A cascata de cachos escuros se embolava e deixava com que fios rebeldes contornassem seu rosto oval.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um rosto que eu já tinha rascunhado mais vezes do que gostaria de admitir.

Colorido.

Preto e branco.

Sombreado.

Em diversos estilos.

Estava fissurado nessa mulher e por nenhum ponto de vista, me parecia uma boa coisa.

Coloquei minha camiseta e amarrei o coturno, sem tirar os olhos dela, dormindo serena.

Esperei que desse umas nove horas e abri a porta do quarto devagar, sem emitir qualquer som. Coloquei a cabeça para fora e olhei para o corredor. Não vi nenhuma movimentação. Procurei a chave extra que eu sabia que Bruno sempre guardava e a encontrei em um dos vasos na sua estante.

Depois eu a devolveria para a Patricinha e tudo certo, ninguém além dela saberia que eu dormira por ali.

Meus passos foram macios até que eu alcançasse a rua.

PERIGOSAS ACHERON

O sol estava a pino, forte e imperioso, e o senti me repreender pela escapada sorrateira assim que levantei minha cabeça na sua direção.

Que bom.

Eu também estava me repreendendo...

Mas que se fodesse, quem era ele para fazer isso?

Ficava olhando lá do alto, distante e inalcançável, enquanto as pessoas por aqui machucavam umas as outras.

É, abençoado fosse o Sol.



— Cara, preciso te contar uma coisa... Lembra a nossa conversa, de que precisamos de uma recepcionista? — Eros começou e eu me arrepiei em imaginar que nada de bom viria dessa sua fala.

— Lembro — Agradei a temperatura baixa dali em comparação ao calor desgraçado do lado de fora.

— Então, eu mandei mensagem para uma pessoa, que mandou para outra e... — Ele pausou e eu o

ofendi muito mentalmente.

Acabara de entrar no estúdio e teria que ouvir alguma notícia ruim. Como se já não bastasse aquela frustração que corria nas minhas veias, por ter deixado que a Patricinha tivesse um vislumbre de quanta porcaria eu guardava em meu interior.

A porta se abriu atrás de mim e as rajadas do satanás entraram. Um calor absurdo, digno de me fazer querer muito estar na Antártica.

— Oi, Athos.

Droga.

Mil vezes droga.

Por isso Eros titubeara tanto. Ele sabia que eu não aceitaria de boa-fé uma merda dessa.

Corria, fugia como um louco da mulher, para encontrá-la, todos os dias, no *trampo*?

Cacete!

O destino era mesmo um cara filho da puta!

— Ei, Patricinha — Virei-me para dizer.

Minha boca nem se abriu em um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

completo. O incômodo por ter saído sem falar com ela, era claro, entre nós dois. A falta de tranquilidade no seu rosto também não fazia questão de disfarçar seu descontento.

— Bom, era isso que eu diria... Falei com o Bruno, que me disse que a Erika precisava de algo para *trampar* de dia. Uni o útil ao agradável. — Voltei a olhá-lo e tenho certeza de que aparentei toda a raiva que eu sentia por ele ter agido sem falar comigo.

Aquela não era uma boa ideia.

Eu e Erika no estúdio, juntos, enquanto eu me controlava ao extremo para não ficar de pau duro a cada merda de quinze minutos!

Puta droga!

Cada vez que eu olhava por essa perspectiva me parecia ainda pior.

— Que maravilha não é, Eros?

— Código vermelho, código vermelho! Fui! Fiquem vocês e sua *TPF* sozinhos! — Se mandou para a sua sala e eu fiquei...

Sozinho, com ela.

Claro que tudo podia piorar.

— TPF? — Patricinha perguntou e eu me movi até a mesa, despreocupado.

Agora que já estava fodido, que me lascasse com louvor.

— *Tensão pré-foda.*

Sentei-me na cadeira e a fitei, com os olhos arregalados, e a boca entreaberta de surpresa. Apoiei meus pés no tampo de mogno e esperei que ela percebesse a que, ou melhor, quem, ele se referia.

— É o que estou imaginando? — indagou.

— Exatamente o que *tá* imaginando, Erika. Por isso travei quando apareceu e eu entendi que seria a nossa organizadora do caos, se é que podemos chamá-la assim. Vai por mim, nós precisamos de alguém pra dar um jeito nas coisas e merda, por mais que eu tenha a certeza de que vou passar um mau tempo tentando não colocar as mãos em você a cada intervalo ou falta de alguém, tenho que admitir que será uma boa.

Erika ficou quieta, absorvendo o que eu acabara de dizer. Notei que tinha bolado uma resposta inteligente assim que empinou o queixo e me olhou, sem se alterar ou aparentar fraqueza. Era a sua pose de “não fale comigo assim, inseto”, percebi.

Gostei.

Gostei de verdade.

Gostei tanto que o reflexo foi direto para a parte escondida pela mesa.

— Não me importa o que você pensa, nós vamos trabalhar juntos, Athos, porque eu preciso trabalhar. Ou vou enlouquecer. Preciso ocupar meu tempo.

— Por mim, tudo bem — Fingi indiferença e peguei meu celular. — Eu preciso que você marque os meus horários em uma planilha no computador. — Abri uma das portas que havia na mesa e retirei o notebook de lá. — A senha é *cacete*. Não me olhe assim, foi o Eros quem colocou — Ergui minhas mãos em inocência logo que vi todos os julgamentos correndo através dos seus olhos.

— Certo.

— Já temos as planilhas, se quiser melhorá-las, fique à vontade. Precisamos que mande mensagens todos os dias para as pessoas com horários marcados e confirme se elas virão. Também precisamos que receba os pagamentos... e... — Ela me interrompeu, fitando-me séria.

— Pode deixar, já entendi. Todas as coisas de recepção. Vocês só querem perder o tempo de vocês tatuando, não é?

Anuí, sem graça.

— EROS! — gritei, para que ele ouvisse.

Abriu a porta e olhou para fora desconfiado, como se esperasse por uma guerra acontecendo no nosso estúdio.

— Fala aí, ainda estão vivos!

— Dá seu celular pra Patricinha poder marcar seus horários na agenda. — Murmurei, desgostoso.

— TÁ LOUCO, CARA? Tenho uma alta dose de sacanagem aqui... Os olhos dela vão saltar pra fora das órbitas!

— Entrega logo essa porra e para de dar uma de

João sem braço! — Eros ainda parecia relutante — Vamos, Eros, ou se foda aí no meio da sua bagunça de horários — falei e isso o persuadiu.

Erika tentava esconder o sorriso, mas falhava miseravelmente.

— Fica tranquilo, Eros, não quero ver suas fotos. — Colocou os braços na frente do corpo, em uma pose de boa moça e eu revirei meus olhos.

Essa mulher era um perigo não só para mim, mas para qualquer homem em um raio de um quilômetro de distância dela.

— Ah que bom, fiquei muito mais tranquilo! — Eros sarcástico era um caralho.

— Liga pra ele não, Erika. Dou uma semana pra estar te venerando como um cachorro.

— Uma semana? Menos, cara, bem menos — disse e atraiu minha total atenção — Ou não, né? Quem pode dizer...

— Por que vocês não comprem um celular com um número diferente para o estúdio? Daí reúne os dois em uma forma de contato. Muito mais fácil do que passar o contato pessoal de vocês.

Balancei a cabeça, concordando. Era uma ótima ideia.

— Como não pensamos nisso antes, seu puto? Porra, me senti um burro, agora! — Eros se sentou no divã e colocou o braço sobre os olhos.

Ele marcava os horários de manhã, mas ficava morrendo depois, nunca entenderia.

— Sabia que seria uma excelente ideia ter você por aqui. — comentei.

— *Meenn – tiii – raaa!* — Eros simulou um espirro e eu travei minha mandíbula.

Se nós não nos matássemos, tudo ficaria bem.

Se eu não decidisse testar a força daquela mesa em algum ponto do nosso futuro, tudo também ficaria bem.

Merda.

Ou não...

— Calem a boca os dois! Já que é pra organizar isso aqui, vou começar agora. Qual a senha dos celulares? — perguntou, pegando os dois nas mãos.

— 692157426083.

— Anota isso, Eros! Não vou lembrar esse número gigantesco! — Ela falou e eu dei risada.

Números...

Mal sabia ela.

— Que mané números, Erika, são posições. Lembra de safadeza que vai lembrar minha senha fácil! — disse ele, fazendo-a levar a mão à boca, quando se deu conta do que os pares de números significavam.

— É uma boa a senha dele, ninguém vai nem imaginar — Assumi.

— Sou foda!

— Tudo bem, mas anote mesmo assim. — Joguei para ele nosso bloco de post its e uma caneta.

Eros anotou rapidamente e voltou a sua posição anterior de relaxamento.

— Obrigada. — Erika agradeceu e ficou esperando que eu anotasse a minha, assim que Eros me lançou de volta o bloco de post it.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A minha nem precisa anotar... É meu número.

— Vocês dois são loucos! — Patricinha comentou e eu arqueei uma das sobrancelhas.

Ela não percebera ainda?

— Melhor do que cacete ou posições sexuais — resmunguei.

— Sou criativo! — Eros me mostrou o dedo do meio e eu o ignorei completamente.

— Seja bem-vinda à *Athos & Eros Tattoo*.

— Só porque eu perdi na moeda, o nome desse merda veio antes! *Eros & Athos* ficaria muito mais louco!

— Cala a boca aí, trouxa. Quando é seu próximo cliente? — indaguei.

— É daqui meia hora — Erika falou rapidamente, o que fez com que Eros levantasse na mesma hora do divã.

— Puta merda, preciso terminar o desenho desse cara! — Correu para sua sala e nós ficamos a sós novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei-me para ela se sentar na cadeira, e poder organizar tudo. Fui para o divã que Eros abandonara e me deitei. Esperava algo do tipo “Vamos lá, Athos, me conte tudo”, mas, para contrariar minha mente maluca que pensava que ela queria me machucar, a única coisa que recebi foi silêncio.

— A sua próxima sessão é daqui uma hora, certo? Não vai almoçar? — perguntou e eu tirei o braço do rosto.

— Vou, mas só fico com fome mais tarde, daí pauso entre uma sessão e outra e vou comer qualquer porcaria na rua — comentei.

Erika mordeu o canto do lábio inferior e acenou em concordância. Tremi na base com esse gesto e me senti ainda mais tentado a beijá-la de novo.

Controlei-me.

Que porcaria de homem eu seria se não conseguisse me controlar?

— Deveria ter um horário fixo para almoçar. Que tal das 13 h às 14 h? Não é cedo, nem tarde. E se sua agenda começar todos os dias às 9:00 h?

Inclusive na segunda-feira?

— Já *tô* voltando atrás com essa ideia de você por aqui, Patricinha. — Rosnei.

Meu sossego estava indo embora que nem toda a minha certeza de que eu me sairia bem, lidando com ela tão próxima todos os dias.

Foda.

Tenso pra cacete.

Seriam adjetivos para as minhas horas.

— Por quê? Estou tentando lidar com dois homens mais desorganizados que o quarto do meu irmão e você ainda fica irritado? Seu celular está cheio de mensagens sem sentido, Athos. Inclusive...
— Ela parou os olhos em alguma coisa e eu travei, meu corpo inteiro se tornou uma calota polar.

Busquei na minha cabeça uma imagem de todas as conversas que estavam ali e meu panorama não era nada animador.

— Ignora as mensagens pessoais, Erika.

— Claro, claro. — Ela repetiu a palavra, baixo demais.

Sinais claros que tinha visto coisas das quais não gostara.

Lembrava-me de ter respondido uma mensagem de uma *mina* de manhã. Ela perguntara se a gente podia se ver no fim de semana para aproveitar e matar a saudade. Eu respondera alguma baboseira concordando, minha cabeça estava totalmente na mulher sentada na cadeira, atrás da minha mesa.

O que eu respondera?

Porra, não fazia ideia.

No entanto, o que isso tinha a ver com Erika? Pois é, nada.

A gente nem tinha transado na última noite. Tinha sido um bom garoto com ela, deveria me agradecer. Eu não costumava ser um bom garoto na maior parte do tempo.

Cansei do silêncio que jazia ali e peguei o controle do som. Logo que liguei, a vontade de chorar que *November Rain* causava começou a inundar as paredes pintadas em tons escuros. Fechei meus olhos e absorvi o som. A música era triste, mas eu não podia dizer de forma alguma que

PERIGOSAS NACIONAIS

era ruim. Era uma das mais lindas que eu já ouvira.

E me lembrava alguém especial.

Ela sempre gostou dessa música, era sua preferida. Aprendi a amar rock através da sua mania de ouvir milhares e milhares de vezes as mesmas músicas do Guns, ou Metallica, tudo variava de acordo com o seu humor.

Era como se eu fosse criança novamente, como se estivesse esperando que nada ruim acontecesse.

O mais irônico de tudo é que naquele maldito dia, era essa música que tocava na sua vitrola. Sendo os seus discos de vinil, mais uma das suas paixões. Fazia coleção e até mesmo eu olhava para eles como um bobo apaixonado.

— Amo essa música. — Erika proferiu e eu dei um joia, ainda de olhos fechados. Preso em uma memória — Se quiser ir para a sua sala, para fazer algo, fique à vontade... Eu tomo conta aqui da frente. — sussurrou.

Dei outra joia.

Eu estava sendo um babaca, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que porra, no fundo, eu só queria me manter intacto.

Tirei o braço dos olhos e levantei-me contragosto do divã, indo até ela, devagar e afetado.

— Vou fazer isso, Patricinha... — Retirei a chave do bolso de trás da minha calça e lancei na direção dela, que pegou de primeira — A chave reserva do Bruno, coloca no vaso de cor verde na estante... E só pra deixar claro, você *tava* linda demais, dormindo serena, quando eu saí do quarto. — admiti e entrei na minha sala.

Fiquei lá até que o cliente chegasse.

E outro.

E outro depois dele.

E mais outro.

Quando finalmente terminei, não podia negar que o alívio por a ver do lado de fora, sentada na cadeira e fazendo várias coisas ao mesmo tempo, confortou meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

19



Athos

Em um passado, uma alma no corpo era trancada.

Os meninos me olhavam estranho em todos os segundos. Eu parecia um alienígena em meio a pessoas da minha idade.

Era como se eu não estivesse no meu corpo muitos dias.

Na maioria deles eu também não desejava estar.

— E aí, moleque do nome esquisito. Preparado?

O cara que tomava conta da gente me disse.

Todos os garotos perto de mim, tremeram em

suas peles.

Eu só queria dizer pra parar.

Por que era tão complicado?

Ele levantou a barra da sua blusa quando percebeu que eu não o seguiria. Apavorei-me ao perceber o cabo da faca despontando.

Todo mundo queria ser forte o suficiente, mas quando não sabíamos o que fazer, qualquer atitude parecia idiota.

Anuí.

E caminhei sabendo que a cada metro, parte da minha alma ficava para trás.



20

Frika

Os dias que se seguiram foram muito tranquilos. Eu trabalhei, trabalhei e trabalhei. Trancara a minha matrícula na faculdade e ainda estava decidindo o que fazer desde então. Não se passara muito, claro que não, apenas quatro dias, mas quatro dias para uma pessoa perdida na própria vida, era muita coisa.

A porta do estúdio se abriu e imaginei que fosse alguém querendo riscos para eternizar na pele.

Os meninos estavam tatuando como doidos. Quase não paravam um segundo sequer.

Depois que eu começara a trabalhar ali, ligava

para as pessoas e as que haviam desistido já avisavam. Com isso, eu preenchia o horário antecipando quem queria. Fora essa solução, ainda os fazia trabalhar das 9:00 da manhã às 18:00 h, com uma hora de almoço, para não reclamarem. O dinheiro que entrava para os dois era uma mão na roda, segundo Eros, e eles nunca tinham rendido tanto quanto rendiam comigo ali.

Era fácil.

Eles trabalhavam e tinham dinheiro. A única coisa com a qual precisavam se preocupar era com a parte artística e mão na massa da coisa, o restante eu dissolvia e não deixava que os atingisse.

— Ah, você está mesmo aqui! — Carla gritou e eu cobri meus ouvidos com as mãos.

Ela parecia ainda mais escandalosa do que eu me lembrava.

Não me orgulhava de tê-la evitado durante todo esse tempo, mas a verdade é que ainda não estava preparada para lidar com pessoas que sabiam o quão idiota eu era antes. Sentia-me tão... estúpida. Tinha vergonha de sequer me lembrar de como abaixava a cabeça para tudo e todos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ricardo também tentara entrar em contato comigo.

Diversas vezes.

Chegou a aparecer no estúdio quando descobriu que eu estava trabalhando ali.

Athos e Eros o chutaram para fora tão rápido que eu me senti a mulher mais protegida do mundo. Depois voltaram e ainda me parabenizaram por ter dado um pé na bunda daquele “mauricinho de merda”, nas palavras deles, não minhas.

Falando em Athos. As coisas entre a gente variavam de estranhas em alguns momentos, para normais em outros. Uma inconstância absurda se eu parasse para pensar que esses instantes quase nunca avisavam antes de acontecer.

Em uma hora estávamos rindo.

Na outra, irritados um com o outro.

Não o entendia.

Ele não me entendia.

E assim seguíamos vivendo.

PERIGOSAS ACHERON

— Pois é, estou! *Tcharam!* — ironizei.

— Nossa, como seu deboche aumentou de tamanho, gata endiabrada. Que horror! — Carla ainda era a mesma mulher doida de sempre.

Sem exageros.

Nós éramos uma balança bem maluca do tímido e normal, para o chamativo e exuberante.

— Patricinha, tem como vir aqui bem rápido pra tirar uma foto pra mim, ou gravar enquanto eu limpo a *tattoo* desse cara? Vou postar nas... — A voz do Athos travou assim que viu minha amiga, saltitando na recepção do estúdio. Ele não soube o que dizer, principalmente por ela não parar de olhá-lo como se fosse um pedaço de chocolate ambulante — Ei, tudo bem? — Olhou para ela e depois voltou a me fitar — É rapidinho, só pra postar nas redes sociais do estúdio, saca? — Levantei-me e fui até a porta.

Sabia que quando saísse, seria fuzilada por perguntas.

— Ela é minha amiga, antes que pergunte — falei logo que ele fechou a porta.

Se sentou no banco, ao lado do homem que acabara de tatuar as costas inteira. Athos só tinha riscado, ainda faria umas três sessões para colorir aquela coisa gigantesca e eu só soubera disso, porque ele me falou que ela daria uma grana boa.

Meus conhecimentos sobre tatuagem eram atualizados a cada hora de convivência com os dois homens mais irritantes que poderia existir.

Athos nunca sabia se seu humor estava bom ou ruim.

Eros, era Eros sempre, o que também irritava.

— Cuidado com o Eros, ele é pegador. Vai fazer sua amiga gamar nele e depois sair como se nada tivesse acontecido.

O cara na maca não parecia alheio à nossa conversa, mas também não aparentava prestar total atenção nela. Era a mesma coisa que fazíamos quando ouvíamos a conversa de alguém e decidíamos de acordo com a sua relevância demonstrar indiferença ou apenas prestar a atenção e deixar claro isso.

Em ambas as formas nós acabávamos ouvindo e

nas duas, ficávamos curiosos para saber os finais das conversas.

— Pode deixar — falei.

Athos pegou a espuma de tatuagem e passou um pouco na pele recém-tatuada do homem. Ele deu um suspiro com a calma para a irritação na epiderme que a loção causou.

Liguei a câmera do celular e comecei a filmar.

Ele passava a espuma e depois uma toalha suave de papel para tirar.

O vídeo ficou incrível e o trabalho dele apenas ressaltou-se com a ótima qualidade. Os traços eram perfeitos e o desenho, de uma criatividade indiscutível. Descobri logo no primeiro dia que as pessoas pagavam caro por uma *tattoo* como aquela. E fazia sentido para mim. Ainda me perguntava como ele aceitara tatuar um simples nome, como eu pedi há um tempo.

Nossa!

Parecia fazer anos!

E não fazia nem ao menos duas semanas

completas!

— É sério, Patricinha. Tomem cuidado, você e ela, senão eu não duvido que ele lance a ideia de um *ménage*. Eros adora essas coisas.

Franzi minhas sobrancelhas.

Ele estava *me* deixando avisada?

— Por que seu tom de voz aparenta outra coisa além da preocupação? — indaguei.

Athos me olhou e abriu um sorriso.

— Não sei do que *tá* falando.

— Não sabe, é? Talvez eu tope um *ménage* com o Eros. Não deve ser tão ruim assim, já que muita gente volta para um repeteco.

Athos fechou o semblante no mesmo instante.

Decidi sair enquanto eu ainda estava ganhando. Pena que ele não me deixou fechar a porta antes de dizer — Posso fazer parte?

Sacudi a cabeça, desacreditada.

Mesmo através da porta, ainda consegui ouvir a sua sonora gargalhada.

Filho da mãe, ele sabia como me afetar.

— O que foi isso? — indagou Carla.

— Athos sendo Athos com a Erika. Esses dois são piores do que gato e rato e eu nunca entendo essa troca de frases maluca que fazem. Voto para se pegarem logo e pararem com isso. Canso só de ver.
— Eros estava encostado na mesa de mogno e olhava para a minha amiga com um olhar sonhador.

Porcaria.

Bem que Athos tinha dito.

— Nada de querer transar com a minha amiga, Eros. — ameacei.

— Vocês dois são muito sem graça! Não posso transar com ninguém? Não transam e não me deixam transar, vê se pode uma marmelada dessa, Carla?

Ele já sabia o nome dela?

Bom, talvez eu tivesse chegado tarde demais.

— Sempre foi assim. Fica tranquilo. Eu tive que vir aqui pra falar com ela, caso contrário seguiria me ignorando para o resto da vida! — Minha
PERIGOSAS ACHERON

amiga, a fundadora do drama, colocou a mão no peito e Eros abriu a boca, sentindo pena dela.

Fingindo, na verdade. Ele era um especialista em fingir. E eu nem precisara de muito tempo pra descobrir isso. Há dois dias, ele tinha pegado uma aranha de plástico enorme, e levado até a sala do Athos, porque chegara mais cedo. Fez um sinal para que eu ficasse quieta e não me importei muito com isso. Percebi a sua real intenção quando um “*AI, PORRA! Que susto do caralho!*”, em um tom furioso, partiu do outro quando abriu a porta.

Eros tinha feito a cara mais inocente que eu já vira na vida, e se Athos não conhecesse bem o amigo, a culpa acabaria sobrando para mim.

— Ninguém merece os dois juntos! Mal se conhecem e já estão assim insuportáveis!

— Desse jeito magoa, Erika!

— Cadê seu cliente? — indaguei.

— Tentei tatuar o cara umas dez vezes, toda vez que eu ligava a máquina, *pá*, o *cagão* desistia. Cansei e o mandei embora, tenho paciência pra essas merdas não, *manja*? Ele que vá se borrar de

medo em casa.

Gargalhei.

As histórias que permeavam o estúdio eram hilárias.

Assim como a cara do Athos quando uma mulher aparecia para tatuar algo fofinho e *coloridinho*.

“Não é por mal nem nada, mina. Mas essas coisas não são minha praia, entende?”

Ele não fazia questão de esconder a careta quando elas pisavam do lado de fora.

“Foi essa cara que fez quando eu quis fazer aquela tatuagem?”

“Fiz pior”

Foi sua resposta quando decidi tirar a dúvida. Mais ou menos já esperava por ela, então não foi nenhuma surpresa.

— Vou marcar algo, que estilo é o seu? — questionou minha amiga.

— *Neo Traditional*¹¹. Mas pra você faço o estilo que quiser.

— Nada disso — Athos cortou, assim que saiu com o cliente no seu encalço — As regras são claras Eros, nada de...

— Eu sei, eu sei, não sou otário. E pode ser que ela nem se torne cliente sua, então... ainda estou no páreo. — Ele mostrou o dedo para o amigo, que nem se importou.

Os dois faziam tanto isso que eu já estava acreditando que era uma forma de demonstrar que se amavam.

— Pode pagar aqui, fera. A Patricinha resolve tudo. — Athos indicou a minha mesa e eu sorri para o homem que tinha ouvido nossa conversa anterior.

Athos, ao invés de aguardar, saiu do estúdio, sem dizer para onde ia.

Já me acostumara com as suas espairecidas também.

Segundo Eros, ele fumava e tinha parado há poucos anos. O hábito não morreu, ao invés do vício. E ele sempre saía para depois voltar com alguma coisa de comer, tentando aplacar o

costume.

Depois que eu liberei o cara que acabara de tatuar e revii a agenda dos dois, ele voltou, com um recipiente transparente cheio de brigadeiros e colocou-o na mesa.

— Vê se para de ficar mal-humorada, Patricinha. Nada de TPM por aqui.

Voltou para a sua sala, sem se preocupar em se despedir da minha amiga.

— Nossa, todo sério ele, né? Adoro um homem mau. Vai pegar? Se não for, eu pego! — Droga!

Eu odiava aquele olhar no rosto da minha amiga. O de quem acabava de se fascinar e só estava contando os segundos para subir na cama e se chafurdar em meio ao gozo.

— Nada disso. Athos está fora de cogitação — Deixei claro.

— Erika, Erika... Não o deixe nunca te ouvir dizendo algo parecido — Eros estava certo.

No entanto, tinha sido um lapso momentâneo. Não voltaria a acontecer.

— Segundos de insanidade, acontecem com todo mundo.

— Claro.

— Mas agora é sério, Erika. O que vai fazer daqui a pouco? É sexta e precisamos aproveitar. — Carla deu pulos eufóricos e eu revirei meus olhos.

Ela era aquele tipo de pessoa que acordava a todo gás, e que nos faziam só querer socá-la.

— Concordo com ela.

— Amanhã você trabalha, Eros! — Recriminei-o.

— E daí? Também tenho direito a uma festa de vez em quando. Além do mais, graças a você, a melhor pessoa do mundo, meu horário só começa às 10:00 h da manhã e vai até às 14:00 h. Olha só que maravilha? Perfeito! Combinado então! Nos vemos que horas, meninas? — perguntou e acabei por dissolver a carranca.

— Gostei dele! — Exaltou minha amiga.

— Também gostei de você, moça!

Pronto!

PERIGOSAS NACIONAIS

Tínhamos a combinação quimicamente mais perigosa do mundo na recepção do estúdio.

— Nada de gostarem um do outro aqui, não tenho essa responsabilidade de cuidar de duas pessoas malucas!

— Não temos mesmo! — Athos voltou para a recepção e se sentou no tampo da mesa, bem próximo a mim.

Uma sensação de plenitude preencheu meu peito. Meu estômago pareceu dar cambalhotas de felicidade e eu me senti tão... maravilhada. Conseguia enxergar o começo da sua tatuagem nas costas com a camiseta caindo um pouco na altura dos ombros. Seu jeito relaxado, de *bad boy*, marrento e insuportável, causava um efeito magnético em todas as mulheres que pisavam ali e não ajudava em nada a sua seriedade.

Era como se ele nos desafiasse a pularmos no seu pescoço.

Levei a caneta que segurava aos lábios e me perdi na profundidade de mistérios da sua presença.

Dei-me conta tarde demais que Eros e Carla me

PERIGOSAS ACHERON

olhavam, com um sorriso singelo despontando nos lábios.

Empertiguei-me na cadeira, no mesmo momento em que Athos se virou para ver o que tanto eles olhavam. Por sorte, não fui pega no flagra por ele. Ficaria me lançando indiretas até o fim dos tempos. Ou melhor, diretas. Ele não era um homem de indiretas.

— O que aconteceu? — indagou confuso, olhando entre mim e os dois na nossa frente.

— Nada não. — falei, depressa.

— E aí, vamos no *rolê*¹² mais tarde ou não? — Carla arqueou uma das sobrancelhas, observando se eu diria não para ele também.

— Não sei. Não faço a menor ideia de onde Carla quer ir. — comentei e dei de ombros.

— No momento, gato, não vou mentir, aceito a sua cama — Comecei a tossir, sem motivo.

Ela soltava essas frases no momento mais errado possível.

— A cama do Eros *tá* disponível. E não é por

PERIGOSAS ACHERON

mal não, mas no momento eu *tô* ficando com alguém. — Ele falou e colocou as mãos nos bolsos, de forma casual.

Carla não se ofendeu com o fora. Pelo contrário, quando seu olhar encontrou o meu, parecia me parabenizar.

— Está saindo com alguém? — indaguei.

— *Tô* sim, Patricinha. — respondeu Athos e eu não consegui classificar o que senti.

Ele murmurou algo mais baixo, que eu não consegui compreender.

— Legal.

— Depois a gente conversa, Erika. — sussurrou e voltou a falar com Eros e Carla — E vamos mesmo? Quem vai ser o motorista da rodada? Não *tô* a fim de pegar Uber. Posso ir dirigindo, quem pode voltar?

— Eu volto. — assumi.

Não estava com vontade nenhuma de beber coisas alcoólicas. Só queria... aproveitar sem saber o que aconteceria a seguir. Era maravilhoso não ter

expectativas, estava aprendendo isso com os garotos e admitia que a vida deles parecia muito melhor do que a minha.

— Demorou, então. Fechado? Mas só dá pra irmos depois que a Patricinha sair do *Insanos*.

Todo mundo acenou em concordância e eu fechei meus olhos por instantes.

Já era complicado lidar com ele no estúdio, seria ainda mais complicado lidar com ele fora.

— *Insanos*? — indagou Carla.

— O bar aqui perto. — comentei.

— Ah! Está trabalhando em um bar também? Virou bem alternativa! Gostei! Não é por nada, mas as vezes era muito chata, toda pilhada e tal!

Eros gargalhou. Olhei-o repreendendo.

— Podem ir sem mim se quiserem, só saio as 2 h da madrugada.

— Já te disse que não precisa mais trabalhar lá, não é, Patricinha? Acho que dá pra se virar por aqui e tudo o mais. Nós — apontou para o Eros — Já a deixamos louca o suficiente.

— Ele tem razão. Por mais que todo mundo saiba que *tá* dando essa solução só porque morre de ciúmes do *Caveira*! — Eros gargalhou e dessa vez, quem o olhou prestes a matá-lo foi Athos.

— Uma palhaçada, já disse que não tem nada a ver.

— Com certeza.

Os dois trocaram mais algumas palavras, enquanto a minha cabeça só raciocinava que ele estava com ciúmes de mim. Ciúmes... De mim?

— Enfim, vamos ou não vamos? Bom, que já saio daqui, vou pra casa tomar um banho e sigo direto pro *Insanos*. Não tenho nada melhor pra fazer, de qualquer forma — Athos pulou da mesa e seus coturnos fizeram um barulho estalado logo que ele pisou no chão.

— Preciso desmarcar com uma *mina* antes — resmungou Eros, pedindo seu aparelho.

Entreguei-o e esperei que ele mandasse seu despacho padrão.

“Ei, tudo bem? Então, mina, sabe o que acontece? Vou ficar preso aqui no estúdio,
PERIGOSAS ACHERON

deixamos para uma próxima, certo?”

Era sempre a mesma coisa.

Então as mulheres mandavam mensagens surtando que eu fingia não ver.

Os dois já tinham comprado o aparelho para o estúdio e por mais que passassem o número novo, alguns clientes antigos ainda teimavam em mandar mensagens nos seus pessoais.

Aos poucos, a transição estava acontecendo, pelo menos era o que eu acreditava.

— Ele sempre precisa desmarcar com uma *mina*
— Athos cruzou os braços, encostou-se na parede e apoiou um pé nela.

O retrato da casualidade, somado a malandragem. Se ele quisesse emprego como modelo, para representar aqueles *bad boys* maravilhosos, casaria muito bem. Poderia ser, sem sombra de dúvidas, uma celebridade nas redes sociais.

— Então combinamos? Podemos ficar nesse *Insanos*, que vocês disseram, sem problema. Vou pra casa e depois passo onde, pra gente seguir
PERIGOSAS ACHERON

direto? Não sei ao certo onde fica esse bar...

— Passa aqui mesmo. Eu moro nas redondezas, posso voltar depois e te esperar. — Proferiu Athos.

Carla acenou em concordância, veio até mim, deu um abraço apertado e depois abandonou o estúdio.

Ela era amiga de verdade. Deu-se ao trabalho de me procurar, enquanto eu fizera questão de ignorá-la. No mínimo, eu merecia um gelo de algumas semanas. Mas claro que ela não era assim, nem agia dessa forma. O que eu agradecia.

Por mais que a amasse, me sentia incapaz de conversar com ela durante a confusão que se tornara a minha cabeça.

— Sexta, até que enfim! — Eros proferiu, no mesmo instante em que seu cliente passou pela porta.

— Até que enfim, mesmo! — O cara comentou e ambos desapareceram na sala à direita.

Athos me olhou por instantes e depois foi para a sua.

Não nos falamos muito depois disso, e quando fechamos o estúdio as 18 h.

Tudo estava ainda mais estranho.

21



Athos

Arrumei meu cabelo de qualquer jeito, deixando que os fios se rebelassem. Desci e entrei no carro.

Antes, tinha respondido a mensagem de uma gata que vinha tentando sair comigo há um tempo. Gostava de mulheres com atitude e como se ela soubesse a hora exata para mandar coisas, me distraí das mensagens que eu trocava com a Patricinha para ver algo muito mais pornográfico na outra conversa.

Decidi que não valia a pena tentar entrar em uma relação que não daria em nada...

A minha com Erika.

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia muitas *minas* no mundo com as quais eu poderia dar certo, bastava só conseguir conter aquela coisa que se apoderava de mim todas as vezes em que meus olhos encontravam os dela.

Perdi-me nos meus próprios medos. Na minha vergonha. Naquela parte dentro de mim que não acreditava em nenhum tipo de final feliz.

Afinal, no mundo real, cheio de sofrimento e maldade, eles raramente existiam. Eram apenas ilusões de mentes dispostas a se perderem por um resquício de esperança.

Em alguns momentos, me sentia esperançoso.

Em outros, desacreditado.

Neste exato instante, não sabia qual sentimento estava ganhando.

Liguei o carro e me mandei. Parei na frente do estúdio e fiquei esperando pela Carla.

Quando seu carro estacionou logo atrás do meu, dei a partida e segui até meu condomínio simples de novo. Deixei que ela me ultrapassasse com o seu luxuoso para podermos conversar entre os vidros.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, quer ir em um carro só? — indaguei — Não acho que compense irmos em mais de um. Deixa o seu na minha vaga de garagem e vamos no meu. — Dei a ideia.

Ela acenou em concordância e rapidamente eu falei com o porteiro, que deixou que ela entrasse com seu BMW e o colocasse na minha vaga.

Quando ela abriu a porta do carona e entrou, já imaginei que fosse dizer alguma coisa. As palavras pareciam estarem entaladas na sua garganta e como Erika tinha dito, a mulher ao meu lado não era de papas na língua, então eu provavelmente seria metralhado durante o curto caminho. Para minha sorte.

Preparei-me mentalmente para isso.

— Sei o que está fazendo indo no seu carro e só vou te avisar uma vez, não quebre o coração dela ou eu arranco o seu pau fora. — Foi direta, mais direta do que esperei.

Entretanto, não me alterei.

Meu objetivo era nem me aproximar muito da Patricinha, para começo de conversa. Se não

houvesse envolvimento, não haveria coração quebrado, ou era no que eu tentava acreditar.

— Não precisa vir com esse papo de merda pra cima de mim, Carla. Eu e a Erika nunca ficaríamos juntos. Somos de mundos diferentes, temos bagagem de vidas diferentes. Valeu, mas eu não tô a fim de *rolo* pra cima de mim nessa fase da vida.

— Ela não é *rolo*, Athos. É uma das pessoas mais perdidas que eu já conheci. O coração dela é gigantesco, mas foi moldado pelos pais para ser indiferente. Enquanto Theo foi embora e se viu livre para decidir o que era, os Albuquerque mantiveram minha amiga na rédea curta, monopolizando seu tempo, sua atenção, e manipulando-a para que fosse a filha que eles queriam. Não sei o que acontece naquela família, mas sinto que tem algo muito sério envolvido nisso tudo, entende? Não é normal, não mesmo, ainda mais essa necessidade que eles têm de vê-la se casando com Ricardo. Tiveram a capacidade de falar comigo e pedirem, se é que podemos chamar assim, para que eu interferisse e fizesse a cabeça dela.

Carla ficou séria por instantes e eu relanceei
 PERIGOSAS ACHERON

minha atenção da direção, por segundos, tentando compreender o que ela *não* estava dizendo.

— E o que respondeu? — Eu estava curioso, no mínimo.

— Falei coisas nada lisonjeiras. Vai por mim. O Papa teria me excomungado no mesmo instante se ouvisse o que eu disse pra mãe dela.

— Imagino que sim. Mas na boa, não acho que ela vá voltar pro play boy e muito menos ficar comigo. Se arriscássemos algo, seria como o inferno subir à Terra pra essa gente rica e mesquinha do caralho. Tô sossegado, muito sossegado. Ficar com ela seria a mesma coisa que correr atrás de problemas.

Mordi meu lábio inferior.

Torcia mentalmente para que a minha noção de segurança me mantivesse bem longe de alguém que não poderia ter. Não sem criar a terceira guerra mundial.

— Valeria a pena. — respondeu, como se tentasse me convencer.

Nem precisava que ela continuasse para que eu
PERIGOSAS ACHERON

me convencesse. Aos poucos, sentia que nada continuaria sendo o mesmo na minha vida e que eu estava entrando em uma maré da qual não conseguiria escapar caso não decidisse logo o que fazer e o que eu estaria disposto a perder.

Em uma escolha, nós ganhávamos algo e também perdíamos alguma coisa.

A questão era, ficaria com Erika... Do que eu teria que abdicar?

— Talvez — dei de ombros.

— Meus pais sabem de algumas coisas, porque todas as vezes em que toco no assunto, “podres dos Albuquerque”, como eu carinhosamente apelidei toda essa situação, eles ficam sérios e seguem para outro tópico. Olívia esconde alguma coisa, com aquela pose de madame mantenedora dos princípios. Não suporto ela. E todas as vezes em que me vê, é como se quisesse medir forças. Ela desconfia que eu sei, por mais que eu não tenha conhecimento. Sinceramente, não faço questão de deixar claro nada, ela com medo é até divertido.

Minha mente se tornou pura confusão.

Quem era Olívia? E por que cacete, ela viera parar na nossa conversa?

— Quem é essa?

— A mãe da Erika.

Logo que suas palavras saíram, percebi que isso era uma merda das grandes. Se a mãe da Erika era tão insuportável a ponto de despertar a irritação na Carla e também no Theo, o cara mais gente boa que eu conhecia, não devia ser flor que se cheirasse.

— Pela careta que se formou no seu rosto, pressinto que não vou querer conhecer essa mulher.
— desabafei, logo que estacionei perto do *Insanos*.

Desci do carro e Carla me acompanhou.

— Não, você não vai. Caso precise ficar cara a cara com ela, tenho certeza que as coisas já terão alcançado um nível muito perigoso.

— O que quer dizer com isso? — Nível perigoso?

Que porra era essa?

A mãe da Patricinha era algum chefe da máfia ou do tráfico organizado? Que maluquice, como se eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tivesse medo das pessoas. Depois de tudo o que passei, medo não era um sentimento bem-vindo em mim.

Medo era perigoso demais.

Se amedrontar poderia tirar as pessoas do caminho para conquistas que elas tanto almejavam.

Depois de tanto tempo, eu não tinha aversão, eu não tinha receios, eu não sentia... nada. Jogava-me de cabeça nos meus obstáculos e os derrubava como se não pudessem me afetar. Entretanto, não sentir nada era dolorido. Tão dolorido quanto não ter expectativas.

Quando se perdia uma parcela da sua alma, não havia muito mais que pudesse te colocar para baixo.

Desistir de tudo para se manter com a sanidade, tinha sido minha única escolha. Não me arrependia, jamais me arrependeria.

Pois eu...

Não

Sentia

PERIGOSAS ACHERON

Nada.

— Quando estiver envolvido demais vai entender. — disse e suspirou, como se lamentasse tudo...

O que ainda aconteceria.

Erika tinha mesmo razão, Carla não era muito normal da cabeça.

Assisti-a arrumar os fios do seu cabelo que haviam se desprendido e caminhar a passos confiantes até a entrada do bar. Os caras na frente a olharam de cima a baixo, como se percebessem o quanto ela estava em um ambiente diferente dos que costumava frequentar.

Suspeitava que Patricinha tivesse causado o mesmo efeito quando apareceu por ali.

Coloquei-me ao lado dela e ambos me olharam, me conheciam há tempos e deixaram que ela entrasse sem a formalidade padrão. Claro que isso era cortesia destinada apenas as pessoas com muito tempo de *Insanidades*.

— Fácil assim? — questionou — Pensei que iriam pedir que eu pagasse ou algo do tipo.

— Provavelmente sim — concordei — Mas eu e os caras sempre aparecemos aqui. Temos entrada livre, cortesia por conhecermos o dono. Além do mais, quando começamos a beber, damos um lucro desgraçado pro Caveira.

— Andar com uma pessoa que sabe das coisas é sempre bom, não é? — disse ela, de forma misteriosa.

Eu não entendi nada, mas abstraí.

— Ei, seu puto! Pensei que não apareceria! — Eros se levantou da nossa mesa costumeira e me cumprimentou com um tapa estalado na mão. — E você também, minha linda! — Olhou para a Carla ao meu lado e pausou, assobiando quando ela rodou sutilmente para a sua admiração — Maravilhosa.

Percebi ao olhar para os dois, que não teria ninguém no mundo capaz de impedir que se relacionassem e que Erika se preparasse, porque a explosão radioativa seria uma certeza.

— Não está nada mal também, Eros. Pegava fácil. — Ronronou ela.

Revirei meus olhos e me sentei ao lado do

Bruno.

— Não diz assim que eu vou ceder. Se ficar insistindo então, te mostro uns truques que adoraria aprender. — Carla se sentou ao lado do deus do amor e os dois se perderam em uma conversa bem acalorada.

Desliguei-me deles e deixei que conversassem em paz.

A outra garota que servia as mesas, trouxe uma cerveja e agradei com um aceno.

Olhei para o bar todo, como quem não queria nada, procurando uma pessoa fixa. Minha noite recusava-se a começar enquanto eu não tivesse ao menos um vislumbre.

— Ela *tá* conversando com o Caveira — Bruno sussurrou pra mim, se inclinando na minha direção — Parece que um cliente mexeu com ela e Erika desceu o soco no cara. Queria ter visto isso. O homem foi reclamar e por muito pouco não apanha do Caveira também. Foi expulso do bar e *tá* proibido de voltar.

A cerveja parou na minha garganta e de repente

me senti responsável por uma merda que nem era culpa minha. Ou querendo vingar uma mulher, que nunca faria parte da minha vida amorosa.

Isso aí, Athos, se fode pelo inalcançável.

— Não precisa resmungar isso Bruno, eu ouvi tudo. Só não faço nada, porque Erika sabe muito bem se defender. Quando éramos adolescentes, praticávamos *Muay Thai* e se tem alguém que sabe bater com perícia, esse alguém é minha irmã. Sorte do cara que ele estava aqui no bar, caso contrário seria nocauteado. Erika tem um chute desgraçado de forte.

— Caralho, sério?! — Bruno parecia tão surpreso quanto eu — Isso sim é sexy, não é?

Sorri, como se eu precisasse de mais alguma informação para achar aquela *mina* sexy.

— Oi, garotos, vocês estavam me ignorando? — Carla se inclinou sobre a mesa ao meu lado e eu me movi um pouco para a direita, a fim de lhe dar espaço.

— Jamais. É que pelo que vimos, estava em uma conversa um tanto quanto inocente aí com o deus

do amor — Theo apontou com a cerveja para Eros e nosso amigo apenas piscou.

Um sinal sutil de que em breve, não veríamos mais os dois na mesa.

— Adoro homens com misticismo. Desculpem por ignorá-los, foi uma falta de educação, mas acredito que meu motivo foi muito bom, não foi? — disse ela, em tom de confiança.

— Onde essa garota estava guardada todo esse tempo? É meu par perfeito, Carla — Eros brincou e todos nós gargalhamos.

— Sem dúvida que é. Só cuidado com o seu saco, ela ameaçou o meu no carro. — Resumi a sua sentença de pura maldade.

Carla semicerrou os olhos e me olhou, como se quisesse de fato cumprir o que dissera.

Engoli em seco.

— Não brinque com o perigo, Athos.

— Não brinque mesmo, Carla não é normal — Ouvi essa voz e todo o meu corpo vibrou ao sentir a presença dela. Merda, eu estava mais fodido do que

pensava.

— E aí, o que o Caveira disse? — Bruno foi o primeiro a abrir a boca.

Eu nem ao menos levantei a minha cabeça. Tentava me manter neutro a ela, mesmo que soubesse que isso era impossível.

Senti seus olhos em mim, queimando minha pele, no entanto, ignorei. Tomei um gole da cerveja, olhando para a mesa, sem capacidade e coragem de fitá-la. Os veios da madeira subitamente se tornaram muito interessantes.

— Disse que eu devia ter batido mais forte — Meu coração saltou ao ouvir a sua risada e acabei falhando na minha tarefa de ser indiferente a ela.

Levantei meu olhar, para notar o quanto ela estava ainda mais linda nessa noite. Seus fios revoltos caíam como uma névoa de sedução em torno do seu rosto, o batom escuro que usava, realçava a maciez dos seus lábios, assim como a maquiagem que fizera para combinar com o uniforme do bar, realçava o brilho no seu olhar; duas janelas para o pecado.

Putá merda, se eu afundasse mais naquele desejo, alcançaria o inferno, ou atravessaria o mundo, direto para o Japão. As labaredas que me tostrassem, porque *na moral*, achava que não me importaria nem um pouco.

— Machucou a mão? — indagou Theo.

— Não. Eu sei socar a cara de idiotas que se acham os fodões, e acredite em mim irmão, ele só não chorou por vergonha. Mesmo que Caveira não tivesse proibido, duvido que ele voltaria depois do que aconteceu na frente dos seus amigos.

— Essa é minha irmã — Theo proferiu e ela só deu de ombros.

Acompanhei cada gesto seu, incapaz de desviar o olhar.

— Deve ter a mão pesada. — comentei, sem propósito algum.

— Pode apostar que sim. — Erika respondeu e nosso olhar permaneceu travado, até que ela o quebrasse, retirando o bloco de anotações do bolso do seu vestido, para anotar nossos pedidos.

A eletricidade que corria dela para mim, ainda

PERIGOSAS ACHERON

nos mantinha presos.

Não sabia se o restante do nosso grupo percebera.

De qualquer forma, pouco me fodia.

Era como se o tempo tivesse parado e todas as pessoas à nossa volta, fossem meros figurantes de uma trama que ainda teria muito a desenrolar.

Não me cheirava nada bem. Mas, porra, por mais que eu quisesse me manter afastado dela, por mais que eu precisasse impor uma certa distância entre nós, meu coração pulsava como louco, expressando que isso era impensável.

Pedi uma porção de batatas, enquanto ouvia a galera pedir outras coisas. Erika dava uma pausa entre um pedido e outro e colocava a caneta na boca, de forma sexy. Caralho, tive que respirar muito fundo para me acalmar. Ainda mais levando em conta que estávamos em um grupo de amigos.

Meu celular vibrou no meu bolso e assim que o peguei, praguejei. Me esquecera totalmente da *mina* que eu marcara de encontrar ali. Porra, se tinha situação menos favorável, eu desconhecia.

Acabei por liberar ela, antes que eu me ferrasse mais. No entanto, eu não era um cara de sorte, porque assim que o fiz, outra mulher passou pela entrada do bar e dessa eu não teria como correr. Seu cabelo negro com as pontas em um azul claro, chamou a atenção por onde passou e assim que ela me viu, conversando com todo mundo, abriu um sorriso gigantesco.

Milena não tocaria nessa noite, eu tinha visto a programação, mas isso não a impedia de dar as caras de vez em quando... E foi em uma dessas vezes, em um passado não muito distante que nós acabamos por engatar um romance meio louco, cheio de faíscas, um incêndio instantâneo que sabíamos que não duraria muito. Tudo acabou de verdade, quando ela deu a entender que precisava de algo aberto, então rompemos o relacionamento e mantivemos umas fodas ocasionais.

— Ei, já volto — falei, me levantando.

Para ninguém em particular.

Mas puta merda, claro que Eros tinha que abrir a boca.

— Aquela não é a... — Ele começou a falar e

PERIGOSAS ACHERON

apontou para a entrada, ficando subitamente quieto ao ver meu olhar matador na sua direção. — Enfim, não esquece que vamos sair depois daqui. — falou, pousando sua cerveja de volta na mesa, fazendo pouco caso da nossa conversa.

Sabia que outra pessoa estava vendo, mas deixei que ela entendesse como quisesse.

Precisava contar para minha *ex-namorada* que não relembraríamos nossos momentos quentes hoje, provavelmente nem outro dia. Por mais, que viéssemos fazendo isso desde que terminamos, esporadicamente.

Uma hora o ciclo vicioso se encerrava e nosso momento era agora.

22



Athos

*Em algum lugar do passado, a minha esperança
se esvaía.*

*Deitei-me na minha cama, sentindo dor por todo
o meu corpo.*

Da agressão.

Da violação.

Da humilhação.

*Não conseguia enumerar todas as sensações de
falta que me dominavam.*

*Eu era um lixo. Não era nada. Apenas um
rascunho do que deveria ser um garoto vivendo e*

aprendendo.

— Ei, não fica assim. — O menino que estava deitado na cama de cima do beliche, colocou sua cabeça no vão, com pesar.

Ele devia ter ouvido meu choro, que aos poucos fora diminuindo, até secar aquele órgão dentro do meu peito.

Nem se eu quisesse continuar vertendo lágrimas conseguiria, elas tinham se trancado dentro de mim, acabado com todo o restante de felicidade que eu me forçava a nutrir.

Não tínhamos escapatória.

Ninguém tinha.

Era rezar para que fosse rápido e indolor. Era rezar para que quando saíssemos dali, conseguíssemos esquecer.

Envolvi meu caderno de desenhos contra meu peito e o apertei, querendo fundi-lo a toda a minha esperança, que aos poucos se esvaía.

Marcas.

Observei as marcas nas minhas mãos, causadas
PERIGOSAS ACHERON

pelo ódio de alguém que eu não conseguia entender. A cada negativa, uma força era usada e a cada necessidade de se sobressair, um corte era feito.

— Isso é pra você aprender a não me contestar, garoto.

Era o que ele dizia.

Cada criança no orfanato era repleta de marcas.

Nas mãos, nos braços, nas costas, em todos os lugares, inclusive os que não eram visíveis. A cada choro, a cada tentativa de clamar por ajuda, marcas maiores eram feitas.

Eu não conseguia olhar para elas em alguns dias.

As odiava.

Como se elas fossem as culpadas por tudo o que eu estava passando.

Senti uma pontada no lado esquerdo do peito, o que me fez arfar, como se respirar e sobreviver fosse a coisa mais difícil que eu tivesse que fazer. Como se fosse também impossível.

*— Sei que não quer conversar, mas pode ajudar.
Sabe que não é o único.*

O garoto tentou arrancar palavras da minha boca, mas eu era incapaz de dizer qualquer coisa. Era incapaz de sentir qualquer coisa a não ser o silêncio.

Virei-me na minha cama e o ignorei.

Não queria conversar com ninguém.

Não queria a pena de ninguém.

Eu queria...

Não existir.



Servi os pedidos, tentando não me fixar a imagem de Athos conversando com uma mulher bem próximo a mim. Os dois não estavam na mesa, como que para me provocar, tinham se sentado no balcão e sorriam como se não houvesse amanhã.

Eles se conheciam há algum tempo, era fácil notar, pela guarda baixa que ele mantinha com ela, diferente de como agia comigo.

— *Dita Von*, se um olhar matasse, Athos e a companhia dele, cairiam duros no chão, não acha?
— Eros me fez dar um pulo, assustada.

Ele era o cara mais sorrateiro que eu tivera a

infelicidade de conhecer. No estúdio ele vivia me dando susto.

— Não sei do que está falando. — Arrumei as cervejas que o barman tinha depositado em cima do balcão, direto na minha bandeja.

— Não sabe, é? — Carla se colocou ao lado do Eros e eu fechei meus olhos.

— Acho *engraçado* essas coisas... Caveira que gosta da Milena, que gosta do Athos, que por sua vez não tira os olhos da Erika... — Olhei-o, sem entender a sua fala — ele te venera todas as vezes em que percebe que não o está vendo. Muito irônico tudo isso, porque eu sei que Athos morre de ciúme do Caveira por causa... de *você* — falou baixo e apontou com o gargalo da garrafa na minha direção — e também sei que a Milena está se corroendo de inveja, porque Athos não consegue... parar de babar em *você*. Os caminhos do coração são mesmo tortuosos, tortuosos demais para o meu gosto.

Por sorte, Athos e a mulher, estavam na outra parte do balcão, em formato de U. Eu estava em uma das laterais e eles na outra. O que,

infelizmente, me colocava bem de frente para os dois. Ao menos, não ouviam o que os dois que me encurralaram teimavam em dizer.

— Quer saber quem ela é ou vai ficar tramando teorias na sua cabeça? — Fuzilei-o com o olhar — é uma ex dele, Milena, como eu disse. Ela toca em uma das bandas que se apresenta direto aqui... Gosto dela, mas sabe, eu não sinto aquela coisa que vocês dois têm. Quando fico perto deles, é como se nada saísse dali, nem um calorzinho ou uma merda dessas. Bem louco, né? Agora, quando ela fala com o Caveira, as faíscas são tão intensas quanto perto de vocês dois.

— Para de falar idiotice, pelo amor de Deus. E eu nem queria saber de nada disso. — vociferei.

Agora fazia sentido o que eu observara. Eles de fato, não somente se conheciam, como já estiveram em um relacionamento.

— Athos é reservado, ela foi uma das únicas a ameaçar fazer uma rachadura na muralha em torno dele. Mas, eles não são o certo um para o outro e vai por mim, eu sei disso, eu sinto. — Seus olhos se petrificaram, enquanto ele parava de falar por

PERIGOSAS NACIONAIS

segundos, — Enfim, por que não dá o primeiro passo? Ele ainda *tá* preso em uma consciência deturpada de certo e errado, e precisa de um incentivo. Além do mais, ele mentiu no estúdio, e acredito que seja para tentar te manter distante... O filho da mãe não *tá* saindo com ninguém.

Bati uma das garrafas na bandeja, fazendo um barulho alto e ameaçador.

— Não tem como saber isso! — Eu me alterei.

— Ah, tenho sim! Desde que eu o conheço, tenho visto seus relacionamentos e acredite em mim, quando Athos se compromete com alguém, ele não olha nem pro lado... e porra, ele olha pra caralho pra você, Erika.

Eros ergueu as mãos em sinal de rendição. Carla apenas me deu uma joia.

Por mais estranho que pudesse soar, ela ficara absorvendo as palavras dele, assim como eu.

E então eu caí em mim, do que os dois estavam prestes a fazer.

— Não acredito que vão fazer isso. — exclamei.

PERIGOSAS ACHERON

Para os dois estarem juntos, alguma coisa eles iriam aprontar.

Eles me rodeavam meramente para descobrir se eu ficaria chateada com isso. E me forçavam a pensar em coisas que eu não queria pensar.

— Não duvide de nada, minha querida. E queira ou não, eu e Carla somos almas gêmeas, não haverá pessoa na Terra capaz de nos separar. — Eros estufou o peito e eu me segurei para não gargalhar da sua falsa pose de indignação.

— Você é maluco. — Olhei para a minha amiga, que parecia alheia a tudo — Aliás, vocês dois são.

— Par mais perfeito não poderia existir — Ele parecia bem confiante.

Levantei a bandeja do balcão e falei — Não sei o que estão fazendo aqui ainda — Dei as costas para os dois e segui até as mesas com os pedidos.

Quando olhei para trás para conferir, ambos já tinham seguido meu conselho.

Sorri, ciente de que se não desse certo, daria muito errado, entretanto, Eros saberia lidar com Carla e a sua loucura nata.

Encerrei algumas comandas, mandando para o caixa, onde Caveira estava sentado na sua banquetta e jogava *Candy Crush*, sem que ninguém soubesse. Eu o flagrara mais cedo e nunca tinha visto o homem ficar tão vermelho de vergonha, como se eu fosse julgá-lo por estar aproveitando o tempo ocioso com um jogo qualquer. Segundo ele, dissera para os caras que nunca jogaria isso, até tirara sarro de um deles por causa do aplicativo, mas acabara pego na própria cilada.

Não se podia mesmo cuspir para o alto.

Fui até ali quando percebi que o movimento no bar estava se acalmando. O fim do expediente se aproximava e com ele, a calmaria de mais uma noite proveitosa e cheia de trabalho.

Com todo mundo se mandando, não achava que ainda iríamos a algum lugar.

Carla sumira com Eros.

Athos com a tal de Milena, ou sei lá aonde ele estava.

Os únicos que pareciam contentes em permanecer ali, eram Bruno e Theo. Estreitei meus

olhos até a mesa, e percebi que ambos estavam bem próximos. Isso não me incomodou, mas me deixou uma sensação estranha, de que eu estava perdendo algo, como uma indicação sutil. Ignorei meus pensamentos loucos e girei sob meus calcanhares, continuando meu caminho até o caixa.

Assim que parei na frente da janela aberta que Caveira usava para se manter um pouco distante dos clientes, fui recebida com um sorriso acolhedor da sua parte. Seu cabelo era comprido, na altura dos ombros e nutria um tom escuro de laranja, que nos dava a impressão de olharmos para um guerreiro escocês. Sua barba não fazia um bom trabalho em nos manter afastados dessa ideia, ela era espessa, bem desenhada, e cascadeava por uns bons centímetros. Ele era mais velho que toda a turma, eu chutava uns 35 anos, não criara coragem ainda para perguntar e seu semblante sério, com o maxilar quadrado e as bochechas bem magras, ressaltando as linhas másculas, aliviava-se totalmente quando ele sorria.

— Hoje deu um movimento do cacete, não foi?

Encostei ao lado e concordei com um esgar.

— Os últimos clientes ainda estão se preparando para ir embora. — comentei.

— O Hannibal já fechou a entrada? — Caveira perguntou e eu me estiquei para o lado, a fim de enxergar a entrada do bar.

Hannibal estava parado na frente dos portões, só abrindo-os quando alguém precisava sair. Ainda tentava entender qual a ligação dele com o personagem de filme, mas não achava apropriado perguntar, principalmente porque ele sempre olhava para as pessoas com as sobrancelhas semicerradas, como se não quisesse nunca conversar.

Só esperava, do fundo do coração, que não tivesse nada a ver com comer carne humana.

— Fechou sim.

— Bom. Preciso ir pra casa, *Pennywise* já deve *tá* sentindo minha falta.

O palhaço carinhosamente apelidado, era seu cachorro. Um *pequínês*, que não causava medo em ninguém, logo, o nome do coitado do animal de estimação, era muito horrendo para uma criaturinha

tão maravilhosa.

Caveira mostrava a foto do cachorro quase todos os dias para mim. Em cada uma, ele estava aprontando algo diferente.

— Esse nome é muito maldoso, *Penny* é tão lindo.

Nunca entenderia a sua mania de ficar apelidando as pessoas de acordo com os seus filmes de categoria sombria, preferidos. De acordo com a sua equivocada sabedoria, fazia isso somente com as pessoas das quais gostava. E dizia, a plenos pulmões que era melhor ter um apelido imponente, do que algo fofinho.

— Fala isso porque não viu o estrago que ele fez com os meus travesseiros na semana passada, *Dita Von*.

O meu apelido também pegara e agora eu já perdia as contas de quanta gente estava me chamando assim.

— Devia ter me mostrado uma foto. Mostra todas de qualquer forma.

Enrolei um dos meus cachos no dedo, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

falava com ele, um gesto que eu fazia sempre que não estava pensando em nada específico. Senti uma observação velada em mim e girei 180 graus, sem encontrar o foco dessa sensação estranha.

Ignorei e voltei minha atenção ao que Caveira dizia.

— Eu não pensei em tirar uma... Acredite em mim quando digo que eu vi preto de raiva ao ver meus travesseiros muito loucos e confortáveis estraçalhados no meu sofá. Não sei nem como um cachorro tão pequeno consegue fazer um estrago tão grande! Se minha sala fosse interditada, ou usada como uma zona de guerra, ainda não teria ficado daquele jeito. Aquele filho da mãe deve ter puxado pela fronha, que eu *mosqueei* e deixei pra fora da cama, e pronto... adeus conforto!

— Você é muito exagerado!

Ele abriu um sorriso de quem sabia que eu dizia a verdade.

— Nem um pouco.

Um cliente se aproximou para pagar a sua comanda e eu saí de perto da janela.

— Precisa de mais alguma coisa? Posso me arrumar e ir embora? — indaguei, antes de me afastar muito.

— Claro! Pode deixar que eu fecho tudo.

Soprei um beijo para ele, que esticou a mão em um gesto teatral de quem pegava o invisível e guardou no bolso da sua jaqueta.

Ainda estava rindo quando fui até o balcão. Pesquei um dos panos atrás dele e passei na madeira polida, sentindo-o deslizar em um rastro de limpeza. Nós sempre deixávamos tudo o máximo possível organizado. Quando chegássemos no próximo dia, restavam poucas coisas para fazer antes de abrir e distribuir sorrisos.

— Tá interessada nele, Patricinha? — O timbre da voz de Athos, reverberou como um tsunami até os dedos dos meus pés.

— Oi?

— No Caveira, você... *tá* interessada nele? — Athos deu uma pausa e seus olhos pareceram me decifrar.

— Se eu estivesse? Qual o problema? Além do
PERIGOSAS ACHERON

mais, nem era pra você estar me perguntando nada, pensei que fosse sair com a Milena.

— Sabe o nome dela agora, é? — Ele arqueou as sobrancelhas, em um gesto debochado.

— Eros quem disse, sabe muito bem que ele não faz questão de manter a boca fechada.

— Ah, sei, porra se sei..., mas por que ele falou dela? Porque... Estava prestando atenção, não era? Ficou com ciúme, ou eu não mereço nem isso de você?

— Ciúme de quem? — Ignorei-o e continuei passando o pano úmido no balcão.

Athos esticou as mãos e as passou em torno de mim, apoiando-as na madeira. Consegui enxergar a sua pele repleta de cor e desenhos intrincados cheios de significado. Fiquei admirando todas as linhas, até sentir seu hálito causar um formigamento na parte de trás do meu pescoço.

Fechei os olhos e me refugiei em meio ao preto.

— Estamos brincando dessa coisa agora? De mentir um para o outro, como se não fôssemos capazes de entender o que *tá* rolando aqui?

Engoli em seco.

Praticamente senti seu sorriso atrás de mim.

— Cadê a mulher que estava com você?

— Por isso, eu digo que *tava* com ciúme, Patricinha. Não teria percebido que eu estava com alguém se não prestasse tanta atenção em mim quanto eu presto em você. Juro que *tô* tentando não me ligar nessa porra de cheiro de girassóis que exala, e toda essa beleza que me deixa preso. Mas, porra, te ver flertando com o Caveira foi capaz de me deixar maluco em questão de segundos.

Meu corpo inteiro tremia, como se eu estivesse sendo decodificada... ali. Em meio ao bar, colorido e em câmera lenta.

— Quer mesmo que eu acredite nisso, quando acabou de ficar com outra? — Criei coragem para enfrentá-lo e me virei, ficando a milímetros da sua boca.

Maldito gênio ruim que me colocava nessas enrascadas.

Athos parecia tão tentado a se afastar quanto eu estava tentada a beijar a sua boca.

Seus olhos desceram para os meus lábios e eu assisti incapaz de me mover, as suas pálpebras descendo suavemente, com seus cílios longos formando uma cortina macia sobre o início das suas bochechas.

Ele soava ainda mais ameaçador, do que aparentava normalmente.

Senti meu sangue borbulhar ao perceber o porquê dessa vez seu olhar ser ainda mais feroz e ao entender o motivo para os seus olhos já coloridos, tremeluzirem em meio ao brilho multicolor da iluminação do bar. Minhas terminações se transformaram em borboletas prestes a alçarem voo.

Aos poucos eu estava me acostumando com o ambiente, mas a sensação que me acometia era que nunca, jamais, me acostumaria com todos os *dégradés* de Athos Monteiro. A cada vez que eu parava para admirar, a impressão que eu tinha era que tudo estava diferente.

Ele era uma mudança constante.

Dia a dia.

Feita para prender a minha atenção em um nível inimaginável.

— Você me viu conversando com ela. Em uma distância muito maior do que a que estamos agora. Não deixe que seus olhos formulem algo que você não presenciou, ou que sua mente fantasie o que não aconteceu. Eu saía com ela, é uma mulher maravilhosa, merecia que eu dissesse que não vamos mais ficar juntos, nem mesmo esporadicamente como costumamos fazer. É o mínimo, sinceridade. Uma amizade de verdade não deve acabar com o fracasso de um relacionamento. Além do mais... Ela sacou que quem eu realmente quero...

— Estamos prontos, ou as mocinhas vão namorar por muito tempo? — Bruno falou, cortando o clima e eu pisquei várias vezes, acordando da névoa na qual Athos havia me aprisionado.

Senti minhas bochechas queimarem e me recompus o mais rápido que pude.

— Seu senso de tempo é realmente perfeito, *mano* — Ouvi um resmungo e controlei o sorriso que queria se abrir sorrateiramente.

— Espetacular! — Bruno proferiu, brincalhão.

Athos tirou os braços que mantinham meu cárcere e se virou de costas para o balcão, bem ao meu lado.

— Juro que se eu pudesse, te mandava pro inferno — Ele proferiu, com a voz aparentando nada além de irritação.

Claramente não superara a intervenção que todos causaram. Meu irmão por outro lado, me fitava com uma sobrancelha arqueada, tentando entender o que era aquilo que se avolumava em mim sempre que o tatuador se aproximava.

Ignorei a inquietude que se instaurou em todos e caminhei a passos apressados até a parte do balcão com uma tampa móvel, para poder acessar o outro lado. Assinei o horário que estava saindo no meu cartão ponto, peguei minha bolsa em um dos armários, e gritei um tchau para o barman atrás da estante repleta de garrafas de bebidas.

Ouvi a sua resposta e voltei para onde todo mundo me esperava.

— Cadê o Eros e a Carla? — indagou Bruno.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A essa hora? Devem estar em algum motel.
— Brinquei.

— Aposto que sim — Ele anuiu.

— Maninha, a mãe me ligou hoje, contrariando todas as promessas de nunca mais falar comigo, inclusive disse que se você não voltar para casa em no máximo três dias, ela te busca e arrasta a força.
— Meu irmão falou, com o tom de voz irônico.

Como sempre, nossa mãe sendo um amor de pessoa.

— Ela que tente.

— Foi o que eu disse, na verdade, acho até que inventei que você está se resguardando em algum convento a milhares de quilômetros daqui, não que eu pense que ela acreditou, claro.

— Se ela acreditasse, seria uma bênção na minha vida — resmunguei.

— E aí, vai ser a motorista da vez ou não? — Bruno me perguntou, com o intuito de mudar o assunto pesado.

— Claro. Pelo que vi, todos beberam. —

PERIGOSAS ACHERON

Presumi e caminhei em direção à saída, ouvindo os passos deles me acompanhando.

Athos não dissera nada.

Não parecia nem um pouco contente.

Hannibal abriu o portão assim que chegamos até ele.

Dei um beijo no seu rosto para me despedir, o que fez o homem me olhar como se eu tivesse adquirido três cabeças.

— É, meu querido, ela assusta todo mundo —
Ouvi Bruno falar para o homem, enquanto eu saía em direção a rua.

Assim que acessei a calçada, senti um calafrio.

Abracei-me.

Escutei uma porta de carro batendo não muito longe de onde eu estava e quando olhei na direção do barulho, entendi o motivo para o meu súbito mal-estar.

O azul se intensificara e aliado a ele, fios de preto nublavam a tonalidade mais clara da cor. Ricardo não parecia feliz, pelo contrário, na sua
PERIGOSAS ACHERON

feição eu enxergava uma obstinação que eu nunca vira antes, depois de dois anos juntos.

— Você precisa voltar, Erika. — Foi a primeira coisa que ele disse quando se colocou a centímetros de mim.

E eu soube... naquele instante, que ele faria qualquer coisa para que eu voltasse.

24



Athos

— Ah, mas que porcaria! Ela não conseguiu nada comigo e mandou seu vassalo — Theo se adiantou na minha frente para sair do bar, assim que ouviu a voz de alguém falando com a sua irmã — Só pode estar louca — Ouvi o medo no seu tom e fiz o mesmo, empurrando Bruno que estava na minha frente.

Devagar demais para o que eu me sentia capaz de aturar.

Ignorei o protesto que meu amigo me lançou e pisei na calçada, sendo pego desprevenido quando vi o playboy que aparecera no estúdio, cheio de marra, achando ser o dono do mundo, apontando o

dedo para a Patricinha.

Ela não parecia afetada. Nem com medo, nada disso. Ela aparentava estar disposta a enfrentá-lo a todo custo e porra, finalmente ela entendera que não deveria deixar que ninguém mandasse nela ou tentasse controlá-la.

— Todo mundo cansou dessa sua brincadeira de menina rica que quer viver em meio a ralé, Erika. É uma Albuquerque e tem que voltar.

— Eu não tenho nada! — Ela se exaltou e deu um tapa na mão que o otário apontava para ela.

Meu corpo inteiro ficou tenso, aguardando que ele pisasse um passo fora da linha para poder ensiná-lo a ficar longe de vez. Patricinha já tinha deixado claro. Como ele não entendia logo que ela queria que ele se mandasse?

Que merda.

Como se percebesse que ele só conseguiria levá-la a força, olhou para todos nós, medindo o tamanho da surra que levaria caso tentasse sequer se aproximar ainda mais dela. Se ao menos sua respiração tocasse o rosto da mulher que já se

tornara uma de nós.

E porra, nós protegíamos os nossos. Éramos ferrenhos quanto a isso.

— Isso não vai ficar assim — ameaçou.

No mesmo instante eu dei um passo à frente, Bruno também, enquanto Theo já perdera a linha logo que o playboy de merda decidira perturbar a sua irmã. Ele se colocou entre ela e o babaca, com uma feição que eu nunca, jamais, tinha visto dominar seu semblante.

— Ela já é maior de idade há um tempo e ninguém pode obrigá-la a fazer nada, nem mesmo nossos pais. Não me interessa se veio aqui a mando da intocável Olívia Albuquerque, ou o que vai ganhar com isso. Na verdade, eu sei sim, mas e daí, não é? Se manca e se manda antes que nós percamos a paciência. — Deu para notar o medo passar pelos olhos do idiota, durante uma fração de segundo. — Se ficar, vai poder escolher quem vai te dar uma lição, não somos covardes e será de igual para igual, se é que podemos dizer isso, com qualquer um que escolher, não é? Então vai de você, corre pro seu carro e vaza ou fica e não

conseguirá abrir os olhos por uma semana.

Relanceou entre todos nós, sendo rechaçado a cada rosto que fitava.

— Ele quer que a gente o chute pra longe, que nem eu e Eros fizemos semana passada no estúdio. Por mim, tudo bem, faz tempo que não entro em briga — falei, um sorriso maléfico despontando.

— Nem fiquei sabendo disso, senão poderia muito bem ajudar. — Theo ironizou e encaramos um Ricardo quase perdendo as estribeiras.

Seu olhar seria capaz de matar.

Estralei a junta dos meus dedos, prevendo que se o otário permanecesse ali por mais alguns minutos, não teria conversa que me manteria longe de encrenca.

Estava cansado desses merdas que se julgavam homens, subjugando mulheres, tentando impor suas vontades como se elas fossem uma propriedade. Eu tinha uma barreira bem frágil quanto a isso, era um assunto mais do que delicado para mim e me deixava a ponto de explosão com a menor provocação.

E se nós não estivéssemos ali, o que ele faria?

Tentaria levá-la?

Sem dúvida.

Talvez, apenas tentar, já que a *mina* por si só garantiria que essa tarefa seria a mais difícil da vida dele.

— Me disseram o que você é, Theodoro. Só sinto pena — O homem proferiu e tudo foi muito rápido, ainda assim, conseguimos segurar nosso amigo antes que ele voasse para cima do outro e acabasse por deixá-lo inconsciente.

— Me soltem, porra! Deixa *eu* ensinar pra esse moleque uma lição que ele nunca vai esquecer — Ele se sacudiu e eu apertei meus dedos em torno de um dos seus braços, enquanto Bruno segurava o outro — Me soltem, caralho!

No estado em que Theo estava, eu não duvidava que ele seria capaz de mandar o cara direto para a UTI. Depois ele teria problemas com isso... Não precisávamos prever o futuro para saber essa verdade. O melhor, no momento, era engolir a porra do orgulho e deixar que o idiota acabasse por

se ferrar sozinho.

Pessoas medíocres geralmente atiravam no próprio pé, tentando barrar a felicidade dos outros. Algo me dizia que com aquele ali aconteceria exatamente isso.

— Vai embora, Ricardo. Eu estou pedindo, por favor, vá embora — Ele olhou para a Erika, depois para todos nós, segurando Theo. — Já causou mal demais, não precisa piorar tudo.

Avaliou suas chances e optou por ser esperto.

Nós não seguraríamos Theo por muito tempo.

Eu mal conseguia me segurar, quem dirá conter outra pessoa.

— Ainda vamos nos ver muito — sussurrou para ela e eu soltei por questão de instantes minha mão firme do braço de um dos meus amigos e comecei a dar passos certos na direção do arrogante de merda que se afastava.

Uma mão quente e acolhedora me barrou.

Olhei para os dedos finos e elegantes, como se não houvesse mais ninguém ali além de nós dois.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma queimadura na alma se formou onde seu toque ecoou em mim.

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando me acalmar.

Não deu certo.

Mas só me restava aceitar.

— Não vale a pena, cão que ladra não morde —
Patricinha souu categórica e eu não acreditei muito
nessa sua ideia.

O olhar na cara do playboy não aparentava ser de
alguém que desistiria.

Caso o fosse, ele teria seguido em frente logo
depois que o enxotamos para a calçada do estúdio.
Eu conhecia olhares como o dele, e porra, eu não
conseguiria deixá-la sozinha depois desse surto
nem que me pagassem.

O carro arrancou antes que eu conseguisse me
desvencilhar dos seus dedos e acompanhamos,
inertes, o automóvel de luxo virar a esquina em alta
velocidade. Sem se importar nem mesmo com os
carros que vinham na outra mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um desgraçado inconsequente de merda. Isso que aquele Mauricinho era.

Espantava-me que ela tivesse conseguido ficar com ele por dois anos sem notar o verdadeiro homem por detrás da máscara de perfeição. Ninguém conseguia ser alguém que não era por muito tempo. Com certeza, Erika só acabara não percebendo os sinais.

— E aí, vamos ou não? Depois dessa porcaria, acho que merecemos no mínimo umas rodadas, comentando besteiras, pra esquecermos de vez. Ficou pesado, né?

Bruno tentando animar era uma bosta.

Eros era muito melhor nesse caso. Se estivesse ali, com certeza lançaria seu bordão preferido “*bora acender um incenso aqui*”. Eram tantos por dia, que eu não sabia como não estávamos milionários, ou cheios de amor.

“*Traz amor e prosperidade*”.

“*Traz dinheiro e afasta mau olhado*”.

Enfim, essas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode me soltar — Theo esbravejou para Bruno, que rapidamente o fez.

Seus dentes ainda estavam trincados, e a sua têmpora pulsava a mil, exaltando a sua falta de bom humor no momento.

— *Manera* aí, cara.

Os dois trocaram um olhar cheio de significados.

Patricinha não havia dito mais nada. Seu silêncio era sepulcral e gritava, esbravejava a plenos pulmões, enquanto os seus lábios não se moviam.

— Você *tá* bem, pra gente sair? — Indaguei.

Eu não estava, mas tanto fazia. Quem realmente importava ali, era ela.

Erika voltou ao foco e o fixou em mim. O sorriso que abriu só tentava esconder as suas preocupações, e por mais que pudesse soar insano, as deixava com uma clareza insípida aos meus olhos.

— Estou sim. É só que... — Se aproximou, levantando os pés para sussurrar no meu ouvido. Passei uma mão na sua cintura e a apoiei — eu

PERIGOSAS NACIONAIS

senti que não vai ficar por isso.

Seus dedos se firmaram no meu antebraço.

Virei meu rosto e nossas bocas quase se tocaram — Ele só vai te fazer algo depois de passar por cima de mim.

A frase foi pequena, mas as verdades nela, extensas.

— Não quero mais falar disso — Deu as costas e seguiu para o meu carro.

Parou na frente e estendeu as mãos pedindo a chave. Eu depositei, acompanhando as linhas na sua palma e depois entrei no lado do carona. Bruno e Theo se sentaram atrás e seguimos em um silêncio irritante até a boate, ou sei lá que merda era aquela para onde iríamos.

Carla e Eros, os verdadeiros empolgados, haviam desaparecido e só Deus sabia se ainda dariam as caras.

Por sorte geral, os dois já estavam no lugar quando chegamos e bastou que ocupassem a conversa para o clima... amenizar.

PERIGOSAS ACHERON



As *minas* no lugar comiam eu, Bruno e Theo com os olhos. Dois deles elas deviam descartar, estavam nos próprios campos. Por mais que Bruno fosse como Eros, pelo visto, estava mais comprometido do que o normal.

Erika estava aérea, o que não era novidade, depois do que acontecera.

Mas e daí, não é?

Eu também tinha meus próprios mistérios.

Ela não se sentara ao meu lado, escolhera sentar de frente, o que dificultou o meu trabalho de não ficar olhando para ela a toda porcaria de instante, ansioso por um vislumbre seu.

Já tinha decorado a forma como a sua boca se movia quando falava, como seu cabelo estava mais volumoso do que nos outros dias e a maquiagem bem fraca que ela usava... Porra, estava linda. De um jeito que levava todo o meu fôlego para outro planeta.

— Credo, por que essa mesa *tá* parecendo um
PERIGOSAS ACHERON

velório? — questionou Carla.

— Simplesmente pelo fato de não estarmos muito a fim de vir — murmurei.

Recebi um olhar reprovador da Erika.

— Athos está mais zangado ultimamente. — falou para a amiga.

“Nunca tô zangado” — Movi meus lábios, sorrindo com os olhos, e Erika fingiu não entender.

Nossa relação era muito estranha, na moral.

Porque eu sentia como se nos conhecêssemos há anos, ela também devia ter essa sensação e ainda assim, estávamos nessa, de não saber como agir diante do outro. Fora aquele frio desgraçado na boca do meu estômago toda vez que seus olhos se prendiam aos meus. Se eu começasse a enumerar tudo o que me acometia, com certeza em algum momento me perderia na própria contagem.

— Isso é TPF, meus queridos. Eu já disse. — Eros me empurrou no banco, sem qualquer noção de educação e afirmou.

Fiz um barulho de descontento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é essa porcaria?

Eros ergueu as mãos na defensiva.

— Um dia entenderá, grande Theo.

Carla gargalhou baixo, ao lado dele.

— Quando ele descobrir vai te xingar muito, Eros. Fica dando esses apelidos para situações e torna tudo constrangedor — sussurrou Patricinha.

Quando ergui os olhos para admirá-la, torcendo para que ela estivesse prestando a atenção em outra coisa, topei-me com duas esmeraldas, esperançosas, ansiando que eu me pronunciasse.

— Vai nada. Tudo baboseira minha. Nem nos meus incensos vocês acreditam, quem dirá nas besteiras que eu falo.

— Essa sim foi a maior verdade que eu já te ouvi dizer — Ergui a minha cerveja em cumprimento, enquanto Eros deformava o rosto em uma careta e Erika sorria graciosa para mim.

Que cacete.

A sensação de que meu coração batia fora do peito estava cada vez maior.

PERIGOSAS ACHERON

— Não foi não, teve aquela vez que eu disse que... — Ele parou de falar e eu saquei de que dia ele estava dizendo.

Eros engoliu em seco, e pegou a cerveja na sua frente, tomando um longo gole, matando metade da garrafa em uma tacada só.

Senti os olhares de todos em nós dois e já imaginei que a curiosidade seria foda. Principalmente da mulher que decidira roubar todo o meu juízo. Patricinha não conseguia ouvir uma coisa e não querer saber o sentido oculto dela.

O deus do amor acabara de me colocar em uma sinuca de bico.

Olhei para os meus pulsos, onde as tatuagens que representavam linhas costuradas escondiam duas cicatrizes desesperadas.

— Esquece isso — disse e me levantei da mesa.

Meu humor que já estava quase em outro país, me abandonara completamente e cortara os laços.

Empurrei-o para fora do banco, e não olhei para ninguém quando me afastei da mesa. Passei por uma área entre o palco e o balcão do bar, onde as

PERIGOSAS ACHERON

mulheres que nos olhavam estavam e respirei fundo, quando uma delas se aproximou. A feição felina no seu rosto, descrevendo o que ela queria.

— Pensei que um de vocês nunca fosse sair de lá.
— apontou para o local atrás de mim — Está acompanhando alguma das garotas?

Balancei a cabeça negando e me apressei em acrescentar — Hoje não *tô* nesse clima, entende? Melhor deixar seguir meu caminho. — Dei um passo para frente e ela me barrou ainda mais com o corpo.

Seus cabelos eram ruivos e curtos, em uma bagunça sexy e que indicava que era exatamente assim que ela os queria. Seu rosto era bem fácil de ler e eu teria até me interessado se não estivesse tentando esquecer algo que Eros trouxera à tona, ou se não me sentisse ligado a uma única mulher no momento.

— Nós podemos criar o clima, o que acha? — Bateu com a língua no céu da boca e depois a passou sedutoramente no lábio inferior, retirando boa parte do batom vermelho vivo.

Sacudi a cabeça e fiz um *tsc*, incomodado.

— Na *vibe* que *tô* hoje, não tem ninguém capaz de me deixar bem. — Lancei a real para ela e quando ela tirou os dedos do meu braço, notei que entendera o recado.

— Foi mal... Acha que tem alguém ali na mesa, interessado e no *clima*? — Ela fez questão de ressaltar o “clima”.

Eu teria gargalhado se não estivesse de fato, me sentindo claustrofóbico.

— Boa sorte com isso. — Desviei dela e fui até a saída para fumantes do bar.

Eu parara há um tempo, mas a cada dia, a vontade de pegar um cigarro e tragar nem que fosse um pouco, me acorrentava e me deixava irritado do nada, nos momentos mais improváveis. Caminhei a passos firmes e abri a porta pesada de metal. Não havia ninguém no espaço. A única companhia era a luz da lua que incidia diretamente no centro do lugar aberto.

Fui até uma das paredes e encostei, apoiando o pé e olhando para baixo, tentando mandar embora a dose cavalgar de memórias ruins que decidiram me atormentar. Fechei minhas mãos em punho,

PERIGOSAS ACHERON

fazendo o máximo de força que eu conseguia, a ponto de machucar as palmas e clamar para que a dor física me afugentasse do passado.

Alguns dias melhores do que outros.

Alguns dias...

Melhores

Que outros.

Esforcei-me para me lembrar de todos os pontos positivos na minha vida, todos os motivos para que reclamar ou me sentir desmerecedor, se tornassem estúpidos.

Eu sentia no ar, a dor de relembrar, e ela me sufocava.

A porta se abriu.

Não dei a mínima para quem era.

Passos hesitantes demoraram a se aproximar de mim.

Levantei a minha cabeça, para me deparar com a pureza do campo em forma de olhos. Erika entreabriu os lábios e inspirou, seu peito se

PERIGOSAS NACIONAIS

movimentou com o gesto, lento e intenso.

— Não queria te deixar sozinho.

— Eu quero ficar sozinho, Patricinha, sai daqui

— Fui grosso com ela, mas porra, ela não imaginava o quão perto eu estava de perder a linha.

— Você não sairia se fosse eu no seu lugar.

Semicerrei meus olhos. Filha da mãe. Como ela conseguia me desarmar com tanta facilidade?

— Não vale me acertar justo no meu ponto fraco.

— Gargalhei irônico.

— Se for por uma boa causa, não vejo motivos para não valer. — Seus passos dessa vez foram confiantes e ela se encostou na parede, ao meu lado.

Ergueu a cabeça para olhar a Lua brilhando indelicada bem acima de nós.

Quando ela aparecia, as palavras se embaralhavam na minha língua e eu me sentia incapaz de ser coerente.

— Eu *tô* bem, volta pra dentro.

PERIGOSAS ACHERON

— Só volto com você.

Quatro palavras poderiam iludir um homem com uma facilidade assustadora.

— Então vamos ficar aqui por um tempo longo. Não quero entrar pelo resto da noite. — Fui franco.

— Pelo menos não vai ficar sozinho — Ela me olhou de canto e todos os pensamentos se tornaram fumaça.

— Deveria ser mais esperta que isso.

— Só o que sabe fazer é tentar me assustar?

Era isso que eu estava fazendo?

Cacete, era sim. Ou o demônio em mim, a parte negra que eu continha toda vez que olhava para o espelho de manhã.

— Entenda como quiser. Sou responsável pelo que eu digo, mas não pelo que você entende. E, *na real*, eu faço isso porque sinto que você *tá* conseguindo a maior arma que eu poderia te dar... minha confiança. E eu nunca fui capaz de depositá-la integralmente em ninguém.

Ela se calou, por instantes. Tentava formular algo

PERIGOSAS ACHERON

inteligente.

— Me desculpe por te desapontar, mas quando diz essas coisas só me impele a me aproximar mais.

— O que posso fazer? Tenho que lidar com isso.
— Dei de ombros.

Alguém entrou no espaço, viu que só havia nós dois ali e como uma ótima pessoa, virou-se e foi embora. Eu teria feito o mesmo, caso entrasse no lugar e tivessem duas pessoas com tanta tensão em torno que poderiam se pegar a qualquer instante.

— Só não sei por que você teima em se manter nessa zona de segurança que criou e impede que todos o ajudem em sei lá o quê. Não consigo nem definir o que penso de tudo.

Uma onda de raiva se avolumou em mim, não por ela, nunca por ela, mas porra, isso afetou minhas ações, me deixou louco. Virei-me rápido e a preendi entre meu corpo e a parede, com os braços à sua volta, olhando diretamente nos seus olhos.

Patricinha suspirou, preocupada, e eu não voltei atrás.

— Pode ter certeza que qualquer merda que
PERIGOSAS ACHERON

pensou não chega nem perto da verdade. E no fundo, eu nunca tive problemas para ficar com outras mulheres porque elas nunca me fizeram sentir o que você faz, Erika. Nunca. É como se eu não fosse eu, ou estivesse descobrindo quem eu realmente sou, sei lá, fico confuso e isso me transforma. A única certeza que eu tenho é que não quero que veja a escuridão que ainda habita em mim. E mesmo que o sexo seja uma válvula de escape, sinto que quando estivermos juntos, tudo acabará ficando nas suas mãos — murmurei, entredentes.

— Então por que não me deixa compartilhar esse fardo com você? — A súplica na sua voz me neutralizou.

Travei, contemplando seus lábios se moverem e seu cheiro afrodisíaco me controlar. Desci minha boca sem pensar no que estava fazendo, sem me importar com o que isso acarretaria, entreabri a maciez com a minha língua e todo o meu sangue se tornou lava.

Enrosquei uma das minhas mãos entre seus cachos e Erika gemeu.

Seu gemido desceu até meu pau e puta merda...
Como eu resistiria?

Imprensei-a com ferocidade enquanto meu assalto a sua boca não saciava todo aquele desejo reprimido que me alucinava quando estávamos próximos. Por mais que eu gritasse para a minha mente, que não deveria construir esperança em torno disso, lá estava eu, doido para que ela conseguisse me fazer esquecer.

E porra... Ela era a única capaz disso.

Os sons que flutuavam entre a gente, brincavam com a minha libido.

Se continuássemos, eu não seria capaz de parar, nem fodendo... E ela sabia disso tanto quanto eu.

Despreendi minha boca da sua, sentindo o formigamento me causar sensações irresistíveis. Seus lábios estavam inchados e vermelhos. O verde esperança que me fitava, nublado de desejo.

— Quando eu desistir de lutar contra, vai ser pra valer e vai querer ter ficado na sua, porque tudo vai ser intenso demais, foda demais e nenhum outro cara vai te fazer sentir como eu vou fazer. Entre

quatro paredes, vai perder os sentidos e me culpar por estragar o sexo pra você, por não conseguir se desprender do véu de prazer. Vou alcançar tudo o que você esconde e vai me entregar de bom grado, o que eu quiser, porque no fundo, sabe que não esteve com nenhum cara tão intenso quanto eu. Soube disso assim que me viu. Então *tô* te avisando, Patricinha, ou se entrega de uma vez ou nem me dá o gosto do paraíso, porque eu vou tirar cada resquício dele de você e te mostrar que o calor do inferno é muito melhor.

— Você *tá* com a chave do seu carro aí?

Nós dois não estávamos medindo consequências, sequer pensávamos duas vezes quanto ao que faríamos.

— Vai pra onde estacionou ele. Vou lá pra dentro avisar a galera que não voltaremos com eles, pra pedirem um táxi ou algo assim — falei rápido demais, afoito demais, sem ficar para ouvir se ela negaria ou não.

Estava a ponto de explodir e porra, se ela desistisse, aí minha mente seria fodida de vez.

Abri a porta e ouvi-a voltando ao batente,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo um barulho estalado que assustou as pessoas ao redor. Ignorei e segui adiante. Parei na frente da mesa, onde todo mundo conversava animado e bati na madeira, para chamar a atenção.

— Pelo amor de Deus, cara, o que quer agora?
— Eros indagou, brincalhão. — Já te disse que não vamos fazer um ménage porque eu prezo muito a sua amizade.

Ele quase nunca levava nada a sério.

— Arrumem uma forma de voltar, *tô* me mandando. — falei, depressa.

Todas as vozes na mesa se silenciaram e a atenção de quatro pares de olhos voaram na minha direção.

— E a minha irmã? — indagou Theo.

— TPF — Não consegui falar nada antes de Eros sussurrar. — Que vai se tornar pós, pelo visto. Tomara que não desconte em mim depois.

— Vai lá, pode deixar que a gente se vira aqui — Bruno pronunciou-se.

Fitei Theo e ele estava com os olhos

semicerrados na minha direção, tentando entender se eu seria uma ameaça para sua irmã ou se faríamos bem um ao outro. Descobri quando ele teve a própria resposta, porque desviou o olhar e voltou a beber um gole da cerveja que estava na sua mão.

Não me despedi de ninguém.

Só virei... e me mandei.



25

Frika

Apertei o volante nas minhas mãos, com o frio na barriga me corroendo.

Inspirei e expirei.

Diversas vezes.

Parecia que eu nunca tinha feito isso na vida, que eu nunca ficara com ninguém...

Observei o exato instante em que Athos saiu do bar e começou a caminhar na minha direção, com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa. Sua camiseta preta do AC/DC e a calça jeans rasgada nos joelhos, davam um ar muito *hipster* à sua figura. Roupas formais definitivamente não seriam capazes

de evidenciar toda aquela beleza exótica que flutuava em torno dele. Até mesmo seu nome não era comum e combinava com a excentricidade de tudo.

Ele levantou a cabeça, como se sentisse minha admiração e quando seus olhos multicolores se prenderam aos meus, o frio que eu sentia me dominar, correu por todas as partes e se findou bem no meu peito, em um prelúdio do incrível.

Alguns segundos depois, a porta do carona foi aberta.

Athos parou e me fitou, indagando de forma silenciosa se eu havia voltado atrás. Algo nos meus olhos deu o que ele precisava. Ele entrou no automóvel e ficamos quietos por instantes.

— Ah, que se foda!

Foi o que ele disse antes de me puxar para um beijo.

Senti seus dentes roçarem deliciosamente meus lábios e depois o toque gelado do seu piercing acariciar minha língua. Meu corpo cedeu ao seu peso e senti a maçaneta da porta pressionar minhas

costas.

Athos apertou minha cintura, com uma força excruciante.

Eu puxei sua camiseta.

Ele se afastou de mim por poucos segundos, o suficiente para que a passasse pela sua cabeça.

Corri meus dedos pelo seu peitoral e cravei minhas unhas quando ele chupou e mordeu meu lábio inferior. Cada gesto seu corria direto para a minha excitação e a bombeava furiosa pelas minhas veias. Meu coração batia de acordo com o desejo e a necessidade. Suas mãos desceram ligeiramente e empurraram o cós da minha calça, dando acesso a uma parte bem baixa do meu quadril. Senti seu toque queimar a minha bunda assim que ele a apertou e se colou ainda mais em mim. O volume na sua calça, ultrapassava todos os tecidos e me fazia senti-lo totalmente, agitando a minha inquietação.

Passei a barreira de corpos e suor e abri a braguilha da sua calça. Quando aprofundei o toque e senti o objeto, o beijo parou por segundos enquanto eu assimilava no “que” estava tocando. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso que Athos deu entre o beijo foi confiante.

— Surpresa.

— Não é só na língua? — Afastei-o e perguntei abismada.

— Preciso mesmo confirmar isso? — Seu tom de brincadeira foi muito sexy.

Não ajudou em nada ele passar o piercing nos seus lábios, sem tirar os olhos da minha boca.

— E não atrapalha?

— Vai alcançar pontos que você nem imagina que existe.

— Cristo! — Foi só o que eu disse antes da minha boca ser assaltada novamente.

Bati em alguma coisa.

E isso chamou a nossa atenção.

— Ai porra, soltou o freio de mão. — Ele falou, antes que eu me desse conta do que tinha feito.

Percebi tarde demais que o carro estava descendo.

PERIGOSAS ACHERON

Athos o puxou de novo e se arrumou no seu lugar. Quando nos fítamos, o sorriso era constante.

— A culpa foi sua. — Comentei.

— Com certeza, toda minha.

Liguei o carro e dessa vez soltei o freio de mão, porque eu *realmente* queria soltar.

A gargalhada do Athos permeou um bom tempo pelo automóvel, até que ele decidisse que me torturar com as mãos era muito melhor e meu Deus... foi de fato, exponencialmente melhor.



— Posso parar aqui? Não vou aguentar dirigir desse jeito até seu apartamento — falei, ao ver a fachada do estúdio, com a placa vermelha em néon, nos convidando a fazer loucuras.

— Nossos pensamentos *tão* sintonizados!

Mal tinha desligado o carro quando Athos abriu a porta e puxou um molho de chaves do seu bolso, procurando afoito pela que abria a porta da frente do estúdio.

Ele deu espaço e eu passei por ele.

Ouvi-o trancando de novo e não acendeu as luzes quando voltou a me pressionar. Senti o que eu imaginava ser a mesa de mogno bem nas minhas costas. Estava gelada e toda a certeza do que faríamos de repente caiu em mim.

Estava acontecendo.

Eu ficaria com Athos Monteiro e por que, essa noção me deixava a ponto de perder totalmente o oxigênio?

— Eu preciso dizer uma coisa antes... de tudo. — Comentou, me liberando e indo até a mesa.

— O quê?

— Sempre quis testar a capacidade desse móvel, mas nunca tive a chance, nem achei uma mulher que despertasse essa vontade em mim. Agora, o que eu mais quero é quebrar a mesa da recepção, Patricinha.

Athos levou as mãos ao cós da calça e terminou de descer o zíper, que eu já deixara meio aberto com a nossa *pegação* no carro. Seu olhar não abandonou o meu. E o meu em contrapartida, não

PERIGOSAS ACHERON

perdeu nem um segundo do momento em que a sua cueca boxer preta desabou e suas pernas repletas de tatuagens evidenciaram-se.

Se ele podia brilhar ainda mais, eu não acreditava; mas a minha boca se abriu, tentando conter a avalanche de sentimentos, a enxurrada de cores que me arrastava rio abaixo.

Acompanhei-o lentamente com o olhar até chegar no seu rosto e notar como o sorriso convencido que eu já enxergara várias vezes, estava zombando da minha admiração.

— Quando eu te disse que era bonito, não imaginei que conseguiria me surpreender mais.

Olhei para baixo, absorvendo a imagem prata cintilante em meio as veias evidentes. Passei a língua no lábio inferior, doida para provar. Era difícil ver uma cena dessa e não querer chupar feito louca, a maioria das mulheres pensaria o mesmo que eu.

Athos acompanhou meu olhar — Se isso já te deixa excitada, não imagina o que esse *carinha* é capaz de fazer.

Se aproximou tão rápido quanto um felino e imprensou sua boca na minha, enquanto a joia gelada se esfregava na minha língua e a impregnava de perdição. Abandonou meus lábios e me castigou, arrastando uma névoa de paixão pelo meu pescoço, enquanto suas mãos subiam pelo meu abdômen e se infiltravam por entre o aro do meu sutiã.

Contornou meus mamilos com os dedos e encheu a mão com um dos meus seios, em concha, enquanto chupava meu pescoço, alternando as carícias, provocando sensações tão malucas que eu não sabia em que ponto eu sentia mais. Notei que a peça de lingerie se soltara e não consegui definir quando ele a abrira. No entanto, já era, não tinha mais volta. A loucura não nos deixaria parar. A ânsia, a necessidade, eram tão grandes que ele me empurrava de encontro ao mogno e eu sentia a beirada da mesa me massacrar.

Minha calça desceu sob meus pés.

Minha blusa de alças, caiu de uma forma bem estranha pelas minhas pernas. Achava que tínhamos rasgado uma das alças finas.

O sutiã lançamos para longe, a calcinha... empurrei-a com os pés assim que ela desceu.

Um frio bem maluco se impregnou em mim. Um que me assustara a princípio e depois fascinara em meio aos beijos de Athos.

— Se eu falar tudo o que quero fazer com você, Patricinha, vai correr até dizer chega. Porra — sussurrou e mordeu meu pescoço. — Você vicia.

Deu uma mordida sacana, intensa e na força certa, que despertou um desejo tão cru que eu não consegui conter aquela onda de excitação que deixou meu corpo pronto para qualquer coisa.

— Diz? — pedi.

Um sussurro.

— Eu vou sugar cada gota sua, vou te levar a loucura com o que sei fazer com a língua e você vai se contorcer nos meus braços. Vai pedir que eu vá com calma, só para o seu coração se acalmar. Mas, isso não vai adiantar, porque com o tesão que eu tô por você, o milagre será se eu parar um dia. Te foder deve ser a coisa mais viciante da Terra e merda, eu não sou um cara que foge das sensações.

Me fará esquecer os cacos, Erika, com um sexo tão louco, que os que caem nos seus olhos também desaparecerão. Vamos do céu ao inferno em um piscar de olhos e então eu vou... — Chupou o lóbulo da minha orelha — estocar fundo em você, enquanto delira e grita pra que eu foda mais rápido. — Passou a língua no meu pescoço e depois assoprou, lentamente, me arrancando gemidos — O que mais vai escutar, será o barulho do seu corpo se chocando contra o meu e então...

Ele parou de falar, me levantou apertando firmemente minha bunda, para que eu sentasse na mesa e...

Se ajoelhou diante de mim.

Meu fôlego pegou caminhos desconhecidos, porque achava que não o encontraria nunca mais.

Quando olhei para baixo, só o que consegui ver antes que sua cabeça se perdesse entre minhas pernas, foi o sorriso devasso que enfeitou o rosto de Athos e o prata do piercing que despontava na ponta da sua língua.

No primeiro contorno deliberado, meus olhos giraram, incapazes de se conter. Apoiei uma das

PERIGOSAS ACHERON

mãos na mesa, inclinando meu corpo e puxando seu cabelo, enquanto ele fazia uns barulhos deliciosos e sugava tudo o que me deixava mais e mais molhada.

Conseguia distinguir as partes em que ele só usava os lábios, das que ele sugava com força e usava o piercing como apoio e ponto sensível. Era como ser chupada por algo quente e gelado ao mesmo tempo; indescritível. Apertei minhas coxas em torno da sua cabeça e puxei ainda mais os fios que enchiam uma das minhas mãos.

O preto avolumou-se.

Minhas pálpebras se fecharam em uma resposta àquilo que eu sentia.

Uma onda catastrófica em meio ao conhecido.

Athos tinha razão... Tinha toda a maldita razão.

— Athos...

Ele inseriu dois dedos e eu praticamente me deitei na mesa.

Eles iam e voltavam, com uma agilidade impressionante, enquanto sua língua e aquele... —

Ahhhhh — maldito piercing, faziam uma coisa muito... não sabia nem definir — *Cristo* — respirei fundo, me controlando para não gritar antes mesmo que ele estocasse em mim — *Isso é bom* — demais — *uhhhh*...

Eu nem sabia mais o que era pensamento e o que era gemido. Gozei em um misto de não saber o que estava sentindo, para uma necessidade muito doida de continuar mesmo assim. Athos lambeu cada gota da minha excitação, e continuou me castigando até que os tremores no meu corpo se amenizassem.

Passou a língua no meu abdômen e depois contornou meus mamilos com ela. Eu sentia as batidas do meu coração, bem pausadas, ecoando no meu ouvido, com a presteza que ele demonstrava em me fazer perder toda a minha noção de mundo.

— Você é muito, muito... gostosa, Erika. — sussurrou — e eu queria te chupar até você ficar toda mole, toda linda, toda minha. Só quê — sua bochecha encostou na minha, — a minha vontade de te foder é muito maior. De sentir sua boceta envolver meu pau e apertar bem foda, sabe? E eu sinto que vou me perder em você, tanto quanto vai se perder em mim.

Ouvi um barulho de invólucro sendo aberto e uma das suas mãos trabalharem mais abaixo. Inclinou-me ainda mais na mesa, suas mãos procuraram as minhas e olhando para mim em cada segundo... estocou fundo, me fazendo sentir aquela coisa bem no âmago do meu ser.

MINHA NOSSA!

O que diabos era aquilo?!

A cada saída, ele esfregava a joia no meu clitóris e logo em seguida, arremetia com tanta força que a mesa de mogno estava rangendo e cedendo ao peso que ele aplicava, arrastando-se por vários centímetros.

— *Faz... isso* — eu indiquei quando esfregou mais uma vez o piercing e me impediu de continuar, com os lábios, beijando-me ferozmente.

A sua língua duelava com a minha, uma batalha muito louca, tão íntima quanto o sexo. Athos estava em cada molécula do meu corpo, em cada maldita terminação, em cada poro, em cada pensamento que corria frenético na minha cabeça.

Ele espontaneamente... fazia com que a minha
PERIGOSAS ACHERON

mente girasse e girasse, desconexa.

— Quantos pontos G, você tem?

Sua pergunta pareceu despretensiosa, mas...

Eu descobri quando ele estocou intensamente diversas e diversas vezes, que eu devia ter no mínimo uns trinta pontos sensíveis.

Graças àquela preciosidade que atravessava verticalmente sua glândula.

— *Você... é... muito...* — Minha rouquidão o alucinou — *Ah... eu vou de novo, continua assim, por favor... Só me fode desse jeito* — Prendi minhas pernas em torno da sua cintura de uma maneira que soltar seria impossível.

— Goza então, Patricinha, goza com força, enquanto eu — deu uma pausa — eu te faço alcançar o inalcançável. Enquanto eu... — Estocou profundamente mais algumas vezes, mordeu meu lábio, apertou meus dedos entre os seus e gemeu, com uma profundidade que eu senti seu peito se movimentar ao encontro do meu — me afundo em você.

Segundos depois, o senti pulsar e inflar-se dentro

PERIGOSAS ACHERON

de mim, enquanto nós dois gritávamos frases desconexas.

Foi o tempo suficiente antes de...

A mesa tombar.

— *Ai, ai, aaaaai!* — resmunguei, passando a mão na minha cabeça.

Athos caíra ao meu lado e ao olhar para ele, percebi o quanto dava risada. Nós tínhamos virado a mesa, e agora ela estava deitada, depois de um barulho estrondoso, enquanto nós dois nos mantínhamos em uma posição estranha.

Ele foi o primeiro a gargalhar.

Depois eu o acompanhei.

Talvez o móvel não fosse mesmo assim... tão resistente.



— Não acredito que isso sempre esteve aqui e eu não sabia! — exclamei indignada, após passar pela sala do Eros e então sair em um corredor, com uma edícula no final.

— Meu nome veio primeiro, mas o filho da mãe foi mais esperto e escolheu a sala que dava para o quintal. Ele saiu ganhando, eu acho. Deveria ter deixado o nome dele vir antes. — Athos abriu um sorriso leve.

— Também penso isso.

— Vem, vamos tomar banho.

— Tem outro banheiro aí?

— Claro que sim.

Ele empurrou a porta e ela abriu fácil, enquanto me puxava pela mão até outra, que levava ao banheiro. Era simples, mas tinha um chuveiro, um box e todos os itens necessários em um banheiro básico.

Athos virou-se de costas e eu acompanhei as linhas que começavam na sua nuca e desciam até o início da sua bunda. Estendi minha mão e toquei uma delas. Seu corpo ficou tenso e então, o ambiente inteiro pesou.

— O que aconteceu com você?

Minha pergunta saiu alta, mas na verdade, eu

estava *me* indagando, tentando entender por tudo o que ele passara.

Sua respiração se tornou pesada.

— Não vou estragar nossa noite com histórias horríveis, Erika.

Quando ele disse meu nome, não foi em tom malicioso, muito menos provocativo, foi uma advertência.

E ao entrarmos no chuveiro, e fazermos sexo ali também, esse foi muito mais selvagem que o anterior e parecia... quase parecia... que ele estava tentando esquecer toda uma vida.



— Fiz algo pra você, vem ver — Athos me puxou pela mão, atravessando a sala do Eros e seguindo para a sua.

A essa altura já estávamos vestidos. Depois de descobrir muitas manobras interessantes que envolvessem piercings.

Puxou um dos gavetões da sua mesa e tirou uma

folha, entregando-me.

Assim que meus olhos pousaram nela, fiquei em choque com a beleza do desenho. *Valfenda*¹³, tinha sido desenhada com perfeição e estava... colorida, viva! Tão colorida que eu senti o ar faltar do meu corpo. Era muito verde, muito azul, muito rosa, muito vermelho, amarelo, meu Deus... muitas... cores! E por mais incrível que pudesse parecer, não me causaram dor de cabeça, apenas vontade de fazer aquele desenho naquele exato momento.

As construções élficas se sobressaíam às imensas cachoeiras, despencando magníficas, enquanto o charme do vale apenas triplicava. O desenho tinha sido tão bem traçado, que parecia possuir três dimensões, nos transportando para uma realidade tão imaginária, que eu apostava que meus olhos estavam brilhando. Abaixo do colorido, as figuras da Sociedade do Anel partindo em sua jornada até *Mordor*, rumo ao vulcão *Orodruin* a fim de destruir o anel de *Sauron*, eram expressas em uma sombra negra, que me permitia ver apenas as silhuetas de todos.

Surreal.

Não havia nenhuma outra palavra para descrever o talento nato do homem à minha frente.

— Ainda se lembra? — perguntei, emocionada.
— Eu amo tanto esses livros... porque foram neles que eu me refugiei quando precisava, entende? Falei tão rápido, que nem imaginei que ainda se lembrasse.

— Jamais vou me esquecer das coisas que me fala... mas, e aí, gostou? — Athos parecia duvidoso. — Não é o estilo que eu costumo desenhar e tal, mas pensei que valia a pena como era pra você...

— Ficou... perfeita.

Olhei-o e sua pele brilhava ainda mais. O sorriso que enfeitava seu rosto expressava orgulho.

— Que bom. É um presente.

— Pelo quê?

— Por ter... aparecido. — Sua sinceridade me causou sensações distintas.

Era errado me sentir tão feliz que seria capaz de flutuar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É tão fácil gostar de você quando diz coisas assim.

— *Tá* clichê demais tudo isso, Patricinha.

Nós dois acabamos rindo.

Athos encostou-se na sua mesa e eu me sentei na cadeira, olhando para a sala com uma atenção irrefreável.

Havia vários quadros de filmes de terror em uma das laterais. Seus desenhos mais premiados e os que mais mexeram com ele, segundo me dissera a primeira vez que eu entrara ali, também tinham um canto reservado nas suas paredes.

— Esse aí vai parar lá, no meu mural — comentou.

— Por quê?

— Porque ele é especial e foi feito pra alguém ainda mais especial.

Ninguém poderia me julgar por perder meu coração para um cara como ele, não é?

— Bom, com essa frase, tenho certeza que meu coração acabou de dar no pé.

PERIGOSAS ACHERON

Athos abriu um sorriso estonteante.

— Gosto disso.

Entreguei de volta o desenho para ele, que guardou.

— Quando posso fazer?

— Tanto faz por mim, não vai demorar muito. Se não tivéssemos... você sabe, poderíamos ter feito hoje. Mas, não me arrependo nem um pouco que ele tenha ficado pra outro dia.

— Somos dois. — Uma troca maliciosa de pensamentos enevoou a sala. — E pode fazer quando estiver livre por essa semana...

— Certo... — falou e ficou quieto.

Nós dois ali, juntos, era tão bom, que até o silêncio parecia uma ótima opção.

— Me conta algo de você? Uma coisa que ninguém mais saiba? — pedi, em um rompante.

Queria ter algo dele, algo que fosse apenas nosso. Uma espécie de código que apenas nós dois entenderíamos.

Athos me fitou por instantes antes de começar a falar. Sua cabeça pendeu suave enquanto ele se perdia em pensamentos.

— Quando eu era pequeno, gostava de ir com a minha mãe no mirante e ficar olhando as estrelas. Ela me dizia que elas representavam Deus e que as estrelas cadentes eram Ele nos concedendo um desejo. Ela amava *Guns N'Roses* e November Rain era a música preferida dela. Dizia que era triste só que não conseguia deixar de amar. Se ela tivesse a chance na época, eu com certeza seria filho do Axl Rose, tamanho o seu amor pelo vocalista. — Athos sorriu e seu olhar se perdeu na lembrança.

— Devia ser uma mulher maravilhosa. — falei

— Era sim. Sinto uma falta, do caralho, dela.

Uma ideia se apossou de mim e decidi que era muito melhor vê-lo relaxado do que cheio de segredos. Sentia que se... eu pudesse fazê-lo falar, ficaria tão leve que poderia flutuar.

— O que acha de irmos no mirante? — indaguei.

— Nem pensar, não vou lá desde que era criança.

— Só uma vez? Por mim? Por favor? A gente

PERIGOSAS ACHERON

pode conversar e se for demais pra você, nós voltamos. Juro!

Ele deu de ombros, mas consegui enxergar o quanto isso ainda mexia com algo nele.

Nós nos vestimos; eu apressada, ele tão aterrorizado com o que concordara que saímos sem nem mesmo colocar a mesa da recepção na sua posição original.

Liguei o carro e retornei na própria rua, traçando mentalmente o caminho que eu me lembrava. Virei em algumas vielas erradas, mas Athos não se importou.

— Está tudo bem? — indaguei.

Seu silêncio gritava.

— Tô de boa. É só que... ela ficaria orgulhosa, sabe? De ver como eu *tô* agora, como evoluí. Sinto que pelo menos nisso eu não falhei. Pra muitos pode ser pouco, mas eu tenho meu apartamento... O estúdio é meu e do Eros, nós compramos depois de três anos. Juntamos dinheiro pra caralho e compramos do cara que alugava pra gente. A cada dia, mais e mais pessoas conhecem meu *trampo* e

bom... eu tenho uma vida bacana.

Suspirei. Meu peito pareceu se abrir diante da sinceridade e dor na sua voz. Athos era uma incógnita e uma mente criativa, cheia de dilemas, mas quando ele se permitia ser tão franco, me fazia arfar, tamanha a colisão de sentimentos.

— Ela explodiria de orgulho.

— Amava os Mosqueteiros, Athos era o preferido dela. Gostava do nome e quando descobriu que estava grávida, foi o primeiro que ela cogitou. Eu costumava ficar com raiva, quando era criança, porque todo mundo me zoava, como se me rebaixar os tornasse melhores. Com o tempo, passei a gostar e ele fez parte de mim. Não consigo me imaginar com qualquer outro desde então.

— Combina com você.

Parei em um dos semáforos e o clima que anteriormente estava tenso, foi se dissipando diante da nossa conversa despreocupada.

Mais algumas ruas à nossa frente, acessei uma estrada de terra que subia, contornando um pequeno morro, até onde a vista da cidade era

PERIGOSAS NACIONAIS

espetacular. Já fora ali diversas vezes, mas em nenhuma delas parecia tão especial quanto essa. Nenhuma parecera tão significativa. Athos dividira um momento da sua vida comigo e eu não o desapontaria. Ele estava dando parte dele e eu daria uma minha em contrapartida.

As árvores caíam como arcos de verde sobre a estrada, remontando a contos de fadas, ou até mesmo a uma narrativa fantástica. Seus troncos eram antigos e eu sinceramente não confiaria que se comesse a chover, elas se manteriam firmes diante das intempéries e não atingiriam o carro em cheio.

Athos olhava para fora, sem se fixar em qualquer ponto específico. O vento que entrava pelas janelas abertas, trazia um cheiro de natureza para o interior do veículo e também de terra quando esta se revolia. De manhã, devia ser tão lindo quanto a noite, com aroma de orvalho e uma temperatura um pouco mais fria, devido ao início do dia.

Ver o sol nascendo deveria fazer tudo valer a pena.

Não sei por que raios nunca tivera essa ideia.

PERIGOSAS ACHERON

Entretanto absorver a energia do astro logo nas primeiras horas do dia, me soava o melhor rompante que eu tivera em anos.

— Aqui é mesmo lindo. — Athos divagou.

Não respondi.

A sua frase não precisava de uma resposta. Ele sequer parecia estar falando comigo de verdade. Se estivesse preso em meio as suas próprias memórias, não me espantaria.

— Nem chegamos no ponto alto da vista.

Diminui o ritmo, por causa das curvas sinuosas e ao olhar para a frente, me deparei com um manto estrelado de fazer meu ânimo se agitar, contente com aquela porção do inesquecível que recebia.

Parei no estacionamento improvisado que havia ali e desci embasbacada.

Ouvi outra porta batendo, mas ignorei.

Seu aroma forte e agradável atingiu minhas narinas antes que meu corpo se tensionasse diante da sua presença.

— Eu havia me esquecido de como era lindo.

Nunca mais voltei aqui. Nem mesmo quando fiquei adulto e entendi que a morte fazia parte da vida, indiferente se nós a queremos ou não. É a única certeza que temos. Alguns povos até a cultuam como uma divindade, acreditando que a vida depois que nos despedimos desse plano, é uma dádiva. Eu não duvido de nada, mas porra, fiquei revoltado quando alguém que eu amava me foi tirada. Fiquei revoltado principalmente pela forma que aconteceu. Mas, de que adiantava eu chorar para sempre? Ela não voltaria, e mesmo que eu amaldiçoasse a morte, isso também não a traria de volta.

— O que aconteceu com ela?

Athos me olhou por segundos, antes de engolir em seco e começar a narrar. — Meu pai era um filho da puta bêbado, que criava as teorias mais malucas possíveis de que minha mãe o traía. Ele ficava furioso. Do tipo furioso pra caralho. Algumas vezes eu conseguia entrar no meio, em outras ele não sossegava enquanto não a visse sangrando... — Ficou quieto por instantes, admirando as estrelas. Colocou as mãos nos bolsos e sua seriedade seria capaz de abrir um buraco e tragar nós dois para dentro da terra — Até que um

dia essas neuroses o dominaram, ele pegou uma faca e desferiu vários golpes nela. A única coisa que ela conseguiu dizer antes de se afogar com o próprio sangue foi para eu correr, para o mais longe e o mais rápido que eu conseguisse. Ele a matou e se matou, foi isso que aconteceu. — Seus olhos ficaram vazios, o timbre da sua voz se tornou depressivo e eu me arrependi de ter perguntado. — Nenhuma novidade, diante de tanta tragédia no mundo, em meio a tanta violência sem punição.

— Desculpe por perguntar.

— Eu precisava conversar, na verdade. Nunca falei sobre isso antes, com... ninguém.

Athos caminhou devagar até um dos bancos que ficavam bem na encosta do morro, para quem quisesse apreciar a vista sem preocupações.

Abaixo de nós, Santa Clara se estendia brilhante e feliz, sem ao menos provar a tristeza que eu sentia escorrendo de cada palavra do homem ao meu lado.

— Mas se te incomoda, podemos ficar em silêncio, gosto de discutir com meus próprios pensamentos. E a noite foi perfeita para eu acabar te deixando mal.

— Não, agora que abriu a comporta, me sinto no dever de te dizer que não podemos ficar juntos, porque eu não sei até onde puxei a loucura dele, entende? Nunca fiz mal a nenhuma mulher, mas porra, eu tenho um medo do caralho de chegar no mesmo nível que ele. Entende por que eu acho que nós não daríamos certo juntos? Sei lá, eu sou muito fodido, tenho uma história muito tensa, uma bagagem gigantesca, para dar certo com alguém com tantos cacos quanto eu. E, Patricinha — Athos me olhou com uma fragilidade que me deixou em frangalhos — Eu não conseguiria conviver comigo mesmo se fizesse algo a você. Quero ser o que procura, mas no fundo, sinto que nem eu me encontrei ainda.

— É justamente isso que te torna diferente dele — Peguei uma das suas mãos e tracei uma linha suave, reconfortando-o.

— Há alguns anos eu fui o cara rebelde que todos esperavam que eu fosse, só depois que eu percebi que era idiotice viver sobre um estereótipo. O mais engraçado é que eu encontrei o que procurava na arte, e foi ela que me salvou. Encontrei você através dela também e não é

estranho? Que tenha ido parar no meu estúdio, pra fazer uma tatuagem por impulso? Uma que eu tenho certeza que você não queria. — Ele fez um *tsc*, uma mania recorrente — é quase como se fosse para acontecer e isso me atormenta pra caralho. E se der errado? Como eu vou seguir então depois de conhecer alguém tão bom pra mim quanto desenhar? Quero ficar com você, quero ficar com uma intensidade que me tira da zona de conforto e, é por isso que decidi ignorar meu mau pressentimento...

Suspirei.

Ele falava tanta coisa carregada de pesar, uma seguida da outra, que me deixava sem ação.

— Mau pressentimento?

— É — ele concordou — tem algo em mim que *tá* gritando cada vez mais alto que vamos nos dar muito mal.

— E como confia nisso?

— Sei lá. Todas as vezes em que meu peito se aperta, algo ruim acontece. Foi assim no passado e sempre tem sido assim no presente.

— Se é tão crente que vai dar errado, por que ficou comigo? — Estava a ponto de me magoar.

Idiotice. Porque nós não prometêramos nada um ao outro. Mas, era complicado ouvir algo lindo, depois melancólico e em seguida, uma admissão de que tínhamos sido um erro.

— Me faz querer enfrentar meus medos e se me foder no final for o preço a pagar, *tô* disposto então. Você é como um antídoto e eu me sinto bem demais quando estou com você pra conseguir parar.

Eu não soube o que dizer depois disso.

Ficamos em silêncio por minutos, longos e infindáveis.

Fitei uma árvore retorcida bem próxima a gente — Não parece que ela tem olhos e boca? — apontei e ele seguiu meu gesto.

Balançou a cabeça e emitiu uma risada rouca e despretensiosa.

— Você é mesmo a pessoa mais insana que já conheci. Eu te conto uma coisa fodida pra caralho e você alivia o clima com uma frase sem sentido. Puta merda, por que não apareceu antes? Teria me

PERIGOSAS ACHERON

desafogado.

— Como foi sua vida depois? — A curiosidade superou minha noção de preservação e ao notar como Athos ficou subitamente quieto imaginei que essa não fosse uma parte da sua vida a qual ele estava disposto a compartilhar.

— Alguns passados não merecem ser lembrados. Não pergunte sobre isso de novo, porque esse assunto me incomoda mil vezes mais que o anterior. — Fez um *tsc* e prosseguiu — fim da história triste, vamos só... ficar quietos.

Posicionei-me ao seu lado, olhando para frente, me perdendo em meio as constelações e ao céu, com sua mistura de azul escuro, pontos claros e um preto que refletia o estado de ânimo de Athos, me atingindo em ondas tranquilas e reflexíveis.

Não sabia o que acontecia com a gente, quando estávamos juntos, mas o fato era que Athos deixava meu fardo muito menor para carregar. E pelo visto, eu tornava o dele muito mais leve também.

— Tudo bem. Eu sempre amei arte, sempre amei pintar, acho que eu deveria me aventurar nesse ramo de novo. — comecei a desabafar — Me senti
PERIGOSAS ACHERON

mal por ter trancado a faculdade? Me senti muito mal, péssima; mas naquele momento, parecia que um peso estava saindo das minhas costas, sabia? Sempre vivi com medo, Athos, medo de decepcionar as pessoas ao meu redor, e percebi que não posso me manter na zona protegida para sempre, preciso enfrentar o desconhecido, preciso me descobrir. Sinto que é isso que estou fazendo, como se conversar com vocês, sorrir e levar a vida menos a sério fosse justamente o que me faltava. Como se não corresponder as expectativas de ninguém estivesse me impedindo de ceder a loucura.

— Dá pra perceber... Os cacos que eu sempre comentei com você, diminuíram. Você sorri mais, conversa mais e até solta piadas. Não fazia isso antes, Erika. É uma outra pessoa e sinceramente, eu gosto pra caralho dela. Gosto de você. Entende que essa é a verdadeira Patricinha, certo? — ele falou e me encarou, o cinza brilhando, o azul se movimentando na tormenta. — A mulher que é quando não se importa com o que pensam de você.

A casualidade das suas palavras mexeu com algo em mim. Athos tinha toda a razão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que sim. Obrigada por aturar a minha transição.

— Como se tivesse sido algo foda.

Nós dois gargalhamos dessa vez, ininterruptamente, por vários segundos. Só deixando que esse fosse o melhor remédio.

— Algum dia eu vou te contar tudo e tal... É que porra, ainda não *tô* preparado, é como se eu estivesse pulando um passo importante e os momentos em que dou risada com você e esqueço tudo, são melhores do que os que eu penso em te contar a verdade.

— A única coisa que preciso saber no momento... — Dei uma pausa proposital, para deixá-lo preocupado. — É se está com tanta fome como eu!

— Puta merda! — Ele jogou o corpo pra trás gargalhando — Juro que pensei que você ia lançar uma notícia ruim pra cacete.

— Mas eu falei sério! Meu Deus, acho que meu estômago está digerindo até minha saliva em busca de alimento! Podemos ficar mais um pouco aqui e

PERIGOSAS ACHERON

depois comer alguma coisa? Tem um lanche que é uma delícia, em uma das ruas que corta a avenida principal. Cristo, que cachorro quente gostoso! — Senti a água se formando na minha boca.

— Ah, eu sei de que lanche você *tá* falando! Que lanche é aquele! Um dos melhores que eu já provei. — Athos se empolgou e nossa conversa partiu para um rumo totalmente inesperado.

De passado e obscuridade...

Mudamos de assunto para falar sobre os lanches da cidade.

Sinceramente, depois de tudo o que ele me contara, queria sim ficar com ele de novo, mas estava começando a querer algo mais e, ao olhar e tocar a esperança nos seus olhos, imaginava que ele também. Toda aquela coisa entre a gente ia muito além de apenas “sexo” ou a porcaria da “TPF” que Eros inventara. Era mais sensorial do que carnal e meu Deus, meu próximo pedido seria esse.

Que os girassóis fizessem... com que um amor desse certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

26



Athos

Quando cheguei no estúdio, Eros estava abrindo a porta da frente. No seu rosto, um sorriso maroto se despontava. Suspeitava que a noite dele tivesse sido tão boa quanto a minha.

— Estamos felizes hoje, pelo visto, *uh?* Isso sim que é um milagre.

Seu semblante se alterou totalmente enquanto ele não tirava os olhos da recepção do estúdio.

— Que foi, cara?

— Puta merda, alguém entrou aqui! Ah, porra, tomara que não tenham mexido em nada! — Ele se desesperou e saiu correndo apressado para a sua

sala, antes que eu pudesse dizer o que realmente tinha acontecido.

Voltou segundos depois.

— Tudo normal, não é? — indaguei.

— Estranho — ele coçou a cabeça — por que alguém entraria aqui e só viraria a mesa da recepção? — Sua confusão se tornou clareza quando ele arregalou os olhos e me fitou. — Ah, não acredito nisso! Seu idiota do caralho! Me fez acreditar que alguém tinha invadido nosso estúdio, porra!

Gargalhei.

— Vem me ajudar a desvirar a mesa — pedi.

— Pra virar ela não precisou de ajuda minha, né?

Bem quando arrumamos o móvel, senti o cheiro de girassóis ao qual já me acostumara. Erika travou na porta e ficou olhando para nós dois, com a boca aberta em espanto.

— Esquecemos bagunçada?

Balancei a cabeça em concordância.

— Fizeram uma bela festinha aqui, hein? Quebraram até a porra do pé da mesa! E agora, como que essa merda vai ficar em pé, bambeando desse jeito?

Acabei rindo, ela também.

— A gente compra outra. — falei.

— Vão ter que comprar mesmo! Porque agora nosso frigobar *tá* a vista de todo mundo, olha só! É nosso segredo, não pode ficar assim na cara dura!!

— Eros resmungou e colocou as mãos na cintura.

— Puta merda... Falei pra pararem com a TPF, não pra quebrarem a mesa, mas tudo bem, o humor no estúdio vai ficar bem mais leve. Vou até acender um incenso que traz riqueza dessa vez. Já que de amor claramente não precisamos mais.

Ele se mandou na sua sala e logo depois voltou com dois porta-incensos, cada um com um graveto aromático. Quando ele os acendeu, tanto eu quanto Patricinha tossimos com a névoa de fumaça cheirosa que incendiou a recepção.

— Pelo amor de Deus, Eros! Que cheiro forte!

— Erika balançava a mão na frente do rosto, enquanto eu não sabia se ria dela ou da cara de

ofendido do Eros.

— Não vai reclamar quando ele te trazer riqueza, tenho certeza. Vocês dois, aliás, são uns ingratos! Eu que faço as coisas acontecerem por aqui e só o que recebo é reclamação! Vão se foder, se querem saber!

— *Putz!* O que *tá* acontecendo aqui?

Um dos clientes do Eros entrou no estúdio e balançou as mãos na frente do rosto, tentando afastar o cheiro, assim como Patricinha fazia.

— Incenso. — respondi.

— Meu — Eros complementou.

— Parece que eu acabei de entrar na tenda de uma madame!

Gargalhei.

— Para de reclamar, seu infeliz, que agora que entrou aqui bem no momento de purificação, você também vai conseguir riqueza! — resmungou Eros.
— Devia até jogar na loteria, com certeza o prêmio acumulado será todo seu.

Não tardou para que os dois sumissem na sua
PERIGOSAS ACHERON

sala, discutindo sobre o esotérico e a quantidade de milhões que eles nunca veriam.

Ficamos eu e Erika, olhando um para o outro, recordando o que acontecera na última noite. Aproximei-me dela, que admirava divertida a mesa bambeando.

— Vou ligar em uma loja de móveis e pedir uma nova. Não tem como ficarmos sem uma mesa aqui — comentou.

Caminhei na sua direção, premeditando que sua respiração ficaria tão entrecortada quanto a minha estava. Só precisava de um beijo... Merda, só um, para poder manter aquele desejo insano trancafiado por algumas horas.

A porta se abriu de novo.

— Ei, e aí, estamos prontos pra começar? — Meu cliente quem falou dessa vez.

Travei meu maxilar.

— Escapou por pouco — sussurrei para Patricinha.

Ela arqueou uma das sobrancelhas em resposta.

Quando entrei na minha sala, um sorriso ainda enfeitava meu rosto.



— Valeu, mano, ficou foda!

Acabara de fazer uma *tattoo* pequena em um cara. E meu foco estava concentrado totalmente na mulher sentada atrás da mesa nova, ligando e marcando os horários como uma doida, para que eu e Eros não tivéssemos tempo livre nem mesmo para respirar.

Aguardei que o cliente pagasse pela sessão e me sentei no divã.

— Tenho tempo pra ler, ao menos? — Erika levantou o olhar e eu me diverti com a sua cara de indignação.

— Não reclama quando o dinheiro cai na sua conta, não é?

— Acertou em cheio, minha linda.

— Cara, eu acho que *tô* morto... Sério, meu pulso *tá* doendo pra cacete. Aquela máquina de bobina¹⁴

tá me matando... Porra, Athos, ela *tá* muito sentimental, sério. — Eros mexia o pulso direito, fazendo uma careta a cada volta.

— Eu te disse pra alternar. Traça com uma, colore com a outra.

— Eu sei, eu sei..., mas é foda, porque *tô* acostumado com ela. Peguei a sua *rotativa*¹⁵ aquela vez pra testar e não deu certo, não vou arriscar errar a tatuagem de ninguém. Seria tenso.

Entendia seu ponto, também não arriscaria.

— Compre uma pneumática, o preço é salgado, mas reza a lenda que é leve e fácil de usar, fora a esterilização que é mais de boa. São as melhores no mercado no momento. — comentei.

Tinha lido uma matéria sobre elas há alguns dias e estava pensando em comprar uma para mim. Se o benefício fosse ótimo, o custo acabaria compensando.

— Sei lá, pode ser. Compre uma pra gente testar.

— Safado. Só pra você não gastar.

— Você quem deu a ideia!

Erika me fitou e indicou com um gesto sutil a minha sala. Deixei Eros divagando sobre as suas opções e entrei, sendo acompanhado por ela.

Sua respiração foi audível e eu presumi que talvez isso não fosse um bom sinal.

— Eu estava querendo conversar com você sobre ontem... — Deu uma pausa estranha — E queria deixar claro que sei que foi só pra aliviar a tensão, sabe? Não precisa fazer disso um caso de vida e morte, nem um motivo para se sentir responsável por qualquer coisa e tal. A tensão sexual estava mesmo crescendo a cada minuto e se não tivéssemos nos envolvido logo de uma vez, só teria sido pior, não é?

Olhei para ela, com uma sobrancelha arqueada.

— Então pensa assim?

— Claro, você não?

Eu?

A confusão era grande na minha cabeça e pelo visto, a *mina* mal chegava perto de imaginar os pensamentos que a rondavam nesse momento. Erika poderia ainda estar descobrindo o que queria

PERIGOSAS ACHERON

e na moral, se eu precisasse ir com mais calma, preparando o terreno, tinha todo o tempo do mundo para isso.

— Pode ser — dei de ombros.

— Certo, que alívio! Não queria que ficasse se achando na obrigação de nada, ainda mais por conhecer o Theo. Foi só uma transa entre... amigos? Nada de ressentimentos ou clima estranho?

A dúvida permeou até mesmo a sua voz. A hesitação na sua fala, deixando claro que nem ela acreditava no que dizia.

— Eu não faço nada por obrigação, Erika. E se quer manter tudo na normalidade depois de transar, sem problema pra mim.

Ela ficou sem graça.

Eu me mantive na neutralidade.

Sabia como Erika era e também tinha noção da mudança drástica pela qual sua vida passara e justamente por isso, eu entendia a sua hesitação em pronunciar a palavra “envolvimento”. Por sorte, nós estávamos em um passo à frente do que

PERIGOSAS ACHERON

estávamos antes.

Meu celular tocou e eu olhei a chamada, me assustando com quem era. Larissa não me ligava à toa. Se ela estava ligando era porque tinha acontecido alguma coisa.

Atendi de imediato.

— Ei, Lari.

— Athos, tem como vir aqui?

Nem ao menos me despedi antes de encerrar a ligação.

Erika me olhou, curiosa.

— Não tenho tempo de explicar nada, sinto muito. — Passei por ela, abrindo a porta da minha sala em um rompante.

As batidas estavam aceleradas de preocupação no meu peito.

— Preciso ir nessa, tem como você fechar? — pedi para Eros.

— Claro. Aonde vai com essa pressa?

Ouvi a voz do Eros sumindo conforme eu

PERIGOSAS ACHERON

caminhava apressado para fora. Segui até o orfanato Felicidade, sem ao menos olhar para os lados.

No momento, algo mais importante requeria minha atenção.



27

Frika

Esperei por uma mensagem...

Nada.

Athos simplesmente não dera sinal de vida depois de sábado à tarde. Claro que eu também não ajudei, me recusando a puxar assunto. O resultado agora era eu e minha expectativa, ansiosas para quando ele chegasse no estúdio.

Eros já estava na sala dele, fazendo coisas que somente ele sabia.

Eu que não entraria no lugar.

Os horários dele começavam logo de manhã e ao

conferir no relógio, verifiquei que o primeiro cliente seria dali meia hora. Athos pelo contrário, somente teria clientes depois do meio-dia.

Ele pedira que eu reorganizasse sua agenda e se possível que deixasse a manhã de segunda-feira livre. Motivo? Eu não fazia ideia, e optei por não perguntar para não interferir ou invadir seu espaço pessoal.

— Ei, Dita Von, Athos acabou de me mandar mensagem, pedindo pra você remarcar os clientes que ele tem hoje — Eros falou, colocando a cabeça para fora da sua sala.

A decepção foi evidente.

— Não me mandou nada... — Proferi, um murmúrio de desânimo.

— Ele disse que passa aqui mais tarde, que precisa falar com você. Mas é complicado, Erika... Athos tem umas coisas que apenas ele sabe e não veio hoje, não é por sua causa, apenas isso que posso garantir. Não devo contar os segredos dele, mas não fique pensando besteira. — Suas sobancelhas se uniram, em condolência, e eu me forcei a dar um sorriso raso.

No fundo, não importava o quanto Eros dissesse que a culpa não era minha. A sensação que eu tinha era que depois daquela conversa estúpida, ele acabara por se fechar de novo.

Eu estava com medo, medo de ouvir dele o que eu disse e acabei proferindo as palavras. Se eu poderia ser ainda mais idiota, duvidava.

— Será? Que não é por minha causa? — Apoiei meus cotovelos na mesa e sustentei meu queixo com as mãos.

O estúdio estava muito parado, e não preencher a minha cabeça com trabalho, só me atrapalhava.

— Não é, pode crer no que te digo. Aliás — Eros pareceu ponderar alguma coisa — Passa perto do orfanato *Felicidade*, em um dos muros tem uma arte linda. É só isso que eu posso te falar no momento. — Ele piscou em cumplicidade e voltou para a sua sala, fechando a porta e deixando um eco estranho de silêncio ali.

Admirei as frases na parede.

Os peixes nadando tranquilos no aquário retangular, e refleti sobre essa atmosfera de

calmaria que pairava no *Athos & Eros*.

O relógio em uma das paredes laterais, fazia aquele constante *tic tac*, sem parar, o que me deixou irritada por ter a ciência que eu estava pensando demais no maldito barulho. Como se não bastasse, ele tocava o começo de *Thunderstruck* do AC/DC a cada hora que se completava.

Já ouvira o *Ahh-ahh-ahh-ahh-ahh-ahh*

Thunder!

Thunder!

Thunder!

Thunder!

Mais vezes do que gostaria de prestar atenção.

Meu celular vibrou em cima da mesa, e quando li o nome de Athos, peguei o aparelho, animada com uma mensagem que poderia ser totalmente profissional.

A esperança era mesmo a última que morria.

Athos: Ei, Patricinha, eu não vou conseguir

trampar hoje. Joga meus clientes que tinha horário hoje para o sábado que vem à tarde ou para a próxima segunda de manhã. Lá pelas cinco, colo aí no estúdio, preciso falar com você. Não é nada ruim e tal, é um convite que eu esqueci de fazer. Beleza?

***Eu:** Beleza.*

Morria de vontade de falar com ele, mas no momento, depois da sua falta de interesse temporária, eu queria ignorá-lo. Fazia sentido? Nenhum.

Quem dera a ideia de manter tudo na normalidade tinha sido eu. Não podia nem reclamar.

***Athos:** Tudo bem aí no estúdio? Sei que é uma mulher de poucas palavras, mas porra, dessa vez foi bem pouca de verdade. Qualquer coisa é só gritar aqui.*

***Eu:** Por qual motivo saiu apressado daquele jeito e nem mandou nada depois?*

Cedi a minha curiosidade.

Maldita fosse.

Athos: Mandeí o quê? Uma mensagem? Pensei que não quisesse nada. Estávamos perdidos demais no nosso próprio mundo para tentar algo, sabe disso tão bem quanto eu... Não queria estragar tudo, entende? Gosto demais de você e não era o melhor dia, nem o melhor momento para uma conversa daquelas... Além do mais, precisei terminar um desenho foda. Eu tava sem inspiração pra ele e ontem foi o dia perfeito pra terminar. Tanto que joguei um compromisso pra hoje, por isso não coleí aí no estúdio.

Eu: Certo.

Athos: Qual é?! Vai ficar nessa agora?

Eu: Não.

Athos: Desculpa por não ter mandado nada, só achei que quisesse pensar um pouco sobre tudo.

Eu: Relaxa, vamos esquecer isso. Ficou no

passado.

Athos: *O.k. No passado.*

E essa foi a última mensagem que ele me mandou. Depois de horas, após ver os ponteiros passarem com uma lentidão de me fazer querer bater a cabeça na madeira, percebi como já estava perdida. A falta que eu sentia das suas frases sempre que tinha um horário livre, ou da sua mania de bater o piercing no céu da boca quando algo o incomodava, era aterradora.

Até Eros percebeu o meu desânimo e se manteve distante, com as suas piadas sem graça.

A seleção de música variava entre Limp Bizkit, Korn, Slipknot e System of a Down.

Alguns clientes reclamaram da ausência de Athos, mas nada irremediável. Falei que ele precisara resolver assuntos pessoais e que todo mundo que tinha horário naquela tarde seria remarcado sem custo nenhum. Para um deles, tive até que oferecer uma *tattoo* pequena em contrapartida. Athos me mataria quando eu lhe

contasse, mas o que podia fazer?

Abri a sua agenda para verificar se teria algum horário livre nos próximos dias para poder cobrir e quando notei que sábado estava vazio, estranhei. Ele pedira mesmo para remarcar para o próximo, mas pensei que o dessa semana estava lotado. A última alteração no documento havia acontecido no domingo à tarde, e ele inclusive alterara os agendamentos para a semana seguinte.

Como eu não percebera isso antes?

***Eu:** Por que desmarcou seus horários do sábado?*

Mandeí uma mensagem, confusa. A sua resposta não demorou nem mesmo cinco minutos.

***Athos:** Justamente sobre isso que quero falar com você.*

Enigmático.

Se eu já estava morrendo de curiosidade anteriormente, não preciso nem descrever como me sentia no momento, não é?

Dessa vez não respondi.

Foquei na divulgação do estúdio nas redes sociais e nos clientes que ligavam em busca de informação. Respondi algumas dúvidas na página e saí com Eros para almoçarmos juntos.

Depois que voltamos, o horário passou voando, me distraindo totalmente.

Até que uma pessoa passasse pela porta e já me fizesse tremer na base.

Minha mãe olhava para tudo com extremo desprezo e nojo, franzindo as sobrancelhas e semicerrando os olhos. Sua avaliação parou em mim, atrás da mesa, e enxerguei com extremo pesar, o rancor e desagrado reforçar as suas rugas de expressão.

Suas roupas eram impecáveis. Usava um blazer azul-marinho e verde-musgo, pelo menos para mim. Seu cabelo extremamente loiro, reluzia. As joias no seu pescoço e o relógio cravejado com

diamantes no pulso, só a fazia destoar do ambiente simples.

Ela adentrou no estúdio e depois que fechou a porta, abriu a bolsa e pegou um pano para limpar a mão, aparentando estar morrendo de medo de alguma coisa. Do que, eu não fazia ideia. Olhou para o lixo ao lado da porta e jogou o pequeno lenço sem qualquer cerimônia, sem se importar com o preço da peça.

Se aproximou de mim e eu não me mexi. Nem um mísero centímetro.

Fechei meus olhos por segundos, prevendo a catástrofe que seria. Premeditando todos os absurdos que eu teria que ouvir.

— Aqui está você — murmurou, desgostosa.

Olhei para a porta da sala do Eros e agradeci que ele estivesse concentrado em uma sessão. Caso contrário, ele acabaria levando parte da raiva de uma mulher que nem ao menos conhecia.

Olívia não tratava nem mesmo eu, que era a sua filha, bem. Quem dirá uma pessoa que ela julgasse imprópria da sua atenção.

Ela não me amava..., mas também não me odiava. Não entendia o que passava pela cabeça dela e as vezes eu sentia como se o único sentimento que nutria por mim fosse a cordialidade e até mesmo esse não era todos os dias.

— Tenho certeza de que sabia que me encontraria. — Não passei qualquer emoção.

— Ricardo me fez o favor de dizer que estava trabalhando com esses... — Olhou em volta e a sua insatisfação flutuou em ondas até mim — marginais. Não consigo imaginar como uma garota fina, de boa família e com tanto conhecimento poderia parar aqui, é simplesmente — Arqueou uma das sobrancelhas — degradante e um desperdício de investimento.

— Não são marginais, e sinceramente, se veio para falar absurdos, pode dar meia volta e ir embora. Não irei permitir que fale mal deles, em um lugar que não foi convidada.

Ela franziu a boca em desagrado e eu não me alterei.

Já cansara da sua mania de se achar inabalável, intocável pela quantidade de dinheiro que possuía.

Não era segredo para ninguém que ela era pobre antes de se casar com meu pai e não conseguia entender como uma pessoa que já fora miserável, conseguira se tornar insuportável.

A riqueza subira para a sua cabeça de uma forma que me deixava abismada.

— Vim para te trazer juízo, Erika Albuquerque.
— Observei suas mãos se fecharem em punhos, como se fizesse uma força descomunal para não me levar contra a vontade.

— Meu primeiro ato sábio foi sair daquela casa.
— resmunguei — Nunca conseguiria ser feliz lá.

— Acha que é feliz, garota? Sem as mordomias que seu pai bancava? Sem seu carro de luxo ou seu quarto gigantesco, maior que muito apartamento popular? O que sabe de felicidade, sua estúpida? Está me saindo uma bela de uma mimada, Erika. Sempre falei para o seu pai que ele te estragava demais, mas ninguém nunca me ouviu, afinal, eu sou só uma madame estúpida, não é? Como se eu pudesse lidar com a verdade sem manter rancor dela.

— Agora é madame... — Deixei que a frase
PERIGOSAS ACHERON

saísse e ela me fuzilou, com os olhos crispados e a boca totalmente fechada.

Parecia que faíscas estavam prestes a saírem dos seus olhos.

— Não abra a boca para falar do que não sabe!
— Ela se alterou completamente e bateu com força na mesa, um barulho agudo zumbiu, ecoando pelas paredes da recepção.

Não demorou para Eros abrir a porta, com a máscara de proteção que usava descansando sobre o queixo e seu olhar, atento a qualquer sinal de perigo. Ele olhou entre nós duas, sem saber ao certo como reagir.

— *Tá* tudo bem? — indagou.

Balancei a cabeça, em um sinal afirmativo.

— Não está nada bem, seu idiota! Minha filha precisa ir embora comigo ou eu não vou deixar nenhum de vocês em paz. Ninguém! Escutem o que estou dizendo, absolutamente ninguém, trata dessa maneira uma mulher como eu! — exclamou furiosa e meu amigo arregalou os olhos diante do acesso de raiva da minha mãe.

Ele formou a frase, sem emitir qualquer som: “Essa doida é sua mãe?”

Fechei meu semblante. Por mais que não agisse de maneira correta, ainda era minha mãe. Eros deu de ombros, se desculpando.

— Olha dona, sei que ela é sua filha e tal, mas *tá tramando* tranquila aqui com a gente e pode ter certeza que na rua, no quesito malandragem, nós somos os melhores, ninguém nem em sonho faria mal pra Erika. Se tornou membro do *Clube dos Cinco* e ela vai ficar... onde ela quiser ficar, *morô*? Não adianta vir com ameaça, nós já somos professores em lidar com gente que se acha mais que outros só pela porra de um status social. Logo, poderia fazer a gentileza de se mandar? Porque ela claramente não quer ir com você, e eu não vou deixar que a leve a força, nem a senhora, nem ninguém.

Nenhum traço de brincadeira nas suas palavras.

Desde que conheci Eros, nunca o ouvi falando dessa forma.

— Quem você pensa que é? — minha mãe esbravejou.

Aproximei-me e toquei no seu braço, um gesto para que ela se acalmasse.

— O dono do estúdio no qual a senhora *tá*? — Eros foi direto e tão imponente em sua resposta que ela não conseguiu refutar com coerência.

— Seu... — Firmei minha mão no seu braço.

— Mãe, para com isso. Não tem qualquer razão pra vir aqui e achar que iremos obedecer a você. Precisa ir pra casa e entender que eu estou bem, vivendo dessa forma. Um dia de cada vez.

— É mesmo uma idiota! Trancou a faculdade, está sem dinheiro e ainda se acha a dona da verdade! — Sacudiu o braço com veemência e eu tive que dar um passo para trás, para me firmar. — Quando o pior acontecer, não reclamem. Eu avisei. — apontou para nós dois e virou-se depressa, o eco dos seus saltos vibrando em cada passo.

Eros acompanhou tudo com um olhar avaliador, tão sagaz quanto uma águia prestes a dar um rasante em busca de alimento.

— Ela é encantadora — murmurou logo que assistimos descrentes minha mãe atravessar a rua e

entrar no seu carro.

Eu ainda não sabia o que pensar da sua visita.

A sua ameaça, não me parecera algo de se duvidar. Mas, o que ela seria capaz de fazer?

Eros percebeu minha divagação silenciosa e voltou para a sua sala. Já notara que quando eu ficava quieta dessa forma, era porque de fato não queria conversar com ninguém, só aspirava refletir sobre o barulho da minha cabeça.

Permaneci vários minutos, me questionando o que diabos poderia acontecer. O tom de voz... Meu Deus, o tom de voz dela era o mesmo de quando expulsara Theo de casa.

Um mau agouro perpassou por todos os meus poros e precisei esfregar as minhas mãos nos braços para contê-lo.

Não subestimaria Olívia.

Jamais.



— Ei, *tô* indo nessa. O Athos disse que *tá*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegando. Avisei pra ele que não queria te deixar sozinha depois do que aconteceu e tal... Quer que eu espere ele *colar* aqui? — questionou.

Balancei a cabeça negando.

— Não, já fez demais por mim. Pode ir descansar.

— Descansar... — fez um barulho de descrença — Quem precisa descansar quando se pode transar? — Eros passou por mim, com a sua mochila nas costas e um sorriso imenso.

Abriu a porta e antes de atravessar o vão, virou-se e piscou com duplo sentido.

Sentei-me em um dos divãs, olhando para o vidro insulfilmado que nos permitia enxergar o pessoal do lado de fora, mas os impedia de observarem ali dentro, com uma tristeza indescritível.

Minha mãe realmente me abalara e me deixara receosa.

O *tic tac* do relógio ainda estava provocando minisurtos em mim. Athos era pontual, e esse atraso de quase uma hora só me deixava mais nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Liguei o som, que Eros desconectara do seu celular e coloquei uma seleção bem mais calma.

A música *Pode ser romance*, da Nathy Mc, suavizou o clima de metal que tocava anteriormente. Eu não gostava muito deste estilo de música, mas a letra tinha tudo a ver com o que eu sentia.

“Um simples sorriso e almas se fortalecem”

Comecei a acompanhar a cantora, animada ao extremo, fazendo caras e bocas com a minha interpretação expert, digna de um clipe profissional.

A porta do estúdio foi aberta, o que fez com que eu estremecesse no divã, me assustando. Athos franziu as sobrancelhas, divertido, e prestou a atenção na música, fitando-me misteriosamente.

“Lembro de cada detalhe daquela segunda-feira e cada vez que eu te encontro é como se fosse a primeira.”

PERIGOSAS NACIONAIS

Putá merda.

Eu não costumava usar muito palavrão, mas percebi tarde demais o que a letra dava a entender.

Eu conhecera Athos em uma segunda-feira e que tapa foi desferido em nós dois. Ele mordeu o lábio inferior e meu estômago se agitou, a temperatura desceu no meu corpo para depois subir exponencialmente.

Havia mesmo sentimentos com os quais não conseguíamos lutar contra.

O fascínio.

A atração.

A conexão que emanava de nós dois.

Apenas alguns que eu conseguia definir.

O restante, era uma...

Profusão

Inexprimível.

O perfume dele contagiou todo o lugar, tive a

PERIGOSAS ACHERON

impressão de que meu coração simplesmente parou de bater, para rodopiar em meio a minha felicidade.

O tempo realmente parou.

Travou em uma cena que eu guardaria para sempre no meu peito.

Athos me admirava e eu devolvia seu olhar.

Como tantas coisas poderiam ser ditas através do silêncio?

— Sentiu minha falta? — questionou, como se não soubesse da resposta.

— Não.

— Claro que não.

— O que queria conversar comigo? Preciso ir pro *Insanos* daqui a pouco. — falei, me levantando do divã, incapaz de me aproximar muito dele, e ainda controlar meu corpo.

Estava magoada pela sua falta de conversa, mas o que eu queria?

Não tínhamos nada, afinal.

— Então, na verdade é um convite... Tenho uma
PERIGOSAS ACHERON

convenção que começa na sexta em uma cidade meio longe e tal. Acho que dá umas quatro horas de carro. Vai querer ir comigo? Eros disse que aguenta as pontas por esses dias, acha que dá pra ir? Precisava falar hoje pra poder adiantar as coisas, senão fica tudo muito em cima — Seu tom de voz foi esperançoso e meu Deus, como ele achava que eu seria capaz de negar algo assim?

Pela forma com a qual falou, a expectativa permeando e escorrendo de cada palavra, me desarmou com uma total eficiência.

— Preciso falar com o Caveira.

— Claro — Athos trocou o peso de perna, incomodado. Ele fazia bastante isso, já se tornara o seu próprio charme. — Os quartos serão separados, pode ficar tranquila. É só pra eu não ir sozinho e me foder, tendo que tomar conta de tudo. O Eros sempre vai comigo, e dessa vez, deu pra trás.

— Tudo bem... — concordei.

— E tem mais uma coisa...

— Pode falar. — incentivei-o.

Sentei-me na mesa e cruzei as pernas, prestando

PERIGOSAS ACHERON

a atenção na alteração de Athos e como chamei todo o foco para as minhas pernas. Não tinha sido proposital, mas já que eu mexera com ele, ponto para mim.

— Eu poderia procurar tela lá na cidade mesmo, mas porra, sei lá... — Deu uma pausa, que durou por segundos — Acho que esse *trampo* combina totalmente com você. — Seus olhos brilhavam enquanto falava.

Por mais que eu não estivesse tão contente com tudo, acabei por vacilar.

E ele percebeu.

— Pode ser. E vou poder aproveitar o lugar, ao invés de só ser sua cobaia na tatuagem?

Athos abriu um sorriso enorme, evidenciando seus dentes brancos e perfeitamente alinhados.

— Com certeza.

— Combinado então. Está de carro? — Ele aparentou confusão com a minha pergunta — Pra poder me dar carona pro *Insanos*.

Seu semblante tornou-se leve e o sorriso voltou.

— Vamos lá.

Athos passou o braço pelo meu ombro e eu absorvi esse gesto.

Parecia o certo.

E nada me faria voltar atrás da decisão que eu acabara de tomar.

28



Athos

Coloquei minhas coisas no carro, ciente do que estávamos prestes a fazer.

— Toma cuidado — Eros proferiu, se colocando na porta da minha sala.

Sentei-me na cadeira, olhando para nada em específico, apenas abrangendo o que poderia acontecer nestes três dias que eu ficaria fora.

— É mais fácil dizer isso pra Patricinha. — murmurei.

O desânimo na minha voz, berrava, enquanto o meu timbre soava baixo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou dizer nada. Vocês dois precisam disso, desse tempo fora da cidade para descobrirem por que pararam justamente no mesmo lugar. A razão para nada acontecer antes. São as pessoas mais certas uma pra outra que eu já conheci e sério, pode confiar no meu julgamento, para essas coisas do amor, eu tenho um excelente faro.

Levantei o olhar, para fitar meu amigo encostado no batente, com as mãos cruzadas sobre o peito, o retrato da serenidade na Terra.

— Cara, você é um péssimo amigo pra ela, sério. Lançando a *mina* direto para a barriga do lobo.

Ele fez uma careta irônica — Credo, que delícia, não? Posso até imaginar como ela irá reclamar quando voltarem. E nem é pra barriga que *tô* lançando, é pra língua e pro piercing no seu camarada aí de baixo.

Balancei a cabeça, sorrindo com a safadeza de Eros.

— E a Carla? Como *tá*?

Ele não alterou seu semblante relaxado, o que era um bom sinal.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito bem. Excepcionalmente bem, meu caro. — Meu amigo adquiriu um olhar sonhador e eu nem queria imaginar o quão bem ela estava.

— Já entendi, não precisa me fazer imaginar.

— Imaginar o quê? — Erika surgiu atrás de Eros, segurando uma bolsa velha, que parecia estar pesada pra caralho.

Levantei-me apressado para ajudá-la.

— Os momentos que ele tem com a sua amiga — resmunguei.

Eros me deu uma cotovelada, para que eu calasse a boca e apenas ignorei.

— *Argh*, Eros, para de ser nojento! — Patricinha o olhou, reprovadora.

Abri um sorriso triunfante.

Alguém precisava podar as asas do deus do amor.

— Ele quem disse que estava imaginando, eu não falei nada demais sobre a minha noite, mas se quer saber, foi excelente, estupenda eu diria, e na real, não vou ficar de mau humor nem que aquele cliente

pé no saco apareça por aí sem saber o que fazer.

Eros fazia de tudo para evitar um de nossos clientes, simplesmente pelo fato de o cara querer fazer algo, mas simplesmente não saber o quê. Era uma porra, e se ele chegara nesse nível, de não se alterar mesmo com o dito cujo, cacete, então, a noite tinha sido mesmo espetacular.

— Nossa, então foram mesmo feitos um para o outro. — Erika assumiu o que eu pensava no momento.

Até ela acabara por conhecer o homem e sem dúvida alguma, concordava com a nossa indisposição para ele.

— E quanto a vocês dois? Vão transar muito? Por favor, nada de TPF por aqui, já foi tenso o suficiente por esses últimos dias, vendo vocês dois se comendo a distância e nem poder participar. Não nasci pra isso não, sabem? Conter o desejo carnal, ou mesmo me barrar por convenções. Prazer é prazer pra mim e sinceramente, deveriam se atracar de novo, esquecer qualquer merda que tenha acontecido e só... — Deu uma pausa — *Ahhh, uuuhhh, isssoooo, mais forteeeee...* — Ele começou

a gemer e eu o empurrei com força para fora da sala.

Era tudo o que não precisávamos diante de uma viagem em que só estaríamos nós dois... Com muita TPF envolvida.

— Meu Deus, chego aqui e já estão gemendo? — Theo gritou da entrada do estúdio e todos nós sorrimos.

— Quer participar, delícia? — Eros gritou e dessa vez quem acertou uma cotovelada nas suas costelas foi a Erika.

— Para de ser besta, Eros!

— É impossível, Dita Von!

Dita Von...

Esse apelido estava pegando e era bom porque Patricinha se tornava meu, minha forma única e exclusiva de chamá-la, mas era um problema, porque deixava todos os caras no *Insanos* curiosos para saber quem era a pessoa por trás dele.

E caralho...

Se continuasse nesse ritmo, logo Erika se

PERIGOSAS ACHERON

tornaria uma celebridade local, fazendo shows e aparições como Pin-up. Meu ciúme gritou, esbravejou e eu o afundei com brusquidão até o âmago do meu ser.

— Já estão saindo? Eu passei para me despedir antes que fossem... — Theo falou, abrindo espaço, entre os corpos da irmã e de Eros.

Entrou na minha sala e se sentou na cadeira da qual eu tinha me levantado.

— Nos vimos antes que eu saísse, e o que faz aqui? Não tinha um compromisso? — indagou Erika, curiosa.

— Ah, sabe como é, nada é mais importante do que você.

— Corta essa, Theo.

Ele esticou as pernas, encostando-as na outra mesa que eu mantinha ali.

Essa, bem menor que a da recepção e feita em vidro temperado.

Dei um tapa nos pés dele.

Ninguém profanava meu local sagrado de
PERIGOSAS ACHERON

trabalho. Nem mesmo eu.

— Certo, é só que papai me ligou. Disse que precisava conversar comigo, o que com certeza tem a ver com você. — admitiu e colocou as mãos nos bolsos, como se essa nem fosse uma grande coisa. — Não sei por que ele não entrou em contato contigo, nunca vou entender.

— Papai? — Consegui notar a confusão no semblante da única mulher entre nós.

— O próprio. O alfa Albuquerque em pessoa. E o tio também, *tá* embarcando neste exato instante em Montreal. Chega amanhã, disse que queria te ver. Mas, pode ficar tranquila, porque ele vai ficar três semanas. — Theo se apressou a continuar quando notou a agitação da irmã.

Vários futuros imediatos em que ela não me acompanhava nessa viagem me assolaram e se espatifaram em alívio ao ouvir o que ele dissera depois.

— Não deixa ele ir embora antes de me ver!

— Ele não vai. Suas palavras foram especificamente “Não avisa a Erika que estou indo,

quero fazer surpresa pra minha afilhada”. Pena que eu não sou um cara tão bom para guardar segredos. Na verdade, só estou garantindo que você volte. — Comentou despreocupadamente. — Aliás, vai ser tela do Athos? — perguntou e ela balançou a cabeça confirmando. — Cadê o desenho?

Fiz um gesto em direção a mesa atrás dele.

— Tem uma cópia no gavetão.

Theo abriu e retirou o desenho, assoviou alto e eu enxerguei seus olhos brilhando.

Ótimo sinal. O trabalho estava bom.

— Caralho. É seu melhor *trampo*... Puta merda, tá muito foda, cara, sério. — A admiração respingava de cada palavra.

— Eu disse desde o rascunho. — murmurou Eros.

Olhei-o, com uma fúria assassina.

Ninguém precisava saber quando eu começara aquele desenho, muito menos minha fonte de inspiração, por mais que ela estivesse conosco, na sala, tornando a atmosfera tão pesada.

— Quanto tempo demorou pra fazer? — Theo perguntou e eu dei de ombros.

Ele segurava um girassol, com um arco-íris contornando-o em quatro pontos, ressaltando a vivacidade da flor. Era uma alusão, uma figura que me fazia lembrar da mulher que me compelira a desenhar aquilo. Se ela soubesse quantos desenhos eu mantinha trancados na estante de casa, riscos em que ela era a cena principal; me internaria em um hospício.

Já tinha se tornado uma obsessão.

E porra, eu a queria mais do que já quis alguma coisa na vida.

— Sei lá, não fiquei contando. — Inventei uma desculpa.

— Não... Que coisa — Eros provocou e saiu da minha sala.

Para sorte dele.

— Depois que eu comecei a andar com vocês, minha sala nunca fica em paz, já repararam? — resmunguei e caminhei apressado para fora.

Parei na recepção e respirei fundo ao pensar como ela estivera perto de perceber o motivo para ter sido minha primeira opção de modelo. Parecia simplesmente... errado, que fosse outra pessoa. Aquela arte refletia o que ela era e não teria tatuagem melhor para representar a sua aura brilhante e de quem decifrava as pessoas com uma facilidade que me deixava atônito.

— É afortunado, meu querido, por ter amigos tão maravilhosos quanto o *Clube dos Cinco*. Temos até nossa mulher agora, eu, você, Eros, Bruno e Erika. Perfeito. Só falta fazermos um filme, o que acham?

— Quando as *tattoos* já não derem mais tanto dinheiro e eu não conseguir me sustentar, podem ter certeza que essa será uma opção. — resmungou Eros, digitando algo em seu celular, sentado em um dos divãs.

— Só vai levar essa bolsa, Patricinha? — indiquei a bolsa que eu carregava para ela — Não vai precisar de mais nada? — Peguei meu celular pra conferir a hora e cacete, já estávamos atrasados em no mínimo trinta minutos.

— Não, isso *tá* bom pra mim.

— Qualquer coisa, liga — Theo proferiu.

— Liga não, pode aproveitar bastante. Eu não tô aqui pra julgar ninguém não, pelo contrário, sou um forte incentivador do amor, só por favor, diminuam a TPF, certo?

— Essa porra de TPF de novo? Quem vai me explicar de que merda se trata isso? — Theo indagou, mas eu já estava saindo do estúdio, em direção ao meu carro, antes que tivesse que responder essa merda.

Nos atrasaria muito mais.

Erika pensou da mesma forma, já que segundos depois que eu entrei no carro, a porta do carona foi aberta.

— Nem eu queria responder essa — admitiu divertida, provocando um sorriso em mim.

— Então vamos nos mandar, antes que ele saia — Liguei o carro e acelerei, vendo pelo retrovisor, Theo abandonar o estúdio e fazer um sinal nada amistoso com a mão.

— Ele vai nos matar quando voltarmos.

— Sem dúvida. — Concordei.

O silêncio foi nosso encanto, por um bom tempo depois disso.



— Estamos em Amorosa? — Ela ficou eufórica ao meu lado.

O campo de girassóis, que se estendia por quilômetros ao lado da rodovia era visível para qualquer lado que olhássemos. O véu de amarelo reluzia e ofuscava toda a atenção de quem passava.

— Sim.

— Você pode acessar uma das entradas, pra gente poder passar só uns minutinhos em meio aos girassóis? — Seu pedido foi tão inocente e repleto de felicidade que eu não consegui negar.

— Claro.

Entrei no pequeno retorno de terra, que levava direto para a entrada da fazenda Arco-íris, onde os donos amavam girassóis. Sabia por que a filha deles era cliente do estúdio.

Estacionei o carro bem no canto da estrada e segui uma Patricinha saltitante.

Seu humor era contagiante e porra, eu me sentia tentado a ficar sorrindo que nem uma hiena a todo instante.

Sua animação postergou-se até a entrada da propriedade, onde uma frase se sobressaía na madeira do portal: *“Lugar onde a felicidade é um desejo a ser realizado. Peça e será atendido”*.

Todo mundo nas redondezas sabia a fama que o lugar tinha, de que pedidos feitos ali se realizavam. Isso trazia muita gente, era uma verdadeira atração local. Por isso, não me espantei ao notar que não estávamos completamente sozinhos. Em meio as fileiras, algumas pessoas conversavam e tiravam fotos, animadas.

Não sabia se os desejos se tornavam mesmo realidade, mas dava para perceber como todo mundo ficava feliz só por estarem ali.

— Ahh, eu amo tanto girassóis! — Seus cachos afundaram em meio ao campo.

Erika gritou e girou em seu próprio eixo.

Diversas vezes, com os raios do sol passando por entre seus fios e me atingindo, aquecendo os pontos nos quais minha pele estava descoberta.

Presumi que meus olhos deveriam brilhar tanto quanto ela diante do sol.

Seu cabelo formou uma nuvem negra, repleta de luz e seu sorriso, visível a cada volta, deslumbrou aquele órgão que batia involuntário no meu peito. Eu não fazia a menor ideia se achava os girassóis do caralho, ou se babava nela como um louco, sedento por atenção. Na verdade, não, os girassóis nem se comparavam a beleza que era Erika. Mesmo diante da paisagem, eu só a enxergava.

— Consigo perceber.

— Quando eu era pequena, minha mãe me trouxe até aqui. Eu era uma criança muito sonhadora, que amava a natureza e sentia uma conexão especial com ela. Foi aqui quê... — Silenciou-se e eu protestei mentalmente.

Nunca quisera tanto ouvir alguém, como queria saber tudo dela neste momento.

— Quê? — Incentivei-a a continuar.

— Athos, eu... — Mais uma pausa que comandou minha curiosidade — Só queria poder te explicar de uma maneira que não me ache louca — Seu sussurro chegou até mim, baixo, como o barulho que o vento fazia ao tocar os girassóis. Erika cheirou um deles e me olhou sobre ele, com seu rosto parcialmente coberto — Sinceramente, eu gosto de ser louca e essa condição já faz parte de mim. Não seria eu mesma sem ela. — Palavras enigmáticas.

— Sabe que pode me contar qualquer coisa, que eu jamais vou te olhar estranho, não sabe, Erika? — Falei seu nome de propósito, para ela entender a seriedade da minha fala — Você sequer duvida de mim, mesmo sabendo que eu escondo coisas sob a minha pele que não é qualquer pessoa que aguentaria. É por isso que eu sempre travo quando pergunta, porquê...

— Dói lembrar.

Anuí com a sua constatação.

— Acima de qualquer pessoa, você me entende.
— Coloquei-me ao seu lado.

Sentindo os caules encostarem na minha pele e
PERIGOSAS ACHERON

propagarem a onda de calor que a mulher causava em mim. Era como se eu me visse, através de um espelho, meu eu do passado, o que ele passara, e o que eu vivia agora. Esperava que não fosse um sonho. Porque porra, eu não sabia distinguir tudo o que era real e o que fazia parte do meu pesadelo.

Erika precisava ser real para mim, precisava ser, porque eu não sabia o que faria se ela não fosse. Era a minha possibilidade de me libertar com alguém, sem ser o coitado, o moleque que fora abusado e nunca conseguira fugir das suas próprias memórias.

— Athos, eu... — Virou-se e me olhou, tão profundamente, que eu me senti despido de qualquer amarra que me lançasse de volta ao passado.

— Eu sei, não precisa dizer. — Fui sincero, sabia o que ela queria dizer, mas se sentia despreparada ainda.

Eu estava da mesma forma.

Mantinha para mim, o que eu sentia, porque no fundo, eu não sabia o que dizer caso ela decidisse que meus traumas eram muitos para ela conseguir

PERIGOSAS ACHERON

lidar com eles.

Só quê...

Porra, eu não conseguia me ver com mais ninguém.

Admirei-a, enquanto ela me olhava de volta.

As palavras não ditas bastaram, e quando ela fechou os olhos, eu fiz o mesmo. Sem me preocupar se o pedido seria realizado ou não, só queria manter o resquício de esperança que aos poucos tomava conta dos meus pensamentos.

Nossos anseios, mistérios que eu torcia para darem certo.

O meu, era fácil, que essa viagem marcasse a mudança que eu precisava.

O dela, eu torcia para que tivesse pelo menos um pouco, a ver conosco.

29



Athos

Estacionei em uma das vagas de hóspedes do hotel. A paisagem a nossa volta era composta por montanhas e mais montanhas e o lugar, com um charme rústico, se sobressaía em meio ao manto de verde e umidade. As copas das árvores balançavam com o vento que cortavam o cume dos picos e atingiam aquele ponto violentamente. O clima estava frio e as nuvens mantinham uma neblina pairando sobre o lugar, como um mau presságio.

Gostei.

Gostava de lugares assim.

Excelente para me manter focado em uma *tattoo*

dentro da convenção.

Veria se precisava de alguns detalhes e o restante era manter tudo no seu devido lugar.

Tirei meu celular do bolso, olhei a hora e me contentei que ainda faltavam algumas para o início do evento no dia. Eu deveria dormir, principalmente se eu quisesse ficar um bom tempo tatuando sem ter uma pausa decente, mas porra, eu não sentia sono nenhum.

Nada.

Nem mesmo uma grama de sonolência.

— Que lugar espetacular! — ela falou, admirada — Por que não me disse que era tão maravilhoso?

Seus olhos tentavam captar todas as informações que lhe eram lançadas e se ela pudesse, com certeza sairia em uma aventura, uma trilha em meio a natureza para poder tocar tudo que conseguisse. Erika era tátil, adorava absorver a sensação do que gostava sob seus dedos, percebera isso logo de cara no campo de girassóis.

Era uma coisa dela...

Como se absorvesse toda a energia positiva.

— Eu não sabia. — mentira.

Mas ela não precisava ter noção disso.

Fui até o porta-malas do carro e peguei minha mala e a bolsa dela, fechando e acionando o alarme, antes mesmo de conferir se ela me acompanhava. Meu corpo inteiro se arrepiava com a presença dela, como se estivesse contente, que apesar de tudo, apesar de eu ser o errado para ela, ainda assim estivéssemos ali.

Ouvi seus passos ecoando sobre o cascalho do caminho que levava para a recepção e abri um sorriso contido.

Lobo mau.

Lembrei-me da fala do Eros e a cada pensamento que passava por mim, só me deixava a certeza de que ele de fato, tinha toda a... razão.



— Estava socializando? — perguntei quando Erika se colocou do lado de fora do estande,

observando a minha arrumação.

Começaríamos a tatuagem dali a minutos. Ela deveria ser riscada e colorida na sua pele, durante as horas da convenção, para que eu pudesse participar do concurso e porra, escolher um lugar que não atraísse a atenção de todo mundo para a minha maca, tinha sido primordial.

Na coxa.

Fácil acesso. Ela só precisava colocar um short e *voilà!*

Um arrepio nascia na minha espinha, só em me imaginar tatuando a sua bunda, ou o vale dos seus seios com todo mundo olhando. Não, cara, eu definitivamente não tinha nascido para essas coisas, de desapego emocional, falta de ciúmes e tudo o mais.

Ela percebera minha relutância enquanto dava ideias. Claro que sim, eu não disfarçara. Principalmente meu semblante assustado assim que ela pensou em tatuar na lateral da bunda. Imaginei-a com um biquíni, em plena convenção, para que eu pudesse tatuar e meus pelos se arrepiaram, desde o couro cabeludo até os dedos dos pés. Deixei bem

PERIGOSAS ACHERON

óbvio que ela poderia tatuar onde quisesse, mas porra, eu ficaria no mínimo incomodado em fazer meu *trampo*, com todo mundo olhando pro... corpo dela. Babando nela. Cobiçando-a.

Ai caralho, que ideia de merda foi essa que eu tive de trazê-la?

Agora, era lidar com as minhas escolhas impensadas.

— Conhecendo o território, sabe como é. Vendo se alguém tem algo que chegue sequer perto do que você fez. — disse e piscou.

Estranhei, mas não comentei.

Nós dois tínhamos um humor muito volúvel e no mesmo instante em que estávamos dispostos a nos abrirmos, nos fechávamos completamente.

— E então? — Não era uma péssima ideia mesmo saber.

Ela tinha um excelente ponto.

— Nada demais. Vi seu nome em outra categoria. Pensei que só competiria comigo. — O que era aquilo na sua voz?

Decepção?

Eu devia estar ouvindo coisas.

— Só se eu encontrar outra tela. Senão, volto atrás na participação. Falando nisso, tem como colocar uma folha escrita “*procuro pele*”, bem aí na frente pra mim? Tomara que apareça uma alma louca e que goste do meu desenho. Caso contrário, vamos ficar dois dias sem fazer nada, só esperando o final para saber quem ganhou.

— Se não encontrar, pode fazer em mim —
Comentou e deu de ombros.

Franzi minhas sobrancelhas.

— Não, acho melhor não. Só achei legal a outra, porque eu fiz ela pra você. — Antes que eu me policiasse, as palavras saíram.

Olhei para ela, torcendo para que não tivesse ouvido, entretanto, a sua curiosidade e o sorriso singelo, deixaram claro que essa não era uma sorte que eu tivera.

— Fez pra mim?

— Já disse a merda, não é? Melhor eu assumir

essa porra. Fiz naquele dia em que dormiu em casa. Achei que o girassol tinha tudo a ver com você e não sei, a sua personalidade me remete a muitas cores. Foi minha melhor arte, quando terminei de desenhar eu mesmo sabia disso — assumi.

— Não imagina o quanto está certo, Athos.

— Sobre ser meu melhor *trampo*? — indaguei e ela sacudiu a cabeça negando.

— Não, sobre outra coisa, mas deixa esse assunto pra lá, quando surgir de novo, eu te explico melhor. — Erika contornou o estande e entrou pela parte que estava aberta, pra poder se sentar na maca que eu acabara de cobrir com plástico filme — Enquanto isso, o que acha de a gente começar? — A empolgação no seu rosto me animou e não demorou quase nada, para que o som da minha *Percy Waters híbrida* — tão temperamental quanto a modelo que eu tatuava — estivesse a todo o vapor.



— Não *tá* doendo nem um pouco? — perguntei, descrente.

Patricinha não soltara nem mesmo um resmungo. Eu precisei parar por segundos diversas vezes, só pra levantar meu rosto e ver se ela ainda estava viva. Em um momento, apostava que ela dormira e despertara com a minha contemplação do seu sono.

— Está tranquilo.

Voltei a aprofundar as agulhas na sua pele e ela nem mesmo se alterou, deixando que eu fizesse meu trabalho da maneira mais calma e ágil possível. O traçado estava quase finalizado e então eu começaria a colorir. Fazia umas três horas que estávamos nessa e eu odiava admitir, mas porra... eu enrolara só pra poder continuar com ela ali, comigo, sem ter que apelar para a parte sentimental e parecer um idiota.

— Legal.

Senti olhares em nós e logo depois o burburinho começou.

A cada convenção era sempre assim. As pessoas paravam, admiravam, elogiavam e depois seguiam para os próximos estandes, para observarem os trabalhos de outros profissionais e fazer uma comparação mental. Eu sempre tatuava entre uma

PERIGOSAS ACHERON

folga e outra, mas desta vez, eu ficaria de boa, focado no *trampo* que poderia ganhar troféu, ao invés de conseguir dinheiro propriamente em si. Além do mais, desta vez, eu tinha uma companhia interessante, ao invés do papagaio de pirata que era Eros.

Quando ele vinha comigo, tatuar me deixava em paz, sem precisar ouvir as asneiras dele em cada segundo do meu tempo.

— Quando começou a tatuar? — Erika quebrou o silêncio, justamente quando eu já estava me acostumando a ele.

— Há uns seis anos. Eu era *grafiteiro*¹⁶. Gostava de fazer arte, de desenhar, e quando percebi que seria interessante aprender a tatuar. Somei tudo. A maioria começou assim, sabia? Eros foi um desses. O conheci nas minhas andanças pelas cidades vizinhas, nós conversamos, comentamos sobre a ideia e uns cursos depois, aqui estamos. Não deu certo logo de princípio, a maioria do pessoal antigo da cidade não queria nem saber de tatuadores marginais, como eles nos chamavam, marcando a nova geração. Mas com esse conceito de merda,

não preciso nem dizer que acabou virando marketing, não é? Todo mundo ficou interessado no estúdio e deu uma passada pra conhecer. Muitos voltaram e firmamos clientela.

— Grafiteiro... Legal — Erika abriu e fechou a boca, no entanto, só voltou a falar segundos depois — Ninguém começa de cima.

— Exatamente, Patricinha, exatamente. — Tirei o foco por instantes da sua pele, para olhar para os seus olhos e a compreensão que eu vi neles, me deixou impotente.

— Devia ter me contado... Sobre a tatuagem e tal, que fez pra mim. — Ela mordeu o lábio inferior e eu fechei minhas pálpebras, a fim de conter aquela onda de desejo conhecido.

— Não mudaria nada.

A arte se firmaria para sempre.

Uma marca minha nela.

Sempre que ela olhasse, se lembraria de mim, e era foda admitir que eu me sentia bem com isso, mas era exatamente dessa maneira que eu me sentia.

Era seu primeiro. Fazendo sua primeira tatuagem. Uma feita exclusivamente para ela, com mais significados ocultos do que eu estava disposto a deixar que ela soubesse.

— Mudaria tudo. Assim como a do *Senhor dos Anéis*. — um sussurro abandonou seus lábios.

E eu ficaria pensando que era um louco, e que o imaginara, mas quando seus olhos encontraram os meus, toda a concentração de pessoas, havia desaparecido, e estávamos apenas nós dois, um no mundo do outro.

Inalei oxigênio diante do oásis.

Uma alucinação em que nós poderíamos ficar juntos sem gerar nada de ruim com a nossa decisão. Entretanto, nem tudo era tão simples e aquele ponto em mim que teimava em afirmar que tudo daria errado, ganhava cada vez mais força com a minha preocupação sobre ela.

— Se *tá* dizendo. — Voltei ao meu *trampo*, enquanto ela conversava com algumas pessoas.

O estande era como uma vitrine.

Até um metro havia uma chapa de metal, e o
PERIGOSAS ACHERON

restante era aberto, para visualização dos trabalhos. Apenas um dos cantos era totalmente aberto para que a gente entrasse. A convenção seguia assim, com três fileiras de estandes, contendo cada uma, cerca de dez, o que dava para a galera, uma porção de artistas para observar.

Alguns não gostavam muito.

Eu não me importaria se a minha pele em questão não fosse a Patricinha.

Da última vez, eu competira em fechamento, uma categoria demorada, com um trabalho do cacete. Eu falei pra *mina*, que precisava fechar a perna, ela curtiu, e teve que ficar de biquíni para que eu conseguisse tatuar. Ficamos quase vinte e oito horas nessa, sendo que na penúltima madrugada eu nem dormira, sem parar de tatuar. Dava uma pausa pra nós dois descansarmos, mas como era uma *tattoo* grande, nem em sonho poderia perder tempo. Todo mundo parava pra admirar, mas eu não sentia... nada.

Era profissional.

Estava fazendo meu trabalho.

Contudo, por que merda, eu não conseguia pensar dessa forma com Erika?

— Se importa de ficarmos até tarde? — indaguei.

— Não, nem um pouco.

— Então relaxa, que acho que vamos mais umas duas ou três horas daqui. — Olhei para o enorme relógio da convenção, em uma das paredes laterais, e balancei a cabeça sozinho, pensando que sairíamos dali depois da uma da madrugada.

Morrendo de fome.

Porque nem eu, nem ela, conseguíamos comer algo que sustentasse entre uma pausa e outra.

Erika ficou em silêncio conforme o movimento diminuía.

As portas para o público fechavam às 23 h, então seríamos eu, ela e mais alguns tatuadores que encaravam o trampo na *madruga*. Era melhor se adiantar do que não terminar a *tattoo* a tempo. Um lema muito respeitado.

— Oi, vi que *tá* procurando pele, pode me mostrar qual é o desenho? — Uma mulher parou

bem ao lado do estande, me olhando com expectativa.

Indiquei para a Erika onde estava o desenho e ela mesmo pegou, para mostrar para a moça.

— Só vou cobrar o material. — falei.

Os olhos da mulher brilharam ao ver meu desenho.

— *Supertopo*. Tá lindo demais, você tem um talento imenso. Acho que vai combinar com as minhas. — Ela comentou, como quem sabia justamente o que queria.

— Acho que essa fica bacana nas costas, costelas ou na lateral da coxa. Tem esses lugares disponíveis? — Tirei as luvas descartáveis, levantei-me e olhei para o corpo da mulher, procurando lugares que ficariam legais.

Ela tinha o cabelo rosa, vários piercings pelo rosto e muitas, tatuagens pra porra, espalhadas pelo corpo. As cores estavam vivas, maravilha, sinal ótimo de que sua pele ressaltaria o *trampo*.

— Na lateral da coxa não, mas tenho atrás — Ela se virou e uma das coxas *tava* limpa.

Serviria.

Eu achava que sim.

Corri meus olhos por todos os desenhos que enfeitavam a sua pele. A *mina* tinha bom gosto, porque os tramos estavam fodas. Colocar o meu ali, seria como expor uma arte em uma tela, para quem quisesse apreciar.

Balancei a cabeça em apreciação, não ao corpo em si, mas ao bom gosto.

Um olhar queimou minhas costas e quando me virei ligeiramente, para ver se Erika queria alguma coisa, me deparei com o seu semblante tão pesado quanto chumbo. Não parecia nada disposta a ouvir a minha conversa ou esperar que eu marcasse a *tattoo* para o próximo dia, enquanto a tatuava.

— Acho que dá certo. — Comentei, voltando minha atenção para a mulher.

Ela se virou e sorriu, seu olhar acompanhou meu corpo inteiro, com a malícia nos seus olhos, me fazendo emagrecer vários quilos.

Eu chamava a atenção, sabia que sim. *Na real*, o que mais chamava a atenção eram as minhas
PERIGOSAS ACHERON

tattoos espalhadas pelo corpo inteiro, se entrelaçando e preenchendo cada pedaço de pele com significados ocultos. A maioria das *minas* com as quais eu ficava, se interessava pela história por trás delas, eu nunca comentava. Era um assunto que cabia apenas a mim e tão pessoal, que eu não sentia a menor fração de vontade em confidenciar para outra pessoa as minhas motivações.

A não ser...

A que agora estava deitada na maca, respirando pesado, esperando que eu voltasse minha atenção a ela.

— Ah, com certeza dá certo, não é? Aliás, o evento já não está encerrado para o público? — Erika resmungou infeliz, a ironia na sua voz me fazendo abrir um sorriso de canto, em contento.

A *mina* olhou de mim para ela e não percebeu nenhum tipo de relacionamento, porque não se deu sequer ao trabalho de disfarçar quando se despediu da gente e passou a mão no meu braço sedutoramente.

Olhei para o local que ela tinha feito isso, e franzi as sobrancelhas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Efeito nenhum.

Espetacular, realmente.

Estava imune a todas as mulheres, exceto a Patricinha?

Fantástico!

— Que foi? — indaguei.

Erika parecia disposta a me matar a qualquer instante. De uma maneira horrível, eu diria.

— Nada, Athos. — Frisou meu nome.

— Patricinha, Patricinha... — Fiz um barulho de *tsc* e voltei aos meus afazeres.

Passamos as próximas duas horas e trinta minutos em um silêncio confortável. Alguns parceiros passavam, cumprimentavam, conhecidos de outras convenções e seguiam seu rumo. Quando finalizei a parte da noite, meus dedos estavam doloridos e parecia que um trator estava desfilando no meu crânio.

Arrumei todas as minhas coisas em uma maleta e deixei só a maca no estande.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei-me, espreguicei e senti meus ossos estralando, com um sorriso perverso no rosto. O alívio por ter deixado bem adiantado era inexplicável.

— Vai me cobrar o material? — Erika perguntou, colocando as pernas pra fora da maca, depois que eu limpei a *tattoo* e cobri com plástico filme.

— Como assim? — perguntei, olhando para a sua perna, vendo se algum traço tinha se perdido em meio a minha admiração nela vez ou outra.

Não conseguiria ver alguma falha assim tão cedo, com a pele irritada e inchada. Mas, me ajoelhei mesmo assim e me aproximei para tentar enxergar alguma coisa.

— Cobrar o material, que nem vai cobrar da mulher. — Ergui meus olhos até me prender aos dela.

A profundez verde com cor de natureza me tragou.

— Não vou, não. Eu te conheço, além do mais, *trampa* pra mim e pro Eros, considere como um

PERIGOSAS NACIONAIS

bônus. — Abri um sorriso e peguei na sua coxa, para virar um pouco a perna, com o intuito de ver a lateral da *tattoo*.

Esse toque causou um choque por todo o meu corpo. Ignorei com tanta perícia, trincando meus dentes, que se eu os quebrasse, nem me espantaria.

— Faço questão de pagar. — Proferiu.

— Relaxa, a gente vê isso depois — resmunguei.

Eu estava ardendo. Queimando, como se tivessem jogado gasolina em uma fogueira, tornando-a um fogaréu.

Ela mexia com tudo em mim. Absolutamente tudo.

— Não vou esquecer.

— Imagino que não. — Saquei meu celular do bolso e tirei uma foto, tomando o cuidado para focar apenas no desenho.

Ela permaneceu quieta enquanto eu fazia isso, como se estivesse respeitando meu espaço.

— Vamos? Eu preciso comer alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Salvei a melhor imagem e guardei o celular, sem dar muita importância a sua admiração velada em mim.

— Eu também.

Concordei e seu estômago anuiu, porque roncou alto, ecoando pelo galpão agora praticamente vazio. A maioria dos tatuadores já tinha se mandado, só restavam ali alguns gatos pingados, incluindo a gente.

Saímos e fomos até uma pizzeria qualquer, que encontramos no Google. Comemos e enquanto estávamos voltando para o hotel, a tensão só crescia mais e mais, como se estivéssemos prestes a seguir para o abatedouro.

Esforcei-me para manter a minha respiração regular.

Estacionei no mesmo lugar e peguei a chave da minha suíte. Patricinha fez o mesmo ao meu lado, com uma fração da barra da sua saia erguida, por causa da tatuagem.

Admirei mais uma vez meu trampo e desci do carro, colocando a touca da blusa de frio, sentindo a

PERIGOSAS NACIONAIS

brisa gelada mostrar a que veio. Ali, em meio as montanhas, o frio era do caralho.

Erika estava tremendo, com os braços em torno de seu corpo.

Tirei minha blusa, e entreguei para ela.

— Veste, ela vai ficar cumprida e vai cobrir metade das suas pernas. Melhor que nada. — Ela agradeceu e eu nem respondi.

Caminhei pelo cascalho, ao seu lado, com o frio corroendo meus ossos, enquanto eu tentava me concentrar nele para quebrar a força da minha libido.

Alcansei minha suíte, com uma vontade do cacete de não entrar, de seguir com ela até a dela e passar a noite por lá. Algo me dizia que o restante dessa madrugada seria ainda mais vazio do que os anos que eu ficara solitário no meu *apê*.

Travei com a chave no trinco, ela percebeu.

Nossa respiração estava tão pesada que conseguíamos ouvi-las em meio ao resmungo do vento, indo de encontro com a construção.

PERIGOSAS ACHERON

O hotel não tinha muitos quartos, mas os nossos ficavam no andar superior, com um balaústre em madeira, bem elegante, contornando uma espécie de sacada. A visão dava direto para a montanha e a construção parecia se agigantar em meio à natureza. Devido ao frio que fazia na serra, os quartos tinham lareira e se existia coisa mais romântica que isso, eu sinceramente desconhecia.

Usar a cama com os pesados edredons enquanto o quarto era aquecido e embalado pelo som do crepitar do fogo, devia ser foda pra caralho. Tudo propício, inclusive a minha vontade, que aumentava a cada segundo em que a respiração da mulher ao meu lado soava tão alterada quanto a minha.

A noite seria *miada*¹⁷ sem ela por perto, tinha noção disso.

Entretanto, nós dois escolhemos não dizer nada.

Abri a porta e entrei, fechando-a logo em seguida.

Nem mesmo me despedi, ou falei qualquer merda, só... entrei. Porque a noção de que se

postergasse o adeus temporário, eu acabaria beijando-a do nada e a trazendo para dentro do quarto para aplacar aquela ânsia que me comandava, era imensa.

Mas, se ela quisesse, quem teria que dar o primeiro passo, seria ela.

Sentei-me na cama e apoiei meus cotovelos nos joelhos, com as mãos cobrindo meus olhos em desânimo. Estava cansado pra caralho, mas tinha a sensação de que não conseguiria fechar meus olhos nem que eu estivesse há uma semana inteira acordado e finalmente encontrasse um lugar para desabar.

Permaneci inerte, por minutos, ouvindo o vento e seu “*uhhhhhhhh*”, do lado de fora. A sua força era tanta que em determinado momento prestei a atenção até mesmo no ressoar que ele causava na chaminé da lareira, revestida em ferro fundido. Eu não a tinha acendido ainda, mas se fosse preciso para me distrair, acabaria por fazê-lo em algum ponto da madrugada.

Levantei-me apressado, desistindo de esperar as coisas acontecerem. Toquei na maçaneta e batidas

vibraram a minha mão.

— Eu não conseguiria dormir — disse ela.

— Nem eu.

Meus olhos encontraram um verde vívido e essa foi a única coisa que eu fiz antes de... todo o resto se tornar um borrão.



30

Frika

Era impossível permanecer no meu quarto.

As palavras idiotas que eu dissera velejavam na minha cabeça, carregando todas as minhas ideias e me deixando dissoluta. Ainda mais depois da noite que tivemos há alguns dias. Foram as horas mais sinceras e repletas de sentimentos que eu já tivera. Athos me contara tanto, sobre um assunto que ainda o afetava, que aquilo pareceu simplesmente mais forte e mais intenso até que o sexo. Foi uma troca de medos, pavores, traumas e ainda assim, resquícios de esperança.

A conexão era real e eu conseguia tocá-la, assim como enxergar a sua cor pairando em torno de nós.

Seria idiotice negar algo tão verdadeiro.

Principalmente quando tudo explodiu e nos tragou.

No campo de girassóis, o calor que permeou as batidas do meu coração, irradiou certeza para o meu pedido. Eu queria Athos, e não adiantaria negar.

Se eu precisava assumir que estava errada tentando manter uma distância? *Sem problema, então eu faria isso.*

No fundo, eu estava com ciúmes dele e não conseguiria nem farrando ficar no quarto ao lado, sabendo que ele estava a alguns metros de distância, com uma parede em madeira funcionando como uma barreira a nos separar.

Athos abriu a porta e me fitou.

— Eu não conseguiria dormir — admiti.

— Nem eu — disse e me puxou para dentro, fechando a porta com um baque alto.

— Não precisamos dizer nada, para tornar isso certo — sussurrei.

Ele não me deixou continuar falando, sua boca encontrou a minha de novo e seu corpo empurrou o meu até que desabássemos na cama. Sua mão subiu da lateral da minha coxa direita até levantar a minha saia e apertar a minha bunda. Senti a fricção da sua calça direto contra a minha calcinha e arqueei o meu corpo.

Os sons do vento ricocheteando nas paredes, da cama rangendo com os nossos movimentos, tão eróticos que nossos gemidos apenas os acompanhavam.

Uma sinfonia bem louca.

— Dessa vez eu não vou aceitar quando disser pra manter tudo na amizade colorida — respirava com dificuldade, tentando conter o desejo. — Se entrar no meu mundo, Erika, entre pra ficar. — Athos beijou meu pescoço e murmurou, causando uma sensação gostosa de reconhecimento por todo o meu corpo.

Firmei minha mão nos seus braços e cravei minhas unhas, tentando conter aquela tempestade que ameaçava me afogar.

Em meio ao desconhecido.

— Eu quero ficar com você.

Isso bastou para que a pouca noção que tivéssemos se dissolvesse no ar.

Ajudei-o a tirar a sua camiseta e senti seus dedos trabalharem afoitos, ao levantar a sua blusa de frio que me aquecia. Ou talvez não fosse o pano que estivesse causando essa sensação de mais calor do que eu poderia suportar, e sim seu corpo, colado ao meu, enquanto meu peito se movimentava de acordo com a sua respiração.

Furiosa.

Assim como a nossa necessidade de um pelo outro.

— Eu não vou te impedir de me conhecer — Um âmbar perdido, acompanhado de um azul profundo me fitavam.

— Nada? Nem que eu tente tocar a sua alma? — indaguei e toda a emoção do momento me fez enxergar ainda mais.

As cores que já eram vívidas em Athos, ganharam tonalidades e intensidades diferentes, mudando em questão de segundos, como se

PERIGOSAS ACHERON

estivessem se condensando e se tornando uma aurora boreal, dançando em nuances imperceptíveis, tão sensoriais e intensas, que simplesmente não conseguia explicar, apenas vivenciar.

E meu Deus...

Eu sentia tanto que a qualquer momento, acreditava que explodiria.

A primeira vez fora inexprimível, mas essa, cheia de entregas, nos afogava.

— Eu sou todo seu, com traumas e uma infância fodida pra cacete, mas ainda, seu. Patricinha... acho que caí nessa sua pose de inocente desde aquele dia em que chegou no estúdio e ficou me encarando como se eu fosse um príncipe encantado, como se eu a fascinasse como mais nada no mundo.

— Não está errado.

Passei a mão pelos seus ombros, sentindo as cicatrizes sob a minha palma.

Elas se elevavam sobre a sua pele, como uma forma de nunca o deixar esquecer. Athos cobrira cada uma com imagens que amava, mas ao sentir

PERIGOSAS ACHERON

meu toque, fechou seus olhos e absorveu a sensação de ser tocado com amor e admiração.

Um silvo de dor escapou por entre seus lábios.

Parei no mesmo instante, tentando decifrar as emoções que vibravam por trás de suas pálpebras.

— Continua. Por favor. — pediu e eu prossegui.

Cobri cada relevo com leveza e carinho.

Desci meus dedos, passando-os pelo seu abdômen definido, sentindo as ondulações acariciarem a minha palma. Sentindo-as se conectarem a algo muito além do meu tato. Tracei uma trilha de beijos e acompanhei cada linha escondida com a minha boca, reverenciando-as com a minha língua, enquanto minhas mãos veneravam cada risco que ele mantinha oculto.

Parei no cós da sua calça e desafivelei seu cinto, ouvindo seus gemidos e me regozijando com meu poder sobre o seu corpo.

Arrastei o jeans e outras marcas se tornaram visíveis aos meus dedos. Elas eram mascaradas pelas diversas tatuagens, mas eu sabia que estavam lá, mantendo-o preso a um passado que Athos

PERIGOSAS ACHERON

queria desesperadamente enterrar. Entendi também que esse foi um dos motivos para que ele escolhesse ser tatuador, para poder disfarçar nas outras pessoas, cicatrizes que elas tentavam a todo custo ignorar.

Criar obras de arte que elas amariam no lugar, era sua meta de vida.

Se um propósito pudesse soar mais altruísta, desconhecia.

Lembrei-me de um dia em que chegou uma moça no estúdio e Athos me informou no final da sessão que ela não precisaria pagar. Apostava que por trás da sua ação, devia ter uma pessoa machucada que merecia uma chance de amar o seu próprio corpo de novo.

Poderia parecer idiotice para muitas pessoas, mas não para mim, que entendia o quanto se amar era importante para não ceder àqueles apelos da cabeça, para dar um fim a tudo.

Apoiei-me sob meus joelhos e vislumbrei cada detalhe que o cobria. Desde o seu pescoço, até a canela, onde praticamente seu corpo inteiro era mascarado por imagens com as quais Athos de

PERIGOSAS ACHERON

alguma maneira se identificava.

— Você é maravilhoso.

Estreitei meus olhos, vendo cada desenho tremeluzir em uma cor diferente, bem distante de apenas preto e cinza que ele teimava que eram todas elas. Eu enxergava. Enxergava tudo o que ele queria esconder. Por trás de cada uma, havia um sentimento maravilhoso tomando a frente e com isso, as cores expressadas, mesmo que ele não visse, se misturavam a todos os momentos, porque além do preto havia sentimento. E branco, um branco que se misturava com ele e se transformava em cinza, contendo todas as cores que eu conseguia distinguir.

— Com você me olhando assim? Como eu seria burro de discordar? — Foi o que abandonou seus lábios.

Prendi seu olhar ao meu e Athos respirou profundamente.

Saí de cima dele e também da cama. Firmando meus pés no chão, sentindo o frio da madeira se chocar com o calor que eu emanava.

Puxei a camiseta que eu usava pela barra, até que ela estivesse embolada perto dos meus pés. Abri o fecho do sutiã, absorvendo o olhar que recaía em cada gesto meu, como uma viciada em sua admiração.

Os sentimentos que ecoavam em mim, as sensações que ele fazia com que se avolumassem eram tão desconcertantes que nem mesmo eu sabia como me sentia ao certo. Só sabia que... jamais queria parar com isso. Passei um braço em torno dos meus seios e desci o zíper lateral da saia, sentindo-a deslizar pelas minhas pernas, com uma suavidade tão gostosa quanto seriam as mãos do homem à minha frente, percorrendo minha pele nua.

Seu olhar desceu junto com a peça.

Meus pelos se arrepiaram de imediato.

A calcinha de renda que eu usava, em um vermelho vibrante, captou toda a sua atenção, criando pontos fixos de afetação onde eu sentia seu olhar se fixar.

— Eu não chego perto de ser tão lindo como você — Levantou-se devagar da cama, seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

não abandonando os meus em nenhum ponto do caminho. — E eu quero te venerar inteira, quero te mostrar como um malandro ama uma mulher, quero te mostrar tudo o que quiser, porque Erika... você me mostrou tudo o que eu preciso.

Colocou suas mãos na minha cintura, seus desenhos contrastando com a minha pele alva e lisa.

A flor de Lótus brilhava.

A floresta, na outra, também.

Athos percebeu onde meu olhar se perdia e abriu um sorriso simples, porém, cheio de significados.

— Essa é porque acho essa paisagem acalentadora. E essa — Ergueu a mão com a Flor de Lótus — é para manter a pureza do corpo e da mente. Cobrir a maldade com algo que simbolize paz de espírito me pareceu no mínimo, irônico, só que sei lá, eu precisava me apegar a algo. Essa — ele apontou para uma que cobria toda a sua barriga, um... elefante com corpo de homem? Não sabia definir muito bem — é *Ganesha*, um deus da mitologia hindu, para que a sabedoria prevaleça em mim e que eu consiga combater e equilibrar o mau

PERIGOSAS ACHERON

na minha vida. Tenho tantas, com significados ocultos, outras que eu apenas achei bonitas, que Erika, eu demoraria no mínimo uma semana para te explicar e ressaltar os motivos de cada uma — comentou e ergueu uma das minhas mãos, levando-a a boca — Só que nada me parece mais perfeito, vários dias conversando com você, te tocando, te abraçando, e te amando como merece.

Depositou um beijo casto, depois a apertou e a levou em direção ao peito.

Fiquei ali, sentindo as batidas do seu coração pulsarem na palma da minha mão, em uma troca muito maluca de confiança.

— Essa — aponte para a minha coxa, onde a minha pele ainda estava vermelha, pelo machucado recente — Foi uma pessoa muito importante que fez pra mim. Ele não imagina o quanto saber que desenhou de acordo com o que vê, foi libertador. Foi como olhar através do espelho e dar de cara com a mulher que eu quero ser. Eu... ainda não sei definir o que sinto por essa pessoa, mas a certeza que eu tenho é que me sinto maravilhosamente bem todas as vezes em que nos encontramos. Todos os dias, quando ele entra no estúdio e passa por mim,

PERIGOSAS ACHERON

com seu perfume incendiando cada terminação nervosa do meu corpo é como se eu nunca o tivesse visto. Minha respiração morre e dá lugar ao frio no meu estômago, que antecipa uma conversa ou um sorriso de bom dia.

— Sinceramente, eu tenho até medo, de me perder nessa coisa e depois não saber o que fazer quando você partir e não voltar.

— Eu não vou embora, Athos — Proferi.

Uma sentença totalmente verdadeira, que eu não pude deixar de dizer diante do seu timbre amargurado.

— Não pode prometer algo assim. Mas que se foda, porque qualquer tempo com você já vai ser o suficiente pra me fazer reviver.

O mistério pairou nas suas palavras, indo e vindo, me atingindo como uma névoa de realidade. Sua boca encontrou a minha novamente e passei meus braços em torno do seu pescoço, deixando que ele me levantasse, enquanto eu cruzava as minhas pernas na sua cintura delgada.

Nossas línguas se entrelaçaram, molhadas e

ávidas por mais. Athos aparentava querer se marcar eternamente em mim, e eu o aceitava como se precisasse igualmente disso.

Nossas mãos contornavam um ao outro, como se nenhuma distância fosse perto o suficiente. Eu o queria em mim, em cada mísera parte do meu corpo. Queria senti-lo em cada pedaço de pele.

Minha calcinha passou pelas minhas pernas, sem que eu me importasse quando ela roçou na tatuagem recém-feita.

A dor não seria capaz de me parar.

Nem que o fim do mundo estivesse próximo, eu sairia deste quarto.

Fechei meus olhos, e suspirei. Um suspiro alto, profundo e repleto de contentamento.

— Athos... — O nome escapou, em uma onda de incredulidade.

Se sonhos existiam de fato, eu acabara de entrar em um.

— Eu *tô* apaixonado por você, Patricinha — Foi a sua resposta.

Uma que bastou para que nada mais importasse.

Porque, meu Deus, eu estava me ligando a ele também.

De uma maneira irremediável.

Até minhas cores orbitavam em torno da sua figura, como se me puxassem para o certo desde o princípio.

Estávamos correndo em uma pista, de frente para os automóveis e o desastre eminente, mas nenhum de nós dava a mínima para isso.

Cruzei nossas mãos, enlaçando nossos dedos, respondendo através de um gesto a sua admissão.

— Eu... — Comecei a falar, mas ele me interrompeu, com mais um beijo de tirar o fôlego.

Seu anseio travou minhas palavras.

— Sem promessas.

A partir daí, cada beijo se tornou mais afoito que o outro. Seu peito se esfregou com o meu, e quando Athos desceu e contornou um dos meus mamilos com a sua língua ávida, consegui enxergar as cores até mesmo diante da minha pálpebra, em meio ao

preto inconfundível. O piercing na sua língua, contornou sem pressa e eu girei em uma névoa de prazer.

Sua boca seguiu o caminho, descendo, descendo, descendo...

E eu comecei a rodopiar em tantos efeitos que ele despertava.

Erros, acertos, tudo se movendo de maneira inequívoca.

Athos fechou seus lábios em torno do meu clitóris e eu apertei o lençol nas minhas mãos, respirando com dificuldade. Principalmente, com o que ele começou a fazer a seguir. De fato, aquela porcaria de piercing era dos deuses, o acessório mais maravilhoso da vida.

— *Ahhhhh...*

O orgasmo se construiu no meu âmago e logo que ele percebeu o que acontecia, abandonou a tortura despudorada e voltou até meus lábios, pressionando seu abdômen ao meu. Senti meu gosto na sua língua.

Empurrei-o sutilmente e Athos ajoelhou-se no

PERIGOSAS ACHERON

colchão, me dando uma visão bem ampla do que eu sentiria dentro de mim. A água que se formou na minha boca não foi pura imaginação.

— Posso? — Indiquei a sua excitação, com o pequeno brilho na ponta.

Queria tocar e... precisava descobrir se era tão gelado e prazeroso para ele, como tinha sido pra mim na primeira vez. Ele não respondeu, só desceu da cama e eu me coloquei sob meus joelhos, para admirá-lo mais de perto.

Tão de perto que minha respiração se tornou frenética.

Aproximei-me mais.

A fúria no meu tórax, ansiando.

Quando abri meus lábios e o envolvi, não fui a única a gemer de tesão. Athos prendeu os dedos no meu cabelo e puxou forte, formando um rabo de cavalo com meus cachos, ditando o ritmo do oral com uma perícia fantástica. Contornei o piercing com a minha língua, chupando-o ocasionalmente, envolvendo a glândula e sugando com ferocidade.

As veias se ressaltavam ao mero toque. Circulei-
PERIGOSAS ACHERON

as como se precisasse fazer isso tanto quanto precisava respirar.

— *Putá* — suspiro — *que* — expirou feroz — *pariu*.

Aprofundei e senti a peça tocar minha garganta.

Athos gemeu ainda mais, com um urro atroz e inquietante.

O tesão escorria a cada vez que eu chegava a base e voltava à ponta. Seu prazer, refletia em mim e eu me sentia uma predadora, repleta de lascívia e más intenções.

Seus dedos puxaram com potência meu cabelo e o ritmo tornou-se insano, com idas e voltas imersas em gozo. A dor que se alastrava pelo meu couro cabeludo, só me impulsionava a ser mais maldosa com ele, depositando toda a vontade de tê-lo em cada mordida suave e carregada de devassidão.

Tirei minha boca assim que o senti ficar mais duro contra a minha língua. Olhei para cima e o que vi me deixou extasiada, Athos mantinha as pálpebras semicerradas, respirando com dificuldade, enquanto me olhava com desejo e

necessidade.

— Foi tão bom pra você quanto foi pra mim, não é? Esse — Rodeei-o com a língua — piercing — Suguei a glândula — é fenomenal.

Sua cabeça tombou completamente para trás, cedendo ao meu poder.

— Você é o diabo em pessoa, Patricinha. Mas que se foda, leva a minha alma e nem precisa trazê-la de volta. Só continua fazendo isso que eu juro que — Masturbei-o e Athos perdeu o fôlego — Porra... — Voltei a sugá-lo e senti o sabor ligeiramente salgado do pré-goço. — Isso só pode ser tortura!

Seus dedos diminuíram a força nos meus fios e ele me incentivou a parar. A miríade de cores nos seus olhos, totalmente nubladas de cobiça.

Esticou-se até a calça no chão, tirou a carteira de um dos bolsos e puxou uma embalagem de camisinha.

Desenrolou o preservativo ao longo de toda a sua extensão, vibrando com o meu olhar. Não esperei, engatinhei na sua direção. Ele puxou meu cabelo

mais uma vez, dolorido e excitante, até que nossas bocas se enroscassem e seu corpo prensasse o meu contra o colchão.

Estocou com intensidade, embolando os edredons em torno de nós.

Suas mãos se prenderam na minha cintura e me mantiveram estática em um aperto insano.

Selvagem e desesperado, sacana e quente como o Sol.

Sensual.

Singular.

Inesquecível.

Assim como nós dois.

O prazer incendiou meu corpo e tremeluziu as luzes que invadiam o quarto.

— Ah... merda — blasfemei.

O orgasmo se construiu com força, deixando um rastro de leveza e perdição.

Eu acabara de tocar o calor do inferno e que se fodesse todo o resto, mas até compensava diante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desse panorama de novas sensações.

— *Eu* — estocou com força — *te* — lento e intenso — *avisei* — mordeu minha língua com tesão — Que seria pra valer, que do paraíso você iria pro inferno em questão de segundos, então, seja bem-vinda ao mundo do pecado, *Patricinha* — Meu apelido na sua voz rouca foi indecente e isso bastou.

Gemi.

Como uma viciada em Athos Monteiro. Sentindo a fricção da joia espalhar milhares de espasmos inexplicáveis pelo meu corpo.

— *Ahhhhhhh.*

— *Caralh... Eri...ka.*

Senti-o pulsar e acompanhei-o, em um ápice conjunto.

Um mundo se formara, um mundo que nos contemplava. Totalmente nosso.

Um sonho.

Eu tinha certeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso

Só

Podia

Ser

Um

Sonho.

Não queria jamais acordar.

Um mar de possibilidades se abriu diante de mim
e eu me senti espetacularmente... bem.

PERIGOSAS ACHERON

31



Athos

Olhei para as nossas roupas, manchadas de tinta e revirei meus olhos.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria literalmente surtado em perceber que o plástico filme já era e que a tatuagem estava toda exposta, fodendo com meu trabalho de um dia pro outro. Mas... Eu estava ali e foi por uma boa razão. Era só desinfetar e colocar um plástico novo.

Tudo o que fizemos ainda inflamava meu desejo, mas porra, já tinha a noção de que essa chama poderia nunca se apagar.

— Que sorte eu tenho de dormir com o tatuador,

não é? — Ela brincou assim que eu terminei de colocar a fita crepe para fixar o plástico.

Subi meu olhar, babando na sua perna e ela percebeu.

Já que estávamos trabalhando com malícia ali, não custava nada deixar claro que ela fazia muito mais do que “dormir” com o tatuador.

— Me sinto mal pelo que vou dizer, Patricinha, mas puta merda, se toda vez que eu fizer uma tatuagem em você, nós pararmos na cama, até o ano que vem, seu corpo vai *tá* fechado.

Ela jogou o tronco para trás na cama, enquanto gargalhava e eu acompanhei cada movimento do seu peito, fascinado pela sua naturalidade.

Erika aparecera de maneira súbita na minha vida. Em uma segunda-feira parada, que eu não tinha pretensão de nada e de repente, tudo virou de pernas para o ar e nós começamos a conversar, a nos entender e nos colocarmos na pele um do outro, com uma familiaridade tão grande que eu simplesmente me vi... envolto por ela.

Não fazia sentido fugir de algo que parecia tão

certo.

Nem mesmo pelo medo que eu tinha de que ela me visse como um cara ferrado, que não valia a pena e que não prenderia a atenção de ninguém.

— Se continuarmos nesse ritmo, não vai nem precisar me tatuar.

Passei a língua entre meus lábios, as chamas me consumindo novamente. Subi minha mão pela sua panturrilha e parei no cóis da calcinha. Erika que teimara em colocar o pedaço de pano. Para mim, não tinha necessidade nenhuma disso. O motivo eu não precisava explicar, não é?

— Que destino terrível. — falei e escalei o caminho, depositando mordidas por toda a sua perna, abdômen, colo, até chegar ao seu pescoço.

— O que está esperando para torná-lo presente?

Eu não precisei ouvir um convite direto, absorvi o implícito nas suas palavras e coloquei o jogo para rodar.



Acordei sentindo falta de algo na cama e abri meus olhos. Quando olhei para o lado, notei porque aquela sensação de vazio no meu peito me atormentava tanto. Meu foco se prendeu nas minhas roupas emboladas, presumindo que a ausência de calor era por causa da Patricinha.

Eu me lembrava do que fizemos.

Eu me lembrava do que falamos.

Um terror súbito tomou conta de mim, ao imaginar que ela poderia nunca mais querer me ver, ou algo assim. Usei de todas as minhas táticas para que Erika nunca quisesse ir embora, mas quem poderia saber se o que me fizera tremer, tinha exercido o mesmo poder sobre ela? Não eu, não minha imaginação.

Levantei-me e vesti a calça e a camiseta, apressado, descrente que depois de tudo ela ainda tinha voltado para o seu quarto.

Peguei meu relógio em um dos criados-mudos e estranhei que ainda fossem 4:30 h. Essa madrugada parecia se arrastar e eu *tava* pouco me fodendo para isso, porque depois do sexo insano que tivera, só conseguia pedir que o tempo passasse o mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devagar possível para poder apreciar a graça do momento.

Assim que abri a porta, levei um susto de quase fazer meu coração parar de bater. Estaquei no lugar e tentei me acalmar antes de dizer qualquer coisa.

— Eu despertei e não consegui mais dormir. — Comentou, em tom de desculpa.

Suspirei aliviado.

Porra, parecia que eu tinha carregado mil vezes o meu peso até vê-la.

— Me assustou.

— O que achou que tinha acontecido? Que eu fui devorada por algum animal? — Virou-se de costas no balaústre, com os cotovelos sob a madeira.

Sua posição era relaxada e eu agradeci por essa dádiva.

Olhei para o céu e sorri sozinho.

Um relacionamento abalado estava prestes a se firmar novamente. Não deveria ter perdido minha fé, sabia que não, mas era muito complicado.

PERIGOSAS ACHERON

É, Cara, você sabe mesmo como consertar, não é?

Ou ao menos, sabia que outra pessoa poderia ajudar.

— Devorada por um animal, você foi dentro do quarto, aqui, meu medo era única e exclusivamente que você tivesse decidido que sou muito fodido para a sua pureza suportar. — Dei de ombros.

Coloquei-me ao seu lado e o cheiro de girassóis invadiu meus pulmões. Um aroma singelo e delicado, como a mulher próxima a mim.

— Convencido. — Ela me empurrou com o ombro e eu só gargalhei. — E não tem nada ruim em você. Lógico que não é nem um pouco amigável com as pessoas desconhecidas... e bom... não tenho do que reclamar no quesito sexual — Safadeza escorreu de cada palavra sua.

E eu gostei.

Gostei pra caralho disso.

— Não te tratei mal quando te conheci — Reforcei meu ponto. A necessidade de deixar claro que eu a afastara apenas por saber que era boa

PERIGOSAS ACHERON

demais para mim, comandando minhas ações — Só achei que era melhor te evitar, entende? Um cara como eu, arranja problemas com mulheres como você. Não é julgamento meu, nem nada disso, mas é o preconceito da sociedade, ainda mais com a sua família *cagando* regras. Quando essas coisas estouram, elas sempre acertam o lado mais fraco e porra, eu morro de medo que o lado mais fraco seja você, Erika. Eu pouco me fodo pro que me acontecer, não sou de me arrepender pelas coisas boas que aconteceram na minha vida. Mas, eu não sei como lidaria caso você estivesse na jogada e saísse machucada.

Meu peito se movimentou pesado, apavorado.

Olhei para o manto pálido, a neblina que ainda nos envolvia como um mau presságio, e alcei voo nos meus pensamentos mais tenebrosos.

Por que eu pressentia que a felicidade não seria tão fácil assim de conquistar?

Uma pontada de dor me incomodou, e abaixei a cabeça, tentando me encontrar na minha força de vontade assim como tentava vislumbrar as estrelas diante do branco que não dava sinais de ir embora.

Sentia-me cego e não por *não* enxergar, mas por não *conseguir* admirar uma solução para tudo, uma que não prejudicasse no mínimo duas pessoas com as quais me importava. Ela e Theo. Fora Bruno que seria atingido no processo.

— Acho que eu que era idiota demais. Mas, enfim... Queria te contar uma coisa, Athos... Algo que eu não contei pra ninguém, nem mesmo para o Theo, ou para os meus pais.

Meu corpo ficou tenso imediatamente. A seriedade na sua voz era palpável e eu não podia negar, dizendo que não me causava calafrios.

No entanto, eu guardaria seu segredo como se fosse meu.

Foi a única certeza que passou pela minha cabeça.

— Manda — Encorajei-a.

— Promete que não vai duvidar de mim? — Erika virou-se ligeiramente para me olhar e eu concordei, com um esgar.

Por que inferno eu duvidaria dela?

Era sincera em um nível meio louco, tão louco que me fizera de gato e sapato. E cacete, se havia alguém no mundo capaz de me fazer crer até no impossível, esse alguém era ela.

— Jamais. — Apoiei meus cotovelos na madeira e aguardei.

Esperei até que ela estivesse pronta para contar o que quisesse. Não faria diferença nenhuma no que eu sentia por ela, mas a deixaria mais leve.

— Há pessoas no mundo, são casos raros, mas há, que enxergam mais cores do que as pessoas normais. Elas enxergam cerca de noventa e nove milhões de tonalidades, e as enxergam em outras, como por exemplo... O vermelho pode conter alguns traços negros, onde há a ausência da cor, o verde pode conter azul, do mais puro e distinto, o laranja tem uma relevância absoluta até que o amarelo se torne essa cor, ou mesmo um simples girassol, com milhares de gradientes imperceptíveis aos olhos comuns. Essa condição está presente em algumas espécies de animais, e foi descoberto há não muitos anos que está presente também em humanos. Os casos são tão excepcionais que não há muito estudo sobre, afinal, imagina como deve ser

PERIGOSAS ACHERON

difícil encontrar pessoas com essa... — sua pausa foi cortante, enquanto ela tentava procurar uma palavra adequada — singularidade.

— Não fazia a menor ideia que isso existia — Atrai a sua atenção e Erika me olhou tão demoradamente, que me senti sendo descoberto, camada por camada.

Lembrei de cebolas.

Por causa das camadas e tal...

Porra, não era ela a louca, definitivamente era eu.

— Existe... E as vezes está mais perto do que imagina.

Seu olhar se perdeu em alguma lembrança na sua mente e eu nunca quis tanto abraçá-la e jamais largar, como queria agora.

— E como essas pessoas enxergam as cores? — Eu já tinha sacado onde ela queria chegar — Quero dizer, como distinguem o que é único delas, do que é normal para o restante do mundo? Imagino que nada seja fácil e tal... Porque deve ser uma confusão bem foda diferenciar se vive um sonho ou se o sonho vive em você. É que nem um conto de PERIGOSAS ACHERON

um filósofo chinês que Raul Seixas citou, um homem sonhou que era uma borboleta e quando ele acordou e viu que era homem, ficou em dúvida se ele tinha sonhado que era uma borboleta ou se era uma borboleta sonhando ser um homem. Enrolei pra caralho, mas acho que entendeu o que eu quis dizer. — Patricinha desviou a sua atenção do meu rosto, diretamente para os meus olhos.

Aparentava tramar alguma coisa, deixei que nossa conversa seguisse o caminho que ela quisesse.

Tinha sido assim desde que entrara na minha vida.

— De que cor são suas tatuagens?

— Elas não são coloridas, Patricinha. São em preto e cinza.

— Está errado, Athos. Elas são repletas de cor. Cores que se entrelaçam e se aprofundam na sua pele, iluminando-a de uma forma que você nunca conseguiria entender.

— Me diga como elas são — pedi.

Erika pegou uma das minhas mãos entre as suas,
PERIGOSAS ACHERON

a que tinha a flor de Lótus, e acariciou minha pele com o polegar. Um calor conhecido acompanhou seu dedo, em cada ponto que ela resvalava.

Respirei entredentes, tentando manter trancado tudo aquilo que despertava em mim. Era forte demais. Como se quisesse romper todos os meus pontos de dor.

— Aqui — Traçou uma linha invisível nas pétalas — O cinza fica bem claro à medida que dá espaço para pontos azuis, traços suaves de verde claro, que se estende por todo o contorno, auxiliando o preto na sua tarefa exclusiva. O preto é realmente preto, acredita? — Seus olhos pareciam brilhar — Não há cor no preto, enquanto o branco, Athos, é repleto de vida. O preto traz calma, o branco me leva para o caos. — Um sorriso desacreditado tomou conta de seu rosto — Irônico, não? Sempre achei engraçado isso. A característica que faz com que a cor seja branca aos meus olhos, é exatamente ela ser cheia de cor.

— Não enxerga branco? — Ela não percebeu o que eu ocultei.

Que eu sabia que ela estava falando dela e não de

algumas pessoas genéricas, em torno do mundo.

Sua concentração em coisas específicas me fez matar a charada no mesmo instante. Fazia todo o sentido suas checadas em mim, ou em qualquer pessoa que vestia roupas coloridas demais. Lembrava de uma vez, em um bar que fomos, que ela se levantou da mesa, incomodada quando o globo de luzes nos iluminou e agora fazia todo o sentido...

Todo o sentido do mundo.

Merda, eu queria cada vez mais defendê-la do que nenhum de nós sabia.

Erika acabara de se apoderar do meu coração e não tinha a menor noção.

— Não, são raros os momentos em que é branco, as vezes apenas pontilhados, que não fazem sentido a maior parte do tempo, só que sei lá, dá pra distinguir entende? Eu sei que é branco quando todas as cores se misturam. É lindo, queria poder mostrar pra alguém, a forma como eu vejo o mundo não é a mesma com a qual todo mundo vê. Eu só queria... que vissem a magia nisso — Seus olhos voltaram a encontrar os meus e ela percebeu que

PERIGOSAS ACHERON

vacilara, dizendo indiretamente o que eu já tinha sacado.

— Com a sua descrição, agora eu vou ficar imaginando quantas cores minhas tatuagens têm, obrigado. — Brinquei.

Todas eram *pretas e cinza* porque eu não acreditava que minha vida tinha cor e agora, havia uma mulher que enxergava tantas cores que eu simplesmente não sabia como reagir a isso.

Balancei a cabeça, incrédulo.

Inacreditável.

Certo por linhas tortas.

Se eu era duvidoso e descrente, neste momento, eu já me sentia conectado para o que eu dera as costas no passado.

Noventa e nove milhões de cores... Noventa e nove... milhões.

Era cor pra cacete.

— Não me olha assim!

— E como eu *tô* te olhando? — Abri um sorriso,

totalmente genuíno.

— Como se eu fosse uma, sei lá, alienígena —
Ergueu as mãos frustrada.

— Eu *tô* fascinado, Patricinha. Não te acho estranha, só te acho... maravilhosa demais. —
Sinceridade, passando entre a gente com uma leveza invejável — Não me importa se vê uma cor, se vê um milhão, ou 99 milhões, eu acredito em você, Erika. Agora entendo por que disse que acertei com a *tattoo* na sua perna, deve enxergar tudo com muito mais clareza do que eu. —
sussurrei.

— Não imagina o quanto.

— Deveria pintar, pra eu ver, ou pelo menos chegar perto de ter a mesma visão que você. É um privilégio ter algo pra chamar de seu, algo que faça parte apenas de você. Guarde esse dom sob sete chaves e aproveite para tirar dele toda a beleza que pode, antes que isso se torne apenas um desejo incapaz de se realizar.

Lágrimas se formaram nos seus olhos e porra, eu me apressei a secar algumas que desceram grossas, molhando as suas bochechas.

Guardavam mais sentimentos do que as suas palavras.

Lágrimas não ditas.

Uma frase sem sentido, repleta de sentimento.

— Não me acha louca? — perguntou em meio ao choro.

Isso reforçou as rachaduras que se expandiam silenciosas no meu peito.

— Nem um pouco, minha linda. Não mais do que todos somos na verdade — Contornei seu rosto com as duas mãos, tentando conter as lágrimas com os meus dedos.

Cansei de falar com ela tão longe e puxei-a para mim. Prendendo-a em um abraço do qual ela não sairia tão cedo.

— Será, que eu *n-n-não* sou louca? — indagou em meio aos soluços.

Questionei-me o que tinha acontecido com ela que a deixara tão descrente quanto a própria habilidade, a ponto de achá-la uma coisa negativa, duvidando da própria sanidade. Vê-la sofrendo me

fazia sentir raiva por algo que eu desconhecia.

— Não, não é. — Apertei-a ainda mais ao encontro do meu peito.

Apoiei meu queixo na sua cabeça e senti os tremores do seu choro silencioso, sacudirem levemente meu corpo.

— O estranho assusta as pessoas, Athos.

Eu sabia disso. E foi por saber que inalei profundamente seu cheiro de girassóis para poder dizer o que eu pensava com absoluta certeza.

— Se te deixa apavorada que as pessoas saibam, não precisa contar pra ninguém. Isso é seu, guarde pra si e já que agora eu sei também, quando precisar desabafar, eu vou estar aqui pra você. Quando tudo for demais, eu vou ser o primeiro a te abraçar e só deixar que feche os olhos e contemple o preto. Não há paz maior, do que ser capaz de desabar quando for preciso. Se jogue, — depositei um beijo na sua cabeça — com a certeza que eu estarei logo atrás pra segurar você.

Minhas palavras a acalmaram.

Seu corpo aos poucos parou de tremer e seus

PERIGOSAS ACHERON

braços em torno da minha cintura, se tornaram firmes.

— Obrigada.

— *Tá* me devendo uma pintura corporal pra mostrar que cores minhas tatuagens têm pra você. Me deixou com uma curiosidade da porra.

Ela se afastou um pouco, levantou a cabeça e me olhou, com uma dose de confiança que me entorpeceu.

— Será um prazer.

Seu sorriso dessa vez foi malicioso e mesmo que seu rosto ainda estivesse inchado e vermelho com o choro, percebi que o assunto delicado e todo o seu medo do que eu pensaria, já tinha passado.

Mal sabia ela que o que eu pensava no momento, passava muito perto de ser que ela era especial demais para mim.

Perfeita demais para ser contaminada com tudo.

Apertei-a com uma força descomunal, querendo aplacar o que agora me assolava.

Eu não dormi absolutamente nada quando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltamos ao quarto. Apenas veleí seu sono, disposto a protegê-la de qualquer coisa ou pessoa, disposto a... ignorar meus fardos...

Por ela.

PERIGOSAS ACHERON



Frika

— Vem logo, Patricinha. Uma idosa subiria mais rápido que você! — Athos seguia na minha frente, muito disposto para o meu gosto.

— Diminui... um pouco — o ritmo, completei em pensamento.

Bem atrás... vinha eu. Morrendo a cada passo, perdendo o fôlego a cada metro. Não estava acostumada com essas coisas e deveria ter dito “Não, obrigada”, quando ele disse que havia uma cachoeira linda e misteriosa na região. Fazia um tempo que eu não praticava luta e pelo amor de Deus, não me lembrava quando tinha caminhado pra valer a última vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

O povo antigo que morava ali, acreditava que apenas quem tinha bom coração encontrava o lugar. Sinceramente, neste momento... eu achava que meu coração era horrível, porque nem sinal da maldita cachoeira. Se aparecesse algum espírito ensandecido porque estávamos profanando seu território, eu acreditaria muito mais.

— Estamos quase lá! — gritou.

Sua empolgação era mesmo... contagiosa.

Só que não.

Pensava que meus pulmões tinham ficado na encosta do morro, onde meus anos de jovem com certeza estavam enraizados, recusando-se veemente e darem mais alguns passos.

Travei por instantes, apoiando minhas mãos nos meus joelhos.

O oxigênio queimava por onde passava e precisei pescar a garrafa de água no bolso lateral da mochila pra poder dar uma aliviada.

— “Quase lá”, você disse que estávamos quando começamos a subir!

PERIGOSAS ACHERON

Athos virou-se, um sorriso maroto enfeitava seu rosto.

— *Tá* com medo, minha linda? Seu coração não é puro o bastante?

— Estou começando a pensar que meu coração é tão negro quanto aquelas plantas engraçadas que a gente viu lá embaixo! — indiquei com o dedo o local e Athos gargalhou.

Da minha desgraça.

Como ele não percebia que eu não estava tão atlética quanto ele?

— Você é uma comédia, Patricinha, juro que é.

Ele deu pulos, que eu abri a boca embasbacada, deveriam lhe poupar vários metros caminhados. Senti uma pequena inveja por ter a noção de não ser capaz do mesmo feito.

Uma injustiça.

— Eu estava falando sério, Athos, diminui o ritmo, senão vou me perder de você.

Ele parou dessa vez e olhou para trás, com a feição séria — Nem brinca com isso. Vem, vamos

PERIGOSAS ACHERON

juntos.

— Ah, que excelente! Então estava pensando em se mandar na minha frente e me deixar aqui... rodeada pela floresta e nenhum senso de direção?

— Minha nossa, eu não sabia que todo esse drama estava preso aí em... — fez um gesto, me abrangendo da cabeça aos pés — toda você.

— HA HA! Muito engraçado!

Seu sorriso dessa vez foi malicioso e o arrepio que despertou meu corpo, não foi causado pela brisa fria que sacudiu a copa das árvores.

— Vem, você tá chegando.

Assim que me aproximei o bastante, Athos estendeu a sua mão, entrelaçou seus dedos aos meus e me puxou à sua frente. A facilidade com a qual o fez, me deixou abismada. Notei seus braços firmes e definidos, percebendo que toda essa força devia ter algum... incentivo.

— Você treina?

— Quando dá tempo... Faz umas três semanas que não vou, porque estava na correria, mas logo eu

volto. Sou um verdadeiro turista no lugar, indo de vez em quando, e o personal trainer inclusive já puxou minha orelha quanto a isso.

Ele deu de ombros e eu olhei para frente.

Andei sentindo a sua respiração pesada e seus passos firmes ecoarem à minha volta.

— Falta muito? Pelo amor de Deus, que eu acho que vou desfalecer... — Continuaria falando, mas quando olhei para o lado, depois de mais alguns passos, só consegui enxergar a clareira que se estendia.

No topo do pico, que subimos com muita dificuldade da minha parte, dava para enxergar a água cristalina a nossa frente, formando um lago profundo, que reluzia e tremeluzia sob a luz do sol. Os raios amarelos, laranjas, vermelhos, com uma paleta totalmente quente de cores, rescindiam sobre as gotas de água na vegetação próxima ao lago e criava vários miniarco-íris.

Era um dos lugares mais lindos que eu já vira na vida.

Algumas pedras pareciam terem sido

posicionadas perfeitamente pela natureza para que alguém se sentasse ali e só... contemplasse a beleza do lugar.

— Pelo visto, temos corações puros, afinal — Athos murmurou, se colocando ao meu lado.

Ele também devia achar o lugar magnífico, mas o fato era que ele nem chegava perto de ver como eu via.

— E como vamos chegar lá embaixo? — perguntei.

Entretanto, ele já tinha uma ideia, porque segundos depois eu o vi atirar a sua mochila lá embaixo, assistindo-a se chocar com um monte de vegetação. O verde amortecera a queda da coitada da mochila, só que eu não esperava pelo que ele fez a seguir...

Simplemente passou por mim e...

Pulou!

MEU DEUS!

Ele pulou!

Eu fiquei assistindo seu corpo caindo em câmera
PERIGOSAS ACHERON

lenta na minha cabeça, até que se chocasse com a água e a agitasse com ferocidade.

Eu tapei minha boca com a mão e o grito de desespero se calou quando a sua cabeça emergiu e ele olhou para cima, na minha direção, com uma mão cobrindo os olhos, para barrar os raios de luz.

Dei passos para trás, sem acreditar na loucura.

— Vem, Patricinha! A água *tá* uma delícia! Só não é mais gostosa que você, mas vai gostar, tenho certeza.

— NÃO VOU PULAR! TENHO MEDO! — gritei.

— Qual é, vem logo.

— NÃO! Eu vou morrer! Ai meu Deus, eu vou morrer se pular! — Estava começando a ficar histérica.

— Não vai morrer, meu amor, vem logo, eu pulei e não morri!

A sua fala travou meu corpo e Athos ficou quieto por um momento, percebendo o que tinha dito. O silêncio pairou e por mais estranho que parecesse,

até mesmo a natureza se calara para ouvir com mais clareza quem seria o próximo a abrir a boca.

— Eu estou com medo, Athos... — sussurrei.

Mas, ele ouviu, claro que sim.

— Confia em mim?

— Confio...

— Então pula! Se você afundar, eu vou te puxar!

“Afunde, mas garanta que tenha alguém para puxar a sua mão quando começar a se afogar.”

Como ele sabia o que dizer na hora certa?

E por que raios a fala da Cássia caiu como uma luva justamente agora?

Isso foi o suficiente para me fazer tirar os tênis, guardar e lançar a minha mochila bem próxima a sua e correr, antes que eu me arrependesse, direto ao precipício de alguns metros que levava a água represada naturalmente na clareira.

Senti o vento passar cortante pelo meu rosto, ricocheteando meus cachos, enquanto o frio no meu estômago se alastrava devido a queda livre. Alguns

segundos depois, meus pés se chocaram com a água e eu rapidamente mergulhei em meio ao gelado, fechando meus olhos para não observar a tragédia. Se fosse para morrer assim, preferia ficar de olhos fechados.

Senti uma mão envolver a minha e não demorou para que eu subisse a superfície e tomasse fôlego.

Joguei meus cabelos molhados para trás e abri os olhos, respirando fundo.

A primeira coisa com a qual me deparei foi com seu olhar orgulhoso e o sorriso confiante que parecia me decifrar inteira.

— Eu sabia que havia uma *mina* muito corajosa em você. Foi um pulo e tanto, se quer saber. Queria ter trazido a câmera só pra filmar. — Comentou ele.

Seus braços passaram pela minha cintura e Athos nos aproximou, enquanto flutuávamos em meio a cantos de cigarras, sapos coaxando e galhos se chocando com o vento. O céu estava límpido, em tons de azul que me deixou emocionada quando o admirei.

— Eu estava morrendo de medo — admiti.

Apoiei meu queixo no seu ombro e senti a sua respiração movimentá-los.

A água estava gelada, mas o calor dos nossos corpos fazia com que nenhum de nós nos importássemos com essa temperatura baixa.

— Eu te puxei, disse que te puxaria. — Senti sua boca no meu pescoço e gemi.

— Tem razão.

Ele realmente me puxara e eu tinha a sensação que sempre o faria.

— Quando precisar de mim, eu estarei aqui por você, Patricinha.

Uma fala jamais poderia carregar tanta verdade, quanto a que eu sentia emanar na sua voz.

— Digo o mesmo.

Afastei-me, nossos olhares se cruzaram. Sentimentos foram transmitidos através dele.

Fui eu quem dessa vez iniciei o beijo e foi tão maravilhoso quanto os anteriores, com uma

diferença sutil, um cataclismo de cores que se acalmava a cada toque nosso, me dando a noção de que nenhum outro beijo teria gosto de Athos, gosto de... lar.



— Eu trouxe algo... Fiquei curioso quando me disse sobre sua condição e tal. Sério, amei a ideia que passou e queria que me mostrasse como é. Disse que já pintou alguns quadros e pensei que — Ele pausou e me olhou, receoso — poderia pintar essa paisagem pra mim. Mas, de acordo com o que seus olhos enxergam, *manja*? Quero apontar as diferenças do que eu vejo, para o que você vê. — Sua última frase foi apenas um murmúrio esperançoso. — Te ajudar na coisa de descobrir se é a borboleta ou o monge e tal — ele parecia muito envergonhado — Se bem quê... provável que irá enxergar da mesma forma, não? Enfim, nós podemos descobrir... juntos.

Apertei seus dedos, em um gesto de confiança.

Athos me dissera há não muito tempo que confiança era uma arma na mão das pessoas erradas

e agora, eu estava entregando essa arma para ele, sabendo que ele jamais a usaria com outro propósito que não o de cuidar de mim.

— Algo?

Ele virou-se e abriu o zíper da sua mochila, tirando de lá, um caderno de desenho e um estojo.

— Aqui. Você pode esboçar o desenho daqui pra mim?

Balancei a cabeça concordando.

Ele fora tão maravilhoso comigo e seu pedido era tão simples e sincero, que eu jamais recusaria. Meu coração até se aconchegava mais a ele, por perceber que não só me aceitara com o meu jeito maluco, como parecia gostar de mim por ser justamente assim.

Comecei a desenhar a paisagem, olhando para ela vez ou outra.

Misturei várias tonalidades de verde nas árvores e fui fiel ao que meus olhos captavam, incrementando várias cores com outras e misturando toda uma aquarela com lápis de cor, para que nada fosse insuficiente na imaginação do

PERIGOSAS ACHERON

cara ao meu lado.

A água calma à nossa frente, pinteí com verde-água, azul-escuro, azul-claro e em determinados pontos... preta. Alguns fios prateados cintilavam, reluzindo, enquanto as partes negras eram apenas um reflexo do fundo do lago. A cachoeira, variava em tons de amarelo, laranja-claro, azul-claro, verde-escuro, e em momentos raros, apenas o azul-escuro era visível. Parecia um arco-íris em queda e ouvi um “Uau” sussurrado ao meu lado, quando eu a finalizei, usando praticamente todos os lápis que ele trouxera.

Não era tão talentosa em desenhos como ele, mas... consegui ao menos expressar o que eu enxergava.

Pousei o caderno nas suas mãos e ele permaneceu analisando a minha loucura por mais tempo do que eu me sentia confortável. Não expressava nada, só olhava e admirava, contemplando a gama de colorido que eu empregara em uma paisagem que deveria ser muito diferente.

— Vou te mostrar como eu enxergo agora. — ele

murmurou.

Capturou o lápis grafite da minha mão e rapidamente, — muito mais rápido do que eu, aliás, me causando vergonha — esboçou as linhas da paisagem. Pegou lápis por lápis, levantando a cabeça em alguns minutos, para absorver e depois transmitindo para o papel a sua mensagem.

Virou-se de lado, impedindo que eu observasse o seu desenho e olhou para mim, diversas vezes.

Entreabri meus lábios, absorta na sua beleza.

Athos abriu um sorriso de canto ao perceber a minha admiração velada.

Movimentou elegantemente as suas mãos mais algumas vezes e então, respirou fundo, olhando para seu trabalho e depois para mim, com uma lentidão de causar alvoroço na minha curiosidade.

— E aí, como ficou? Me mostra, por favor! — pedi.

— Claro.

Ele me entregou o caderno e eu me remexi na relva, com o seu olhar firme sobre minha reação.

Assim que eu olhei o desenho, me espantei com o realismo dele e com os seus traços tão certos. Ele desenhara a paisagem, como ela era pra ele, e mesmo que eu não notasse ao certo as diferenças, minha atenção se voltou totalmente a outra coisa na folha...

Ele me desenhara.

Meus cachos caíam negros em torno do meu rosto oval, ressaltando o verde límpido dos meus olhos e descendo em cascata até meus ombros, repousando sobre meus seios, marcados pela camiseta molhada. Eram tão negros quanto eu os via e meus olhos, levemente repuxados no canto, me tornavam exótica e ...sensual. Os cílios, pareciam contar com uma fileira dupla, de tão ressaltados e volumosos que ele os fizera parecer.

Ele me via dessa forma?

Tão diferente de como eu me via?

— Eu sou assim pra você? — indaguei, as palavras saindo tão duvidosas que ele sentira a descrença.

— É muito mais. Não consegui e nunca vou

conseguir te desenhar com clareza. É simplesmente mais linda do que minhas mãos são capazes de representar.

— Já desenhou antes?

— Tantas vezes que perdi as contas. Em cada uma, a emoção que lampeja através dos seus olhos é diferente do desenho anterior. Eu poderia fazer uma pasta de trabalho apenas com as suas mudanças de humor, chamando a atenção para elas em cada esboço. A curva do seu pescoço, descendo suavemente até seus ombros também é bem bacana pra traçar. Dá um ar de sensualidade. Fora esses olhos verde-floresta e sua boca com o côncavo bem marcado no centro. São as primeiras coisas que me lembro quando começo a te desenhar.

Saber que ele fizera vários desenhos meus, me deixou extasiada, um tanto quanto ludibriada pela facilidade com a qual ele admitia isso.

Poucos homens teriam essa coragem.

— Você vive me surpreendendo.

— É porque você me mantém vidrado.

Ele se aproximou de mim e pousou uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos na minha cintura, enquanto com a outra empurrava um cacho para o lado, a fim de olhar para cada ponto do meu rosto.

Seu lábio encontrou os meus, e ele passou o piercing na minha boca, vagaroso e diligente. Se avolumou diante de mim, enquanto meu corpo se deitava mais e mais em direção à grama. Não demorou muito para que eu a sentisse pinicar minhas costas, dando adeus a cada pensamento duvidoso quanto a nós dois.

Se o nosso coração se manteve puro depois do que fizemos diante da cachoeira, eu duvidava, mas uma certeza eu tinha, me esquecer desse momento jamais seria uma possibilidade.

PERIGOSAS ACHERON

33



Athos

*Em um passado, uma descrença me fazia
duvidar.*

*— Oi, Athos, o que quer falar comigo? — Tia
Ana cruzou as mãos, em cima da sua mesa,
enquanto me olhava, forçando simpatia.*

— Eu preciso te contar uma coisa.

*Esperava que ela ouvisse a súplica que emanava
da minha voz.*

*Precisar era muito mais impactante do que
apenas querer.*

Muito mais.

— *Pois bem, sente-se meu querido, que eu farei o máximo que estiver ao meu alcance para te ajudar.*

Tentei acreditar nela, tentei de verdade. Mas algo no seu semblante me dizia que eu não teria tanta sorte quanto fora ali buscar.

Era a única coisa pela qual ansiava, um resquício sequer de esperança. Qualquer faísca me faria capaz de lutar, mas eu precisava dessa faísca, precisava dela tanto quanto precisava respirar.

— *Eu... eu e os garotos... nós... — Decidi ser muito sincero e optei por perder todo o medo que ainda teimava em conter minhas palavras. Ergui o braço e puxei a manga da camiseta, mostrando os cortes ainda recentes — Isso é o que acontece se dizemos não para ele, tia Ana. Coisas muito piores também, depende do quanto o garoto é resistente, e quanto mais negamos o que ele quer mais ele gosta de nos fazer rastejar e implorar para que pare. É assim todos os dias, com garotos diferentes, mas todos os dias. Nós não aguentamos mais. Eu não sei o quanto mais... — Não fui capaz de terminar minha fala.*

Chorei.

Chorei tanto que senti minhas lágrimas salgadas inundarem minha boca.

Elas eram tão doloridas que nublaram até mesmo a dor dos machucados mais profundos. A dor das minhas memórias mais cruéis.

— Quem faz isso, Athos? — Sua voz saiu firme.

Bateu nas paredes de toda a sua sala e voltou até mim, com tanta repugnância presente que eu me encolhi na cadeira.

Eu deveria dizer?

Algo na sua feição me fazia acreditar que não faria qualquer diferença para ela. Nem mesmo se eu dissesse o quanto estava machucado também em outros lugares.

— O senhor Jorge... — No mesmo momento em que eu disse o nome, seus olhos se arregalaram.

— Nunca mais repita uma barbaridade dessa para ninguém, garoto! — Tia Ana se levantou da sua cadeira, apressada, e fez com que ela caísse e se chocasse com o piso.

Tremi quando seu olhar de desgosto caiu sobre

mim.

— *Mas...*

— *Mas, nada! Cale-se, eu não quero te escutar! Não quero ouvir de mais ninguém nessa porcaria de abrigo que Jorge os trata com menos amor do que deveria. Não ouse manchar a reputação de uma pessoa tão respeitosa e direita como ele.*

— *Mas nós temos provas! Nós sofremos, tia Ana!*
— *Saí da cadeira e fui até ela, me ajoelhando aos seus pés, esperando que com isso, pudesse nos ajudar de alguma forma.*

Não imaginava a quem mais poderia pedir ajuda.

Ninguém sequer acreditaria em crianças, caso ela fizesse questão de negar tudo pelo que passávamos.

— *Não é estúpido, Athos. Quem acreditaria em um bando de pivetes maltrapilhos, sem eira nem beira, que só vieram parar aqui para terem um lar? O que acham que são além da escória da sociedade, garoto? Por que alguém sequer daria atenção a pessoas que não serão nada na vida,*

além de drogados, traficantes e coisas piores? Deus! Como eu acabei nessa situação? Tudo por causa daquele filho da puta que não morre logo... Inferno, quanto tempo mais terei que aturar? — Pareceu falar consigo mesma — Faça-me o favor e volte para junto dos demais e na próxima vez que vier aqui reclamar de barriga cheia, quem lhe dará uma lição em pessoa, serei eu.

Sacudiu-me e me fez cair no chão duro. Senti o gelo corroer meus ossos e todo e qualquer fio de fé que eu ainda conseguia nutrir.

— Por favor, nos ajude! — Chorei mais, sem me dar ao trabalho de me levantar.

Estava desesperado demais.

A ponto de implorar para qualquer pessoa simplesmente para nos privar de tudo o que acontecia durante as noites.

A porta do escritório foi aberta em um rompante.

O calafrio que se apoderou de mim foi o bastante para saber quem era.

A respiração pesada, o forte odor de álcool, assim como a ameaça velada foram o suficiente
PERIGOSAS ACHERON

para me fazer abaixar a cabeça e aceitar meu destino.

— Jorge, o que anda fazendo com esses garotos?

— A crítica estava na sua voz.

Mas, não tão firme quanto deveria.

Olhei para o rosto da mulher que recusara me ajudar e percebi...

Ela

Sabia.

Provavelmente sabia de tudo, antes mesmo que eu fosse até ali desabafar e pedir por ajuda.

Ela

Sabia.

— Nada que eu não devesse, não se intrometa.

— Se alguém além de mim descobrir, você estará acabado. Pare com isso.

— Não banque a irmã pra cima de mim. Eu sou o mais velho e quem deve me obedecer é você. Ou se esqueceu do que sou capaz de fazer? Se não calar a sua boca, e me deixar divertir à vontade,

quem lidará com toda a minha frustração não serão esses garotos.

Ela se calou no mesmo instante, como se revivesse todo um passado.

— Só garanta que eles calem a boca. — murmurou e voltou para detrás da sua mesa.

Sentou-se como se não tivesse ouvido nada e remexeu em alguns papéis.

Senti uma mão se fechar em torno do meu braço e segurei o choro.

— Agora, garoto, vou te ensinar a ficar de boca fechada — Abaixou-se e senti seu hálito quente causar tremores por todo o meu corpo.

Ondas de pavor me consumiram em meio ao terror.

Não falei nada, sequer tentei me defender, seria idiotice. O deixaria mais bravo.

Puxou-me porta afora e me arrastou pelo corredor escuro e fétido que levava para a cozinha. A marca que se instaurou na minha pele nesse dia, foi muito maior do que as outras e me deixou uma

semana sem conseguir me mover tamanha a sua devastação.

Depois desse dia, demorou semanas para que eu conseguisse coragem para enfrentá-lo de novo. E demorou ainda mais para que eu finalmente conseguisse me libertar.



Frika

— A gente se vê? — falou, assim que estacionou na frente de casa.

Nós estávamos bem pelo que acontecera. Agíamos em um misto de empolgação e receio em como a nossa relação ficaria. Optamos por não dar nomes a nada. Era melhor deixar fluir do que impor definições. Eu pensava assim, Athos, pela maneira que me olhava, pensava da mesma forma.

— Claro. No estúdio, amanhã?

— No estúdio, amanhã. Encontro marcado.

Ele sorriu e eu retribuí.

Não precisamos de garantias, nem mesmo de frases elaboradas que dissessem o que todos os nossos gestos deixavam claro, só deixamos que o tempo agisse e seguisse seu caminho.

O que era para ser, seria.

Esperou que eu abrisse o portão e acompanhou meus passos até que eu entrasse em casa. Quando ele se afastou com o carro, eu ainda sorria.

— Ei, o que está fazendo aí? — Dei um pulo, levando a mão ao coração.

Cristo! Meu...

Virei-me e toda a raiva por ter me espantado enquanto eu olhava pela janela evaporou-se. William Albuquerque me fitava com os olhos divertidos, um sorriso maroto colorindo sua boca e as rugas de expressão com os anos que passavam, o deixando ainda mais charmoso.

Dissolvi a carranca no mesmo instante e pulei nos seus braços, recebendo seu abraço com uma dose de conforto gigantesca.

— Que saudade que eu estava de você, tio! — falei e me afastei, olhando para ele de cima a baixo,
PERIGOSAS ACHERON

absorvendo as mudanças.

Ainda era idêntico ao meu pai, não que fosse deixar de ser algum dia, mas a sua presença passava uma tranquilidade, longe dos sentimentos que o meu pai passava. William era... William. E todo mundo sabia como ele podia ser a pessoa mais dedicada do mundo quando queria.

— Não mais do que eu de você, Branca de Neve.
— Apertou-me forte de novo e me permiti ser embalada.

Sempre que eu precisei, ele e Theo estiveram ali por mim. Era gostoso ter essa noção, de que havia pessoas com as quais podíamos contar acima de tudo.

— Como estão as coisas em Montreal?

Ele passou um dos braços pelo meu ombro e caminhamos tranquilos até a cozinha, onde Bruno e Theo estavam sentados, comendo alguma coisa que meu tio fizera. Não era segredo para ninguém que ele mandava bem demais na cozinha. Muito, muito, bem!

— Normais. Nada muito interessante para contar.

E quando vocês dois me darão a honra de ir me visitar? Reza a lenda, que seus passaportes e os vistos já estão no jeito e ficam aqui enrolando por quê?

— Por causa da vida, tio — Theo falou, enquanto fechava os olhos para saborear um pedaço de pão recheado.

— Meu Deus, tio, — dessa vez foi Bruno quem falou — que mãos abençoadas são essas? Puta merda, que eu sou capaz de comer essa fôrma de pão inteira, sozinho! Nossa, *tá* foda demais! Agora entendo por que é o preferido dos dois. — Comentou.

E Theo olhou para ele... carinhosamente.

Carinhosamente?

Semicerrei meus olhos e absorvi o sorriso relaxado do meu irmão. Ele pegou na mão do Bruno e os dois trocaram olhares que eu conhecia muito bem, porque trocava milhares deles com Athos.

Tudo passou a fazer sentido.

A ausência de namoradas na vida do Theo, a
PERIGOSAS ACHERON

forma como ele se travava quando o assunto era o lado amoroso da sua vida e então um suspiro preencheu meu peito.

Os três homens me olharam curiosos, enquanto na feição do meu irmão, ele notava o que eu havia entendido. Olhou para a sua mão na do Bruno e a retirou rapidamente, levantando-se apressado e vindo na minha direção.

Eu estava em choque com a verdade, mas por que ela não me surpreendia?

— Erika, eu... — Parou na minha frente.

— Está tudo bem, Theo. Tudo, tudo bem — Fiquei repetindo.

Não era questão de não o aceitar, até porque pouco me importava com quem ele dormia, desde que fosse feliz estava de bom tamanho para mim. O que me assustou foi ele não ter aberto o jogo antes, foi não ser sinal de confiança para ele diante disso.

— Mana, eu queria te dizer, mas é tão complicado — Pegou minhas mãos entre as suas — Eu morri de medo de você não entender, do nosso relacionamento ser abalado por algo assim. Eu...

nem sei o que dizer.

As lágrimas se represaram nos meus olhos.

Meu tio olhava para nós dois, pesaroso, o que me indicou que ele já sabia.

Bruno não me olhava, com a cabeça baixa, mantendo sua atenção em alguma coisa na mesa.

As primeiras gotas desceram e passei minha mão na bochecha para enxugá-las.

— Está tudo bem, tudo, tudo bem. Tudo bem. — Repeti mais uma vez.

Era hipocrisia minha, eu sabia, porque também guardava um segredo dele, mas... na minha cabeça estúpida, eu só queria que meu irmão confiasse em mim e pudesse se libertar desse fardo. Imaginava o quão difícil tinham sido as coisas para eles, tentando disfarçar na minha frente a todo instante.

Dei passos hesitantes para trás e Theo me olhou como se eu o tivesse ferido.

— Erika... Nós iríamos te contar — Bruno começou e eu o impedi com um olhar.

— Por isso me convidou para ficar aqui, não é?
PERIGOSAS ACHERON

Theo já se mudaria, e como sabia que ele não me deixaria sozinha, à minha própria sorte, decidiu que eu ocuparia o terceiro quarto. Vocês dois... Não me disseram a verdade — as lágrimas nublaram a minha visão — não me contaram mesmo sabendo que eu seria a primeira a apoiar e desejar que fossem felizes! Vocês escolheram... deixar claro pra todo mundo e fingir na minha frente? Então é por isso — as cenas vieram como clarões a minha mente — que Athos se esforçava para me manter distante dos dois quando estavam juntos, era por isso que sempre onde um estava, o outro também. Agora tudo faz sentido!

Funguei, se por decepção ou por me sentir rejeitada, não sabia.

Meus pais nunca me aceitaram como eu ansiava ser aceita e pelo visto, meu irmão nunca confiou em mim como eu imaginei que confiaria. Sempre foi meu porto seguro e eu não passei de um pedaço flutuante de isopor para ele.

Ninguém confiava em um pedaço de isopor na água para suportar seu peso.

A dor de me sentir dispensável para todos, me

corroeu.

Eu precisava de um tempo... Precisa ficar a sós comigo mesma.

— Não é nada disso, Erika... Nós só pensamos que com tudo que acontecia na sua vida, não podíamos contar sem mais nem menos a verdade. Quisemos te proteger.

— Me proteger? — Minha voz saiu embargada.
— Me proteger do que, Theo? E se eu não tivesse percebido, quando me contaria? Ou vocês dois acham que conseguiriam disfarçar tudo até que eu criasse vergonha na minha cara e fosse embora? Sabe o que mais me machuca, irmão, foi a sua falta de crédito em mim. Como pensou que eu, eu... não aceitaria você? Tanto faz por mim, com quem dorme ou deixa de dormir, será pra sempre meu irmão, e não entendo como pode ter duvidado disso... eu só, não entendo — A confusão se tornou gigantesca na minha cabeça.

— Mamãe me disse que me preferia morto, mana. Nosso pai falou que eu deveria me casar o quanto antes, com alguma filha de amigo dele. Eu me desestruturei totalmente, acredite em mim

quando digo que ouvir da própria mãe que ela preferia que eu morresse a aceitar isso que já faz parte de mim, doeu o bastante para me deixar desnorteado. Não podia correr o risco de acontecer o mesmo com você, é a pessoa que eu mais amo e eu simplesmente não conseguia ver um mundo em que não falasse comigo.

— Não enxerga, Theo? Eu jamais faria algo assim com você... Jamais.

E como sempre acontecia quando meu humor se sobressaía e transbordava, as cores o acompanharam e me deixaram em uma crise catastrófica, diante de um muro colorido, onde eu era barrada na minha própria realidade.

Virei-me e andei a passos apressados para a saída da casa.

— Erika!

— Deixa-a, Theo. Precisa pensar. Não pode achar que tudo foi normal pra ela, Erika é muito sentimental, muito propícia a sentir as coisas mais do que nós. Eu te disse que deveria sentar e conversar com ela. Te ama e isso é tão seu, que foi idiotice pensar que sua irmã não entenderia. Logo

ela volta, com a cabeça mais tranquila e disposta a te abraçar. Por enquanto, deixe-a.

Não ouvi mais a voz de ninguém quando abri o portão de ferro e atingi a rua. Caminhei com meus braços em torno de mim, por muito tempo, sem olhar para os lados, sem me preocupar que já estivesse de noite e que era perigoso me sentir tão perdida assim.

Olhava para baixo.

A cada passo, uma lágrima desabava do meu rosto direto no chão de concreto das calçadas.

Caminhei.

Em alguns pontos, eu andei apressada, sem saber para onde ia.

Meu celular vibrava no meu bolso, não dei importância.

Depois de um tempo longo, levantei a cabeça e percebi tarde demais onde estava. Em uma das partes mais pesadas da cidade. Ali, todo mundo sabia que a noite não era o melhor lugar para estar.

— Ora, ora, onde nossa princesinha da alta

sociedade veio parar.

Um calafrio de pavor correu pelas minhas veias.

— O que está fazendo aqui?

— Te segui, sua mãe me pediu pra vigiar a grande prodígio perdida. Admito que não fiquei contente quando a vi chegando com aquele bandido de merda, mas o que eu podia fazer, não é? Pena que agora esteja sozinha e ninguém vai ser capaz de te defender.

Senti a sua aproximação e sua mão se instaurou no meu braço, gélida e repugnante.

Ricardo me arrastou com força até um beco não muito longe dali. As luzes dos postes eram fracas e várias lâmpadas haviam sido quebradas propositadamente para que as pessoas tivessem uma gama maior de escuridão na qual se refugiar. Quanto menos iluminação, melhor para eles.

— Não faça isso, Ricardo, não faça isso... — falei.

Um aviso.

Eu estava morrendo de medo, mas também sentia

outra coisa se avolumar em mim... Raiva, ódio por todos imaginarem que eu era frágil demais e que precisava ser protegida sempre.

Ele me forçou até o beco e antes que pudesse se dar conta do que estava acontecendo, eu girei sobre meus calcanhares e torci sua mão, ouvindo seu grito abafado de dor. Levantei meu joelho e o atingi com toda a força que conseguia, bem no ponto mais frágil da sua masculinidade.

Ele caiu sobre seus joelhos.

Eu o virei e travei seu pescoço, em uma chave de braço, enquanto pressionava seu pulso lesionado.

— Me solta, caralho! Me solta, Erika! — Implorou e eu o imobilizei com ainda mais perícia.

— Nunca mais pense em fazer qualquer coisa a mim, ou a qualquer mulher. Se passa pela sua cabeça que somos o sexo frágil, meu querido, você está muito enganado. Agora vem, anda, ou eu vou te provar que pode sair muito pior.

Soltei-o e caminhei para fora do beco.

A briga chamou a atenção de algumas pessoas e várias delas, olhavam para mim e Ricardo, com a

PERIGOSAS ACHERON

boca aberta, em choque pelo que tinham presenciado.

— Vai pagar caro por isso, sua idiota! — resmungou.

Peguei seu pulso novamente e apliquei uma pequena força — eu vou o quê? Repete?

Já estava fora de mim com tudo o que acontecera depois que eu chegara em casa, ele ficar provocando não ajudava em nada e só pioraria seu estado. Sangue nos olhos, não chegava nem perto de ser uma expressão significativa nesse momento, eu estava me sentindo mil vezes pior.

— Onde está seu carro? Vamos, eu vou dirigindo, pra te levar embora e conversar com seus pais. Vai precisar ver esse pulso e eu, necessito — frisei essa palavra — conversar com os adultos. Nada de gracinha enquanto eu estiver dirigindo.

— Na próxima esquina. — falou, a duras penas.

Pedi a chave e ele me entregou.

Sentou-se no banco do carona, desolado. No fundo, eu achava que ele estava mais envergonhado por ter apanhado de uma garota do que por ter que

PERIGOSAS ACHERON

admitir a derrota.

— Vou te deixar lá e depois que eu falar com eles, vou embora. Não quero mais te ver perto de mim, ouviu? — Ele ficou quieto — Ouviu, Ricardo?

— Claro que sim, não sou surdo, merda! E se quer saber foi só por causa daquela vadia da sua mãe, que eu ainda fiquei correndo atrás de você como um estúpido. Seus pais têm um empreendimento em andamento com o meu pai e fizeram um acordo mútuo, de nos casarmos pra poder ficar tudo entre famílias. Por isso queria tanto que nos casássemos.

— Você só se envolveu comigo por isso?

— E por que mais? Foi a coisa mais difícil que já fiz e quando terminamos, todos caíram matando em cima de mim, como se eu fosse o responsável pela situação ter fugido do controle. Sua mãe até me ameaçou, como se ela pudesse fazer mal a alguém.

Eu se fosse ele não duvidaria tanto disso.

— Não duvide dela.

— Resolvi não fazer isso mesmo. Se quer saber,
PERIGOSAS ACHERON

acho que você aguentou muito tempo por lá, eles são insuportáveis. E porra, sua mãe é gostosa e tal, mas também não é tudo isso para seu pai se amarrar por tanto tempo.

Freei com tudo, com os nossos corpos indo para a frente com o solavanco, sendo a única coisa nos impedindo de bater no para-brisas os cintos de segurança nos protegendo.

— Como assim gostosa?

— Merda... — ele respirou fundo — Tá legal, tá legal, não precisa me ameaçar com seus golpes de novo... É que eu... me envolvi sexualmente com ela há um tempo e isso me coloca em uma categoria horrível, não é? De comedor da mãe da ex, só que aconteceu.

Fiquei ainda mais revoltada com tudo.

Que ódio que eu sentia de mim mesma neste momento, por não enxergar nem um palmo a frente do nariz.

— Eu não era ex nessa época, RICARDO! — Perdi totalmente a compostura.

— Eu sei, me desculpa, mas entenda que eu não

PERIGOSAS ACHERON

queria estar em um relacionamento pra começo de conversa, então foi tudo muito tenso.

— E ainda se viu no direito de me perseguir e tentar coagir a voltar atrás, quem você pensa que é? Meu Deus... quem são as pessoas em torno de mim? — Essa última parte perguntei para mim mesma.

— Foi foda, e acredite em mim quando eu digo que não teria escolhido nada disso...

— Na hora de transar comigo, não reclamava, não é?

Ele deu de ombros.

O nojo que eu sentia por ele se intensificou mil vezes mais.

Acelerei com o carro para a casa dos seus pais e quando eu cheguei no lugar, desci furiosa para tirar satisfação, sentindo o sangue no meu corpo ferver e praticamente entrar em ebulição.

Bati na porta com os punhos fechados, freneticamente.

— O que está acontecendo aqui? — A senhora

de cabelos negros, presos em um coque, aparentou indignação.

Seu semblante exalava superioridade e era exatamente por isso que eu nunca gostei dela. Seus traços finos e elegantes, assim como a sua forma de olhar para todos como se fossem inferiores, só aumentou a minha antipatia.

Passei por ela e parei somente na sala, onde meu ex-sogro estava sentado em um dos sofás, com as pernas cruzadas, apreciando um vinho.

— Vocês que têm que me explicar! Que porcaria é essa de obrigarem seu filho a se casar comigo? O que vocês acham que somos, um bando de mercadorias? Não me surpreende que ele tenha se transformado nessa pessoa horrível que segue os outros e tenta forçá-los a uma coisa que eles não querem — Encarei fixamente Ricardo que agora passava pela porta de entrada, cabisbaixo, aparentando sentir muita dor.

— O que fez com meu filho sua delinquente? — a mulher gritou.

— O que eu fiz com ele, senhora? A pergunta mais exata seria o que ele faria comigo caso eu não

PERIGOSAS ACHERON

soubesse me defender muito bem! Sorte de vocês que eu não o machuquei pra valer, apenas o assustei e garanto que tenho testemunhas, muitas pessoas que sabem o que aconteceu e se não sumirem com esse desgraçado da minha frente, se não o impedirem mais de falar comigo, eu vou dar queixa dele na polícia e vou publicar na merda do jornal desta cidade o quanto uma das famílias fundadoras e mais respeitadas, os inalcançáveis Tavares, são extremamente egoístas e indiferentes aos crimes do filho. Estou mantendo as coisas entre a gente por pura noção de que preciso saber a verdade, e se deem por satisfeitos que ainda não decidi o que fazer ao certo, amanhã posso acordar e abrir a porra da minha boca, exatamente como eu fiz agora, pra vocês, com a diferença que farei para alguém que garanta que esse playboy de merda tenha o que merece.

— Garota, fica calma! — O pai se pronunciou.

— Calma o cacete! Se vocês não me garantirem que ele vai ficar longe de mim, ninguém vai ficar calmo aqui! — apontei o dedo na direção do homem, furiosa.

— Essa menina está transtornada!

— Ela tem razão, querida. Nós demos muita corda para Ricardo e ele acabou de se enforcar nela. Erika tem toda a razão em estar... angustiada. Não iríamos querer que uma filha nossa passasse pelo mesmo, não é?

Ambos trocaram olhares significativos e eu aos poucos tentei me acalmar.

— Faça como quiser. Vou cuidar dos machucados do meu filho lá em cima. — Desapareceu na escada, carregando um Ricardo absorto com ela.

Olhei para o patriarca, respirando com avidez, fora de mim.

— Eu sei como Ricardo pode ser difícil e se o que você quer é que ele se afaste de você, te garanto que farei isso acontecer. Só... agradeço por ter vindo antes falar conosco e por ter nos dado a chance de evitar um escândalo. A mãe dele pode não perceber isso agora, mas foi muito lisonjeiro da sua parte, pensar em nós dois e não agir por impulso. De qualquer forma, obrigado. E tem a minha palavra que darei um basta nas atitudes inconsequentes do meu filho.

— Só isso não basta! Exijo que me explique o motivo para tê-lo obrigado a se casar comigo! É por causa de vocês que tudo isso aconteceu, não conseguem enxergar?

— Me desculpe, mas isso envolve também seus pais e foi um acordo mútuo entre as duas famílias mais influentes da região. Não vou pedir desculpa, pensei no meu legado. Eu tenho um filho, seu pai uma filha, e nós achamos que seria uma excelente ideia unir os dois. Não poderíamos estar mais enganados, não é?

Trinquei meus dentes.

Quem eles pensavam que eram para brincar com o destino das pessoas dessa forma? Deus?

— Isso não basta! — Minhas unhas formavam feridas nas minhas palmas.

— Terá que bastar. Se quiser saber o motivo para os seus pais terem dado a ideia, pergunte para eles. Com certeza, terão mais a lhe dizer do que eu.

Olhei profundamente nos seus olhos e entendi que por mais que quisesse saber a verdade neste instante, teria que esperar um pouco mais. De

metades, de meias verdades, eu não viveria mais.

— Espero que respeite nosso trato e se por acaso eu vier a saber que ele tentou fazer com mais alguém o que fez comigo, o escândalo não tardará a chegar. — Ameacei.

Ele abriu um sorriso leve.

Márcio Tavares não era idiota. Ele sabia quando uma pessoa estava jogando com muitos trunfos.

— Já disse que tem a minha palavra. Pra provar, como um ato de boa-fé, vou te mandar os últimos e-mails que eu e seu pai trocamos. Vai entender o quão longe alguém pode ir por dinheiro.

Não me despedi após ele dizer isso, simplesmente girei sob meus calcanhares e fui embora.

Precisava agora conversar com o meu irmão e dizer que não importava nada quando eu sabia do tamanho do amor dele por mim. Toda a loucura que eu passei nesse espaço de tempo, foi meio que um banho de água fria para a minha noção e despertar a certeza para o que realmente fazia sentido.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

35



Athos

*Em um passado, um grito de socorro era
sufocado.*

*Todas as vezes em que o pior acontecia, eu me
esforçava para estufar o peito, soar sincero e
contar para quem precisava saber, o que gritava
por trás das paredes daquele lugar.*

*O medo por mim, era visível através das janelas
da alma de todos os garotos ali. Eles sabiam as
constantes ameaças que sofríamos e o quanto elas
eram verdadeiras.*

Aquele homem era capaz de qualquer coisa.

Qualquer... maldita coisa.

Nós éramos divididos.

Sim, o desgraçado tinha um cronograma para ferrar com cada mente naquele poluído lugar. E não havia confusão quanto a isso, nós sabíamos quando era a nossa vez, ele fazia questão de deixar claro, para que quando se aproximasse, conseguisse saborear o medo que causava. Era um afrodisíaco para o filho da puta, notar como estávamos aterrorizados pelo que sofreríamos nos minutos seguintes.

Minutos, tão longos quanto horas.

Horas tão extensas quanto dias.

Dias tão contínuos quanto semanas.

Semanas tão compridas, com gosto de meses.

Quem poderia definir o limite de desgraças ao outro? Simplesmente não haveria limites quando tal pessoa vivia em meio ao inferno, sendo comandada pelo diabo. Porque era isso que acontecia conosco. Éramos usados e quebrados pelo próprio demônio, enquanto ele sorria ao passar pelos corredores e mostrar os dentes amarelos, frutos de uma mente perversa e avessa a

própria consciência.

— Hoje não é seu dia. — O garoto que ficava na cama de cima do beliche comentou.

Ele tinha razão, não era meu dia. Era o dele.

E a porta não demorou a ser aberta, com o nosso terror sendo refletido no preto reluzente dos olhos do homem que nos fitava, esperançoso.

— Está preparado? — senti repugnância ao ouvir a sua voz.

Se eu tivesse jantado, como deveria, vomitaria toda a comida. No entanto, meu apetite desaparecia cada vez mais, como se nem mesmo ele suportasse mais a dor. Eu queria dar adeus e acabar com tudo. Morrer de fome era uma forma muito lenta e dolorida para este fim, mas deveria funcionar.

Vi as pernas do meu colega de beliche serem postas de lado, dando-me visão, de onde me encolhia no meu travesseiro.

As paredes do quarto compartilhado com vários garotos, era cinza e em alguns pontos a pintura descascava, elevando a névoa de infelicidade que
PERIGOSAS ACHERON

pairava no ambiente. Os beliches, já velhos com o tempo, rangiam a cada infeliz que tinha sua vez proclamada. Eu conseguia ouvir o barulho agoniante e amargo, premeditando o que sofreriam.

Era com base nele que eu contava, até que chegasse a minha vez.

Era com base nele que eu me maltratava todas as noites e abria os olhos, para acompanhar os passos desanimados da vítima que sofria calada, assim como todo mundo.

Não dormi enquanto meu parceiro de lamentações não voltou.

Logo que ele abriu a porta, e entrou, percebi que mancava um pouco e andava devagar. Fiquei com medo de perguntar o que acontecera. Fiquei com medo, simplesmente pelo fato de imaginar que o mesmo aconteceria comigo no dia seguinte.

Olhei para o seu short branco e desgastado, com várias manchas de sangue por ele.

Fechei meus olhos por instantes, torcendo para que tirar a própria vida não fosse sua prioridade

no momento. Mas, eu era um idiota, porque assim que abri meus olhos, em mais um dia de merda, foi o primeiro pensamento que rondou minha cabeça.

Ele não conseguiu subir a pequena escada que dava acesso à cama dele.

Eu não consegui me mexer.

Escutei seu choro como se fosse o meu próprio. Senti os seus piores pesadelos, sabendo que eles eram os mesmos que os meus.

Seus soluços invadiram a minha mente e a cada movimento brusco do seu corpo, um gemido de dor o acompanhava. Igor ficou na mesma posição por muito tempo. Tentei deixá-lo melhor com a minha presença, com a minha falta de palavras.

Ambos sabíamos que seria a mesma coisa que nada.

De que adiantava dizer alguma coisa, se eu não poderia fazer nada?

— Eu não fiz o que ele queria de primeira, Athos. Acho que dessa vez ele se zangou ainda mais que as demais e bem... descontou como podia.

— O que ele fez? — a minha pergunta saiu por pura estupidez.

O que quer que ele tivesse feito, fora o suficiente para desestabilizar totalmente alguém que tentava constantemente me fazer ter pensamentos melhores.

Ter esperança.

— Você não vai querer saber.

Eu quase não ouvi a sua resposta e quando ele deu sinais de que se deitaria no chão mesmo, sem se sentir capaz de subir a beliche, o chamei para se deitar comigo.

Senti o frio do seu sangue tocar a minha pele.

Não me importei.

Seus soluços pararam em algum momento da madrugada, que foi quando ele caiu no sono, exausto por tudo o que passara.

Eu, não dormi por dois dias depois do que presenciei.

Não dormi porque era minha vez também e eu voltei ainda pior que Igor.

Ele tinha razão, as coisas estavam piorando.

Desta vez, o homem não fazia qualquer questão de que estivéssemos com capacidade de andar quando terminava.

E seguimos assim, sem ter para onde correr, sem ter como nos proteger, sobrevivendo a dias bons em que ele simplesmente desistia de nos causar qualquer dano, ou tendo que fechar os olhos e trincar os dentes quando ele decidia descontar o humor do cão direto em nós.

As visitas se tornaram frequentes.

As suas necessidades aumentaram.

Precisávamos ir de dois em dois a partir do momento em que apenas um já não era o suficiente.

E então se tornou impossível acreditar...

Que coisas boas ainda estavam por vir.



Frika

Bati na porta da frente.

Deixara minha chave em cima da mesa na última vez que vim. Era o certo no momento, e a cada minuto que passava, a sensação de que eu nunca me sentiria bem ali só aumentava.

— Pensei que não fosse voltar tão cedo, menina
— Cássia me olhava, com um certo receio.

As coisas não deviam estar boas ali. Para ela me fitar daquela forma, com certeza não.

— Eles estão? — indaguei.

Ela deixou que eu passasse pela porta e acenou

PERIGOSAS NACIONAIS

em uma afirmativa.

— Estão na sala de jantar, com um casal de amigos.

Consegui notar no seu tom de voz que ela não recomendava que eu interrompesse. Quando os Albuquerque se reuniam com alguma outra família abastada, era para fazer acordos e eles nem em sonho queriam que seus negócios fossem atrapalhados por alguma porcaria qualquer. Quando eles não precisavam de mim para nada, simplesmente me faziam ficar no quarto até que acabassem.

Era lei na casa.

Ninguém atrapalhava suas reuniões, ninguém sequer ousava se intrometer neste momento.

— Foda-se, não estou me importando com as regras estúpidas deles — Apressei meu passo, notando o semblante pesado, cansado e receoso de cada empregado na casa.

Nenhum deles tentou me impedir.

Sequer me olharam como se eu estivesse errada.

PERIGOSAS ACHERON

Parei por instantes na frente da porta da sala de jantar e respirei fundo.

A última vez que eu os enfrentara tinha sido há vários dias, mas o tema estava longe de ser tão sério quanto seria hoje.

Girei a maçaneta e empurrei teatralmente.

Ergui os braços, representando uma alegria que eu não sentia e abri um sorriso falso, para as quatro pessoas sentadas nas cadeiras com encostos altos, almofadadas e revestidas com tecidos caros. Nos seus rostos, advertências explícitas me eram lançadas.

— Olá, senhores! Que contrato de casamento estão tramando neste momento? — ironizei. — Ou deveria perguntar por alguma obra superfaturada? Por troca de materiais caros que os clientes compraram, para os baratos fornecidos pela construtora sem a devida autorização e reembolso? Ou então, da aplicação destes mesmos materiais de primeira linha em empreendimentos de pessoas consideradas por vocês mais dignas — Semicerrei os olhos, olhando fixamente para o meu pai — Simplesmente pelo fato de que sua filha iria se

casar com o filho de um dos donos?

Coloquei as mãos, cuidadosamente sobre o mogno lustroso, refletindo minha feição. Parei por segundos para absorver a minha raiva iminente. Nunca vira meu reflexo assim, mas sempre havia a primeira vez para tudo.

— Erika. Não sei que brincadeira de mau gosto é essa, no entanto, sugiro que se vire e saia, estamos tratando de negócios — Olívia proferiu, sorvendo um gole de vinho da sua taça.

Tentava aparentar calma, mas a sua irritação me atingia em ondas. Não podia acabar com a sua pose de dama refinada e culta, jamais, eu sabia muito bem disso.

— Negócios ilícitos, *minha amada mãe*? — Bati com a mão na mesa, olhando para todas as pessoas, em uma ameaça velada.

Se eles pensavam que eu ainda era a Erika boazinha, que acreditava em todo mundo e nas suas motivações, estavam muito enganados. Ver cores me aterrorizava, mas eu percebera tarde demais que devia me aceitar assim e que isso não poderia me tornar fraca diante de ninguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era apenas mais um motivo para eu demonstrar a minha força.

— BASTA! Pra fora da sala, Erika Albuquerque!
— Meu pai perdeu a paciência e se levantou da cadeira, batendo com os dois punhos na mesa.

Seu olhar na minha direção era como fogo. Ele não teria piedade alguma, eu não seria defendida dessa vez, era isso que ele queria dizer.

— Por que, pai? Por descobrir uma parte da verdade? Como consegue ser tão... errado? Se vendeu sua própria filha em troca de negócios, não duvido do que seja capaz de fazer.

Ele trincou o maxilar e eu quase ouvi o barulho dos seus dentes rangendo de encontro um ao outro.

— Não sei o que seu tio te disse, mas é tudo mentira. Aquele idiota sempre foi um filho da mãe, que não se importava com nada além dele. Podemos notar isso como na primeira oportunidade, ele fugiu para o Canadá e se manteve lá desde então.

— Ele não tem nada a ver com isso! Absolutamente NADA!

PERIGOSAS ACHERON

Claro!

Meu tio que era egoísta. Com certeza.

Agora o que ele dissera na última vez que nos vimos fez todo o sentido. O seu semblante pesaroso quando comentou que viajaria e que moraria em outro país também me pareceu estranho a princípio, no entanto, claro que ele estava preocupado comigo e com Theo, ele sempre se preocupava. Parecia ser o único a fazer isso, inclusive.

— *“Não fique com medo quando descobrir. Ligue pra mim, eu vou correndo até você, Erika. Sabe que sempre poderá contar comigo, não sabe? Não estou indo embora porque não quero mais fazer parte da sua vida e da do seu irmão. Estou indo, porque sei o quão perigoso será se eu ficar aqui. Não posso deixá-los sozinhos, jamais. Então, nunca deixe de falar comigo.*

Ele segurara as minhas mãos entre as suas e vi todo o amor que guardava pela gente ali, naquele olhar de quem estava se despedindo, mas que nunca diria adeus.”

— Ele fugiu de você, não foi? Ele descobriu TUDO! Meu Deus, meu Deus! Não estava acreditando quando li seus e-mails para o pai do Ricardo! Mas, agora, tudo ficou claro com uma lucidez que me esmaga! — Coloquei as mãos na minha cabeça, ao notar o quanto as coisas eram piores do que eu imaginava.

Meu pai ameaçara o próprio irmão!

Irmão!

Por isso todas as vezes em que eu comentava e trazia o nome William para a conversa, ele aparentava ódio ao mesmo tempo em que a indiferença nas suas palavras me atingia. Achava que era a personalidade dele, não demonstrar amor para ninguém, mas nesse instante, percebia que era muito mais que isso.

Talvez ele de fato, não amasse ninguém.

Fitei-o perplexa. Admirei o homem que um dia eu amara mais que tudo, o homem que eu achava ser capaz de me defender de todos e me abalei com a decepção que corroeu todos os meus bons

sentimentos. Uma decepção amarga e que abriu uma ferida que eu nunca imaginei que sentiria.

— Você não sabe de nada, garota! — Mais um soco na madeira.

Dessa vez, ele assustou até mesmo seus convidados e quando olhou para Olívia, entendi o que ele estava emitindo sem palavras, uma ordem silenciosa para que ela tirasse as pessoas dali e nos deixassem a sós. Era para eu ter medo, se eu fosse esperta, mas a adrenalina estava alta e a minha indignação também, então, medo foi o menor dos sentimentos que me acometeu.

— Não sei de nada, não é? Ou talvez eu tenha desconfiado de toda essa palhaçada que sempre foi a família, e nunca tenha realmente me aberto com nenhum de vocês dois? Meus próprios pais! Que filha se sente horrorizada e trancafiada na própria casa, pai? Que filha pensa que seu pai não pode defendê-la de nada? Não era para pensarmos o contrário e termos na figura paterna uma espécie de sei lá — Agitei as minhas mãos no ar, histérica e fora de mim — Super-herói? Quando eu abri os olhos e percebi que não era nada disso, nunca me senti tão desacreditada na vida. Quem não me

PERIGOSAS ACHERON

conhece de verdade, são vocês! Não sabem o que a própria filha sente, nunca souberam e nunca saberão. Exatamente por este motivo nunca contei a verdade, nunca nem sequer comentei que eu não enxergo o mundo como vocês. Eu vejo cores, pai, vejo cores que a maioria das pessoas no mundo não enxergam. Vejo verde no amarelo, azul no marrom e assim por diante. E sabe como eu descobri? Sozinha... Completamente sozinha. Sabe como eu lidei com isso? — perguntei retoricamente e andei em torno da mesa, me aproximando dele, que aparentava a mais sincera descrença — SOZINHA. — Me aproximei ainda mais — Totalmente, absolutamente SOZINHA, *papai*.

— Você está louca, Erika! — Olívia voltou para a sala, gritando, enquanto eu a ignorava. — Por isso nós não podemos confiar em você, é louca! Nunca ouvi maior absurdo na vida!

Eu fiz um barulho estranho, fruto da raiva e ela continuou falando coisas as quais não me dei ao trabalho de escutar.

— Cale a boca, Olívia, não fale da minha filha! — Meu pai apontou um dedo na direção dela e a forma possessiva como a qual falou de mim não me PERIGOSAS ACHERON

passou despercebida.

— Sabe que eu tenho razão, seu idiota! Olha só onde as coisas chegaram? Eu te disse, que aquela desgraçada, era perturbada, e que a filha dela não seria certa da cabeça! Eu te disse, seu filho da puta!

— Ela se alterou e meu pai perdeu totalmente a compostura.

— Não fale da Clara perto de mim, não ouse falar mal daquela mulher!

— Ah, não posso falar mal da amada do poderoso Albuquerque, não é? Da ralé com a qual você não quis se casar!

Meus olhos iam de um a outro, sem que eu soubesse do que tanto falavam. Já não entendia nada e uma sensação pavorosa crescia em mim, de que ao final da conversa, eu definitivamente não iria querer ter descoberto tudo o que descobriria.

— Estou avisando, cale a merda da boca!

— Coitada de Clara Medeiros! Uma alma tão pura que fисgou com a boceta justo o prodígio da cidade. Na época, você e seu irmão, outro idiota, ainda eram homens baderneiros que só pensavam

em aproveitar o dinheiro do pai e viviam iludindo as meninas da cidade. Fiquei com inveja de Clara, fiquei, admito, morrendo de inveja e não precisou de muito para que eu plantasse a semente da discórdia na vida dela. Trabalhar com ela no orfanato também era um bônus, para poder comandar aquela trouxa. Caiu direitinho na minha conversa e foi embora quando estava grávida da Erika... Voltou depois de dar à luz e ainda achou que poderia ficar com você. De qualquer forma, dei um jeito nela, dei um jeito de nunca mais interferir na minha vida.

— Do que está falando? — O choque no rosto do meu pai, era uma cópia do que congelava o meu.

— Estou falando sobre o que me fez fazer, querido. Pena que acabei tendo que cuidar dessa bastarda — apontou pra mim — Não pude evitar que quisesse ficar com ela. Bom, cada um colhe o que planta, não é? Ninguém mandou ser tão irresponsável quando era mais novo. Nem roubar a empresa do próprio pai, deixando que eu descobrisse e tivesse um trunfo para fazê-lo se casar comigo. Me fez infeliz, muito infeliz, mas o melhor foi te ver definhando a cada dia mais,

depois de perder o que mais te importava, o amor da Clara, que Deus a tenha. Pelo menos uma coisa boa eu fiz na vida.

Assisti a transformação de descrença passar para fúria no rosto do meu pai e antes que ele avançasse para cima de Olívia, o segurei pelo braço, impedindo uma catástrofe ainda maior. As palavras amargas dela se infiltravam na minha cabeça e aos poucos eu chegava no motivo para ela nunca ter me tratado bem.

Não era filha dela.

Era filha de alguém que pelo visto, ela odiava.

— Você e ela eram melhores amigas, Olívia. Eu criei Theo como meu, eu o tratei como meu filho, sem me importar com quem era o pai dele, sem te pressionar! Porra! Uma parte minha foi embora quando Clara morreu, sabia? Uma parte minha findou-se quando vi o caixão dela descer, de longe, incapaz de chegar perto porque a família dela não me deixou. Porra, Olívia! Porra! PORRA! PORRA! A única pessoa que ainda me manteve ligada a ela foi a Erika, nossa filha, e você ainda me diz que tudo isso foi sua culpa, que sei lá como, você

conseguiu acabar com a vida dela? Que tipo de demônio é você? Que mulher faz isso com a própria amiga?

— Ossos do ofício, quem quer rir tem que fazer rir — A loira olhou as unhas, como se não dissesse nada demais, como se a vida de uma pessoa não valesse nada para ela. — Ela apareceu aqui, um mês depois que nos casamos. Queria falar com você, mas como não estava, quem a recebeu fui eu. A *coitadinha* saiu correndo e entrou no carro, fui atrás dela para acalmá-la e assisti, desesperada, o acidente acontecer à minha frente. Talvez eu tenha sim esperado que ela morresse para chamar o resgate, e se não fosse o bundão do seu irmão aparecer, eu provavelmente teria esperado um pouco mais só pra garantir. Desconfio que William sempre imaginou o que aconteceu naquele dia e por se sentir culpado em não expressar as suas desconfianças, cuidou do Theo e da Erika como se fossem seus, como se isso fosse capaz de purificá-lo. Coitado dele também.

— Você é louca! LOUCA! — meu pai começou a gritar e alguns funcionários entraram correndo na sala.

Dei um sinal para que eles ligassem para polícia e prontamente entenderam, saindo do ambiente.

Não estava difícil compreender para que rumo toda a discussão seguiria.

— Não, meu querido, sou uma mulher que teve que aguentar muita merda na vida, mas prometi a mim mesma que não teria mais que passar por isso, nunca mais. Nem mesmo meu filho, fruto de algo tão sórdido. Não me arrependo de quem tive que passar por cima, nunca vou me arrepender, mas quando aquele moleque decidiu conversar comigo e me disse que gostava de homens, eu simplesmente me recusei a continuar defendendo-o de tudo e todos. Meus sacrifícios não valeram de nada? Todos os meus esforços para que ele se desse bem na vida, não adiantaram de nada? Não, eu não podia corroborar com isso e não corroborei.

— Deus! Como eu fui manipulado! Como eu me deixei levar por toda essa maldade que há em você?

— Meu pai se soltou do meu aperto, bruscamente e levou as mãos a cabeça, transtornado.

Dava para enxergar toda a confusão, sendo amparada pela dor, desabando por entre seus olhos.

— Precisava de alguém forte ao seu lado, eu fui esse alguém.

— Não, você não foi, foi a minha ruína. E por isso, Olívia, nós dois vamos parar na cadeia, sabe por quê? Porque não vejo mais qualquer sentido para ficar aqui fora roubando e fazendo tanta coisa errada quando a mulher que eu amava morreu, por sua causa! Sua maldita causa, porra! Não vou deixar que eu continue sendo esse homem que a única pessoa que sobrou na minha vida, irá odiar. Não vou. — Papai pegou seu celular nas mãos, e digitou algumas coisas, enquanto seu semblante decidido não vacilava nem um pouco.

— O que está fazendo? — ela perguntou, totalmente alterada.

Seus olhos estavam esbugalhados e a sua raiva era tanta que eu apostava que ela tentava nos matar apenas com a sua fúria.

E por isso, o que ela fez a seguir não me surpreendeu.

Correu até uma das gavetas do opulento aparador em um dos cantos da sala e retirou de lá uma arma que ela aparentava saber usar com uma perícia

PERIGOSAS ACHERON

assustadora.

Se ela tivera aquilo sempre ali, em mãos, eu não sabia, entretanto, a falta de surpresa nos olhos do meu pai, indicava que ele sim tinha noção que aquele objeto estivera ali por muito tempo.

Olívia apontou a arma para nós dois e...

O tempo parou.



Mais de duas décadas antes

Eu estava cansada de sempre perder na vida. Primeiro, perdi toda a minha felicidade com o que acontecera. Theo era fruto disso, de um dos estupros que sofri, sendo o agressor... meu próprio irmão. Não tinha sido nada fácil, mas quando parei para pensar que eu teria alguém, que seria a consequência de um ato tão inescrupuloso, odiei-me por cogitar ficar com ele.

No entanto, o amor cresceu em mim e o que me trazia lembranças horríveis, passou a me trazer conforto.

Meu menino.

E o amor que eu sentia por ele era maior que tudo. Sempre seria. Por mais, que eu demonstrasse de uma maneira um tanto quanto equivocada, ele sempre seria meu filho. E estava prestes a se tornar um Albuquerque. Eu estava prestes a me tornar uma Albuquerque. Sendo o único problema, a mulher que meu futuro marido amava. Quando ela fugiu, grávida, pensei que nunca mais voltaria, mas para meu pesar, ela surgiu e tocou a campainha de casa. Por sorte, Heitor não estava, e quem abriu a porta, fui eu.

Clara saiu desesperada em direção ao seu carro e o ligou, acelerando sem piedade, quando notou que eu não a deixaria estragar tudo. Entrei em um dos carros mais velozes da garagem, o BMW de Heitor, iniciando a perseguição. Ele era muito mais potente, e seu motor gritava conforme eu pisava no acelerador, focada em parar a mulher que carregava meu futuro.

Se ele seria ótimo ou péssimo, cabia a mim definir.

Persegui-a, por minutos, que faziam o

tiquetaquear imaginário da minha cabeça me aterrorizar.

Eu pisava fundo, Clara também.

A rodovia pairava em um sossego ininterrupto de domingo a tarde, até que o barulho da nossa perseguição a atingisse.

Cortamos o ar com a velocidade.

O zunido de que algo ruim aconteceria pairou no meu pensamento, mas ignorei. Eu queria que Clara parasse de estragar minha felicidade, eu queria que ela sumisse de vez. Se minha ameaça não tinha surtido efeito antes, agora eu a colocaria para valer.

Só que não precisei.

Não foi necessária minha intervenção quanto a isso.

Assisti impotente e com uma felicidade indescritível, o carro dela ir de um lado a outro da rodovia, um sinal claro de perda de controle. Segundos depois, ele rodopiou feroz, ultrapassando a sua faixa e o baque repentino da perda de velocidade, fez com que o automóvel girasse no ar, rapidamente, várias e várias vezes.

O destino tinha sido a meu favor nesse dia.

Respirei aliviada, assistindo seu carro aterrissar com uma pancada surda na grama do canteiro, após capotar atrozmente.

Estacionei no acostamento e fui até o local do acidente.

Meus saltos não faziam barulho no asfalto, cinza e já gasto com o tempo. Tão cinza quanto a minha alma infeliz.

— Você... — Ela conseguiu falar, quando eu fiz questão de acordá-la.

Aparentava atordoamento.

O sangue escorria fluído e espesso pela sua testa, e seus olhos giravam em suas órbitas devido a força da pancada. Ela não duraria muito, eu conseguia enxergar os sinais.

Quando tivesse certeza, chamaria o resgate.

— Vou cuidar do seu filho, Clara... E pode deixar que ele será uma criança muito feliz. Vou garantir isso — ironizei.

Ela perdeu o foco por instantes e depois sua boca

PERIGOSAS ACHERON

formou uma linha fina, em ódio.

— Não faça mal — cuspiu um pouco de sangue — a ela. Ou...

— Ah, é uma menina? Que coisa mais linda! — ironizei — Não tem condições de me ameaçar. Está morrendo e quem vai ficar com o lindo Heitor Albuquerque, serei eu. Fomos feitos um para o outro, só não quis admitir, minha querida. Agora... vou ter que criar a sua bastarda, mas sem problemas, ele assumiu Theo diante de todo mundo e eu posso fazer esse sacrifício por ele, sem problema nenhum. Só não garanto que será bom pra ela.

Uma sombra de medo passou pelos seus olhos. Era negra, fria e totalmente fétida.

— É um mons... tro — Sua voz estava cada vez mais fraca.

— Nunca neguei. — Dei de ombros — A vida é assim. Não posso continuar sofrendo, mereço meu final recompensado. Sinto muito que você tenha que sair da equação por isso.

— Cri... — Ela tentou falar novamente.

— Sei que é um crime assumir o parto ou filho de outrem, mas eu estava preparada para tudo, Clara. Já imaginei que tivesse desaparecido porque estava grávida e sua família não aceitaria que a menina de ouro deles estava esperando um filho sem ao menos ser casada. Te chamariam de vagabunda, não é? — Olhei para ela, com os olhos verdes perdidos — Sei que sim. Então desapareceu, sem deixar que ninguém soubesse que estava grávida. Eu contratei um detetive, minha linda, e descobri que foi até uma parteira em uma cidade do interior bem longe daqui. Algum registro de que a menina nasceu? Nenhum, não é? — Sorri, vitoriosa — O que só dificulta as coisas pra você. Agora eu, com meus amigos influentes, vou conseguir registrar a pequena órfã como se fosse minha, junto com o Albuquerque dos seus sonhos.

Ela abriu seus olhos e depois respirou fundo, tentando puxar o ar. A dificuldade no seu semblante foi evidente, assim como o sorriso no meu rosto.

— Imagino que a infeliz esteja com aquela sua amiga imprestável, não é? Acredito que com muito dinheiro, ela calará a boca. A partir disso... só

felicidade.

Clara tinha uma amiga da época de escola, que era tão inescrupulosa quanto eu, ela só não percebera isso ainda. Seria mais fácil que tirar doce de criança pegar a pequena menina.

Vi um carro se aproximar, ao longe, fazendo a curva que havia na estrada.

Peguei o celular no meu bolso e chamei o resgate, com a certeza que Clara não me atrapalharia mais. Assim que o carro parou no acostamento, no sentido contrário onde eu tinha parado, percebi que nada seria tão fácil assim.

Will me olhava recriminador, e já imaginava que eu podia sim ter alguma coisa a ver com o acidente. Mas, dessa vez tinha e não tinha, se é que fazia sentido.

— Pelo amor de Deus! Me diz que você não fez isso, porra! Não posso acreditar que fez isso, não, não posso! — Ele estava desnortado.

Puxou seus fios de cabelo e depois colocou a mão na boca, em desespero. Seus olhos relanceavam do Corola, invertido e totalmente

deformado, para mim. Não aparentava ser o mesmo William que eu conhecia, pelo contrário, havia uma determinação bem maluca na sua feição, como se ele estivesse anotando mentalmente a advertência de nunca mais chegar perto de mim.

Sacou seu celular do bolso e chamou a emergência.

— Já fiz isso. — falei.

Não demonstrei nenhuma empatia pelo que acontecera. Não sentia, então não fingiria.

— Meu Deus! Eu juro que me dói amar você e saber que é mulher do meu irmão, mas isso é demais. Simplesmente demais! Cristo! Você matou Clara, Ana!

Odiava que me chamassem de Ana.

Porque era como *ele* me chamava.

“Ana, minha doce Ana. Venha até mim, querida... Eu quero te deixar bem.”

O asco me dominava todas as vezes em que ouvia esse nome.

Por isso era expressamente proibido que me

PERIGOSAS ACHERON

chamassem assim. Todos que me conheciam sabiam disso.

Quando solicitei a mudança de nome, meu pedido foi negado por eu não poder dizer o motivo para precisar dela. Não era um nome constrangedor o suficiente e eu não conseguia explicar todos os meus traumas com ele. E... se eu contasse, Jorge me encontraria e me mataria. Vivi com medo toda uma vida, para no fim, ter que acabar com muitas vidas por ter a noção de que jamais voltaria a sofrer como sofri.

Não, eu jamais voltaria ao inferno.

— NÃO, EU NÃO A MATEI! O CARRO DELA CAPOTOU E EU NÃO TIVE NADA A VER COM ISSO! NADA. A. VER. COM. ISSO!
— Levantei-me furiosa, por estar sendo acusada sem provas

Quem ele era para me julgar?

Cobiçava a mulher do irmão e por pouco não fora para a cama comigo. Recusou, no último minuto do segundo tempo. Por mais, que eu soubesse que seus sentimentos fossem fortes por mim. Seria esplêndido ter dois Albuquerque na
PERIGOSAS ACHERON

minha mão e infelizmente, a sua resiliência, acabou atrapalhando esse meu objetivo.

— Não sei se fico horrorizado com a sua habilidade em mentir ou ligo pra polícia imediatamente e faço uma denúncia.

— Pode ligar, sério, não tive nada a ver com esse acidente — Olhei para ele, de maneira firme.

William aliviou seu semblante e aparentou acreditar em mim, ou melhor, na verdade parcial que eu contei.

Era um idiota. Sempre procurando enxergar o melhor nas pessoas, pelo menos nesse quesito o irmão era muito melhor, malicioso e ambicioso no ponto certo, o que o tornava fácil de ser manipulado já que guardava vários segredos de todo mundo.

Roubava a empresa da família na cara dura. Eu descobrira isso graças a uma conversa sua que eu gravara. Guardei aquilo a sete chaves e o chantageei para que se casasse comigo. Claro, só não podia deixar que Clara atrapalhasse meus planos e fizesse com que Heitor assumisse os riscos por amá-la demais.

— Jura pra mim? — indagou, um pouco desconfiado.

— Juro Will, claro que juro. Até liguei para a emergência, o que pode considerar um milagre diante da minha antipatia com ela. — Indiquei a mulher prensada nas ferragens, totalmente apagada.

— Eu não consigo mais conter meu espanto com a sua frieza, Olívia. Eu simplesmente... não consigo. Não demonstra qualquer sentimento além de desprezo por ela pelo imutável fato de Heitor amá-la. Não consigo acreditar que tenha se transformado nessa pessoa tão cruel que me fita neste momento.

— Você não tem que acreditar em nada. É um fraco, que acha que todo mundo tem bondade no coração. Não me conhece, ninguém me conhece.

— Tem razão quanto a isso e não vou mais me enganar.

Ele não disse mais nada.

Eu também não.

Não saímos do local do acidente até que o resgate chegasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Contei o que acontecera — Não a total verdade, claro, porque eu não era idiota — e todo mundo pareceu acreditar.

Tinha sido um acidente. Essas coisas acontecem. Pessoas perdem o controle da direção todos os dias ao redor do mundo. Infelizmente, Clara tinha sido uma delas.

No dia seguinte, eu estava na casa que morava com Heitor, tranquila e leve, enquanto ele se debulhava em lágrimas de crocodilo, no enterro da mulher. Eu contara sobre a filha e saí por boazinha por ajudá-lo e ele me garantiu que traria o bebê para cuidarmos dele juntos.

Ninguém ficou sabendo que a menina era filha da Clara. Nem mesmo seus familiares. O que facilitou tudo, já que inventamos qualquer merda para as pessoas mais próximas, e elas desconfiaram, no entanto não disseram nada. Eu ter casado em uma cerimônia com poucas pessoas, ajudou e acabou que imaginaram que Heitor ficou comigo justamente ter por dado a luz a uma filha sua, nosso segundo filho — uma mentira, já que Theo não era dele.

PERIGOSAS ACHERON

Prometeu que seríamos uma família feliz e que se ele se esforçaria para me amar.

Nunca acreditei nele. A infelicidade era minha companheira há tempo demais para que eu acreditasse em algo além dela.

Sorria todos os dias, fingindo que estava contente. No fundo, só queria aproveitar a mordomia, depois de tanta infelicidade paga.

Só não imaginava que meu tormento estaria tão próximo e que a vingança divina para os meus atos chegaria em breve.

Depois de seis anos, ele aparecera. Ao todo, fazia uma década que eu estava fugindo, e quando achei que tinha me livrado, ele apareceu.

Jorge, meu irmão, pai de Theo, surgira no orfanato, como um dos empregados em um dia chuvoso e totalmente melancólico. E eu não pude correr de novo, porque dessa vez tinha uma família e daria um futuro digno ao meu filho. Ele me ameaçou, disse que contaria tudo para Heitor caso eu não fechasse os olhos para o que ele faria e me odiei por isso, por saber o que as crianças estavam sentindo, e por ter sido egoísta a ponto de não as

PERIGOSAS ACHERON

defender. Mas, essa era uma culpa que eu carregaria. Sofrera demais para perder justamente agora. Teria o que era meu de direito e ninguém me impediria disso.

Nem mesmo a minha consciência, diante de várias crianças sendo abusadas todas as semanas, enquanto eu dormia no meu lençol de seda da mansão.

Não pude pedir a conta do orfanato, ele me prometeu que me caçaria e eu acreditei nele. Em cada palavra que escorreu venenosa da sua boca. Um homem como ele era capaz de qualquer coisa.

— Eu vou atrás de você, em qualquer lugar. Não vou morrer antes de te fazer sofrer, caso me abandone de novo, Ana. Vou te deixar em paz, mas tem que me manter saciado e se não é você, outras pessoas sofrerão no lugar. Mas, é minha, sempre foi minha e sempre será.

Jamais esqueci as suas palavras.

E era esperta o suficiente para saber que ele seria capaz de cumprir a ameaça.

Por isso, quando o pai de Heitor, que não ia com

a minha cara e me impedira de trabalhar na construtora da família, faleceu, tratei de garantir minha segurança. Tive que aguentar todo o horror por culpa dele, até que graças a Deus, o velho partiu dessa pra melhor. Ele teria sido o único capaz de me parar com sua mania de enxergar mais do que deveria.

Heitor era fácil de manipular.

Seu pai, não.

Acabei com Jorge antes que ele acabasse comigo. Não estava aguentando ser responsável por aquelas crianças e ter que aparentar indiferença. Por mais que eu não quisesse me importar, doía em mim, porque eu sabia exatamente como era se sentir usado.

Fui até a casa que ele tinha alugado, com a desculpa de precisar conversar sobre nossos irmãos — que malditos fossem por se negarem a ver o que acontecia comigo — sobre o que estavam fazendo, se estavam me ligando para saber dele. Jorge caiu nessa ideia. E dois anos depois que ele voltara, ele morrera. Envenenei-o na sua própria casa e assisti a sua agonia conforme a substância deixava seu

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo paralisado.

Seus olhos perderam o tom conforme o seu rosto arroxeara-se.

Alimentei-me de cada segundo da sua miséria, sentindo-me finalmente vingada.

Uma morte lenta, dolorosa e impiedosa, era o que ele merecia.

Liguei o gás na cozinha e esperei que se dissipasse um pouco. Saí de lá e coloquei fogo na construção sem me importar com mais nada. Apagando vestígios de um passado tenebroso, enquanto as marcas na minha alma, me castigavam.

Sorri vitoriosa ao enxergar as labaredas.

Estava feito. Um desgraçado a menos no mundo.

PERIGOSAS ACHERON

38



Theo

— Menino, pelo amor de Deus, vem pra cá! Estão todos discutindo Theo, todos! Erika está aqui e eu morro de medo do que possa acontecer com ela no meio dessas duas cobras, meu filho — Cássia estava desesperada, mesmo através da ligação e eu notei que deveria ir até minha antiga casa, pelo menos mais uma vez, para dar um basta em tudo.

Jurei que nunca mais pisaria lá, entretanto, diante da ideia de Erika em meio a uma briga, quebraria a minha promessa sem me importar com as consequências.

Levantei o olhar e me deparei com Bruno

PERIGOSAS ACHERON

preocupado, seus traços estavam tensos, e suas mãos fechadas em punhos, prestando a atenção a qualquer mínima alteração do meu semblante.

Meu tio, saíra para procurar Erika, enquanto nós decidimos aguardar, para avisá-lo caso ela voltasse. Saíra há horas e não dera sinal de vida. Diante da situação, não era estranho estarmos tão preocupados.

— Estou indo aí. Caso veja que tudo está pior do que premeditou, dá um jeito de segurar as pontas até eu chegar — Fui imperativo e desliguei a ligação logo em seguida, tenso com o que eu teria que fazer.

Não me sentia bem naquela casa. Nunca me sentira. Principalmente depois da briga que tivemos quando eu decidi que assumiria minha homossexualidade. Enxerguei nos olhos da minha mãe, que ela preferia que eu estivesse morto a fazer algo assim. Eu nunca esqueci e jamais esqueceria o que ela me disse “*Assuma, mas tenha a noção de que eu não terei mais filho depois desse dia*”.

Diante de todo o meu tumulto interno? Diante da loucura que se avolumava em mim, impedindo-me

de ser eu mesmo?

Trinquei meus dentes e escolhi a mim em primeiro lugar, pouco me fodendo para eles. Distanciei-me do círculo da família e criei um próprio, onde eu poderia ser quem eu quisesse. Poucas pessoas sabiam sobre minha sexualidade, mas essas poucas eram as que realmente importavam. Infelizmente acabei escondendo da pessoa que eu mais amava, a verdade. Agora, a culpa era minha por ela se sentir tão rejeitada e indigna de confiança.

Mas, o que eu poderia dizer além de quê... fiquei com medo? Muito medo?

Sair de casa e deixá-la lá foi a decisão mais difícil que já tomei. Era a única que importava, a única que me dedicava seu amor, sem cobrar nada, sem ficar irritada quando eu não queria conversar com ninguém.

Ela me entendia. Sempre me entendeu. Quando eu me sentia mal, eram seus braços em torno de mim que me confortavam. Um cais, era o que éramos um para o outro.

E eu quebrara essa confiança... Mesmo tendo a

PERIGOSAS ACHERON

noção de que ela seria a primeira a me apoiar. A cada ângulo que eu olhava, piorava.

— *Tô* sentindo que não deve ir, Theo. Sério, me escuta, não vai nessa. Meu pressentimento *tá* muito ruim. — Bruno se aproximou e seus olhos não desviaram dos meus em momento algum.

Dava para tocar o medo que o contagiava. Eram como várias facas sendo lançadas na minha direção, ao entender que não importava o que ele me pedisse, tudo se tratava da minha irmã e o risco que ela corria naquela casa.

Deus sabia que minha mãe e meu pai perdiam o controle das suas ações quando se irritavam e a corda sempre arrebentava para o lado mais fraco. Neste caso, neste maldito caso, a corda mais fraca era ela.

— Eu preciso ir por ela, Bruno. Preciso de verdade. — Deixei que meus braços desabassem ao lado do meu corpo.

O celular pendia na minha mão.

Senti braços me rodearem e apoiei meu queixo nos seus ombros, com uma imensa vontade de

chorar, sem qualquer motivo aparente. Não entendia o que estava acontecendo comigo, sequer queria pensar nisso tudo como uma despedida.

— Por favor? Me escuta dessa vez, Theo. Não vai, por favor? — Ele me sacudiu e eu não disse nada.

Estava perdido nos meus pensamentos.

Não era só o pressentimento dele que gritava que algo ruim aconteceria.

— Não posso. Eu... só não posso. — Suas mãos saíram das minhas costas e ele se afastou alguns centímetros, para colocá-las ao redor do meu rosto.

Cobri-as com a minhas.

Nossos olhares se mantiveram fixos, travados por segundos que pareceram horas. A imensidão dos sentimentos me deixou sem ar. Algumas lágrimas deslizaram faceiras pela sua bochecha e eu as enxuguei, com um sorriso casto e cheio de arrependimentos. Não havia muito o que fazer quanto ao seu medo.

Eu era capaz de qualquer coisa pela minha irmã, assim como sabia que ela seria por mim. Não havia

PERIGOSAS ACHERON

nem mesmo segundos pensamentos referentes a isso.

Amava Bruno. Mas era aquele amor que sentíamos por outra pessoa, um desejo de viver com ela e seguir adiante com a vida. Meu amor por Erika era fraternal e nunca morreria.

Amores diferentes.

E eu não podia desistir de seguir o que meu coração pedia, por um deles. Precisava ir para a mansão Albuquerque, o mais rápido possível.

Aproximei meu rosto do seu e depus um beijo nos seus lábios, deixando que suas lágrimas ultrapassassem a barreira da minha boca e eu sentisse o gosto de pavor presente nelas.

Não deixei que ele aprofundasse o beijo, sabia que tentaria me manter ali o máximo de tempo que conseguisse.

Afastei-me e ele abaixou a cabeça, pesaroso.

A determinação esvaiu-se do seu corpo quando ele notou que eu não voltaria atrás.

— Não há nada que eu diga que o fará ficar, não

é?

— Nada. — Anuí.

— Então eu vou com você — falou e rapidamente se afastou, para pegar a chave do carro em cima da mesa da cozinha.

Havíamos acabado de chegar de um lugar especial. Um lugar nosso. Prometemos que estaríamos ali quando o outro precisasse e prometemos acima de tudo, não deixar que o preconceito das pessoas acabasse com o que havia de melhor em nós. E porcaria, eu teria que quebrar uma promessa, de deixar que o outro ajudasse quando necessário, porque pressentia que eu deveria ir sozinho.

— Não. Não vai. — Fui firme.

Bruno semicerrou os olhos e ficamos nessa por segundos, medindo a força um do outro.

— Eu vou.

— Bruno, eu já disse que não, cacete! — Perdi a paciência — Isso é coisa de família, não posso deixar que se meta, entende? — Arrependi-me de ter sido tão categórico ao notar que a minha
PERIGOSAS ACHERON

ignorância o magoara — Com você lá seria tudo pior, não imagina como Olívia Albuquerque pode ser ruim quando quer. Não posso e não vou deixar que você passe pelo mesmo que passei e que escute as atrocidades que eu escutei, Bruno. Não vou permitir. Só tornaria tudo pior, a briga seria ainda mais feia.

Ele caminhou de volta na minha direção e depositou a chave do carro na minha mão. No seu rosto, a opinião do que eu deveria fazer era clara.

— Depois não diga que eu não avisei, Theo. Sério, não quer que eu te acompanhe pra te ajudar? Beleza. Mas, quando precisar eu vou estar lá por você de qualquer forma.

Virou-se e andou a passos firmes até o seu quarto.

Ouvi o barulho da chave girando no trinco e fechei meus olhos, sentindo que a mágoa dele estava corroendo toda a boa fé que eu sentia. Respirei profundamente algumas vezes, tentando me acalmar, e quando percebi que isso seria em vão, segui para o corredor. Parei na frente da sua porta e desisti de bater, com a minha mão travando

a meio segundo de encostar na madeira.

Quando eu voltasse, nós conversaríamos e então eu resolveria. Sim, nossa conversa teria que ficar para depois.

Havia lutas que ele não poderia lutar por mim, e essa era uma delas.

Quando destravei o alarme do carro, rezei para que apenas eu e Deus ouvisse, que tudo desse certo e que o pressentimento não fosse nada, só uma sensação ruim.



Estacionei o carro de qualquer jeito e assim que abri a porta, Cássia apareceu na minha linha de visão, com as mãos na boca, em sinal de completo desespero. Desci e nem fechei a porta, passando correndo pela entrada de casa e vendo todos os funcionários com semblantes de total falta de fé.

Eles não se alteraram ao me ver.

— Já chamaram a polícia? — indaguei e concordaram com um aceno.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor Theo, acho melhor não entrar aí! —
Alguém disse e eu não me importei.

A noção de que Erika e nossos pais estavam ali, sozinhos, já elevava meu desespero a ponto de ruptura, tamanho o caos que eu previa.

— Ninguém seria capaz de me impedir. —
Comentei.

Empurrei as portas duplas de madeira, a tempo de ver Olívia com uma arma nas mãos, apontada para onde meu pai e minha irmã estavam.

Não tive tempo de pensar em nada. Não tive tempo de sequer cogitar a merda que eu faria. Muito menos, quem ficaria e sentiria minha falta. Só pensei em Erika e que ela seria a atingida.

Lancei-me na sua direção, instantes antes de ouvir o som do disparo.

Oco.

Aterrorizante.

Carregado de dor.

Repleto de ódio.

PERIGOSAS ACHERON

Um disparo com tantos segredos quanto aquela família de merda.

Enxerguei antes de sentir.

Ela estava de olhos fechados quando puxou o gatilho, mas assim que os abriu, caiu em um horror sem fim. Ouvi seu grito condoído assim que a dor e a sensação de uma parte do meu peito estar pegando fogo se alastrou. Meu ombro se chocou com o chão e a falta de ar começou a me deixar claustrofóbico.

Tentei puxar oxigênio.

Não consegui.

O esforço para manter meus olhos abertos era grande demais. Meu corpo inteiro esmoreceu e lágrimas caíram no meu rosto.

Olhei para a minha irmã, tentando erguer a minha mão para tocar e enxugar seu rosto. Ato impossível.

— Eu te amo, maninha. — sussurrei.

Só eu e ela existíamos ali, mais ninguém.

Ninguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se fosse preciso, eu faria tudo de novo. Sem qualquer sombra de arrependimento. Sem qualquer... hesitação.

PERIGOSAS ACHERON



39

Frika

Sabe quando as pessoas dizem que antes de morrermos, nossa vida passa depressa diante de nossos olhos? Todos os segundos se tornam incontáveis horas de erros e acertos?

Nunca imaginei que fosse pensar isso, mas elas estão completamente certas.

O estampido, o som agudo de uma bala sendo disparada, pode se comparar a um fatídico instante antes de um acidente acontecer. Aquele maldito eco, que reverberou por todas as paredes do meu peito e do meu medo, foi capaz de espatifar todas as minhas crenças em algo bom na vida.

Se isso existisse, não tiraria a vida de alguém tão maravilhoso como Theo.

Não o faria se lançar na minha frente, enquanto eu assistia congelada, aquilo vindo na nossa direção.

Pode parecer maluco, impossível, entretanto... eu assisti impotente, Olívia puxar o gatilho e podia jurar que notei a trajetória da bala, repleta de mau agouro, completamente maldosa e impiedosa. Ela vinha até a gente, ela procurava a morte e neste momento, a barreira entre mim e a morte, era meu irmão. A única pessoa que me ensinara o verdadeiro sentido de amar. Uma pessoa que sempre pensou nos outros acima dele mesmo.

Eu senti um baque. Uma parede de músculos se chocar contra meu peito, antes que eu desabasse com brusquidão no chão.

Meus braços em torno dele, sua pele em contato com a minha e algo quente, escorrendo entre nós dois.

Levantei minhas mãos na altura da visão, tremendo incapaz de me manter inabalável diante do que presenciava e as enxerguei vermelhas,
PERIGOSAS ACHERON

quentes, como prova do que estava acontecendo. Elas se chocavam, chacoalhavam, enquanto meus olhos não conseguiam acreditar no que viam. Eu não conseguia crer em tudo.

Não era verdade.

Não podia ser verdade.

Gritei.

Gritei com todas as minhas forças.

Forcei minhas mãos a se firmarem no corpo inerte nos meus braços e gritei como se tudo dependesse disso, como se Deus fosse capaz de escutar do céu as minhas preces angustiadas, segurando a melhor pessoa do mundo no meu colo.

Joguei meu corpo para trás e o apertei contra meu peito. Meus cachos caíram em torno do seu rosto e eu absorvi o sorriso faceiro que meu irmão deu.

Alisei uma das suas bochechas e ele apenas inclinou a cabeça na direção do meu toque, como se fosse incapaz de um gesto mais firme.

— Eu te amo, maninha — falou tão baixo que eu

só ouvi porque enxergava apenas ele.

— THEOOOOOOOOO! — Ouvi o grito agudo e dolorido de Olívia.

— Ei... Man... — Ele deu uma pausa e eu só o afaguei ainda mais.

— Shhh. Não fala nada, o socorro *tá* chegando, ele *tá* chegando e... vai te salvar — meus lábios começaram a tremer, assim como as minhas mãos — eles te salvarão, Theo. Você ainda vai discutir muito comigo, coisa de irmão — Eu estava prestes a chorar, mas ao olhar para ele, percebia que não era essa a última imagem que gostaria de ter.

Não o homem cheio de vida que ele era. Não, não poderia demonstrar dor enquanto ele não estivesse bem novamente.

— Me des...culpa. Eu de... — Não conseguiu terminar a fala.

Chorei.

Chorei incontrolavelmente.

— Nada disso. Nada de se desculpar. Você é perfeito, o melhor irmão do mundo... E vai ficar

comigo, pra sempre. Pra sempre. Nada de me abandonar, eu não aceito, Theo. Vai ficar comigo, sim, pra sempre. Sempre... Sempre — Repetia palavras, incoerentemente.

Theo tinha saído de casa há cinco anos, em um sábado ensolarado, que não indicava em nada a tempestade que acontecia em casa. Foi naquele dia que eu percebi o quanto meus pais poderiam ser maldosos e o quanto o tratavam como um peso morto para os Albuquerque. Nunca soube o motivo para agirem dessa forma, talvez nem houvesse um.

Neste dia... todas as cores entraram em conflito aos meus olhos.

A dor de cabeça que me assolou foi tão forte que eu simplesmente desabei na escada, sentada sobre meus calcanhares, com as mãos cobrindo meus temores, enquanto ouvia a discussão que não faziam questão de terminar.

— Você saiu apenas com a roupa do corpo. Não chorou. Você não chorava Theo, e isso só os impulsionava a serem ainda mais cruéis. — Comecei a sussurrar, incoerente. — Você foi a

melhor pessoa que eu já conheci, e eu que peço desculpas por ter perdido a cabeça. Eu te amo, sempre vou te amar. Não importa mais nada além disso, certo? — Várias lágrimas atingiram sua bochecha.

Em um gesto sutil de concordância, pacificou-se e só se concentrou em me ouvir. Nada mais. Seus olhos não abandonavam os meus, em nenhum momento.

Nenhuma lágrima saía dos olhos do meu irmão.

Nunca.

Não importava o que lançassem para ele, não importava o quão ruim fosse suportar, ele simplesmente não... chorava.

— Quando saiu de casa, nos primeiros dias — apertei-o ainda mais — Eu fiquei com muita raiva de você, por ter me deixando `a mercê dos nossos pais, que conhece muito bem. Então, me lembrei de tudo o que já passou, da forma como sofreu e ainda assim, sempre guardou um sorriso pra mim no final do dia. São esses gestos que nos mostram o quanto somos importantes para alguém e pode ter certeza Theo, que não importava o tempo em que nós

PERIGOSAS ACHERON

deixávamos de falar, quando tudo ficava corrido demais, porque no fundo, eu sempre contei com você, sempre irei contar. É meu irmão, e nos entendemos de uma forma absurda. Nunca serei capaz de te agradecer por me consolar pelo que nem sabia. — As lágrimas que eu segurava caíram e tocaram seu rosto em uma cascata. Theo alargou o sorriso — Eu não vou te deixar ir embora, não me importa que será um lugar melhor, eu quero que você fique comigo, comigo Theo. COMIGO! Por favor, Theo, fica comigo! — Eu o pressionei e balancei nosso corpo, desolada. — E queria te dizer que eu enxergo cores, maninho, tons que outras pessoas não enxergam... Por isso eu sempre fiquei presa na minha própria cabeça, porque tudo era demais para processar.

— Obrigá...do.

Sorri em meio as lágrimas, me sentindo leve por contar pra ele a verdade, assim como ele fizera comigo.

Era como correr em círculos.

A vida.

Uma eterna procura pela felicidade, quando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

éramos rodeados por situações catastróficas, quando éramos rodeados por pessoas boas morrendo das piores maneiras possíveis.

Piscávamos, errávamos e lá estávamos novamente, no ponto de partida.

— Eu amo... — Ele tentou dizer, eu o impedi.

Chorei, sentindo uma dor que eu não conseguiria descrever nunca.

Jamais.

Ela se apoderava de mim e me lançava para o abismo do meu próprio terror.

— Eu te amo tanto, Theo. Então, seja o que for, fique ciente de que não vou te deixar ir embora, eu não vou deixar que me... ABANDONE! NÃO. DEIXAREI! — Sacudi-o, sem perceber que a vida já se esvaía do seu corpo.

Sem perceber que os anos que ele ainda teria, desapareciam.

Tudo aconteceu rápido demais.

Todo o pânico.

PERIGOSAS ACHERON

Todas as batidas do coração que falharam, antecipando a tristeza que era a morte.

Milésimos de segundo poderiam acabar com uma vida.

No entanto, foram milésimos de segundos que me salvaram.

Foram milésimos de segundos que fizeram com que meu irmão não pensasse na própria segurança e se arriscasse por minha causa.

— Filho! Theo, meu filho, Theo, meu menino, não Theo, não faça isso comigo! — Ele foi arrancado dos meus braços e eu permiti, sem forças para continuar com tudo, sem forças para manter o rumo da minha vida.

Não sentia nada. Nem vontade, nem receio, nem ansiedade. Eu não sentia... nada, nada além de um vazio tão grande que me fazia desejar acompanhá-lo.

— Por favor, Theo! THEO! THEO! — Olívia se curvou, convulsionando-se em um choro e eu congelei, travada no meu próprio desespero.

Gritos insuportáveis.

Gritos inenarráveis.

Distinguia o preto e o vinho entre o vermelho no seu sangue e nada parecia mais infeliz aos meus olhos. Amaldiçoei-me por estarmos ali, por isso ter acontecido. Deveria ter deixado a conversa com nossos pais quando ele estivesse bem longe, eu devia... eu devia... ter conversado mais com ele. Devia...

Devia conseguir respirar sem sentir aquela dor lancinante que partia meu tórax em milhares de pedaços.

Ele não teria que escolher se salvar ou *me* salvar.

NÃO.

Eu me recusava a deixar que ele fosse embora dessa forma.

Não.

Isso não era justo!

Só podia ser um pesadelo!

“Ei, maninha, eu estou bem” — Era tudo o que eu queria ouvir.

Meus soluços se avolumaram perante a névoa de desespero e o choro se tornou incontrollável, expurgando todo o rancor que eu notava se apoderar do meu corpo. Rancor por uma pessoa ser tão inescrupulosa a ponto de arriscar a vida do próprio filho.

— Mãe... eu te... per — Ela o impediu de continuar e eu só percebi que estava acontecendo e não havia nada que pudéssemos fazer para evitar.

— Filho... Meu menino... Eu nunca quis que nada de ruim te acontecesse. Sempre te amei, não importa o que eu tenha dito, eu te amo. Theo, eu te amo mais que tudo na vida, sempre foi a única pessoa no mundo que eu amei. Sempre.

Theo olhou para Olívia e depois, para um ponto atrás de mim. O sangue começou a verter da sua boca e seus olhos giraram nas órbitas, enquanto ele se afogava em meio a falta de vida que tudo representava.

Conseguia sentir sua alma se despedindo de nós, enquanto ele se forçava a ficar vivo.

“Eu... amo você... mãe” — O som não saiu, ele só mexeu os lábios.

Seu corpo ficou mole nos braços dela.

Ela se curvou, e o grito que deu ecoou pelas paredes da sala e atingiram todos nós, em um lamento de alguém culpado.

Olívia acabara de matar o próprio filho.

Olívia acabara de matar meu irmão.

— NÃOOOOO! — O rouco da sua voz, só aumentou o timbre e a dor que emanava da sua garganta — THEO! FICA COMIGO, THEO! — Ela repetiu frenética e eu ainda tentava processar o que estava acontecendo.

Quando Olívia levantou a mão com a arma, colocou o cano na boca e... atirou. Foi tão rápido que ninguém conseguiu evitar. Era como se ela... não visse mais sentido na sua vida sem o filho.

O estampido ecoou.

A sala caiu em um silêncio mórbido. Arregalei meus olhos e fitei a cena em choque.

O corpo dela desabou ao lado do dele, inerte e sem vida.

— AHHHHHHHHH! — gritei, com as mãos na
PERIGOSAS ACHERON

boca, tremendo tanto que não sentia meus membros.

O choque corria furioso pelas minhas veias, somando-se a alta dose de adrenalina. Meu coração galopava furioso no meu tórax, tentando bombear o sangue o mais rápido que conseguia para lidar com a carga emocional que ameaçava me derrubar.

— Patricinha, você não pode ficar agitada assim, o socorro já *tá* vindo, espera um pouco que ele vai ficar bem — Alguém me falou e tentou me tirar de perto do meu irmão.

A voz, o tom dela, eu conhecia essa pessoa, mas ainda assim protestei.

Não permiti.

Não permitiria que ninguém me afastasse de Theo.

Desvencilhei-me com brusquidão, sem tirar meus olhos do mar de colorido que eram os de Theo.

Seus olhos perderam a cor.

Seu corpo se tornou puro gelo.

Engatinhei até ele e sacudi seu braço, tentando

PERIGOSAS ACHERON

fazê-lo prometer que não me deixaria em hipótese nenhuma, que jamais me deixaria sozinha.

Não havia Erika sem o Theo, todo descontraído e de bem com a vida. Jamais haveria.

— THEO! THEO! THEO! THEO! — Comecei a gritar histérica, até que me tiraram de perto dele, enquanto eu me debatia para que parassem de fazer isso.

Precisava ficar com ele.

EU

PRECISAVA

FICAR COM MEU IRMÃO.

Ele estava sozinho.

Frio.

Completamente perdido.

Eu precisava ficar com Theo, eu só podia contar com meu irmão... Eu precisava...

Eu pre...

Ficar com meu irmão...

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirar se tornou subitamente difícil e eu senti como se estivesse morrendo asfixiada em meio ao meu próprio luto. Como se meu peito estivesse sendo esmagado por toneladas de entulhos. Como se estivesse em uma caixa de água claustrofóbica e mortal, sentindo meus pulmões se encherem com o líquido sem poder fazer nada para respirar.

Estendi a mão.

Para que o Theo me alcançasse.

Mas ele não se movimentou.

Ao invés de sentir o seu toque quente e acolhedor, eu senti a ausência me brincar. Brincar comigo como se estivesse se aproveitando da minha solidão.

Um formigamento aqueceu a palma da minha mão e então migrou até o meu coração, querendo passar conforto. Meus olhos cheios d'água captaram uma névoa de lilás, que me contornava como uma nuance de bondade. Fechei a mão e senti o formigamento aumentar, me envolver por segundos, pairando em torno de mim, para logo depois se dissipar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A névoa de cor púrpura, aos poucos desapareceu.

Debati-me, esperneeiei, até que a força se esvaiu e eu desabei. Os braços em volta de mim me abandonaram.

Em ambos os sentidos.

Acabara de perder o que me movia.

As cores já não me brindavam mais. Tudo se tornou... normal. E eu gritei, tanto pela falta, como pela necessidade de algo especial que pudesse me acalantar.

Gritei a plenos pulmões.

Berreii.

Clamei.

Por piedade, por algo que fizesse com que isso se tornasse apenas um...

PE

SA

DE

LO.

PERIGOSAS ACHERON

Outro grito acompanhou o meu e o dessa vez era do meu tio — Meu Deus! Theo! Olíviaa! Olívia! NÃOOOOOO!

E então mais nada fez sentido.

40



Athos

Cheguei no meu apartamento e porra, a noite parecia muito linda para mim. Na moral, era como se nada fosse capaz de me deixar mal. Nem mesmo um dos vizinhos, cantando umas músicas que eu odiava, no volume máximo, ou o barulho do cara que morava em cima, transando tão forte que o teto parecia que cairia sobre a minha cabeça, ou até mesmo a mulher que morava de frente para o meu apartamento e que tentava a todo custo, conhecer o meu.

Claro que ganhar nas duas categorias que eu estava participando na exposição tinha sido um prêmio e tanto, mas o que realmente tornara o final

de semana especial estava longe de ser isso.

Fiz um café pra poder continuar minha leitura. Hoje eu terminaria aquele livro, impossível que postergaria ainda mais. *Christine* eu terminara em dois dias, *Joyland* em um, mas porra, *Sob a redoma* estava sendo uma leitura bem densa e me fizera perder um pouco da agilidade. Se bem que com as várias teorias que eu criava ao longo da leitura, era de se espantar que eu ainda estivesse vivendo numa boa.

Peguei meu exemplar na estante, retirando o marcador para poder continuar.

Sentei-me na poltrona, com minha caneca gigantesca de café e comecei a me perder nas linhas. Em alguns momentos, até franzia as minhas sobrancelhas, espantado com o que lia. Em outros eu semicerrava meus olhos, desconfiado da calmaria.

Fiquei um bom tempo com o livro.

Meu estômago roncou, me perguntei se seria vantajoso fazer algo diante da minha necessidade de continuar a leitura o mais rápido possível. Cheguei à conclusão que não, então me contentei

PERIGOSAS ACHERON

com pão, presunto e queijo e voltei a ler.

No fim da tarde, quase noite, faltavam apenas umas cinquenta páginas.

E eu estava frustrado com o rumo do final. Sério, frustrado pra cacete.

Abandonei o livro e peguei minhas pastas com desenhos na estante. Olhei para vários deles, incapaz de me desligar daquela fonte de inspiração que era a Patricinha. Já tinha feito mais de dez desenhos, sombreados, coloridos, e em todos, seus olhos estavam tão vívidos que me atingiam como um soco extremamente potente. Parecia que ela me olhava e que eles não eram apenas ilustrações, mas a imagem dela tão real e inquestionável que me fez travar em susto.

Passei meus dedos sobre os contornos e respirei profundamente.

Só olhar para ela, representada, já era capaz de me fazer feliz.



Girei o celular por entre meus dedos, na dúvida

PERIGOSAS ACHERON

se deveria ligar ou não.

A única certeza que eu tinha era que estava apaixonado por ela... Uma paixão bem louca, irrefreável e suprema que eu não conseguiria aplacar. Talvez fosse mais do que esse impulso insano que me atirava na direção dela sempre e porra... eu só conseguia implorar para que ela sentisse a mesma coisa, porque a sensação de que eu não conseguiria ser eu mesmo com mais ninguém além dela, era aterradora.

Decidi sair, para dar uma volta, sozinho. A solidão do meu apartamento era certa, mas sei lá, eu precisava fazer alguma coisa, me movimentar, para não ficar louco de vez. Caminhei por vários minutos, com as mãos nos bolsos, quieto, perdido no meu próprio mundo. Alguns desenhos vinham à minha mente e eu tentava me esforçar para mantê-los na memória até que pelo menos eu voltasse em casa para colocá-los no papel.

Alguns eram dela em meio aos girassóis.

Outros, dela lendo na mesa de mogno do estúdio, enquanto pensava que ninguém estava vendo.

Porra, que visão linda.

PERIGOSAS NACIONAIS

E que um raio me atingisse antes que eu admitisse que a vi pegar meu exemplar de *Joyland* que eu mantinha no estúdio e parar em cada marcação com *post it* que eu fizera, suspirando em todas elas. Nesse dia, como se fosse possível, fiquei ainda mais fissurado nela.

Erika era a visão mais bela que eu tivera em um bom tempo.

Suspirei profundamente. Sem chão com a miríade de sensações que envolvia meu corpo todas as vezes em que ela vinha à mente. Nem mesmo as tatuagens que eu fazia me proporcionavam uma paz tão grande.

Seu toque esquentava algo muito mais significativo do que apenas a minha pele.

Passei a mão no meu cabelo, bagunçando-o, desnortado com a falta de opções na qual me via.

Eu estava longe de ser tão bom para ela, mas por que porra essa noção só inflamava ainda mais meu desejo?

Levantei meu olhar, no mesmo instante em que uma estrela cadente cortou o céu.

PERIGOSAS ACHERON

Fiz um pedido. O mesmo que eu fizera no campo de girassóis. Duas superstições teriam mais força do que apenas uma. Era no que eu queria acreditar, ao menos.

Dei mais alguns passos vacilantes, ouvindo o som da minha bota *Timberland* esmagando os pedregulhos. Meu celular vibrou no bolso e eu o peguei, com uma animação estúpida, ansioso para que fosse a Erika. Seria mentira se eu dissesse que a mantive quando li o nome do Bruno na tela.

— Fala. — resmunguei.

Andara tanto que já estava perto da casa dele. Com o único intuito de vê-la, não poderia mentir. Patricinha me atraía até mesmo quando eu agia de forma espontânea. Aquela coisa maluca que nos ligava, sempre me empurrava em direção a ela e sinceramente, eu não sabia se queria cortá-la.

Tudo estava bom do jeito que estava.

— *Tá* acontecendo alguma coisa na casa deles, Athos. Theo saiu correndo daqui depois de atender a ligação de uma das empregadas. — Bruno falava afoito demais e eu me esforçava para entendê-lo — Sério, ele parecia fora de si e não me deixou

acompanhá-lo. Não sei o que fazer..., mas sinto que eles precisam da gente. O tio deles está com o celular desligado, mas ele saiu pra procurar por ela e não voltou até agora.

Eles precisam da gente.

Ela precisava de mim.

Não tive nem o que pensar. Se Erika passava por problemas, eu queria estar lá para ajudar.

— *Tô* perto da sua casa.

— Certo, vou te esperar. Theo foi com o carro dele, a gente vai com o meu.

Não confirmei. Só encerrei a ligação e apertei meu passo. O quanto antes eu chegasse, melhor para todos nós.



Passamos e pegamos Eros no meio do caminho. Melhor três caras do que apenas dois. Não sabíamos nem ao menos com o que lidaríamos quando chegássemos lá.

Porra!

Eros sempre tentava amenizar o clima, mas não dessa vez. Ele estava tão preocupado quanto a gente. Porque cara... Eu tentava ser forte para todo mundo, mas a verdade era que eu estava desmoronando por dentro, só em imaginar o que poderia acontecer.

— Não deve ter acontecido nada, fiquem calmos.
— Ele abriu a boca, entretanto, nem eu, nem Bruno, demos muita atenção.

A névoa de aflição no carro era tanta que eu sentia falta de oxigênio. Como se estivéssemos em extrema altitude. Estava difícil respirar. Complicado esperar por coisas boas.

Viramos na rua onde ficava a casa da família da Patricinha e nem me dei ao trabalho de perguntar como Bruno sabia o caminho. Ele o deveria ter feito em algum ponto do seu relacionamento com Theo.

Desci, caminhando frenético até a mansão, ouvi passos atrás de mim e não olhei pra trás. Era incapaz de fazer isso. A porta da frente estava aberta. Quando acessamos um dos muitos espaços de circulação e vimos todos com as mãos na boca, e

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos arregalados, soubemos que o pior já acontecera.

Não havia como voltar atrás.

Corri ainda mais rápido em direção a porta que estava escancarada e de onde os gritos nos atingiam como uma catástrofe.

Uma tragédia.

Amarga e intragável, poluída por medo e descrença.

Irreparável.

Travei na porta no exato instante em que meus olhos assimilaram a situação. Virei-me e barrei Bruno, sentindo seu corpo se chocar com ferocidade contra o meu.

Olhei para Eros, bem atrás dele e fiz um sinal para que segurasse nosso amigo e o afastasse dali. Ele literalmente não iria querer ver o que eu tinha visto naquele lugar. Ele não iria querer que sua última lembrança fosse algo tão horrível e inesquecível. Theo com certeza preferiria que ele se lembrasse da melhor forma possível dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que *tá* me segurando, porra?! Me deixa ver, caralho! — Eros segurou-o e começou a afastá-lo, sob duras penas — Me solta, porra! ME SOLTA, EROS! ME SOLTA! CACETE, ME SOLTA, EROS! — Bruno se sacudia e não aceitava ser afastado.

Mas era para seu próprio bem.

— Leve-o pra longe, Eros — Proferi.

Ele rapidamente conseguiu carregar Bruno, totalmente histérico, afastando-o da tragédia que acabara de acontecer naquele cômodo.

Enxerguei Erika se arrastando até onde Theo estava, totalmente abalada e decidi que precisava ser forte o suficiente para não a deixar carregar isso sozinha.

Passei minhas mãos pela sua cintura e comecei a tirá-la de perto de tudo. Sussurrando no seu ouvido, tentando acalmá-la — Patricinha, você não pode ficar agitada assim, o socorro já *tá* vindo, espera um pouco que ele vai ficar bem — Ela protestou contra a minha força e eu precisei de muita concentração para consegui-la manter no meu abraço de urso.

— THEO! THEO! THEO! THEO!

Ela se tornou pura emoção e eu não consegui assistir o começo do seu fim. Sabia como era isso, sabia como era perder alguém que nos firmava e porra, sabia que doía como o inferno.

Abracei-a firmemente, absorvendo as suas costas se movimentarem pesadas contra o meu peito, tentando sincronizar minha respiração com a sua, na inútil tentativa de acalenta-la.

Olhei para Theo, um cara cheio de vida e que agora era só mais uma vítima dentre tantas no mundo.

Deus!

Apoiei meu queixo no topo da sua cabeça, desolado, com a noção de que a mulher nos meus braços estava perdendo parte do seu coração, subindo em direção ao céu, enquanto tentava apenas... respirar.

Erika apertou o tecido da minha calça com tanta força que suas unhas massacraram minha pele. Senti o líquido quente escorrer da minha coxa até a minha canela, mas não me importei, não quando

sabia que ela estava a muito pouco de perder todo o controle e desejar seguir o irmão.

Permaneci no mesmo lugar, sentindo o seu terror, tocando parte da sua alma que jazia exposta, com a dor. Não sabia onde Bruno estava, nem Eros, mas esperava que eles estivessem o mais longe possível.

O pai da Patricinha encarava tudo incrédulo, tão em choque que nem ao menos se movia. Ela puxara para ele, seu cabelo negro e ondulado, os olhos extremamente verdes e vários traços faciais. Dava para notar a semelhança com uma clareza assustadora. Ele se mantinha travado, olhando para o chão, onde... estava sua mulher, também com uma poça de sangue em torno dela. E olhar para ela... me fez soltar Erika e desabar sob meus joelhos.

— Ana — Sussurrou, em um pêsame.

Meu

Coração

Parou

De

Bater.

— Ana? — indaguei, criando forças do além para perguntar.

— Ana Olívia. — O homem falou e eu coloquei as mãos na cabeça.

Transtornado.

Tudo em mim se avolumou de raiva, logo que eu olhei por mais que alguns segundos para aquela figura tão presente no meu passado.

Todas as minhas memórias me atingiram como uma enxurrada, deixando as feridas abertas e expostas como se tivessem acabado de serem feitas na minha pele. Os traços nela me lembravam alguém que eu odiava tanto quanto a mim mesmo por não ter sido capaz de fazer nada.

O asco se tornou um gigante, corrompendo a minha calma.

E eu esqueci todo o resto, focando em algo que eu já deveria ter superado há muito tempo.

Não me orgulhava daquela merda que tomou conta de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas... puta merda, como eu poderia lidar bem com algo assim?

Por culpa dela...

Pela maldita culpa dela...

Dezenas de garotos sofreram por meses intermináveis, enquanto ela entrava na sua sala e simplesmente fechava os olhos para o que acontecia. Enquanto ela bancava de madame... depois de tudo.

Meu Deus!

Como a vida poderia ser tão injusta?!

Tia Ana estava morta. Assim como seu maldito irmão.

Cada cara que eu encontrava depois da época tenebrosa pela qual passamos guardava um trauma. As cicatrizes eram aterradoras.

Um deles se suicidou porque não conseguia seguir em frente... Outro, quem impediu fui eu, chegando na sua casa logo depois que ele tomara uma quantidade gigantesca de remédios, contando com a própria sorte de que seria finalmente levado

PERIGOSAS ACHERON

para longe de toda a maldade. Até mesmo eu... os cortes nos meus pulsos ainda estavam ali, como se me lembrassem a todo instante do que Eros me salvara. Então... encontrei na arte uma forma de me expressar e ajudar as pessoas e foi isso que me deu forças para continuar.

Se não fossem os desenhos, o olhar animado de alguém que acabara de marcar a pele, eu realmente teria lançado tudo para o alto.

E porra, a pessoa que ignorara todos os nossos pedidos de súplica estava ali, inerte. Morta. Fria. Sem mais capacidade de fazer mal a ninguém.

Uma hora a vida cobrava a sua conta.

Fechei meus olhos e tudo o que eu enxergava na minha frente eram as paredes com um cinza desbotado enquanto...

Sacudi a cabeça violentamente, ouvindo o choro e os passos que eu contava.

Estava me dilacerando novamente.

Doía como o inferno, neutralizava a minha coragem com tanta perícia que eu simplesmente não conseguia respirar.

Eu não conseguia... ser nada.

Um gatilho foi acionado. Uma memória dolorida veio à tona e um sentimento de não ser merecedor, me fez tremer.

Olhei para os meus pulsos, para as cicatrizes onde tatuagens em forma de costura eram habilmente ressaltadas. Remendos da alma, feitas com tinta. Eles me lembravam a todo instante que eu tinha motivos para lutar, para lutar contra aquela vontade de me matar que me consumia sempre que eu me via preso naquelas malditas memórias, de quando eu era uma criança indefesa e sem saber a quem recorrer por ajuda.

Eu respirava inconstante, com o oxigênio sendo expulso dos meus pulmões.

— O que está acontecendo aqui? — alguém perguntou, mas eu não conseguia enxergar nada.

A pessoa passou por mim e gritou alguma coisa. Não consegui entender o quê, estava preso em um mundo do qual eu fugira desesperadamente.

Nada além daquele olhar gélido que rebatia meu desespero, durante as noites.

Só podia ser uma brincadeira de merda.

Patricinha, filha de alguém tão... repugnante.

Agora eu entendia minha mente me alertando sobre todas as coisas ruins que aconteceriam se eu me envolvesse com ela. Como raios poderia me relacionar com a filha de alguém que me fizera sofrer tanto?

Como inferno poderia me relacionar com alguém, que era sobrinha de um homem que me ensinara que o inferno era ali na Terra, antes que eu sequer perdesse minha inocência?

Era impossível.

Só podia ser uma pegadinha.

Não, não podia ser verdade.

Eu não podia amar alguém que me lembraria a todo instante do calvário pelo qual eu passara e de todo o terror que assombrava aquela parte da minha vida. Eu não conseguia ser tão sangue frio e nem Erika merecia isso.

Ela não tinha nada a ver com o que aquelas pessoas me causaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que...

Ela infelizmente saberia. E então eu não conseguiria lidar com toda a vergonha.

Uma sensação de impotência me pegou forte e eu asfixiei em meio à minha necessidade por oxigênio. Meus pulmões pareciam travados, enquanto no meu peito, nenhuma batida ecoava.

Amor era o bastante?

O que eu sentia por ela era capaz de combater todo o mal?

Um toque irradiou-se pelo meu braço. Olhei para trás, fuzilando a pessoa.

Eros.

E sua amizade incontestável.

Não falou nada, deixou a meu tempo. E porra, o que mais corria nas minhas veias era raiva. Um ódio tão grande que até mesmo o demônio sentiria inveja. Eu canalizava todos os meus traumas para um lugar em mim que eu nunca permiti ser aberto.

A caixa de Pandora da minha infância.

PERIGOSAS ACHERON

O foda, é que nem mesmo ela aguentara conter tudo que eclodia com uma força implacável e incapaz de ser contida. Rompeu-se e espalhou desordem por todas as partes de mim.

— Respira... Respira, cara. Não vai ter um ataque de pânico bem aqui...

Não passara nem sequer remotamente pela minha cabeça que a mãe da Patricinha e aquela maldita Tia Ana do abrigo fosse a mesma pessoa. O mais irônico é que o nome do lugar era “Felicidade”, quando tudo o que fizera conosco foi nos mandar para o inferno e nos jogar em desgraça.

Porque meu Deus, eu saíra de lá totalmente desacreditado quanto a bondade no mundo.

Totalmente

Desacreditado.

Dei as costas, sacudindo minha cabeça, colérico. Para todos os lugares que eu olhava, era do orfanato que eu me lembrava. Quando eu fechava meus olhos e tentava abri-los para mandar para longe as memórias, eram nelas que eu me afundava mais e mais.

Assim que me distanciei da casa, várias viaturas cortaram a rua e pararam em frente da mansão. A noção do que eu estava fazendo caiu em mim, no entanto, Patricinha que me perdoasse, mas seria impossível eu permanecer no mesmo lugar que aquela filha da puta, por mais que ela estivesse sem vida.

Impossível.

Eu estava abandonando-a, porque eu me sentia abandonado.

— Athos! — Ouvi uma pessoa me chamando e ignorei.

Não queria falar com ninguém.

Não me sentia bem para falar com ninguém além de mim mesmo.

O que eu faria depois que essa verdade foi despejada no meu colo?

Sei lá. Estava transtornado. Só queria desaparecer.

E que meus pedidos anteriores tivessem sido que eu pudesse esquecer aquela mulher que via 99

milhões de cores, ao invés de que eu conseguisse ficar com ela para sempre.

Para sempre.

Que ironia filha da puta.

“Você é forte ou fraco quando a pior luta que trava é consigo mesmo?”

E foi nesse ponto da minha vida, nesse maldito ponto da minha vida, que a única vontade que eu senti foi a de ceder para o apelo daquela minha voz interior, clamando para que eu acabasse com tudo de uma vez.

Aquela maldita voz...

Que a cada passo que eu dava, parecia ter ainda mais razão.

41



Athos

Em um passado, um suspiro de alívio me fez acreditar.

Não irei contar em detalhes, porque ainda me machuca, mas quero que saibam que em um dia do meu passado, eu simplesmente pude respirar aliviado ao saber a notícia que me fez sorrir sozinho por dias seguidos.

Ele havia morrido. Ninguém soube ao certo explicar como, também pouco nos interessava. O único sentimento que morava no peito de cada garoto ali era... alívio.

Morto. Graças a alguma entidade divina.

Era horrível pensar assim, mas depois de todo o terror, acreditava até que meus pensamentos estavam amenos. O meu maior desejo sendo, sem sobra de dúvida, que ele ardesse no fogo do inferno por tudo o que nos fizera passar.

Naquele dia, tudo o que se conseguia ouvir no abrigo eram risadas e sussurros de que a escuridão finalmente havia partido.

Tia Ana saíra logo depois que ele desapareceu. Não fazia a menor ideia do que a prendia àquele lugar, e também pouco me fodia para os seus motivos. Nunca nos ajudara, nunca sequer se dignara a nos ouvir como era do seu cargo e responsabilidade.

Ela era cúmplice dele. Agia de má fé e fingia ser cega para tudo o que acontecia atrás daquelas paredes cinzas.

Jamais esqueceria.

Do que fizera para a gente, do seu rosto todas as vezes em que passava por nós, ciente de todo o terror que vivíamos.

Nunca me esqueceria dos seus olhos frios e do

seu cabelo extremamente loiro, que brilhava a cada rajada do sol. Era como se eu soubesse que não seria capaz de prestar a atenção em mulheres com essas características simplesmente pelo fato de ligá-las a uma pessoa que me fizera tanto mal.

Ou pior, que poderia ajudar, e escolhera... se calar.

Jamais esqueci da feição daquela que se intitulava “Tia Ana”.

E sabia que não importava quantos anos se passassem, se eu viesse a cruzar com ela novamente, eu me lembraria dela, tanto quanto... ela de mim.



Quando somos crianças, achamos que nossos pais nos defenderão de qualquer mal. Eles são grandes, são pessoas que estão ali para isso, é o que pensamos. Mas, algumas vezes, as quais nós não somos os culpados, definitivamente, eles são justamente quem nos crucifixam, nos mandam para o inferno sem ao menos olhar para trás.

Sentia meu corpo mole, mas ciente do que havia acontecido.

Eu me lembrava de tudo. De toda a discussão, das suas vozes exaltadas quando eu os prensara contra a parede, e sem sombra de dúvidas me lembrava do olhar de terror no rosto de Ana Olívia

Albuquerque, ou como ela preferia ser chamada, apenas Olívia Albuquerque.

Fora naquele instante que ela decidira que eu precisava sair das suas vidas.

Unira o útil ao agradável. Simples assim.

Nos seus olhos havia raiva, mas havia também um ódio do qual eu nunca me dera conta.

Como era possível?

Como ela conseguira manter toda essa maldade trancafiada por tanto tempo?

Ali, olhando para o caixão com o corpo do meu irmão descendo, sendo levado para debaixo da terra, eu me perguntava se havia alguma luz no fim do túnel para mim.

Theo me salvara.

Ele me salvara da própria mãe, provando que seu amor era capaz de qualquer coisa. Queria ter partido no seu lugar, queria que ele não tivesse aparecido, queria ter aproveitado mais o tempo que eu tivera com aquele anjo durante a sua estada na Terra. Eu queria... Queria tanta coisa, mas era

incapaz de conseguir. Não havia volta para a morte. Se houvesse alguma, com certeza seria a coisa mais procurada no planeta.

Morte.

Uma palavra.

Cinco letras.

Uma perda.

— Ele está em paz, Erika. — Meu pai se aproximou de mim e passou os braços em torno do meu corpo.

Desvencilhei-me dele com brusquidão.

Parte de tudo isso era culpa dele também, por ter enganando todo mundo durante tanto tempo, por ter deixado que aquela mulher fizesse parte da nossa família e a estragasse completamente. No meu subconsciente, eu me esforçava a entender que caso isso não tivesse acontecido eu não teria conhecido o melhor irmão do mundo, mas havia uma parte cruel em mim, uma parte cheia de rancor que gritava que Theo não estaria gelado nesse momento caso isso não tivesse acontecido.

Funguei e olhei para o céu, com os punhos fechados.

Athos me disse que um dia, seu relacionamento com o Senhor foi totalmente abalado. O meu dia era esse, um no qual eu não conseguia ver motivo algum para uma pessoa tão especial ter perdido a vida prematuramente.

Olhei para longe, em uma árvore distante, com o coração em pedaços ao me deparar com Bruno apoiado e a cabeça baixa em desolação. Carla estava próxima a ele, com Eros ao seu lado, enquanto ambos pareciam tentar consolar Bruno diante da partida do amor da sua vida.

Nem sinal de Athos...

— Eu falei pra ele não ir, eu falei... Eu falei pra ele não ir até lá — consegui ouvir o que ele dizia, com uma dor que me atingia. — Eros abraçou o amigo e ele chorou a ponto de sacudir seu corpo, apoiado com a cabeça no ombro do outro.

Se eu já não estivesse totalmente partida, em frangalhos, teria acabado de me espatifar.

Muitas pessoas afetadas pela falta de caráter de

duas.

— Deveria se entregar. Olívia preferiu morrer a viver sem o filho, o arrependimento dela era real e latente. Você... não deveria estar aqui, deveria estar preso, porque também está com a conta pendente. Além de acabar com a minha vida quando decidiu ocultar a verdade, quando decidiu cometer um crime porque pensou apenas em si mesmo! VAI EMBORA! VAI! — Comecei a surtar e senti mãos me pararem antes que eu desferisse golpes no meu próprio pai.

— Erika... — Ele tentou falar, mas o ignorei.

— Vá embora! VAI LOGO! Está profanando a despedida de uma pessoa que não merecia ter partido por um erro de vocês! Por... — pausei ao me lembrar — minha atitude irresponsável.

Meu peito vibrou em arrependimento. Eu tinha vontade de me afundar em meio às lágrimas, se é que ainda havia alguma no meu corpo depois de passar tantas horas chorando ininterruptamente.

— Irmão, eu acho melhor você se afastar. — Meu tio falou e eu continuei me sacudindo, tentando me desvencilhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu... — Desisti de fazer força contra a barreira que era minha vida — Só queria meu irmão de volta — Desabei sobre meus joelhos, chorando, enquanto enxergava tudo na mesmice, tudo em cores que eu não via desde que a Tetracromacia se fez notável — Minhas cores, minha vida, e tudo... Eu não consigo sem ele... Não... Eu não consigo sem você, Theo... — Os pedregulhos do caminho cravavam-se nos meus joelhos e os sentia abrindo acesso pela minha pele.

Essa dor era bem-vinda. Eu a abraçava com uma necessidade de aplacar a outra que se estendia pelo meu peito.

— Erika... Precisa se levantar, nós temos que dar adeus ao seu irmão — As mãos que tentaram me segurar antes que eu caísse, alisaram minha pele, em um gesto de afeto — Vem, querida.

Deixei-me ser levada, mas não antes de ver meu pai sair do velório, e se distanciar.

Ele não merecia estar ali.

Nem eu.

Mas, depois eu abraçaria a falta de cor e me

trancaria nos meus próprios arrependimentos.

Diria adeus ao Theo, e assistiria a sua subida direta para o céu.



— Erika, abra a porta. — As batidas que não paravam de soar na madeira, sendo silenciosamente ignoradas. — Por favor? Seu irmão não gostaria de te ver assim... Já faz dois dias, e você não come nada desde então... vai adoecer e de que terá valido o sacrifício dele por amor a você?

Enxuguei algumas lágrimas que se alojaram nas minhas bochechas, e aproximei ainda mais meus braços, que rodeavam meus joelhos. Ao meu lado, espalhado pelo edredom, estavam todas as fotos que eu tirara com o meu irmão, e em todas elas Theo sorria abertamente, me provocando, enquanto eu tentava não me irritar com as suas poses. Não gostava muito de marcar o momento, eu gostava de viver, Theo amava fazer os dois.

Jamais existiria alguém tão maravilhoso quanto ele.

— Eu sinto tanto a sua falta... — sussurrei, olhando para a foto mais próxima de mim.

Com o braço sobre meus ombros, ele escondia o outro com um ovo devidamente posicionado. Era meu aniversário de dezoito anos e ele fora o primeiro a me parabenizar, guardando as suas artimanhas para o final.

Por mais que eu nunca soubesse quando contar com os que se proclamavam nossos pais, eu sempre soube que podia contar com ele. Não importava o que acontecesse, Theo estaria ali.

Isolei-me no seu quarto.

Não queria falar com ninguém.

Absolutamente ninguém.

— Ela não vai abrir — A voz do Bruno soou baixa, como se ele estivesse se confidenciando com meu tio.

— Não. Já não sei mais o que fazer.

— Liguei para o Athos — Um soluço irrompeu do meu peito ao ouvir esse nome, mas logo cessou e morreu nas profundezas da minha solidão — Mas

ele não atendeu. Não tem falado com ninguém depois do que aconteceu. Eros também tá preocupado com ele.

— Não precisa ser forte comigo, garoto. — A voz do meu tio guardava um tom condolente e eu passei a ignorar tudo o que eles disseram a seguir.

Não me sentia capaz o suficiente. Não me sentia preparada para nunca mais ver aquele sorriso ou ouvir os conselhos de um cara que se achava um ancião só porque era o irmão mais velho.

Não era a única que sofria, sabia disso. Só que eu precisava de um tempo... para tudo. Não conseguia entender tantos motivos para a vida seguir caminhos como os que seguira. Eu precisava desesperadamente me trancar em mim mesma para não deixar que a falta me impulsionasse a acabar... com a ausência.

Chorei.

Chorei desde o momento em que tudo acontecera e continuei chorando desde então, secando toda a fonte de felicidade que um dia eu achava possuir. Ela não era suficiente, talvez nunca tivesse sido e a água que escorria feliz até uma nascente, acabara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de se tornar o mais puro deserto.

As rachaduras se solidificaram e se espalharam por todo o terreno.

E os cacos?

Ah, os cacos...

Se tornaram milhares.

PERIGOSAS ACHERON

43



O destino era uma piada cruel.

Não havia desculpa quanto a isso.

Fazia dois dias que eu não saía do meu apartamento. Fazia dois dias que eu sequer abri as janelas para ventilar e tirar aquele odor de morte que pairava em torno de mim. Todo mundo que se aproximava acabava por perder a vida. Que ironia filha da puta, que porcaria de ironia ela ser filha justamente de quem eu não conseguiria perdoar nunca.

Erika.

Seu nome me fazia perder a noção de qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

outra coisa. A necessidade que eu sentia de esquecer tudo e abandonar meus rancores era imensa. Mas, eu me continha.

Não atendi ninguém que tentou falar comigo.

Seria perda de tempo, porque eu simplesmente não sabia o que dizer. Já imaginava que eles lançariam a frase “Ela precisa de você”, era típico deles. Só que... porra! Se eles soubessem de tudo, entenderiam a minha necessidade de me afastar para ficar em paz.

Ouvi algumas batidas na porta e olhei para a madeira, como se isso fosse mudar alguma coisa.

Estava sentado em uma das poltronas, sem fazer nada.

A televisão, desligada.

Os livros, jaziam intactos na minha estante.

Não começara uma nova leitura e nem sabia quando começaria.

O ânimo para fazer qualquer coisa que demandasse uma parcela da minha concentração, fora de cogitação.

PERIGOSAS ACHERON

— Athos, sou eu — Ouvi a voz da Milena e a surpresa foi maior do que a minha vontade de ficar sozinho.

Levantei-me e abri a porta, com uma falta de animosidade clara.

— Aconteceu algo?

Ela segurava sua bolsa na frente do corpo, receosa, ao mesmo tempo em que a ansiedade a acometia, por estar ali, no meu apartamento.

— Suspeito que tenha acontecido com você. Eros me procurou e contou que está trancado aqui faz dois dias. Decidi passar pra ver como estava e pra saber se comeu ou se precisa de alguma coisa. Sabe como é, ainda mando muito bem em cozinhar e posso fazer algo pra você sem problema. — Ela mordeu o lábio inferior e olhou em volta. — E nossa... é estranho voltar aqui sabendo que a gente não vai ficar e tal...

— *Tô bem, não preciso de nada* — resmunguei.

No fundo, o que eu queria dizer era que não precisava dela, que precisava de outra. Porém, isso iria contra tudo o que eu acreditava. Não podia ser

estúpido com ninguém, ainda mais em uma situação como essa.

— Por que eu não acredito na sua fala? — A descrença foi certa.

Milena depositou sua bolsa em cima do balcão americano e começou a abrir meus armários, procurando algo para fazer.

Seria errado eu dizer que a sua tranquilidade em se mover no meu lugar me incomodou?

Porque porra, me incomodou pra caralho.

Ela só queria ajudar, eu estava ciente dessa merda, mas ela não era a mulher que eu realmente queria. Ninguém seria.

— Milena... — Proferi seu nome inteiro, atraindo sua atenção — Não me leve a mal, nem nada disso... Sei que *tá* querendo me ajudar e tomar conta de mim, mas a pessoa que eu quero que faça isso é justamente a que não pode fazer no momento. Me desculpe por *tá* lançando a real assim pra você. Mas eu a amo e sinto como se fosse errado, diante desse momento, em que tudo aconteceu rápido demais, você *tá* aqui, e ela não,

entende? Quero ficar sozinho, quero refletir. Pode ir embora, e falar pro Eros que eu sei me virar, que vou ficar bem.

— Eu... — Ela parou de mexer em tudo e me olhou, com pesar — pensei que poderíamos voltar a nos entendermos. — Suas mãos desabaram ao lado do seu corpo e eu mantive minha determinação.

— Não dá, sabe que não funciona assim.

Milena era a mulher da qual eu falara para Patricinha, que não déramos certo porque ela queria uma relação mais aberta. O foda é que eu não estava interessado nisso e agora ela parecia querer contornar o terreno de todas as formas possíveis, para voltar atrás de algo que dissera.

Pelo visto, havia tantos arrependimentos nela quanto havia em mim.

Não me sentia bem, dando esperanças para uma pessoa que não faria mais parte da minha vida, não no sentido amoroso da palavra. Ser amigo dela? De boa para mim. Mas, não dava pra *mina* colar em casa e achar que tudo voltaria a ser como era, só porque percebera a minha fragilidade.

— Certo. Me deixe só fazer algo pra você, ao menos? Não vai comer nada? — Sacudi a cabeça negando.

— Melhor não. Por favor, vá embora. Não quero ter papo com ninguém. Quando eu estiver melhor, podem ter certeza que eu mesmo volto a minha rotina. Aos poucos, a vida segue seu caminho e todas as pontas soltas se encaixam. Não tentem apressar o que nem eu sei o que é ainda.

Ela concordou com um aceno e pegou sua bolsa em cima do balcão.

Soltei uma lufada de ar, aliviado, ao notar que mesmo que ela estivesse chateada, eu fizera o certo. Meu coração estava despedaçado, pisoteado, cheio de dúvidas, ainda assim, ocupado.

— Se precisar, sabe que pode ligar.

Anuí.

Olhei fixamente para a parede, até que ouvisse a porta sendo fechada. Voltei a me sentar na poltrona e ali eu fiquei, por horas, pescando pensamentos e revivendo situações que não queriam me abandonar. O foda, era que elas eram maravilhosas

e só ressaltavam o motivo para eu amar tanto a Erika, que não conseguia enxergar um futuro se eu não a visse todos os dias.

Decidi me corroer em outro lugar e peguei a chave do carro, saindo do apartamento antes que outra pessoa aparecesse.

Algun tempo depois, eu já estava sentado no banco do mirante. No exato lugar onde eu tinha aberto uma parte do meu coração para ela. A única pessoa que chegara perto de decifrar o que eu mantinha apenas para mim. O que eu usava para me trucidar sempre que a vontade de desistir aparecia.

— Por que ela? Por que, meu Deus? — perguntei, para ninguém em particular.

Era uma resposta que eu não poderia ter.

Encostei no banco, olhando para o céu e para as luzes da cidade, que se estendiam à minha frente, sem qualquer sinal de que parariam de brilhar algum dia.

Voltei depois de horas para casa, mas antes...

Passei e comi o lanche que nós tínhamos comido

PERIGOSAS ACHERON

naquele dia. Repeti todo o nosso percurso em uma vã tentativa de encontrá-la, mesmo que ela... não estivesse ali.



Frika

Seis semanas depois

O primeiro estágio da morte era a descrença, onde nos recusávamos a acreditar que a pessoa havia partido para um mundo melhor. Nós fechávamos os olhos e pensávamos que ao abri-los, o sorriso que nos aquecia estaria ali, nos brindando.

O segundo era o arrependimento. Nos arrependíamos de tudo, dos momentos não aproveitados, dos “eu te amo” não ditos e das desculpas não proferidas. Eu tinha muitos arrependimentos. E eles eram extensos, tão extensos e doloridos quanto o terceiro estágio que me atingia... A culpa.

E ela era tão presente nessas semanas em que eu estava sem o meu irmão que eu não conseguia fazer nada sem me perguntar o que teria acontecido se eu não fosse tirar satisfações com meus pais. Theo estaria vivo e então, eu poderia abraçá-lo.

Finalmente...

Vinha a aceitação. Entenda bem, aceitação, jamais superação. Nunca superaria o peso que era aquela sensação de vazio no meu peito, aquela falta gigantesca que consumia meu ar. Theo sempre ocuparia parte do meu coração e assim seguiria, até o fim dos tempos.

Aceitara, finalmente aceitara que ele não apareceria na porta do meu quarto, oferecendo chocolate quente nos meus dias de TPM, ou que eu não poderia me reconfortar em meio ao seu abraço quando tudo fosse demais. Mas, seu amor, estaria sempre ali por mim.

Incontestável.

Puro.

Singelo.

E tão imenso quanto o universo — Um o qual
PERIGOSAS ACHERON

nem a ciência sabia a medida exata.

Talvez fosse assim, amores verdadeiros, se tornavam impossíveis de serem classificados e medidos. Um amor irrevogável. Não importava o lugar que ele estivesse, carregava uma parte minha com ele.

— Pronta para irmos? — meu tio perguntou.

Meu pai havia se entregado, para participar de uma investigação de fraude em licitações da prefeitura e outros esquemas criminosos que mantinha na construtora, além do que fizera comigo. Ocultar e alterar o nome da minha verdadeira mãe.

O mínimo que ele deveria fazer, eu pensava.

Com isso, a mãe do Ricardo também foi indiciada como coautora, por ajudar Olívia, que havia sido enterrada ao lado do Theo, por mais que eu não concordasse com isso. Ela teve seu enterro após o dele e somente meu tio compareceu. Eu estava com tanto ódio que não me faria bem ir até lá.

Meu tio me entregara uma foto da minha

verdadeira mãe e dissera que ela tinha um irmão, e que seus pais haviam morrido. Mas, se eu quisesse, ele poderia me levar para ver meu tio materno. Recusei-me, ainda não estava pronta para isso, talvez estivesse um dia... ou não.

Eu havia sido quebrada e nunca conseguiria colar todos os cacos, incapaz de sorrir e ver qualquer beleza diante de uma vida em que eu ficaria sozinha, sem Theo para me aconselhar, sem seus sorrisos ou a sua pose sempre feliz. Pisquei diversas vezes e só então me lembrei... Aceitação... é, eu ainda estava nessa fase, por mais que... sentisse como se aceitar fosse o mais errado a ser feito.

Eu não enxergava mais todas as cores que antes.

Olhei para o meu tio, semicerrando os olhos e absorvendo a cor da sua camisa. Branca. Totalmente branca. Passei as mãos nos meus olhos, enfurecida e quando foquei novamente na peça, sua cor não mudara, não era um arco-íris, nem mesmo havia algo além do branco ali.

As lágrimas desceram, como se a represa dos meus sentimentos extrapolasse agora que eu

entendia o tamanho do choque que sofrera.

— Não chora, minha linda, não chora. Vai passar... Toda essa dor vai passar e o conforto por ter conhecido um anjo antes que ele voltasse ao céu, vai morar em você — Seu abraço foi carinhoso, assim como as suas mãos, subindo e descendo pelas minhas costas, em compreensão.

Não conseguira me desapegar do meu irmão. Não conseguira viver durante essas semanas. Era como se... eu estivesse oca. Como se fosse uma figura vazia diante da Erika que eu costumava ser.

— Por que ele, tio? — indaguei e levantei a minha cabeça, com a visão embaçada, admirando a figura mais paterna que eu tivera durante minha tenra vida.

Pai era uma definição muito ampla para o que realmente significava ser um.

— Porque ele cumpriu o propósito dele por aqui, Erika. Amou, foi amado, fez a diferença nas nossas vidas e salvou alguém que ele amava de ser injustiçada e morta por uma briga sem sentido. Por uma inveja que se tornou a ruína de muita gente.

Passei meus braços em torno da sua cintura e apoiei a cabeça no seu peito, sendo consolada pelo segundo homem que sempre estivera ali por mim, até mesmo na ausência.

— Queria que a realidade fosse mais bonita, tio.

— Eu também, *querida*, eu também.

— Acha que eu estou fazendo o certo em me afastar?

— Erika, se ficar no estado em que está, vai enlouquecer e eu não vou deixar que isso aconteça com você. Nunca! — Enfatizou — Sempre quis pintar, sempre quis seguir uma carreira diferente da que todo mundo planejou pra você e, é justamente isso que vai procurar. Reencontrar a felicidade nos momentos mais simples da vida.

— Tomara que esteja certo — falei e dei um passo para trás, olhando em volta do meu quarto.

Deparei-me com Bruno, me fitando tristonho da porta. Ele sustentava as mãos sobre o peito e parecia tão desolado quanto eu estava em partir. Mas, não era definitivo, claro que não. Era apenas para eu me descobrir fora da bolha que tinha sido

toda a alienação que eu vivera até ali.

— Então *tá* mesmo se mandando? — a pergunta saiu duvidosa, como se ele ainda se prendesse à frágil noção de que eu poderia desistir.

— Sim. Mas, não pense que eu vou ficar pra sempre lá. Acha que vai se ver livre de mim fácil assim?

Caminhei até ele e o abracei, mantendo um aperto firme, sentindo o calor do seu corpo como uma forma de me ater a lembrança do meu irmão.

Ele amava Bruno e isso era o suficiente para me fazer amá-lo também. Com todas as minhas forças.

— Deus! Só porque eu já estava começando a comemorar que não teria que aguentar mais você e suas falas extensas? — Ele deu uma pausa — Sinta a ironia na minha voz.

Abri um sorriso genuíno.

O primeiro que eu dava desde...

Ele se fechou, antes que eu conseguisse controlar.

— Voltarei, meu querido. E terá que lidar com PERIGOSAS ACHERON

meus discursos de horas, você querendo ou não. — Dei batidinhas no seu peito e me distanciei.

Bruno não se esforçava para conter as lágrimas, demonstrando quanta falta eu faria.

— Só... vá atrás dele antes de se mandar? Por favor?

Sabia de quem ele estava falando e nem precisava ter feito esse pedido, eu já estava decidida a ir falar com Athos, já que ele me ignorara com uma eficácia que me deixara sem saber como agir.

Claramente, não queria falar comigo.

Eu, desesperadamente, precisava falar com ele.

— Não precisava nem ter feito esse pedido, eu já iria fazer isso.

O suspiro aliviado que ele deu não foi invisível aos meus olhos.

— Ele *tá* uma merda... E acho que devia ir até lá pra ele te explicar o motivo. Eu não posso dizer qual é, mas vai por mim, é muito foda, do tipo foda de verdade — Eros falou.

Acenei com a cabeça.

— Eu vou sentir tanto a sua falta! — Senti um corpo se chocar ao meu e apenas abracei.

Minha amiga estava surtando porque eu viajaria para Montreal e não fazia a menor ideia de quando voltaria.

— Calma. Isso não é um adeus. — Tranquilei-a.

— Vou amarrar suas mãos na cama, e nada de me acusar por cárcere privado! Eu não quero que você vá embora... Por favor? Quem vai me aguentar, Erika? — Começou a chorar e eu chorei junto.

Ela quase nunca chorava, e vê-la emocionada dessa forma, abriu todas as comportas das minhas emoções.

Abracei-a apertado. Por um longo tempo. Sentindo que minhas resoluções já não pareciam mais tão certas assim.

— Ela precisa ir, gata.

Carla me soltou e olhou para Eros com um olhar

feroz.

— Não está ajudando.

— *Tô* sim, *tô* dizendo a verdade. A vida inteira ela fez o que as pessoas em volta dela queriam que fizesse. Deixe que faça finalmente alguma coisa que ela verdadeiramente quer. Quando voltar, estaremos aqui e ponto final, amigos são pra isso, não para prender alguém a um lugar, mas pra soltar e esperar quando for o tempo de voltar.

— Odeio quando esse filho da mãe tem razão — Minha amiga fez um muxoxo e me olhou.

Ela estava tão arrasada quanto eu.

— Então, tudo pronto? — Meu tio passou um dos braços pelo meu ombro, enquanto com o outro, segurava a alça da minha mala.

Ela não era grande. Eu me desapegara emocionalmente de muitas coisas e só estava levando o que realmente precisava. Não queria mais bagagem do que seria capaz de suportar, tanto no sentido figurado, como no real.

— Sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acenei com a mão, me despedindo dos meus amigos e senti como se estivesse deixando uma parte minha ali, assim como tive a certeza que eu voltaria.

Sem falta, eu voltaria para casa.

Só precisava...

Me encontrar antes.

PERIGOSAS ACHERON

45



Cheguei no galpão onde a galera se reuniria, com minutos de folga do horário marcado. Iria para o estúdio depois e estava com uma sensação horrível de que hoje era o ponto de ruptura.

Um ponto onde só ignorar não surtiria efeito.

— Ei, *mano*, como *tá*? — Hudson, um dos caras do grupo perguntou.

Deixei minha mochila no chão, ao lado da parede que grafitaríamos.

Éramos conhecidos de longa data, desde quando eu me via perdido, sem qualquer sentido, até quando me descobri em meio a arte. Extrapolava

tudo o que me atormentava, e fazia de toda essa frustração, algo que todo mundo olharia e amaria dali para frente.

Ele fizera alguns cursos comigo e com Eros, no entanto, decidira seguir com a vida de grafiteiro e não parara desde então. Enquanto eu e o deus do amor ganhávamos grana tatuando e fazendo desenhos no tempo livre, ele o fazia o tempo todo.

— Bem. — resmunguei.

Bem.

Três letras mentirosas que escondiam o meu verdadeiro estado.

Mal.

Horrível.

Sem qualquer sombra de alegria.

A cada hora do meu dia, me lembrava da Erika, do Theo e de quem eles chamavam de mãe. Se tudo poderia dar uma volta tão drástica assim, teria fugido antes que a bomba estourasse.

Escutei o barulho das rodas de skate deslizando pelas rampas de concreto e me recordei de um

PERIGOSAS ACHERON

tempo em que eu só queria acabar com tudo, me recordei do quão forte eu precisei ser na época para seguir em frente.

O eco no galpão aumentava conforme mais e mais pessoas chegavam para se divertirem.

Era um local cedido pela prefeitura para que a galera andasse de skate sem perturbar a paz pública. Ali, eu estava entre os meus, com alguns caras que passaram pelo mesmo que eu, vários deles antes e por mais tempo, infelizmente.

— Foi ontem no abrigo? — O que já estava chacoalhando seu *Colorgin*¹⁸ perguntou.

Ele sabia muito bem do que todos nós fugíamos.

— Fui. Ajudei a criançada a fazer uma tela no muro. Semana que vem, quem é? Você? — indaguei.

Agitei a minha lata de tinta spray e tirei a tampa. Comecei a desenhar qualquer coisa que me viesse a mente. Não me prendi a um desenho fixo, quando se tratava de grafite, eu gostava de improvisar e principalmente de fazer uma crítica implícita ao descaso com a educação, os olhos cobertos diante

da violência e a falta de amor ao próximo.

Antes que eu percebesse, traçava a frase: *Pode ser romance?*

Aquela música não saía da minha cabeça.

Dei uma pausa, respirei fundo e olhei para a parede inteira, tentando focar no que eu deveria fazer, ao invés de me manter preso a uma mulher que nunca poderia ser minha, a qual eu nunca conseguiria fazer feliz. Conhecia meus limites e sabia que não lidaria bem comigo mesmo tão próximo de algo me atormentava.

*“Que dure para sempre na minha vida esse momento.”*¹⁹

Fechei os olhos e deixei que minha mão desabasse ao lado do meu corpo.

Seis semanas.

Seis malditas semanas sem conseguir pensar em nada além da Patricinha, do seu sorriso e a forma com a qual ela via o mundo. Eu entregara meu coração, sem querer ouvir aquele aviso que minha mente teimava em dar e agora, já não conseguia

mais pegá-lo de volta.

Só me restava aceitar e torcer para doer menos a cada dia.

— *Tá* uma merda hoje. Certeza que não prefere se sentar e ficar de boa? — Alguém perguntou e eu balancei a cabeça negando.

Ficar de boa.

Como se eu conseguisse fazer isso sem perder o fôlego, sem que tudo me invadissem, em uma lembrança do que eu tivera e perdi. Por escolha própria. Não adiantava eu ansiar conquistar o topo se não era merecedor de estar lá.

— Melhor não. — Comecei a pintar as pétalas.

Um amarelo vívido tomou forma. Já que eu não ficaria com ela, ao menos teria uma espécie de memorial para aquele sentimento que não se findava. Todos os nossos momentos eram como doses homeopáticas para combater meu vício, e causavam um tremor de abstinência todas as vezes em que eu pensava que não teria nunca mais aquilo.

Alguns traços saíram tremidos, mas no final eu conseguiria consertar.

Todo mundo perto de mim, ficou quieto, percebendo que eu não era uma companhia muito falante hoje.

O burburinho de pessoas conversando, gargalhando e combinando saideiras reverberou por todo o lugar, enquanto eu ignorava tudo com uma habilidade fenomenal que eu queria dispensar a outras partes dos meus pensamentos também.

Foquei em desenhar, em colocar na parede tudo o que eu sentia.

Fiquei ali até que todos já tivessem saído, até que a única alma machucada naquele barracão fosse a minha. Ainda não era tarde, mas o pessoal precisava almoçar e fazer qualquer outra merda. Eu também, mas tinha uns minutos de sobra.

— Então você está aqui. — Ouvi uma voz que nas últimas semanas eu só escutara nos meus sonhos.

Antes que eles se transformassem em pesadelos.

— Como pode ver — murmurei.

Meu corpo inteiro ficou tenso, sabendo que ela entenderia exatamente o que eu estava fazendo. O
PERIGOSAS ACHERON

motivo para aquele desenho ter tanto de nós dois que não era nem possível olhá-lo sem enxergar tudo. Minhas roupas estavam manchadas em vários pontos diferentes, fruto das minhas misturas de cores e de como eu colocara cada detalhe naquele campo retratado na parede.

Não era como todo mundo via.

Era como Erika enxergava.

Uma homenagem a alguém que mantinha um lugar cativo e exclusivo na minha vida. E perfeito, agora a *mina* sabia que mesmo depois do gelo, eu não conseguira parar de pensar nela.

— Ficou lindo, era assim que eu via. — sua fala chamou a minha atenção e me virei, para absorver as alterações no seu semblante.

— Via?

Patricinha se manteve distante, onde começava a pista de skate. Alguns metros nos separavam fisicamente, enquanto mentalmente quilômetros era uma definição mais exata.

Ela ainda não sabia o motivo para eu não querer falar com ela, o motivo para eu não ter aparecido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no enterro do Theo e principalmente, o motivo para eu ter ignorado todas as suas tentativas de contato desde o fatídico dia em que descobri a verdade.

Se ela não aparecesse, eu de fato, não iria atrás.

— Eu perdi isso, Athos. Naquele dia... — ela não precisava especificar — eu perdi algo além do meu irmão. Eu perdi o que me tornava especial. — Sua voz melancólica abalou minhas estruturas. — Por que você não ficou lá? Por que quando eu tentei conversar, me ignorou? Por que quando eu mais precisei... você desapareceu?

Meu peito estava doendo.

Eu não conseguia respirar.

Joguei a cabeça para trás, tentando conter aquele rasgo que me separava ao meio. Trinquei meus dentes ao ser julgado por ela, sem que ao menos entendesse que o que ela pedia seria a coisa mais difícil que eu faria na vida.

— Sua mãe, Erika... — Comecei, minha respiração saindo entredentes.

De que adiantava correr do passado?

PERIGOSAS ACHERON

Quando ele finalmente nos encontrava, só tornava tudo pior.

— O que tem ela? Não precisa mais ficar com medo, ela está...

Eu a interrompi com uma risada amarga. Virei-me e percebi o choque espalhar-se no seu rosto, com a minha feição tão dura quanto pedra. A amargura com certeza me transformara e eu não sabia mais o que fazer para não deixar que ela dominasse minhas ações.

— Medo... — ironizei — eu deixei de sentir medo há muito tempo, depois que eu vi o diabo de perto! Ela, aquela mulher... acabou com toda a minha esperança e me deixou a Deus dará, na verdade, todos nós. — Meu punho estava tão fechado em ódio, que eu sentia minhas unhas perfurarem minha pele fina das palmas.

— Como assim?

— Ela trabalhava no orfanato para o qual fui quando fiquei sozinho. Não havia tios, nem parentes próximos para ficarem comigo. Não precisa adivinhar muito para saber como eu estava quando cheguei lá, não é? O homem que cuidava

PERIGOSAS ACHERON

da limpeza era doente e inescrupuloso. Logo na primeira semana eu entendi por que todos tinham medo dele e porque se retesavam sempre que se aproximava. Foi a pior noite da minha vida, foi a pior noite porque eu perdi toda a minha inocência ali. Sua mãe, ou irmã dele, como queira chamar, tanto faz pra mim, odeio os dois, se recusou a nos ajudar quando eu fui até ela, implorar para que falasse com seus superiores sobre o que acontecia. Eu implorei, Patricinha, ajoelhado, com o meu orgulho resumido a pó, só para que ela nos socorresse e contasse para alguém. Foi a mesma coisa que nada, todos os abusos só aumentaram e continuaram até que ele desaparecesse e logo depois ela. Eu tinha onze anos... Onze anos. Não me lembro de dias felizes desde então, a não ser os que você protagonizou, quando entrou na minha vida.

Erika colocou uma das mãos na boca, aterrorizada.

Se ela tivesse noção de como eu me sentia por estar desabafando com ela sobre algo que ainda mexia tanto comigo, se viraria e iria embora para nunca mais voltar. Eu tremia, não de pavor, não de

medo, mas de vergonha, por ter que contar isso para outra pessoa, ao invés de manter esse segredo comigo até que eu descesse à cova.

— Meu tio... com problemas mentais, que morreu há muito tempo, abusava de vocês? — Proferiu ela, tão horrorizada que um prelúdio de arrependimento nascia em mim. — Ele... Ah, meu Deus! — Dava pra tocar o seu pavor.

Odiava ouvir isso, mas era o que tinha acontecido, não era?

Ainda doía.

Ainda machucava.

E porra, uma outra ferida se abria quando eu tinha a noção de que não ficaria com a mulher que mais me fizera sentir vivo.

— Agora você sabe por que eu não estava lá pra você. — Virei-me novamente e sacudi a lata na minha mão, voltando à pintura na parede. — Eu não estava lá nem para mim mesmo. Acha que é a única que precisa de alguém? A cada olhar que você topa na rua, tem uma pessoa precisando de outra, nem que seja para abraçar e ser consolada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma cidade de problemas, várias peles que funcionam como muros, em torno de algo incapaz de ser contido.

A arte quase finalizada.

Quando a terminasse, daria as costas para a parte mais feliz da minha vida. Estava ciente disso.

— Athos...

— Corta essa. Nada de dó pra cima de mim, se eu quisesse pena de alguém, eu pedia. Só... me deixe em paz de hoje em diante, certo? Queria saber quem causou as marcas pelas quais eu me odeio tanto e agora que sabe, se dê por satisfeita. Não vou mais tocar nesse assunto, com ninguém. Só quero deixar que morra pra sempre. Já fiz um esforço do caralho pra me cobrir inteiro, não vou tirar o véu nunca mais.

— Eu não posso ser a sua âncora? — ela perguntou e a sua delicadeza flutuou até mim. — Não posso ser quem te segura quando precisa cair? Como fez comigo?

— Não quando eu não estou bem pra ser a de ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

— Está me quebrando.

Por que ela fazia isso?

Torturava a nós dois?

— Se afaste de mim, Erika, como deveríamos ter feito no começo.

— A pintura na parede do orfanato foi você, não foi?

Minha mão congelou.

Eu sabia de que pintura ela estava falando.

O desenho que eu fiz, com a ajuda das crianças, deixava claro que eu perdera completamente meu coração para... ela.

A mulher representada no grafite, com um girassol nas mãos cobrindo parcialmente seu rosto, enquanto ela olhava para frente, com os olhos brilhando, era idêntica a ela. Tão idêntica que até mesmo eu ficara surpreso com o resultado quando finalizei.

A frase que eu escolhera para representar a arte, ainda queimava dentro de mim: “Se todas as cores pudessem falar, elas diriam seu nome.”

Uma metáfora para o que ela confidenciara.

Se cada cor que ela antes enxergava, pudesse sussurrar, com certeza clamariam por ela, a cada segundo do dia.

— Já deve saber — resmunguei.

— Ficou linda.

Por minutos, o único barulho que velejou entre nós foi o “*shhhhh*” do meu spray, trazendo uma camada a mais de cor para a paisagem que se estendia a minha frente.

— Nunca mais iremos conversar? — Quando ela percebeu que eu não diria nada, se apressou em cobrir o silêncio.

A faca que eu mesmo cravara no meu peito, afundava mais e mais ao notar o tom choroso na sua voz.

Eu não queria causar sofrimento a ela, mas porra, eu me sentia perdido e sem qualquer perspectiva. O que ela queria que eu fizesse?

— O que faria no meu lugar, Erika? — minha pergunta foi retórica e ao escutar o seu suspiro

pesado, a vontade que me dominou foi a de parar com tudo, ignorar aquela merda e correr na direção dela, para apagar tudo de ruim que acontecera a nós dois.

— Não sei. Só queria me despedir de você, Athos. Eu vou embora, com o irmão do meu pai. Descobri que Theo não era filho do meu pai e que eu não sou filha de Olívia, por isso ela sempre me tratou mal, como se eu não merecesse estar ali. Sou filha de uma mulher que meu pai amou e que morreu pouco tempo depois que eu nasci. Ele já estava casado, então imagina o quanto Olívia ficou feliz em me receber, não é? Ninguém nunca me disse, mas segundo Carla, os pais dela sabiam, só não se metiam no assunto, porque os Albuquerque haviam decretado que ninguém fofocaria sobre isso. E os pais do Ricardo, bom, eles tinham certeza, porque ajudaram Olívia a falsificar documentos para me registrar.

Dessa vez eu abri a boca chocado e me virei, percebendo o tamanho do buraco na lama no qual Patricinha estava atolada sem saber.

Putá pedaço de merda!

Dei passos na sua direção e travei.

De que adiantaria eu consolá-la pra depois não dar em nada?

Poderia ser uma esperança filha da puta. Só isso.

A expectativa de que eu me aproximasse, despontou no seu semblante e me massacrou.

— Sinto muito. — Realmente sentia.

Ela tomou a iniciativa e veio na minha direção. Não tive reação quando Erika se colocou nas pontas dos pés e prendeu seus lábios aos meus, com carinho e ternura. Não me controlei quando a virei com pressa e a empurrei em direção a parede. Minhas mãos se prenderam à sua pele exposta da cintura e eu firmei meus dedos com uma necessidade aterradora.

A sentia em cada poro do meu corpo.

Ela permeava cada vontade que teimava em comandar minhas ações.

Aprofundei minha língua na sua boca e ela a envolveu com a sua, enquanto nossos gemidos ecoavam pelo balcão. Apertei-a ainda mais contra a

parede e subi minhas mãos pelas suas costas, absorvendo cada reação do seu corpo ao meu contato. Mordisquei seu lábio inferior e descii minha boca pelo seu pescoço quando ela arqueou o corpo, oferecendo-se para o desastre que éramos nós dois.

Um desastre do caralho.

— Por que é tão difícil resistir a você? — indagou ela.

— Porque somos errados. — sussurrei e voltei a beijá-la.

Em um Romeu e Julieta moderno, torcia para que nosso final fosse diferente do deles.

Sua mão se firmou no meu peito e eu cambaleei com o empurrão que levei.

Ainda estava ofegante quando meus olhos encontraram os seus.

Notei que a havia perdido, mesmo que fosse a única que despertasse esse sentimento ambíguo em mim.

A determinação que flutuava entre a gente, era

inexplicável. Erika tomara a sua decisão e pela forma como também respirava irregular com o nosso beijo, presumia que contava apenas com a minha concordância com ela.

— Embarco a tarde para Montreal e não sei quando voltarei.

Abri a boca, nada saiu.

Esperaria por qualquer coisa, menos por algo assim.

— O que vai fazer por lá? — Tanto pra dizer, tanto pra perguntar, e foi justo isso que eu disse.

Porra.

Eu era um otário!

— História da arte. Meu tio acha que é fundamental a minha integração no campus o quanto antes pra poder assimilar o sotaque. Falo inglês, mas vou fazer um intensivo de francês e ver se consigo acompanhar tudo.

Fiquei impressionado. Isso era algo que eu a via fazendo. Com certeza. Patricinha era uma mulher com coração para arte, e cacete, me vi torcendo

para que tudo desse certo com ela.

Mesmo querendo com tudo de mim, que ela desistisse e ficasse comigo.

— Parece legal.

— E é. — Torceu as mãos na frente do corpo.

Acompanhei seu gesto com as batidas no meu peito se tornando cada vez mais pesadas.

— Tenho certeza que vai amar. — Ela parecia aguardar que eu dissesse algo mais, entretanto, me calei.

— Bom, é isso. Te procurei pra me despedir. — Ela se aproximou de novo e dessa vez depositou um beijo suave na minha bochecha, deixando uma sensação de formigamento quando se afastou novamente — A gente se vê algum dia, Athos. Se cuida, amo você.

Fiquei paralisado diante da sua fala e a assisti caminhar a passos decididos para fora do balcão.

Virou-se rapidamente, só para terminar de me ferrar — Se deixar que seu passado fique entre você e qualquer pessoa, nunca será feliz. Deixe que

alguém te ajude a lidar com isso. Já superou, porque quando decidiu ajudar as pessoas, quando se manteve firme mesmo diante do caos, você já se decidiu. Permita que alguém ajude a carregar o fardo, e que te faça sorrir todos os dias, como eu sei que fica lindo e relaxado quando faz. É um dos vários motivos pelos quais... eu te amo. — Terminou de falar e passou pela porta do barracão.

Vi o topo da sua cabeça se distanciar pela parte aberta da estrutura.

Não olhou para o lado.

Sequer demonstrou temor enquanto se afastava... sei lá por quanto tempo.

46



Athos

— Ela vai embarcar e você ainda está aqui? —
Eros exclamou, em choque.

— Sim. Pesquisei os voos pra Montreal, acho que ela embarca em mais ou menos, — olhei para o relógio do AC/DC na parede — daqui uma hora. — exclamei. — me disse que seria a tarde no galpão, presumo que seja no próximo, que é às 3:00 da tarde.

Estava desenhando uma *tattoo* para uma *mina* que viria no próximo dia. Depois que a Erika saiu do estúdio e voltou a fazer sei lá o que ela fazia, nossos horários livres voltaram a nos dar o ar da graça.

Precisávamos de outra recepcionista agora.

Depois de perceber como tudo funcionava bem com alguém controlando as coisas, meio que nos sentíamos órfãos da organização profissional.

Um relâmpago cortou o céu fora do estúdio e eu assisti, com meu corpo vibrando, a luz poderosa incidir sobre algum ponto da cidade, ao longe. Parei de desenhar e fiquei alguns segundos, olhando aquilo, absorvendo que agora, eu não parecia mais me mover com medo desses dias.

Dias de chuva torrencial, onde tudo o que me afligia eram os raios desnudando a terra e provando a sua real força. Lembrava-me da dor de muitos destes dias, mas sei lá, elas pareciam terem sido amenizadas, sem qualquer motivo aparente. Uma loucura.

— E você vai ficar aqui? — A incredulidade na sua voz chamou a minha atenção.

Fixei meu olhar no meu amigo. Eu já me sentia tentado o bastante em mover minhas pernas e correr atrás daquela mulher, não precisava de muitos incentivos para realmente fazer isso.

— *Tá* me vendo desesperado, por acaso? — resmunguei.

— Não tenho a menor noção do que aconteceu entre vocês, pra ficar tão puto assim e nem ao menos cogitar conversar com ela. Caralho, Athos, que a *mina* ligou todo dia aqui pro estúdio e gravou recados que você nem sequer respondeu. Sabia que ela viria pra cá, não sabia? Por causa disso cancelou todas as suas sessões da primeira semana e depois disse estar ocupado todas as vezes em que ela apareceu.

— Não é da sua conta, Eros, o que eu faço ou deixo de fazer.

Meu lápis começou a rasgar uma parte do papel e eu parei para respirar, ciente de que acabaria por foder com o desenho todo. Eros ficou observando o meu surto de raiva, sem nada dizer, como se ainda estivesse pensando em uma melhor maneira de falar comigo sem acabar levando um soco no fim.

— Cara — Ele começou a falar, respirou fundo e sentou-se na mesa, bem ao lado do meu desenho — Tem noção de que *tá* deixando a mulher da sua vida ir embora, não tem? Você e ela, puta merda,

como eu vou explicar... — Olhei para o seu rosto e Eros estava sério — Sim, acho que já sei... um sem o outro é como *Os Beatles* sem a música Hey Jude, ou *Bon Jovi* sem Livin' on a Prayer, entendeu aonde quero chegar? O que seria desses clássicos se não fossem gravados? É exatamente o que quero atingir aqui, o que serão de vocês, Athos e Erika se viverem separados? Seria como se Janis Joplin nunca tivesse cantado Pieces of my Heart, uma música maravilhosa por sinal.

Meu amigo divagou e eu fechei meus olhos pesaroso, ao entender que mesmo com um argumento maluco, ele não deixava de ter razão.

Prosseguiu quando notou meu silêncio — Não pode sentar a merda da sua bunda aí, desenhar qualquer coisa, e ainda achar que vai ficar tudo bem. Não vai, Athos, não vai ficar tudo bem. Eu te conheço há anos e nunca te vi tão fodido como agora. Tenho certeza que se deixar a chance de ir atrás dela passar, vai ficar ainda mais azedo e porra, malandro, abre os olhos pelo menos uma vez na vida e aceita que a curva mais bonita que você vai ter o prazer de ver é o sorriso daquela mulher.²⁰

Fiquei minutos olhando para Eros, com o coração saindo pela boca.

Fitei o relógio mais uma vez e merda, já havia se passado quase 15 min desde a última vez que eu olhara.

Wish you were here, do Pink Floyd começou a tocar e olhei para as mãos do Eros pra ver se ele tinha mudado a ordem da seleção.

Ele as levantou em sinal de quem não fizera nada.

— Juro que não foi eu, é só o Pink Floyd querendo te dar uma força. O que *tá* esperando? Desejar que ela estivesse aqui não adiantará nada se você não for atrás²¹.

Olhei mais uma vez para o relógio.

— Não dá mais tempo de qualquer forma.

— Manda uma mensagem, porra! Faça qualquer coisa! — Ele pegou meu celular de cima da mesa, destravou e começou a digitar como um louco. — Pronto, mandei. Deixa enviar com o meu também, impossível que ela não veja essa merda. Dita Von

precisa voltar pra gente.

— Gente? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Claro que pra gente! Somos amigos acima de tudo, cacete!

Entregou-me o meu celular, pegando o dele logo em seguida.

Fiquei olhando para a mensagem que ele mandara, esperando que ela visualizasse e nada... Erika não olhava o aplicativo fazia mais de uma hora.

Levantei-me apressado, peguei minha carteira e a chave do carro, agradecendo aos céus por ter decidido vir dirigindo para o estúdio.

— Quando ela responder não vai dar tempo! — falei, notando a confusão do Eros — E desmarca pra mim as sessões que eu tenho ainda hoje!

— Pode deixar, fera! Cuidado, não vai se matar antes de chegar lá, hein!

Não respondi ao meu amigo, só apressei meu passo, sentindo que se eu não conseguisse me declarar agora, talvez não conseguisse nunca mais.

Estar apaixonado era diferente de amar.

Amar era sereno, calmante e bonito.

Paixão... Tinha mais a ver com um desejo irrefreável, algo quente, carnal e incontrolável.

Eu estava apaixonado por ela? Com certeza.

Mas, eu também a amava... mais do que tudo.

Uma mistura tão inefável de sentimentos que eu precisava falar com ela, necessitava abrir meu coração antes que ela embarcasse e... que Deus me ajudasse nessa tarefa.



Precisava de uma chance.

Apenas uma chance que ela olhasse pra mim e percebesse que eu tinha ficado maluco de vez e que eu não conseguiria ignorar aquele sentimento que eu carregava por ela. Se arrependimento matasse, eu já teria sido enterrado, porque porra, meu maior desgosto no momento era não ter admitido que a amava também quando ela apareceu no galpão.

Não podia nem ao menos dizer que ela não me

dera tempo para assimilar suas palavras, porque a verdade era que Erika esperou... esperou que eu criasse a coragem que ela tivera.

E eu deixei que ela fosse embora.

Corri, trombando com várias pessoas carregando malas, seguindo para seus embarques, tão apressadas quanto eu estava. Ouvi alguns palavrões e sabia que mereci cada um deles. Olhei para o quadro de voos, acima do check-in e notei que já era tarde demais.

O voo em que ela estava, decolava neste instante.

Olhei para a parede de vidro que nos permitia uma visão privilegiada dos aviões pousando e decolando e parei de respirar quando uma aeronave seguia seu caminho pela pista, desprendendo seus trens de pouso do asfalto, afastando alguém que eu precisava como cada batida do meu coração, de mim.

A culpa era toda minha.

De mais ninguém.

Peguei meu celular, para ver se ela chegara a visualizar as minhas mensagens.

Não.

Nenhuma delas.

E talvez não visualizasse por um bom tempo, agora que estava indo para outro país.

Coloquei minhas mãos no bolso e acompanhei toda a decolagem. Sem demonstrar qualquer coisa relacionada àquele tumulto no meu peito.

Ela realmente era minha blusa de frio.

Uma que eu almejava, mas não poderia ter.



No meu íntimo, naquela pequena parte esperançosa do meu peito, eu esperei que Athos aparecesse a qualquer momento, desesperado, tentando me impedir de partir. Era como um filme de romance, onde o mocinho percebia que perderia o amor da sua vida e corria atrás de um táxi para chegar ao aeroporto o mais rápido possível. Quando ele chegava, pegava seu amor entre seus braços e a rodopiava, dando um beijo maravilhoso, enquanto as pessoas batiam palmas ao seu redor.

Pena que na minha realidade, isso não fosse acontecer.

Meu tio me olhava tristonho, ao notar o quanto

PERIGOSAS ACHERON

eu estava receosa de partir. O quanto meu coração ainda estava preso a alguém que definitivamente não o queria.

Olhava para trás a cada minuto, em expectativa.

Uma que não se concretizou em nenhuma das vezes.

— Tem certeza que quer mesmo ir?

Balancei a cabeça, concordando.

Eu estudaria artes em Montreal e esperava sinceramente que isso trouxesse um pouco mais de cor para a minha vida. Ela tinha se apagado desde o fatídico dia e, eu não conseguia mais sorrir, nem mesmo expressar felicidade. Minha expressão se mantinha travada, como um bloco de gelo, sem demonstrar nada.

— Tenho. — Meu timbre ressaltava a mentira na minha voz.

— Vai gostar de lá, tenho certeza. Não terá que se preocupar com nada... — Meu tio forçou-se a dizer, mas eu sabia que ele sentia a morte de Theo tanto quanto eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós três éramos muito ligados, talvez pelo motivo de ele ser solteiro e não ter filhos e ver na gente, duas pessoas nas quais ele poderia dar todo o seu amor, mesmo depois de adultos.

— Sei disso, mas não é o que me deixa assim agora.

Ele sabia da minha história com Athos e de como nos entregáramos um ao outro, mesmo sem percebermos.

— Há muitos caminhos para o mesmo destino, Erika. Quando duas pessoas se encontram uma na outra, como vocês dois, anos e países não separam.

— Quem sabe? — Dei de ombros, desanimada.

— Quando arrumarmos um número pra você, vai mandá-lo para o Bruno? — Sua pergunta parecia carregar um sentido oculto, que eu não fazia a menor ideia de qual era.

— Vou.

— Bom. Muito bom — Foi a sua concordância, antes de entregarmos nossos bilhetes de embarque à mulher que aguardava pacientemente.

PERIGOSAS ACHERON

Logo que o avião decolou, a sensação de que eu acabara de deixar alguém para trás me assolou.



— É a sua cara, tio! — falei, exaltada ao admirar a vista do centro de Montreal.

Era tudo em... vidro. Espetacular!

Não havia muitos móveis, apenas algumas poltronas em pontos estratégicos, enquanto o espaço aberto da sala de estar se estendia até a enorme ilha central na cozinha, reluzente com seu *cooktop* e eletrodomésticos em inox, brilhando ostentosos.

O lugar era muito grande para uma pessoa sozinha, mas não era como se ele pudesse morar em um apartamento feio e malcuidado sendo quem era. Seria como o velho ditado, casa de ferreiro, espeto de pau. Como arquiteto consagrado e detentor de um estilo único, era tão requisitado que eu apostava que conseguiria emprego em qualquer lugar do mundo que tivesse interesse e sinceramente, não esperaria nada menos que chamasse a sua atenção.

— Também gosto daqui. Fica em uma área bem interessante e quando quero ter ideias, basta pegar uma taça de vinho e olhar para a vista. Chove inspiração, vai por mim. Além é claro, da grande diversidade de exposições artísticas, museus, e afins, os quais tenho certeza que irá amar conhecer! Quando me mudei, passei pelo menos duas semanas tentando visitar tudo.

Ele tentava começar um assunto que não lembrasse em nada a nossa perda a cada minuto. Como se fosse possível. Olhei em volta, para disfarçar que sua tática na verdade não estava funcionando.

A pintura branca era impecável e nem parecia a casa de um homem solteiro. Imaginava que ele já tivesse namorado algumas mulheres dali, nesse tempo todo em que esteve fora do Brasil, no entanto, era fácil identificar um coração quebrado quando víamos um.

O dele estava completamente rachado.

Não era segredo para ninguém que no começo de tudo ele amara Olívia. Amara tanto a ponto de decidir se afastar da família, tanto pelo que

descobriu, tanto pelo que sentiu. Descobrir o pior de quem amávamos acabava com a gente e isso o destruía, a ponto de mandá-lo a milhares de quilômetros de distância.

Coloquei minha bolsa em cima de uma mesa oval, em madeira polida, fitando meu tio apoiado em um dos pilares, com a feição vazia.

— Ela nunca te mereceu, sabe tão bem disso quanto qualquer pessoa.

Não conseguia nem imaginar o quanto ele sofrera ao saber que a mulher que amava se casaria com o irmão... gêmeo, com a ciência que esse em questão era apaixonado por outra mulher.

Deus, que confusão!

Por que tudo acontecera assim?

Se Olívia ficasse com o homem que estava à minha frente, eu não tinha dúvidas de que seria amada como nunca pensou ser. Mas, o ser humano tinha dessas as vezes, escolhas erradas que acabavam com consequências catastróficas e a verdade, infelizmente, era que nem sempre o amor era o detentor do final feliz.

Amar não garantia nada.

— Claro que sei. Liv sempre teve problemas com tudo, uma inveja desmedida de Clara e meu Deus, nunca imaginei que chegaria nesse ponto, Erika. Que ela faria tudo o que fez. Quando descobri as fraudes nas contas da construtora, me desliguei, mas tudo... aquilo? Como ela foi capaz? Só pra ter o que a amiga não tinha? Ela tinha a mim, sempre teve a mim, agora... ela nunca mais terá nada.

— Você sabia que eu não era filha dela? — indaguei.

Já fazia alguns dias que eu queria tirar essa dúvida. Era como se precisasse disso, como se necessitasse que ele fosse honesto para poder continuar confiando nele.

— Não. Na época em que me disseram que você nasceu eu estava viajando, fazia mais de um ano. Voltei e me falaram sobre você — Meu tio caminhou devagar até os janelões e parou lá, olhando para o pôr do sol. Me coloquei ao seu lado. — Seu pai largaria dela, pra ficar com a Clara. Ele jogaria tudo para o alto sem olhar pra trás, porque realmente amava aquela mulher e ela o

transformava em um homem melhor, entende? Olívia ficou louca quando desconfiou disso, então... imaginei que tivesse engravidado de propósito. Estava voltando para a cidade quando vi um carro parado na pista, outro estava desfigurado no canteiro. Parei e desci afoito, encontrando quem eu menos esperava, velando por uma mulher que ela odiava. Sabe... sempre tive a dúvida se aquilo tudo não havia sido causado por um ódio desmedido e sinceramente, percebo que o amor me cegou para a verdade e que Olívia foi a causadora daquela tragédia. Depois disso, pode imaginar o que aconteceu, não é? Arrependimentos podem acabar com uma pessoa, Erika. A única certeza que eu tive então, é que me redimiria, cuidando de você e do Theo como se fossem meus. Como se eu pudesse voltar atrás.

— Meu Deus!

— Espantoso, não? Como eu pude ser tão idiota? Ainda não consigo entender, de verdade. Seu pai surtou quando soube da morte da Clara e desde então, um casamento que já havia começado fracassado, desceu até o inferno. Nunca vi duas pessoas se machucarem tanto quanto os dois e

acredito que nunca mais verei. Engraçado... — Meu tio apoiou uma das mãos no vidro — é que todos pensavam que eu tinha um caso com a Olívia, quando a verdade era justamente o contrário. Eu a amava com todas as minhas forças, mas jamais seria capaz de trair meu irmão, pena que eles nunca tiveram essa noção quanto a mim.

“Meu pai surtou.”

Olívia conseguiu o que tanto queria, neutralizá-lo a ponto de nunca mais correr riscos. Me criar como sua foi só uma forma de calar toda a sociedade que ela encontrou.

— Então, ela me criou como sua para manter a sociedade quieta. — Deduzi.

— Exato, e porra! — Meu tio bateu com o punho no vidro, me fazendo sobressaltar — Eu a amava tanto, Erika, tanto, que nem desconfiei... Seria capaz de qualquer coisa por ela, seria capaz de fechar os olhos para tudo o que ouvia, só para... ficar com ela. Aparentemente, nunca foi o suficiente. Só amor nunca é o suficiente, ainda mais quando a outra pessoa só consegue enxergar cifras. Eu a ajudei quando decidiu abandonar a psicologia

e se tornar arquiteta, e depois a ajudei a criar um nome em meio as pessoas influentes da arquitetura. Fui usado sem dó nem piedade e depois desse dia, prometi a mim mesmo que não deixaria mulher nenhuma fazer o mesmo novamente. Amarguei? Amarguei muito o meu ressentimento, mas uma hora ele só... parou de doer e eu segui em frente profissionalmente falando.

Assustei-o com o que fiz a seguir, passando meus braços em torno da sua cintura e apoiando minha cabeça no seu ombro.

Se havia alguém que merecia ser feliz, esse alguém era meu tio e ele seria. Eu sentia que seria.

— Tem a mim, não está sozinho — Brinquei.

— Sempre tive você e o seu irmão.

O clima ficou pesado e as nossas feridas se tornaram expostas novamente. Ainda estava recente e sentíamos como se nada tivesse mais graça agora.

— Vou sentir tanta falta dele, tio.

— Eu também querida, eu também. — Ele me afastou um pouco, sorridente — Agora chega de assuntos horríveis, não é? O que acha de eu te

apresentar ao submundo de Montreal? Garanto que vai ficar fascinada, nunca viu nada assim e até mesmo eu fiquei de boca aberta ao ver o esquema deles. Foram muito inteligentes, de fato. Se pararmos pra pensar nesse frio do cacete que é a maior parte do tempo aqui. Aliás, boa sorte em se acostumar, eu demorei várias semanas. Sentia meus dedos dos pés congelando hora ou outra. — Deu uma piscadela cúmplice.

Não demorou muito para que ele me arrastasse para fora do duplex.

Pegamos um táxi até um dos pontos de acesso mais próximo. Segundo o que ele disse, por ser uma cidade subterrânea, com áreas de compras, bancos, metrô e tantas outras coisas, vários edifícios comerciais mantinham uma ligação com essa parte, sendo especificados na entrada ou até mesmo nas formas de acesso, com a palavra *RÉSO*²². Dava para enxergar o fascínio do meu tio enquanto ele me guiava e seguia explicando as coisas. Eu também me sentia extremamente impressionada. A infraestrutura ali era impecável, e o que mais me deixou de boca aberta foi ouvir que se estendia por mais de trinta e dois quilômetros de

PERIGOSAS ACHERON

túneis, tão largos que poderiam abrigar lojas dos dois lados.

Havia hotéis, condomínios, faculdades, tudo conectado.

Fiquei embasbacada, embasbacada de verdade.

Theo amaria ver tudo aquilo ali. Muito mais que eu.

Uma tristeza súbita varreu minha animação inicial, mas não me deixei abater, ele com certeza iria gostar que eu aproveitasse tudo por ele e que me esforçasse para lembrar da sua mania de me irritar sempre, do que bater a tecla na sua falta.

— Isso tudo é tão...

— Inacreditável? — meu tio me interrompeu, com um olhar brincalhão. — Acredite, foi o mesmo pensamento que tive quando eu visitei aqui. Precisei até parar uma mulher pra pedir um mapa, porque fiquei perdido e nem sabia para onde ia.

— Agora sabe? — indaguei.

— Não. Vamos ter que contar com a sorte e com as indicações de saída que há por aqui. — Ele

piscou e eu não consegui evitar o sorriso que dei com a sua brincadeira.

Voltamos depois de horas e de realmente nos perdermos em meio aos túneis. Ele me garantira que não fizera de propósito, mas eu desconfiava que estava mentindo, porque... a verdade é que nos divertimos muito, com meu inglês enferrujado e seu francês fajuto.

Por bem ou mal, chegamos no apartamento. E quando segui para o meu quarto, para descansar e ver os procedimentos a seguir para fazer o que realmente queria, as batidas do meu coração estavam mais leves e muito, muito, em paz com o luto.

48



Athos

Uma semana depois.

— Cara, consegui! — Bruno entrou correndo no estúdio, segurando seu celular na mão, com o braço elevado e parecendo ter vencido a São Silvestre.

Se eu pudesse imaginá-lo rompendo a faixa de chegada da corrida, seria exatamente aquela cena que eu invocaria.

— Do que *tá* falando? — Eu folheava uma revista de tatuagens, enquanto esperava que meu horário de almoço terminasse e o próximo cliente chegasse.

Alguns desenhos eram realmente bons, outros eu

não concordava muito, mas quem era eu, não é?

Só me restava resmungar sozinho e debater o que eu mudaria. Por isso eu fazia meus próprios esboços.

— O número de telefone da Erika!

Esse nome foi capaz de chamar toda a minha atenção. Abandonei a revista ao lado das demais, no cesto próximo de um dos divãs e levantei-me, focando totalmente no meu amigo. Como se também tivesse ouvido o nome dela, Eros saiu da sua sala e esperou pelo que Bruno teria a dizer.

— Me passa logo! — Tentei pegar o celular da sua mão e ele a afastou, me olhando irritado.

— Me promete que dessa vez não vai cagar em tudo, pelo amor de Deus! Não quero mais ninguém magoado nessa história.

— Apoiado — Eros soltou.

— O que está acontecendo? — Carla entrou no estúdio, como quem não queria nada e eu revirei meus olhos.

— O Bruno conseguiu o número da Erika e tá

ensaiando pra passar logo pro Athos.

— Como se ele merecesse — Carla fez uma voz irritante e eu só ignorei.

Ela sempre fazia essas coisas. Depois que assumira um relacionamento sério com Eros então, tudo se tornou pior pra mim, era como ter dois dele sempre me dizendo o que fazer.

— Só o Eros pra te aguentar — reclamou Bruno.

— Se querem saber... Eu já tenho o número dela há uns três dias. Venho conversando com a minha amiga sobre tudo e ela inclusive, devo ressaltar que com uma animação gigantesca, disse que conheceu um irlandês muito charmoso quando visitou o campus da faculdade. Como foi que ela se referiu ao rapaz — Colocou o dedo no queixo, teatralmente — Muito doce, amável e prestativo.

Sério?

Se ela se referisse a mim dessa forma, eu ficaria no mínimo puto. Não era a maneira mais legal de se referir a uma pessoa com a qual ela tinha vontade de ficar.

— Sério? Porra, que merda. — Eros foi o
PERIGOSAS ACHERON

primeiro a abrir a boca — Se falar assim de mim Cacá, juro que eu termino nosso relacionamento na hora. Doce... Amável... Prestativo? Do que raios ela *tá* falando, de um namorado de aluguel, por acaso? Se não for pra pegar fogo e discutir de vez em quando, só pra fazer as pazes com mais sexo, pra que um relacionamento? E Athos — Se virou na minha direção — Liga pra ela não, se a Dita Von disse isso do homem, não há nem uma remota possibilidade de ir pra cama com esse cara, não em um futuro próximo ao menos. A não ser... que ele esteja identificando a melhor forma de se aproximar, não é? — Começou a divagar e eu me perguntei por que fui criar amizade justo com alguém como ele.

— Vai ou não me passar? — indaguei o Bruno, depois olhei para Carla — Ou você, tanto faz, só quero saber se vão parar de brincar comigo.

— *Tá* muito nervoso, gato, relaxa. Só não disse antes por que sinceramente, merecia dar uma *sofridinha* entende? Só pra fazer valer a pena dessa vez. Se quer saber, eu se fosse você, já correria atrás de um visto pra ir pra lá e depois descolava as passagens. Por telefone não vai adiantar.

Ela não deixava de ter razão.

— Toma..., mas, o que a Carla disse faz todo o sentido. — Comentou Bruno.

Sabia que sim.

Sabia pra caralho.



Senti que precisava ir para o orfanato. Mandeí mensagem para um dos caras, questionando se ele não se importaria que eu fosse no lugar dele hoje. Era uma necessidade de me conectar com um sentimento que eu amava. Tanto para entender aquilo que Erika me fazia sentir, como para dar seu devido valor. Só conseguia ver tudo por uma perspectiva ampla, quando eu de fato, não estava focado nisso.

— Oi, Athos, pensei que seria outra pessoa essa semana. — Lari falou assim que entrei na sua sala.

Ela era totalmente diferente da mulher que ficava em seu lugar quando eu estava ali e isso era uma notícia que me deixava com uma felicidade inenarrável, por saber que pelo menos dessa vez, as
PERIGOSAS ACHERON

crianças estavam sendo bem tratadas. O sorriso estampado em cada uma delas, que eu enxergava logo do portão, era uma prova disso.

Larissa tinha o cabelo preto e extremamente liso, caindo como uma cascata ao redor do seu rosto redondo e que combinava com ela. Era linda, com os olhos levemente repuxados, a boca bem desenhada e o nariz reto, dando um toque bem exótico aos seus traços.

E...

Gostava de mim.

Eu sabia há muito tempo e sempre mandei a real para ela, mas era foda, porque eu a entendia e sabia que nessas coisas a gente não mandava.

— Troquei com um dos caras, queria ver a criançada. — Comentei, puxando a cadeira e me sentando.

Não demorou muito para que ela se inclinasse por sobre a mesa e semicerrasse os olhos, para tentar entender os meus motivos.

A sala que ela usava não era a mesma que a *tia* Ana usara quando trabalhara aqui e porra, eu

PERIGOSAS ACHERON

agradecia e muito por isso. Na primeira vez em que eu decidi colocar os pés aqui novamente, ela percebeu como eu travei naquele lugar e não sabia se eu fora a motivação, ou simplesmente que ela não gostava do clima que o lugar tinha, mas na próxima vez em que voltei, a sua sala já era outra.

Ao contrário da anterior, a dela tinha tons leves e coloridos, algumas mesas pequenas no canto, para as crianças brincarem e muito material de desenho. Eu doara a maior parte, porque sabia por experiência própria o quanto desenhar podia ser terapêutico.

Larissa correu os olhos pela minha roupa e sorriu amorosa quando voltou a fixar meus olhos.

Remexi-me na cadeira, desconfortável.

Já me acostumara a ser avaliado na cara dura, mas ela era ainda mais direta e intensa.

— Imagino que sim. Eles adoram você. E parece diferente hoje, o que aconteceu?

Abri um sorriso de canto ao saber justamente o motivo para eu estar mais feliz do que de costume.

Erika.

Ela levará toda a escuridão embora e traxera cor.

— Nada. Só achei que seria legal vir — Dei de ombros. — Sério, eu acordei e foi como um estalo na minha cabeça, indicando que por algum motivo longe da minha ciência, que eu precisava vir.

Lari me olhou por minutos e então seu semblante ficou subitamente mais apático, como se tivesse sacado o motivo para eu parecer um idiota, rindo a todo instante.

— Entendo. — Foi a única palavra que proferiu.

Encarei as estantes atrás dela, cheias de livros infantis e alguns de Stephen King com os quais a presenteara, uma coleção de terror em capa dura com *Drácula*, *Frankenstein* e *O médico e o monstro* e um box da coleção completa de Arthur Conan Doyle. Entre eles jazia, chamando toda a atenção, *Quem mexeu no meu queijo?*, *O pequeno príncipe*, e uma coleção de fábulas infantis.

A garotada tinha mesmo sorte em ter uma psicóloga tão maravilhosa quanto ela.

— Eles estão precisando de alguma coisa, Lari?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Passei uma das minhas pernas por sobre a outra e me recostei na cadeira, com as mãos atrás da cabeça.

Sentia-me relaxado, como não me sentia em anos.

Erika estava longe? Estava. Mas, por que aquela esperança surgindo em mim, aumentava a cada segundo?

— Por enquanto não. Além de terminar aquele grafite que começaram. Estão muito empolgados e ficaram me perguntando quando seria a sua vez.

— Me amam mais do que aos outros, eu sei! — falei, presunçoso.

— Claro, fica contando histórias de terror pra eles, lógico que gostariam mais de você. Eles odeiam contos de fadas.

Gargalhei.

— Não era pra você saber sobre as histórias.

— Não, nem você deveria contá-las, mas se eles ficam felizes, não me importo. Desde que estejam sorrindo, só tenho a te agradecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe que não precisa dessas merdas comigo, faço porque *amo eles*. Mas, já que tocou nesse assunto... posso grafitar a parede lateral? Tenho umas ideias que ficariam bacanas e daria um toque legal.

— Fique à vontade. Todo mundo já acha aquela sua arte na parte da frente espetacular. Todos param pra admirar, sabia?

Não fazia ideia.

E nem achava uma grande coisa. Era só uma expressão de pensamentos.

— Tio mosqueteiro! — Ouvi uma vozinha atrás de mim, interrompendo a conversa, e me virei, para ver um dos garotos, Miguel, com os olhos brilhando e um sorriso de formar uma careta de tão largo.

Levantei-me da cadeira e o peguei no colo, girando, tomando o cuidado de não quebrar nada.

— E aí, como *tá*, amigão? Tem se comportado?

— Muito bem — Larissa respondeu por ele e o moleque só balançou a cabeça, concordando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E precisa mesmo continuar assim, caso contrário...

— A gente sabe! Você e os outros não vem mais pra nos ensinar a desenhar! E a pintar! — Só neste momento foquei na janela na sua boca.

— *Tá* banguela, Miguel?

— Tia Lari disse que é charmoso! Que as meninas adoram homens banguelas! — Ele falou, todo animado e eu só lancei um olhar para a mulher sentada, que devolvia o meu, aparentando um resquício de culpa.

— Com certeza, adoram.

Sorri para o moleque nos meus braços, sentindo uma dor incômoda ao me lembrar que meu pedido de adoção fora negado. Mas, nem sabia por que tentara pra começo de conversa. Para uma sociedade que pregava o amor, impedir alguém de adotar uma criança porque não seguia os padrões que eles queriam de trabalho ou porque não tinha um apartamento imenso, me deixava puto da vida.

Eu amava aquele garoto, mas não era bom para ele, no ponto de vista legal da coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Claro, que se eu conseguisse a guarda dele, daria um jeito de comprar uma casa, um lugar maior, nem que eu tivesse que tatuar pessoas 24 horas por dia. Mas, de que adiantava a minha vontade se todo o resto me impedia?

Era foda.

Foda demais.

Eu nem dissera para ele que tentara, teria sido pior. Mas, na inocência e na sua alma pura de criança, imaginava que ele desconfiava. Era o garoto com o qual eu mais me ligara. Sua mãe sofria de violência doméstica e foi morta pelo pai, que bateu nela a ponto de matá-la. O filho da puta estava preso, mas de que adiantava, não é? A vida da mãe do garoto não voltaria. E sinceramente, eu via essa coisa como uma piada cruel da vida, provando que meu caso não era um isolado.

Nunca fiquei tão mal como fiquei quando Lari me disse que meu pedido havia sido negado. Tentei de teimoso, entretanto, a esperança de que eu conseguiria ajudar esse garoto como ninguém me ajudara no passado, era imensa. Por sorte, dias depois eu viajara com a Erika e foi como esquecer

por instantes esse desânimo.

No entanto, tudo daria certo um dia, eu conseguiria ficar com ele e então, só haveria amor nos seus dias. Prometera a mim mesmo que se ele fosse adotado durante o período em que eu tentava me readequar, sem problemas, ele seria amado pela nova família. No entanto, se não fosse, eu estaria ali por ele.

Senti um olhar queimar minha pele e quando fitei a mulher, ela parecia tão desanimada quanto eu pelo que acontecera.

— Eu sinto muito, Athos.

Eu também sentia.

Sentia muito por tanta coisa, mas apenas “sentir” não adiantava para nada.

— Vou lá, falar com as crianças. Se eu não passar aqui depois, já sabe...

— Saiu para uma loucura, a bordo de algum livro voador? — Ela palpitou e eu abri um sorriso genuíno.

Na última vez eu saíra ligeiro e pedira pra

garotada falar isso pra ela. Lari pelo visto, tinha uma excelente memória.

— Isso mesmo — Pisquei e fechei a porta atrás de mim.

Iria fazer uma das coisas que mais amava no mundo, ensinar àquelas crianças que havia algo mais pelo que valia a pena esperar.

Quando acessei o pátio, todos eles já estavam ansiosos com os pincéis em suas mãozinhas, esperando que eu mostrasse o que a arte era capaz de fazer.

Passei horas e mais horas, gargalhando com cada frase. Notando que havia um sentido na vida, maior do que qualquer propósito que imaginávamos. Os momentos mais felizes aconteciam sem que nos ligássemos neles, só quando recordávamos, quando realmente parávamos para admirá-los, notávamos o quanto haviam sido essenciais.

Aqueles garotos moravam no meu coração, e não havia nada capaz de mudar isso.

Foi quando a maior mudança aconteceu.

Ali, olhando para os rostos inocentes e alegres,
PERIGOSAS ACHERON

eu percebi que...

Viver no passado era o maior erro que eu estava cometendo na vida e que se eu não mudasse logo de ideia, em breve, seria tarde demais.

49



Athos

Em um passado, o adeus foi necessário.

Quando Igor me ligou, parecia transtornado e não pensei muito antes de sair do curso, enquanto Eros me olhava com os olhos esbugalhados, vidrados com o susto. Não pensei muito em nada além de ajudar uma pessoa que sempre estivera ali pra mim. Desde muito tempo...

Enfrentamos o inferno juntos e nos encontrávamos no limbo, sem saber ao certo como tudo seria.

*— Preciso ir, aconteceu algo sério —
confidenciei, arrumando minhas coisas.*

Pesquei a chave do meu carro na mochila. Irritado por saber que demoraria quase meia hora para eu chegar até a casa que Igor alugava.

Sentia como se fosse necessário um teletransporte neste momento.

— Cuidado. — Foi a única coisa que Eros disse.

Saí apressado da sala, meus passos ecoando pelos corredores opressores e que pareciam se fechar sobre mim, enquanto minha mente previa mil catástrofes diferentes. Sabia que ele não lidava bem com tudo o que aconteceu, sabia que se eu não me mantivesse por perto, as chances de Igor sucumbir eram muitas, mas porra, havia momentos que nem mesmo eu conseguia me manter em pé e ainda me esforçava para fazer com que ele não desabasse sob seus joelhos.

Perdera as contas de quantas vezes pegara a navalha, olhara para os meus pulsos por horas a fio, horas em que eu me afundava na madrugada, sentado no chão de um dos cômodos de casa, chorando desesperado. Parecia que duraria para sempre, toda essa coisa ruim que rodopiava na minha mente.

Pior era saber que ninguém sentiria minha falta.

Estava sozinho.

Completamente

SO

ZI

NHO.

Entrei no carro, batendo a porta e arrancando com ele do estacionamento.

A cada semáforo que eu precisava parar na cidade, a sensação de estar perdendo tempo e de que encontraria algo inanimado me corroía. Poderia até chamar de pressentimento ou uma maldição, mas a verdade, é que eu já imaginava o que encontraria quando chegasse na casa do meu amigo.

Estacionei na frente da antiga casa, com a pintura velha e saindo camada por camada, abandonando a cor azul-clara que ostentava nos seus tempos de glória. Era uma casa simples, bem pequena, com dois quartos, uma cozinha, sala e banheiro. Igor a alugava e pagava com o seu

salário de repositor em um mercado da cidade. Eu tinha noção do quanto nosso passado complicado afetava a sua vontade de viver e por mais que entendesse, não concordava com as suas escolhas.

Precisava se esforçar.

Eu fazia isso desde o momento que eu acordava até o momento em que ia dormir.

Abri o pequeno portão de ferro enferrujado, me arrepiando ao ouvir o barulho das dobradiças rangendo, protestando com seu uso forçado.

Caminhei até a porta da frente, reparando que a grama em torno da casa estava ainda mais alta do que de costume e que se eu não o ajudasse a fazer alguma coisa para mantê-la baixa, Igor não se importaria de deixar a casa com uma aparência inabitável.

A porta rangeu quando a abri assim como o portão.

A sala estava completamente desorganizada, com os sofás de cor clara repletos de manchas e marcas de queimadura de cigarro, o chão imundo, e algumas caixas de pizzas espalhadas pelos

cantos. A televisão pequena e antiga, estava ligada, enquanto um programa qualquer preenchia o espaço com os sons.

Percorri meu olhar, balançando a cabeça inconformado.

As coisas estavam piores do que eu imaginava.

Dei mais alguns passos, desviando dos restos de comida no piso. Percorri o corredor que levava até a cozinha e ali a situação não era muito melhor do que a da sala. Olhei para os quartos, com as portas abertas ao meu lado, e não havia nem sinal dele ali. A porta que levava da cozinha para a parte de trás do quintal, estava escancarada e uma sensação fria de pavor consumiu cada terminação nervosa do meu corpo.

Meus pés se moveram vacilantes, incapazes de firmarem meu peso por muito tempo.

Passei pela porta, e a primeira coisa que me chamou a atenção foi o tempo horrível de chuva que se formava, com as nuvens escurecendo o céu e cobrindo o sol quase que na sua totalidade.

Travei mais a frente.

Olhei para um dos galhos robustos da árvore centenária no seu quintal e fiquei sem reação. Meu corpo inteiro congelado, enquanto meus pensamentos sumiram totalmente.

Igor...

Igor, a pessoa que eu conhecia desde criança, que sofrera comigo e que era capaz de me entender quando eu perdia a noção de tudo.

Seu corpo girava cadenciado, como uma roda que retirava a vida.

Sua cabeça se inclinava para o lado e seus olhos não tinham cor, nada ali tinha cor. Quando a ficha caiu, do que realmente havia acontecido, corri como um louco até onde seu corpo estava pendurado, sem qualquer traço de calor na sua pele.

Gelo.

Um cru, impiedoso e cortante frio.

Tentei desatar o nó com as mãos trêmulas, enquanto o suor frio que escorria pela minha palma só tornava meu esforço em vão. Senti algo escorrer pelas costas da minha mão, lágrimas,

lágrimas de dor.

Pesadas e grossas, afoitas por serem libertas.

*Pressionei minhas pálpebras e mais delas
desceram, em cascata.*

*Por fim, desisti de tentar reverter algo tão
imutável como a morte.*

*Peguei meu celular e liguei para a emergência,
sabendo que quando chegassem já encontrariam
um corpo sem vida, enquanto o outro, estaria a
meio caminho do mesmo destino.*

*Fui para casa horas depois, pra arrumar as
coisas do seu velório.*

*Mas, sei lá, o que aconteceu comigo... Peguei as
navalhas que eu olhara tantas vezes e fitei meus
pulsos. Não pensei quando fiz isso, sequer me
arrependi no momento. Passei as duas, traçando
linhas que se preencheram de vermelho...*

*Você é forte ou fraco quando a luta que trava é
consigo mesmo? — foi a frase que dominou meus
pensamentos enquanto tudo perdia o foco.*

Acordei muito tempo depois, com Eros ao lado

da minha cama, me olhando com uma feição preocupada e irritada ao mesmo tempo.

Hospital.

Ele me trouxera até o hospital.

— Foi por pouco, quase que perde a vida. Se fizer isso de novo, seu filho da mãe, eu mesmo te mato, Athos. Quase que eu não consigo te salvar, parceiro. Quase... que você vai embora para nunca mais voltar. Sabe... Alguém lá em cima realmente te quer vivo, cara, porque caralho...

Nossos olhares mantiveram-se presos e notei a atitude drástica que eu tomara em um momento de desespero.

Não faria aquilo novamente.

Viver era importante e já que eu tivera uma segunda chance, eu iria me agarrar a ela, como o último resquício de esperança.

— Obrigado.

— Te dou um chute na bunda e tô falando sério.

— Eu sei.

— Que bom, bom que estamos entendidos quanto a isso. E... será que eu posso acender um incenso pra trazer saúde aqui nesse lugar?

Sorri com a sua fala fora de hora e percebi que eu perderia coisas como essas caso tivesse morrido e nada me pareceu mais triste.

Mais... desolador.



50

Frika

Duas semanas depois

As coisas estavam tão corridas que eu mal tinha tempo para pensar. Nos raros momentos em que eu o conseguia fazer, eram em olhos multicolores para onde minha mente viajava. Controlei-me em cada segundo do dia para não mandar mensagens para ele. No final, eu dera a chance que ele voltasse atrás, que me dissesse “Fica, fica comigo, por favor?”. Não ficar propriamente, mas nós arrumaríamos um jeito.

Athos me viu ir embora e nem se moveu.

Quando saí de perto do galpão, eu chorei.

Chorei.

Lavei minha alma.

Deixei que todas as lágrimas descessem para que no futuro eu não chorasse mais.

Peguei minha bolsa e me movi desanimada até a saída do apartamento. Apertei o botão do elevador, com menos ânimo ainda.

— Bom dia! — Um dos vizinhos do meu tio falou e eu dei um sorriso sem graça.

Entrou comigo no elevador e não disse mais nada. Ficamos em um silêncio chato até que chegamos ao térreo. Eu nem ao menos olhei para trás. Meus dias se passavam assim, sem que eu me dignasse a dar muita atenção a ninguém. A única coisa que fazia era prestar atenção nas aulas, de resto, ignorava.

“Não vai sair com alguém? Conhecer a cidade?”
— Meu tio indagava e eu balançava a cabeça, negando.

Theo ainda era uma constante na minha vida e aquecia meus momentos mais solitários. Parecia errado simplesmente sair me divertindo quando a

PERIGOSAS ACHERON

imagem do que acontecera não abandonava minha cabeça. Se eu não conseguisse parar de focar nisso, deveria procurar ajuda profissional, eu sabia. Precisava de alguém para quem contar tudo sem julgamentos ou que fosse dizer: “Theo não iria querer te ver assim”.

Apressei meu passo até a estação de metrô, tendo em vista que eu teria que pegar dois e alguns metros para caminhar até chegar na faculdade. Entretanto, com a infraestrutura excelente, tudo era feito em menos de quarenta minutos e com um conforto e economia enormes. A cada vez que eu saía do apartamento, era uma chance a mais para admirar a cidade.

Cheguei na faculdade e corri para a minha sala. Havia várias pessoas já nos seus lugares. De todas as nacionalidades, inclusive. Fiz uma amizade bem cautelosa com Gael, um irlandês que era encantador, eu tinha que admitir, e um japonês que não gostava muito de sorrir. Cada pessoa com as suas manias, eu também não andava sorrindo muito ultimamente.

— Mais um pouco e chega atrasada — ele falou, em um inglês pesado e cheio de sotaque.

Eu me esforçava para entendê-lo, principalmente porque quando falava a palavra água, saía mais como “wata” do que “water”²³. Um sotaque, muito, extremamente, puxado.

— Acabei saindo tarde — Dei de ombros.

— Estávamos pensando em dar uma volta no Jardim Botânico assim que a aula acabar, o que acha? — Ele indagou e Takashi olhou para trás, parecendo ansioso.

Os dois estavam tão solitários quanto eu. Estar em um país novo, sem ninguém com quem conversar sobre tudo era complicado, por sorte eu ainda tinha meu tio.

— Por mim, tudo bem — Mais um dar de ombros.

Depois disso, quando o professor chegou, nos esforçamos para prestar a atenção na aula e Deus, parecia que não teria fim, mas quando tudo acabou, emiti um suspiro de tranquilidade.

Por hoje.

No próximo dia, haveria mais.

Pegamos nossas mochilas e saímos.

Pelo menos quando chegássemos lá, eu poderia me deixar contagiar pela beleza.

— É o segundo maior jardim botânico do mundo, sabiam? — Takashi proferiu, caminhando fascinado ao nosso lado — só perde para os Jardins Botânicos Reais de Kew, em Londres.

Caminhamos algum tempo até chegarmos à lagoa. Ela proporcionava uma vista linda ao lugar, e era de uma calma e intensidade indescritíveis.

Os dois ao meu lado, pareciam tão abobalhados quanto eu.

Suspirei, imaginando como elas seriam se tivessem cores a mais... Como elas seriam se minha Tetracromacia voltasse.

— É magnífico — Proferiu Gael — Eu poderia muito bem seguir a carreira de arte e pintar um quadro dessa paisagem.

Ele e Takashi fariam relações internacionais depois do intensivo e de fato, eu não conseguia imaginá-los pintando quadros, tanto pela forma direta como viam o mundo, assim como pela rápida

solução que encontravam para conflitos. Eles conversavam entre si sobre os problemas no mundo e davam pontos de vistas espetaculares. Seriam muito bons na profissão.

— Esse é o caso da Erika. — Takashi ainda estava tentando pronunciar meu nome corretamente.

Ele sempre falava *Erriká*.

Gael pegara mais rápido e só acentuava o “a”.

— Nós vamos com o pessoal do intensivo aproveitar a *rue Crescent*. O que acha?

Essa era uma das ruas mais badaladas da cidade, cheia de bares e baladas. Ambientes dos quais eu estava fugindo.

— Não, obrigada. — Comentei.

— Vamos, você devia muito ir! Vai ser legal! — Gael parecia animado.

Takashi por outro lado, não comentou nada. Ele era como eu nesse ponto, preferia ficar quieto no seu lugar ao invés de desbravar a vida noturna.

— Tenho que fazer uma chamada de vídeo com
PERIGOSAS ACHERON

os meus amigos — Comentei.

Eu acabara de inventar essa desculpa, mas não era uma má ideia, afinal. Carla devia estar soltando os cachorros em mim, de tanto ódio por eu não dar muito sinal de vida. Suspeitava que quando minha orelha ardia em alguns momentos do dia, fosse ela me xingando adoidado e chamando de “aquela vadia egoísta”, com todo o seu “carinho”. Nem me importava, nossa amizade era muito antiga e consolidada, para eu saber que isso era apenas demonstração de amor.

— Ah, certo — o desânimo na sua voz me pegou desprevenida.

O japonês ao seu lado, fingiu não perceber nada, como sempre. Ele era bom nisso.

— Não sou muito de sair para curtir festas. Vim apenas para estudar, e depois que terminar, voltarei para a minha cidade e darei um rumo na minha vida. — Apoiei no encosto e me perdi em meio a água e a paisagem.

Três respirações suaves podiam ser ouvidas.

Ao longe, algumas crianças conversavam em

francês com os pais.

Se aproximando da gente, havia um grupo de jovens debatendo fervorosamente em inglês. Pelo que eu entendi de relance, comentavam sobre uma matéria e o quanto ela era difícil. Depois mudaram de assunto e passaram a falar sobre a 8ª temporada de uma série famosa e aclamada.

Sorri sozinha com a diversidade, me sentindo bem com ela.

— Também vim para estudar. — Takashi concordou.

Gael murmurou alguma coisa, com seu dialeto extremo e eu não entendi. Nem me esforcei na verdade.

— Vocês são muito “Sem diversão por aqui.”.

Sorri tranquilamente e abri a minha mochila, tirando meu caderno e um lápis, para poder tentar eternizar aquela sensação de voar alto, na qual eu me perdia ao olhar para o lago à nossa frente.

Takashi e Gael prestaram a atenção em cada movimento da minha mão e acenavam em apreciação quando cada traço se interligava e dava

PERIGOSAS ACHERON

forma ao que conseguíamos observar.

— Você é muito boa.

As horas passaram, o vento gelado nos atingia, espalhando nosso fios de cabelo e avermelhando nossas bochechas, principalmente a de Gael, que era ruivo, com sardas espalhadas pelo rosto e uma pele rosada que aparentava ser tão frágil que eu tinha a sensação que a cada rajada ele sofreria uma queimadura causada pelo frio.

— Que frio ficou aqui! — Pegou umas luvas na sua bolsa e rapidamente as vestiu.

— O que acha de a gente ir embora? Podemos voltar aqui e caminhar outro dia. Tempo é o que não faltará — Takashi tinha razão.

E eu estava doida por um banho quente, e para comer aquelas coisas gostosas que meu tio fazia. Ele guardava um caderno de receitas que não me deixava colocar a mão e era um cozinheiro de primeira, sempre tinha sido. Se não conquistasse as mulheres pelo seu charme nato ou sua beleza, ele definitivamente as conquistaria pela barriga.

Eu salivava sozinha, só ao me lembrar da sua

perícia na culinária.

— Eu voto na sua ideia — Brinquei.

Ambos me olharam em um esgar.

Não era para menos, quando eu sorria abertamente assim, era de se espantar.

— Certeza mesmo que não quer aproveitar a noite? — Gael insistiu e eu neguei com um aceno.

— Ela não quer, pare de insistir — Takashi falou casualmente.

— Você tem alguém ou algo assim? — O irlandês apressou o passo e se virou, caminhando de costas e de frente para mim.

Seus olhos prenderam os meus, não daquela maneira elétrica, repleta de tensão, que rodeava Athos. A forma como ele depositou sua atenção em mim, simplesmente não me causou nada. Sequer o menor furor.

— Algo assim? — Fiz uma careta, e minha resposta saiu em tom de pergunta.

Eu não tinha alguém propriamente dizendo, mas meu coração era ocupado sim por outra pessoa e eu

PERIGOSAS ACHERON

não me sentia liberta para amar ninguém além dele. Sentia como se... nossa história não tivesse acabado e a plena noção de que eu não teria o que tive com Athos com outra pessoa, era aterradora. Uma verdade na minha vida.

— Ah, entendi. Por isso fez questão de ressaltar que voltará para lá?

Não neguei.

Não concordei.

Não fazia qualquer diferença.

— Gael, se contente em ser amigo dela. Está claro que ela não gosta de você dessa forma. — Eu segurei meu riso.

Principalmente quando o irlandês voltou a caminhar do meu lado e rosnou para o japonês.

— Nunca é proibido tentar, não é? Meu charme poderia tê-la conquistado.

Ignorei o restante da conversa dos dois, enquanto seguíamos para a estação e cada um pegava seu caminho. Logo que cheguei ao apartamento, me deparei com meu tio sentado em uma das suas

poltronas *Charles Eames*, admirando a vista, com um projeto na mão, alternando o olhar entre sua construção e a realizada por outras pessoas.

Estava tão pensativo que nem notou a minha chegada.

Decidi deixá-lo com seus próprios pensamentos e caminhei silenciosamente até o meu quarto.

Abri meu notebook e iniciei uma sessão no aplicativo para poder falar com a Carla.

A chamada não demorou muito para ser atendida. Logo pude ver os cabelos negros da minha amiga, em meio a dreads castanho claro, de Eros. Os dois me fitavam pela tela, extremamente animados. Em cada um, o sorriso era tão grande que alcançava as suas orelhas.

— Ei, erva venenosa, quenga da minha vida. — disse Carla.

Óbvio...

— Como estão as coisas? — indagou Eros.

— Bem.

Falei e me deitei na cama, com o notebook na

PERIGOSAS ACHERON

mão.

— Sentimos a sua falta por aqui! Tivemos que contratar uma nova recepcionista pro estúdio! Nos acostumou muito mal, Dita Von! Athos *tava* ficando louco... — Ele proferiu e levou uma cotovelada da minha amiga.

Aparentemente, dizer o nome do tatuador na minha presença não era uma das coisas que eles queriam.

Senti-me bem por saber que ele estava seguindo em frente, cuidando da sua vida profissional. Sobre a pessoal? Ficava em dúvida se gostaria de saber.

— Como ele está? — perguntei.

Eros e Carla trocaram olhares estranhos e me esforcei para não pensar o pior sobre isso.

— Bem. Ele *tá* tatuando como nunca. Quase não respira, nem sai do estúdio.

Era uma notícia boa?

Achava que para carreira dele, sim.

— Verdade — Carla divagou e os dois estavam cada vez mais estranhos.

— Aconteceu alguma coisa? Mas ele *tá* comendo e se cuidando, né?

— Por que teria acontecido? — Minha amiga se esforçou para aparentar indiferença e foi nessa sua tentativa, que eu percebi que havia algo sim, acontecendo. — E sinceramente, nós não somos babás dele pra ficar monitorando o que faz ou deixa de fazer.

— Podem desembuchar.

— Não é nada, sério, Dita Von, esquece esse assunto — Eros foi firme e eu me sobressaltei com a sua seriedade momentânea.

— Precisamos sair, não precisamos? — falou Carla em um rompante.

— Para aonde? — Eros questionou.

— Para algum lugar, sei lá! Tchau gata, depois a gente se fala mais!

Ela acenou, Eros ficou com cara de confuso e eu totalmente perdida diante da situação. Encerrou a chamada e eu fiquei deitada na minha cama, com a pulga atrás da orelha, para os motivos da minha amiga evitar a todo custo as minhas perguntas

sobre Athos.

Eu a conhecia e tinha a noção de que Carla não conseguia manter a boca fechada por muito tempo.

Será que ele estava namorando com alguém e ela decidira que isso não me faria bem algum?

E ela tinha razão?

O que eu sentia com Athos se envolvendo amorosamente com outra pessoa?

Como se respondendo minha pergunta, uma pontada aguda de dor, ressoou pelo meu peito e me fez fechar os olhos, desanimada. Sim, Carla estava certa em me manter distante de notícias como essas. Por mais que eu ainda estivesse ligada a ele, Athos era livre para seguir o seu destino e se envolver com quem quisesse. Só esperava, com tudo que havia em mim, que ele ao menos nunca se esquecesse dos nossos momentos.

Porque...

Eu jamais me esqueceria.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

51



Athos

— Quase contamos! E a culpa não foi minha, foi do Eros! — Carla e Eros entraram afoitos no estúdio e eu levantei meus olhos do livro que lia, para o casal de amigos, se empoleirando à minha frente.

Mantive meu semblante neutro, esperando que se explicassem, ou dissessem algo que fizesse sentido.

— Eu não fiz nada! Só sei lá, saiu!

— Ele quase contou pra ela sobre você! — apontou pra mim e eu arqueei uma sobrancelha. — Quando fizemos uma chamada de vídeo... ontem.

— Valeu viu Cacá, por manter esse segredo! Se

não tivesse aberto a boca, Athos nem ia desconfiar!

Vinha preparando todas as coisas para a minha ida a Montreal. Não era um processo tão rápido quanto eu gostaria, no entanto, aproveitava para adiantar todas as minhas sessões, para que eu pudesse embarcar tranquilo. Sem aquela sensação de estar deixando algo para trás.

— Patricinha perguntou de mim? — Porra, não consegui evitar que a animação me dominasse.

— Culpa do Eros, que falou que ela faz falta! — Carla dirigiu um olhar irritado pra ele.

Controlei-me para não rir dos dois.

Eram muito loucos, na moral. Não havia duas pessoas que combinavam mais também, de qualquer forma.

— Não menti, menti? — Dessa vez, ele me fitou enquanto dizia.

— Não mesmo.

Levantei o livro de volta na frente do meu rosto e voltei a ler.

Ambos se irritaram com a minha falta de
PERIGOSAS ACHERON

interesse. Na verdade, nem era falta de interesse na Erika, era nervosismo por saber que dali não muito tempo, eu estaria lá... com ela. Porra, meu coração até sorria, se é que isso existia.

— Ela ficou toda interessada, e juro que poderia decifrar os nossos pensamentos através do computador! Foi horrível, sério! Nunca me senti tão pressionada na... vida!

Gargalhei.

— Deve pensar que você *tá* com alguma *mina*, foi essa a cara que ela fez. Cara de “*Athos já tá namorando outra? Poxa... Pensei que o que tivemos foi especial.*” — A voz melosa imitando a da Erika, que Eros proferiu, me fez encará-lo.

— Não acredito que fizeram com que ela acreditasse numa merda dessas — Rosnei, irritado.

Não era para contarem a surpresa. Mas, porra, também não era para me lançarem na fogueira! Que merda!

— Foi sem querer — Meu amigo deu de ombros.

E se mandou para a sua sala, quando percebeu que eu não dissolveria meu olhar furioso. Carla,
PERIGOSAS ACHERON

pelo contrário, foi mais corajosa que o bunda-mole e se manteve firme, diante de mim.

— Ela não tem ninguém. Até parece... que está te esperando. Tomara que tudo dê certo rápido, né? Não aguento ver vocês dois assim. Além disso, vou esperar que você vá e só depois eu vou, não posso correr o risco de estragar a surpresa. — falou e seguiu o namorado.

A recepção do estúdio ficou no mais absoluto silêncio até que a nova recepcionista entrou. Ela me olhou, leu o título do livro que eu sustentava, e deu uma joia, aprovando.

Cheguei a me perguntar se eu devia ou não mandar uma mensagem para Patricinha e avisar porque eu sumira. Era para ser uma surpresa, mas não ajudaria em nada ela ficar pensando que eu estava me envolvendo com outra *mina*.

Não dá pra trás agora, cara.

Foi o que a minha mente avisou. Decidi ouvi-la dessa vez. Além do mais, eram alguns dias... Dias que demoravam a passar, claro, tinha que admitir, mas eu precisava me preparar mentalmente para conversar francamente com ela, e mandar a real de

PERIGOSAS ACHERON

que eu a amava tanto a ponto de ignorar qualquer fato.

Por esse amor, eu era capaz de passar por cima dos traumas e só... ser feliz. Porque, se havia um remédio da vida para tudo o que eu tinha passado, esse remédio era meu sentimento pela Erika.

Voltei a ler.

Por mais que todo mundo teimasse em atrapalhar a minha leitura, o fato era que ela me desestressava e cacete, nos últimos dias eu estava nervoso, chegando no meu limite, preocupado com que tudo desse certo.

Fora a ideia minha e de Eros, de expandir o estúdio. Estávamos bolando algo bacana, mas o foda era a montanha de preocupação que vinha com isso.

— Tudo bem? — Paula indagou.

Seu cabelo era vermelho, cor de fogo, com as pontas repicadas na altura do ombro. Era alta, quase da minha altura e se vestia de forma gótica, o que combinava pra caralho com a gente. Suas tatuagens eram bem feitas e ela entendia da coisa.

No entanto... não era Erika.

E isso me causava um vazio. Uma sensação de perda irreparável.

— Bem. — A porta do estúdio abriu e o cara da minha próxima sessão entrou, todo sorridente.

Levantei-me do divã e coloquei o livro em uma prateleira perto do aquário, indo cumprimentá-lo.

— E aí, parceiro, seu mal de amor já foi curado?
— Ele brincou, me puxando para um abraço.

Era um dos clientes antigos e pelo visto, estava conversando demais com a Paula, a ponto de saber que merda me assolava. Mas, sei lá, tanto fazia para mim que as pessoas soubessem.

— Mulheres têm esse poder de acabar com a gente, não é? — Brinquei.

— Pra caralho! — Ele confirmou, acenou para a recepcionista e se moveu até a minha sala.

Entrei logo depois dele e fiz o que eu sabia de melhor... tatuagens.



Saí do estúdio já era quase 19 h. Para evitar pensar besteira, eu consumia grande parte do meu tempo livre, grafitando. Desde paisagens até pessoas. Não no plural, especificamente, já que minhas últimas artes tinham apenas um rosto.

— Meu querido, você aqui! Faz muito tempo que não te vejo! — Fechei meus olhos.

Impossível que Eros não podia me deixar em paz por algumas horas no meu dia. Era pedir muito? Sim, pelo visto era.

— O que faz aqui?

— Não posso grafitar com meu parceiro de longa data? Quanto rancor! Trouxe uns petiscos e cervejas pra gente!

— Qual?

— A melhor — respondeu.

— Então pode ficar.

Ele gargalhou e jogou suas coisas no chão.

Ouvi meu amigo chacoalhando seu *Colorgin* e logo depois, a névoa colorida pairou entre a gente. Era um lugar conhecido, por este motivo quando eu

PERIGOSAS ACHERON

ficava inquieto, recorria as linhas que ganhavam vida.

Eros era bom. Pegou minha ideia e a continuou incrementando alguns pontos que eu deixara em aberto.

Um relâmpago cortou o céu do lado de fora da escola.

Tremi um pouco, no entanto, não travei como fazia sempre que o céu desabava na Terra. A luz dourada reluziu na estrutura metálica da quadra coberta e eu ignorei. A prefeitura entrara em contato comigo, pedindo que grafitasse um cenário bacana no lugar, para animar as crianças a praticarem esporte. Os outros vinham de dia para fazerem a sua parte, eu, como tinha o estúdio, só podia colar a noite. Já me transformara inclusive em um parceiro de conversa do guarda noturno da escola.

A mesma onde Theo dera aula.

Onde Bruno desistira de permanecer.

No momento, ele decidira se mandar, pelo menos para que as lembranças de amor não partissem

ainda mais seu coração.

— *Come togetheeeeeer, right nooooow... over me!* — Eros cantou ao meu lado, totalmente desafinado.

Meus ouvidos protestaram com o seu grito.

John Lennon com certeza se remexeu no túmulo com o assassinato que meu amigo fizera à música. Ele agitava o spray no mesmo ritmo e pintava a parede com uma animação que dava de 10 a 0 na minha.

A felicidade contagiava. Muito.

Ele cantou mais algumas músicas, até que eu me juntasse ao coro, batendo minhas botas no chão de cimento, acompanhando a sua bateria imaginária. Fomos de *Beatles*, para *Legião Urbana* em uma agilidade incrível. Quando percebi, já estávamos cantando Tempo Perdido.

“Temos todo o tempo do mundo”

Aquela certeza de que não importava o quão longe ela estivesse, que quando voltássemos a nos encontrar, todo o tempo se transformaria em nada, era massacrante. Porque o fato era que o sentimento

PERIGOSAS ACHERON

aumentava a cada vez que eu fechava meus olhos, na minha cama, sentindo a falta dela.

Como ela estava? O que fazia? Estaria tão fodida na própria lamentação como eu?

— Cadê a Carla? — perguntei para mudar o rumo dos meus pensamentos.

Se eu continuasse nessa linha, estaria deprimido em questão de minutos.

— Tem prova hoje.

— Dá para ver ela depois, não dá?

— Vai dormir em casa.

Fiquei feliz por ele. Eros vivia pulando de cama em cama, pegando de cada uma, um sentimento mais pobre do que o que deixara para trás. Sua agenda de foda era lotada, mas o seu coração, vazio.

Até Carla aparecer e mudar tudo.

— Bacana.

— Ricardo foi embora, ela me disse. Pelo menos, com esse otário não precisa se preocupar mais. Ele

tava mesmo ficando com outra, e para piorar, a outra era a mãe da Dita Von. Cara lazarento, né não? Se ela não tivesse chutado a bunda dele, eu mesmo chutava, na moral! Mas, como diz minha mãezinha top, há amor e prazer carnal. Alguns amores são tão puros e infindáveis que nem precisamos tocar o coração da pessoa. — Eros disse e divagou. — Justo do amor... justo do amor. E eu nem entendo esse sentimento pra começo de conversa.

Seus pensamentos foram longe, porque ele simplesmente quebrou a sua fala e ficou muito tempo olhando para o muro, sem movimentar a mão nem nada, uma verdadeira estátua.

— Você é muito louco, sério! — Comentei — E sempre fala da sua mãe, mas, em todos esses anos que nos conhecemos nunca a vi, nem uma mísera foto, Eros. O que aconteceu pra se afastar dela?

— Eu? Só quis conhecer o mundo, como todo bom filho rebelde faz. Espalhar o amor e o erotismo, me doar as causas sexuais, prazeres da carne, essas merdas todas! Olimpo cansa, *manja*? Zeus é — Ele fez uma careta — Sério, ninguém consegue ficar por um minuto inteiro ao lado dele, PERIGOSAS ACHERON

isso porque um minuto por lá é o mesmo que um dia por aqui... Ainda temos a minha mãe, que vai por mim, é muito mais “desprendida” que eu, Hefesto sofre demais nas mãos dela, coitado... Apolo, nossa que nojo, não sou um dos seus benquisto — Essa última parte ele sussurrou e eu quase não escutei.

Revirei meus olhos. Quando Eros começava a falar essas coisas, eu até pensava em acreditar que ele era mesmo o deus do amor, a maior loucura que eu já chegara a cogitar na minha vida inteira.

Impossível.

Não era?

Com certeza.

— Quando diz essas coisas, até acredito que existe todos esses *bagulhos* de deuses.

— Sabe como é a lenda do primeiro girassol de acordo com a mitologia grega?

Balancei a cabeça em negativa.

— Não faço ideia.

— Uma ninfa, Clítia, acabou por se apaixonar

PERIGOSAS ACHERON

por Hélios, um dos antigos titãs, deus do Sol. Hélios não a amava, mas sabe como é, ficou com ela mesmo assim e alimentou as esperanças de um coração apaixonado. Não que eu não a tivesse avisado que não sentia nada perto dos dois, mas até aí tudo bem... Enfim, ele se envolveu com Leucotéia, o nome é feio mas vou chegar lá — levantou uma das mãos, sinalizando para que eu tivesse calma — Clítia se sentava no chão frio, sem suprir as necessidades de seu corpo; não comia, não bebia, não fazia nada, apenas chorava. Todos os dias, enquanto o Sol se erguia altivo, ela o admirava, sem desviar o olhar por instantes que fossem, porém, durante a noite, ela desanimava e fitava o chão no qual se encontrava. Seus pés criaram raízes, de tanto tempo em que ela ficou a chorar pelo Sol, seu rosto foi aos poucos se transformando em uma flor e continuou seguindo seu amor, por mais que soubesse que ele não era correspondido. Assim, Clítia, a ninfa, se transformou no primeiro girassol, devido ao amor não correspondido.

— Uau — foi a única coisa que pensei em dizer.

— Como pode dizer que duvida do místico

quando ele está à sua volta? Um campo de girassóis que realiza desejos? Não seria Clítia, querendo ajudar as pessoas que não conseguiram seu amor, assim como ela? E as cores da Patricinha não provam que há sempre uma parte nossa que mora no misticismo, meu querido? Além do mais, tinha algo no ar aquele dia que ela entrou no estúdio, não tinha? Vocês podem não ter sentido, mas o fato é que entrar naquele estúdio faz as pessoas encontrarem o amor. Pare pra pensar um pouco...

Fiquei quieto, atônito com as suas palavras.

Se eu parasse para observar, realmente, a maioria das pessoas que tatuava por lá, não demorava muito a se compromissar.

O problema era... por que eu demorara tanto?

— E por que eu demorei? E como você sabe sobre... — As cores?

Completei a frase na minha mente.

Eros olhou para mim e eu pude jurar que um brilho violeta passou rapidamente pelos seus olhos. Abriu a boca para dizer algo, entretanto, foi interrompido pelo toque do seu celular. Falou baixo

com alguém e depois encerrou a ligação, guardando o aparelho rapidamente no bolso.

— Mosqueteiro, sinto muito, mas vou ter que te abandonar nessa missão. Outro dia continuo. Minha garota terminou a prova e *tá* indo pra casa. Logo, me desculpe por privá-lo da minha companhia e tal, mas eu prefiro me acabar em meio aos meus lençóis com a minha morena.

Arrumou suas coisas rapidamente e se mandou.

Cogitei que ele estivesse fugindo da minha pergunta, mas depois me desliguei desse pensamento, era muito idiota. Por que Eros fugiria disso?

Realmente. Ele não tinha motivos para dar no pé com uma simples pergunta.

Só era louco demais. E quanto a isso, não havia argumentos.

Reparei que ele tinha deixado uma parte do grafite com uma frase enigmática quando já estava longe demais para que eu o alcançasse. Não o tinha visto escrevendo nada na parede e a confusão foi como um palpite insano na minha língua, deixando

um gosto acre de dúvida.

“O amor destinado é tão raro quanto um tetracromata. Quando os dois se encontram, a atenção é imediata, o fascínio, impossível de ser contido. Não precisam de um deus do amor por perto, vocês já são o amor. Saiba que Clítia com certeza está sorrindo com mais um casal totalmente apaixonado.”



Frika

— Bom dia, Branca de Neve — meu tio passou por mim em uma das banquetas da cozinha e beijou o topo da minha cabeça.

— Bom dia!

Ele deu o comando para o café expresso na cafeteira e depois virou-se para mim. Seu semblante estava triste, pesado, como se houvesse uma carga de décadas sobre ele. Quando alçou o olhar na minha direção, eu percebi que talvez aquilo tivesse a ver comigo também.

— Está tudo bem, tio?

— Está... é só que... eu preciso mostrar algo pra

você, mas quero adiantar que não pode ficar brava comigo. Acredito que essa seja a peça que faltava para entender tudo...

— Que peça?

— Primeiro me promete que não ficará brava comigo?

Brava com ele?

Eu achava isso impossível.

— Prometo.

— Certo, vou buscar então.

Ele saiu da cozinha em passos apressados, levando consigo a caneca de café fumegante. Voltou minutos depois, com algo na mão, olhando estranho para o objeto, como se ele tivesse toda as respostas que precisava.

— Encontrei isso no meio das coisas da Olívia. Estava entre as roupas dela que eu iria doar. Seu pai não quis chegar perto, quem teve que se desfazer fui eu, e a cada peça que eu pegava, o adeus se tornava mais doloroso. Era uma mulher horrível? — ele balançou a cabeça negando — no começo

não, ela se tornou... aquilo. E eu queria muito ter ajudado, mas as minhas mãos estavam atadas e agora eu entendo o motivo. Posso finalmente respirar em paz, sabe? — Olhou para mim — espero que consiga também. E não conte ao garoto quando o ver novamente, porque acho que ainda irão se ver, mas eu descobri o que aconteceu com ele e acho que isso — ergueu o que parecia um diário — pode ser a libertação que esse rapaz precisava também.

Veio até mim e me entregou.

Fiquei olhando atônita para aquilo.

A capa era vermelha, aparentando livros antigos e na frente, em letras douradas estava escrito o “Meu diário”.

— É o que estou imaginado? — Indaguei, receosa.

Ele apenas sacudiu a cabeça em concordância.

— Deveria ir para o seu quarto ler, se sentirá melhor lá.

Ele terminou de beber seu café, depositou a xícara na bancada de mármore e em seguida foi

PERIGOSAS ACHERON

para a porta de saída. Pegou seu casaco e se foi sem olhar para trás.

Eu, por outro lado, permaneci um bom tempo olhando o objeto na minha mão e sentindo como se um precipício estivesse prestes a se abrir no meu peito.

Levantei-me do banco, peguei um pacote de biscoito em um dos armários e fui para o meu quarto. Eu teria aula hoje e era importante, no entanto, aquele diário, que queimava as minhas mãos, aparentava ser muito mais necessário do que a perda do francês por um dia.

Sentei na minha escrivaninha, e criei coragem.

Abri a primeira página.

Uma Olívia criança foi o que visualizei.

Página 1.

“Gosto de brincar de boneca. Eu tenho uma boneca linda de pano que ganhei do meu irmão. Ele gosta de mim.”

Página 2.

“Meus irmãos me disseram que eu preciso prestar atenção nas aulas... Eu juro que presto. Tem uma menina que é muito chata e ela puxa meu cabelo.”

Página 3.

“Jorge, meu irmão, se você ainda não sabe diário, comprou lápis de cor para mim. Os maiores que as meninas na escola já viram. Agora, todas querem ser minhas amigas.”

Página 4.

“Algo estranho aconteceu, eu não sei, mas algo estranho.”

Respirei fundo. Ela tinha apenas nove anos. E eu sentia o bolo de ódio se formar na minha garganta por um homem ser tão cruel a ponto de estragar a vida de tanta gente.

Olívia não era daquela forma, ela fora moldada,
PERIGOSAS ACHERON

diante de tanto sofrimento, diante de tantas... lembranças.

Página 5.

“Ele me pediu para fazer uma coisa. Nunca vi isso. Me senti mal, e me deu vontade de vomitar. Ele fez com que eu lambesse o meu vômito e mentisse para nossos outros irmãos.”

Página 6.

“Por quê?

Por que só eu, diário?”

Página 7.

“Doeu demais. Eu pedi para ele parar, Jorge não parou. Eu não sei mais se eu amo meu irmão, diário, eu sou uma criança ruim? Me diga diário, eu sou uma criança ruim? Por que isso está acontecendo comigo?”

Página 8.

“Não sei se quero ir para a escola hoje.”

Página 9.

“Eu não quero mais isso.

Falei para ele que não é mais meu irmão preferido.

Está doendo demais, e ninguém pode saber, foi o que ele me disse. Se as pessoas souberem irão me tirar de casa, e eu amo a minha casa.”

Página 10.

“Irina, a minha irmã mais quieta, foi embora, diário. Ela não vai voltar, eu sinto.”

Ela estava crescendo com os abusos e na página dez já tinha treze anos. A respiração desaparecia dos meus pulmões a cada linha que eu lia e notava como um trauma estava nascendo, como a inocência de uma criança estava sendo deturpada.

Ela sofria e não tinha ninguém com quem desabafar, apenas um diário, gasto, contendo todas as memórias de uma infância tirada.

Página 11.

“Ele ficou furioso com a partida dela.”

Página 12.

“Caio também foi embora.”

Página 13.

“Erik está tentando me ajudar, diário. Ele quer que eu fale o que está acontecendo. Acho Erik um nome tão bonito, diário. Esse meu irmão sim é uma pessoa maravilhosa, acredito que ele sofreu também. Seus olhos são estranhos e sem cor.”

Página 14.

“Erik também foi embora. Jorge disse que ele não vai voltar porque ele mandou que não voltasse.

Estou sozinha.”

Página 15.

“Eu quero sair daqui.

Minha mente já não aguenta mais.

Meu corpo inteiro dói, minha alma se desconstrói
a cada noite.

É um pesadelo sem fim.

Uma noite eterna.

Eu fecho os olhos e tudo o que vejo me machuca.

Não quero mais ser eu. Quero viver em outra
pele.

Essa já não me serve mais.

Eu não consigo conter isso.

Eu... não consigo viver.

É mais do que todos imaginam ao meu redor.

Jorge é um bom irmão, ele ficou com você
quando todos os outros foram embora.

Querida, você tem sorte por ter Jorge.

Seus pais morreram quando era pequena, não é?
Sinto muito, minha linda, pelo menos você tem
Jorge.

As pessoas não sabiam... o quanto ele me
machucava.”

Olívia já estava com quinze anos. Quinze... anos.
Sendo abusada há cerca de seis anos pelo próprio
irmão.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu
rosto, infundáveis, em uma dor tão dilacerante como
quando Athos me contara a verdade. A mesma
pessoa, a mesma maldita pessoa, fazendo com que
todos ao seu redor se odiassem, sentissem nojo de
si mesmos, por sofrer nas mãos de um homem
doente.

Vítimas.

Isso que eram.

Nada justificava as atitudes de Olívia, nada,
afinal Athos tomara um rumo totalmente diferente.

Mas quem poderia julgá-la? Não eu definitivamente, que não passara nem sequer remotamente por algo parecido. A mente humana era um caminho tortuoso e cada um fazia sua própria escolha, pena que ela fora coagida pelo medo, a fazer tanto mal. Porém, o que ela poderia fazer? Convivera com o mal, apenas com o mal. E sua dor, se tornara raiva, acumulando-se por tanto tempo que isso a corroeu.

Página 16.

“Todo dia. Todo dia. Todo dia. Todo dia.”

Página 17.

“Ele vem me visitar.”

Página 18.

“Um garoto começou a se interessar por mim, Jorge o ameaçou. O garoto não olha mais para mim.”

Página 19.

“Eu não aguento mais, quero ir embora.”

Página 20.

“Não me sinto bem. Acho que o pior aconteceu.”

Página 21.

“Eu perdi meu bebê.”

Página 22.

“Jorge me bateu demais, meu corpo inteiro está repleto de hematomas, e eu não sei mais o que posso fazer para escapar.”

Página 23.

“Tentei fugir, ele me encontrou. Me arrastou pelos cabelos de volta para casa e garantiu que eu jamais esqueceria o que ele faria comigo. E realmente... eu achava que nunca esqueceria

daquilo.”

Página 24.

“Comecei a fazer faculdade de psicologia. Ele não gostou da minha escolha. Disse que se eu contar algo para alguém, ele vai me matar. Acredito nele, diário, acredito de verdade.”

Página 25.

“Eu não quero engravidar de novo.”

Página 26.

“Eu estou grávida.”

Página 27.

“Não posso deixar que uma criança passe pelo mesmo que eu, não posso... Eu vou arriscar hoje diário. Não vou levar nada além de você e meus documentos. Se ele não desconfiar, ele não pode me parar. Vou roubar a chave que ele mantém com

ele enquanto dorme e vou conseguir sair daqui, eu tenho certeza.”

Página 28.

“Estou escrevendo na rodoviária. Acho que vai dar tudo certo. Eu tranquei a faculdade e pedi a transferência para outra, de outra cidade. Implorei para os trâmites serem feitos por e-mail. Implorei. Consegui e não sei expressar o alívio que estou sentindo nesse momento.”

Página 30.

“Cheguei em Santa Clara. A faculdade é na cidade vizinha. Dará tudo certo.”

Página 31.

“Theo nasceu e é a coisa mais linda do mundo. O amor da minha vida. Eu sei que eu não deveria me sentir bem com ele, por ser filho de quem é. Mas, meu filho é minha luz, diário, e eu não vou deixar que nada de ruim aconteça com ele, nem que eu

tenha que passar por cima de quem for, nem que eu tenha que abandonar toda a bondade que há em mim. Ninguém fará mal a Theo, NINGUÉM.”

Página 32.

“Eu e Theo estávamos passando necessidades, pela escassez de dinheiro, por ter que pagar o aluguel e bancar todos os gastos. Clara trouxe o jantar hoje e eu não consigo imaginar que alguém possa ser mais gentil que essa mulher.”

Página 33.

“Conheci William Albuquerque. Se eu pensava que Clara era gentil, era porque não o conhecia ainda. William é simplesmente... um homem maravilhoso. Seus olhos possuem aquela coisa que nos atrai, sabe? Um magnetismo tão grande, que eu não sei como consegui dizer alguma coisa na sua frente.”

Página 34.

“Heitor é tão lindo quanto William, são gêmeos, os dois homens mais cobiçados da cidade, pelo que percebi. E só Clara não nota, mas Heitor é apaixonado por ela. Nos encontramos enquanto estávamos comendo um lanche na cidade, eles pararam, sentaram-se na nossa mesa e então começamos a conversar. Não consegui deixar de prestar atenção em nenhum dos dois.”

Página 35.

“Eu quero Heitor. Ele tem alguma coisa que combina comigo.”

Página 36.

“Consegui ficar com ele e por mais que não me queira, parece que ficar comigo ainda é melhor opção do que chorar por Clara e por não conseguir tê-la.”

Página 37.

“Ouvi Heitor falando sobre seus esquemas na

empresa. Eu gravei, fingindo que tomava banho, mas ao invés disso, usei meu celular para gravar toda a sua conversa. Eu sabia que essa seria a minha garantia. Teria que ser. Theo ainda era muito pequeno. Tinha três anos e merecia um futuro no qual pudesse ser o que quisesse.”

Página 38.

“Clara fugiu. Mas não me importava. Porque eu estava noiva de Heitor e nós nos casaríamos e seríamos felizes. Acreditava que ela deu no pé por estar grávida dele e por saber como sua família reagiria a isso.”

Página 39.

“Eu tinha razão.”

Página 40.

“Qual será o nome dela, Olívia? — Heitor me perguntou.

Lembrei-me do Erik e de como eu o amara. Era
PERIGOSAS ACHERON

meu irmão e por mais que não tivéssemos mais contato, ainda assim eu o amava. Fora o único que tentara me ajudar, o restante, eu sinceramente desejava que queimassem todos no fogo do inferno.

— Erika.

— É um nome lindo.

— Sim, também acho — concordei.

Eu senti que mesmo diante de todo o mal que eu causara, poderia tudo dar certo em algum ponto.

Eu tinha sido enfática com Clara, quando disse que a menina sofreria, mas quando a peguei nos braços, já não tinha tanta certeza disso.”

Página 41.

“Heitor a olhava com tanto amor, comecei a ter inveja, e não, não me senti feliz por isso. Mas foi inevitável.”

Página 42.

“Ele voltou. Meu maior pesadelo me encontrou.”

Página 43.

“Jorge me ameaçou e disse que se eu sair do orfanato, irá estragar toda a vida que eu construí. Acredito nele, sei do que esse homem é capaz. Para me livrar das garras novamente, eu deixei... deixei que os garotos sofressem. Athos me procurou, e eu enxerguei nos seus olhos, aquilo que eu enxergava nos meus quando olhava para o espelho. Quando ele saiu da minha sala com Jorge, eu desabei no chão e chorei.

Chorei.

Chorei.

Chorei por horas seguidas. Sem saber o que fazer ou agir. Sem saber como dar um fim a tudo isso.

Aquelas crianças não mereciam isso.

Ninguém merecia.”

Alguns meses se passaram, sem que ela escrevesse nada. Quando finalmente voltou as confidências, eu li algo que me chocou ao mesmo

tempo em que me deixou aliviada.

Página 44.

“Eu o matei. Envenenado. Assisti até o último instante, em que a cor se esvaiu do seu rosto e seu corpo ficou gelado. Foi horrível, mas também foi libertador. Coloquei fim em um passado, libertei aquelas crianças e queimei todos os vestígios. Que Jorge fosse direto para o inferno e não saísse nunca mais de lá.”

Vários anos se passaram. Ela não contou mais nada nas páginas amareladas, no entanto, logo que a sua última escrita se fez presente, eu percebi que ela reconheceria o nome do Athos e que... isso mexera com ela.

Página 45.

“Erika desistiu de tudo. E eu e Heitor estamos tendo que lidar com os problemas. Está trabalhando em um estúdio de tatuagem, Athos & Eros. Eu reconheço esse nome, as páginas desse diário

também. Espero que esse garoto esteja bem e que não esteja... tão quebrado quanto eu.”

Essa foi a última vez em que Olívia colocou tinta no diário. Tinha sido como entrar na mente de uma pessoa que escolhera os caminhos errados depois de tanto sofrer na vida. Theo era filho do seu irmão, fruto de um abuso. Havia sido ela e Theo contra o mundo, agora eu conseguia entender seu amor e sua necessidade por vê-lo bem, por mais que essa sua ânsia a tivesse levado a escolher as formas mais erradas possíveis de ver isso acontecendo.

Olívia sofrera.

Olívia convivera com isso.

E Olívia levara para o túmulo essa verdade.

A única coisa que deixava o seu ponto de vista para quem ficou para trás, foi o diário que agora jazia nas minhas mãos, fechado, com a capa molhada pelas lágrimas que eu derramara.

Eu estava... devastada.

E com uma necessidade absurda de conversar

com Athos sobre tudo.

Eu decorara seu número, era excelente em memorização. Seu contato estava salvo no meu telefone e quando o abri para fazer uma ligação... Desisti. Ele já tinha muito com o que lidar e o que era pra ser, seria, bastava eu esperar.



Frika

Três semanas depois

O alarme do meu celular tocou, me tirando do sonho que me prendia. Athos segurava um girassol, enquanto nós dávamos risadas das idas e vindas da vida. Naquela névoa que ocultava a verdade, nós estávamos felizes e convivendo *juntos* há algum tempo — Não me pergunte como sei disso, no sonho eu só... tinha essa compreensão — então decidimos que seria interessante voltar para o campo de girassóis e agradecer o pedido concedido.

Sempre devíamos agradecer o que nos era ofertado, certo?

No entanto, quando abri os olhos, não vi milhares de cores, sequer enxerguei os olhos coloridos que agora era apenas azul e castanho para mim. Foi um choque vê-lo como todo mundo via e uma parte mesquinha da minha vontade queria voltar a ser exclusiva e ter a magia toda para os mínimos detalhes.

Bocejei e me espreguicei. Uma preguiça se apoderava de mim ao lembrar que precisava ir para mais uma aula do intensivo de francês.

Não que eu não gostasse, nada disso, só que... ele não conseguia prender totalmente a minha atenção e eu me pegava divagando, questionando-me o que o tatuador estaria fazendo, com quem estaria ficando e outras coisas sem sentido. Além da verdade... que agora parecia pairar em torno de mim.

Sobre Olívia.

Sobre tudo.

Athos precisava saber. Mas como eu diria para ele, se não tinha coragem nem mesmo de mandar uma mensagem?

Eu tinha ido atrás dele, ele se afastara.

Não precisava de mais uma rejeição para ter certeza. Eu sentira na sua voz que o rancor que ele sentia era maior do que o amor que emanava.

Eu conversara com Eros às vezes, quando ele estava com Carla. Mas, eram conversas rápidas, já que os dois agora estavam juntos e gostavam de aproveitar seu tempo. Nenhum deles tocava no nome do cara que eu queria e nenhum deles dava sequer sinal de que o faria.

Eram raros os momentos em que conversávamos, então, pareciam só ignorar essa parte e continuar falando sobre assuntos amenos.

Levantei, tomei banho, escovei os dentes e vesti qualquer roupa, já que o casaco pesado viria logo em seguida. FRIO. MUITO, MUITO FRIO. Graus negativos, meu Deus, negativos. Havia momentos que eu até me perguntava como as pessoas conseguiam tirar a roupa e transar com esse gelo. O aquecimento das casas não podia quebrar nunca, caso contrário era congelar a bunda na certa.

Ainda estava meio sonolenta quando saí do quarto e segui pelo corredor, que dava acesso direto

PERIGOSAS ACHERON

para a cozinha. O quarto do meu tio era no andar de cima, junto com seu escritório e de acordo com o silêncio, ele já saíra.

Passei as mãos nos olhos e trombei com uma das quinas, resmungando sozinha e me amaldiçoando pela minha falta de atenção.

Entretanto...

Assim que avistei a ilha central, eu travei.

Minha boca se abriu, formando um completo “o” e eu não acreditei no que estava vendo. Passei as mãos nos olhos novamente, o frio, somado ao sono, tinha dessa as vezes, de pregar peças nas nossas cabeças.

Abri meus olhos novamente e ele não tinha desaparecido.

Estava de costas, apoiado no balcão da ilha, com uma blusa de frio grossa e preta, com a estampa de *Sons Of Anarchy* me brindando.

O diálogo que parecia ter acontecido há muito tempo veio logo na minha mente.

“— Eu gosto dessa série. Já vi as temporadas várias vezes.

— Não deixe as pessoas saberem disso, caso contrário irão te julgar ainda mais. Muito clichê, Athos, um bad boy ver série sobre bad boys, não é? Muito blasé, mas muito interessante também.

Ele deu um sorriso relaxado e feliz.

— Às vezes nós escondemos quem realmente somos, só para as pessoas que não merecem, não saberem o quanto somos leais.”

Ele não estava ali, estava?

Impossível.

Se eu chamasse o nome alto e perguntasse, e a névoa evaporasse, desaparecendo e me deixando com uma expectativa aterradora, pareceria maluca? Com certeza, mas não havia ninguém ali para ver.

— Athos? — Minha voz saiu baixa, mas ele ouviu.

Virou-se devagar, em um ritmo lento demais para o batuque no qual se transformara meu

PERIGOSAS ACHERON

coração.

Em um compasso lento demais para ser uma alucinação.

— E aí, Patricinha? — O sorriso que ele deu mandou toda a minha sanidade para Marte.

Não esperei que ele entendesse o que eu faria, simplesmente saí correndo e pulei no seu colo, sendo escoltada pelas suas mãos me dando apoio, enquanto minhas pernas se trançavam na sua cintura.

Eu deveria estar chateada por tudo, por todos os dias longe, mas a verdade era que eu estava aliviada. E no momento, só queria esquecer e aproveitar a companhia dele, a presença de uma das poucas pessoas que gostara de mim pelo que eu era.

Ele depositou um beijo no topo da minha cabeça e meu coração derreteu.

— Você está mesmo aqui? — indaguei, firmando meus dedos na sua blusa.

Só para conferir.

Não achava que sonhos eram tão concretos

quanto a isso.

— Seu tio me disse que não teria problema eu ficar. Ele até saiu e me orientou a esperar que acordasse. Um cara bacana ele. Suspeito que tenha dado uma volta só para nos dar um tempo sozinhos, mas sei lá, né? Não posso reclamar do *timing*.

Despreendi minhas pernas da sua cintura e apoiei meus pés no chão. Minhas pantufas do gato de *Cheshire* tinham caído com o movimento brusco e minha nossa, o piso estava muito gelado.

Athos percebeu o meu tremor e se apressou em pegá-las e colocá-las nos meus pés.

E

Foi

O

Gesto

Mais

Lindo

Da

Vida.

— A questão não é essa, a questão é: o que faz aqui? — Suas mãos abandonaram o tecido felpudo e azul e ele me olhou, ainda agachado.

— Da última vez, você foi até mim. Agora, eu vim atrás de você.

— Como assim? Eu nem sabia que você ainda estava interessado... Eu nem... — Athos colocou um dedo na boca, para que eu ficasse quieta.

Não me irritei pelo simples fato do sorriso sacana que ele abriu ser a única coisa a chamar a minha atenção.

Sentira tanta, mas tanta saudade dele.

— Eu pedi pra ninguém contar. Estava correndo atrás das coisas pra poder vir te ver. Adiantei várias sessões, quase nem respirei pra dizer a verdade e juntei uma grana pra ficar de boa por esse tempo. Não tinha como sair assim de uma hora pra outra e também não podia deixar que te dessem esperança antes que estivesse tudo certo. Nem eu sabia se daria. Comprei as passagens só na semana passada, contando que você estaria sozinha e que eu não foderia com alguma relação e ficaria aquele clima estranho quando eu chegasse, sabe? O medo era do

PERIGOSAS ACHERON

cacete, Patricinha. Juro pra você. Me controlei pra caralho pra não ficar perguntando pro pessoal todo dia se você já não tinha... alguém.

Seus ombros desabaram em derrota e eu achei lindo essa sua admissão, por saber que eu estava da mesma forma aqui. Éramos como uma alma, separadas por uma distância absurda, entretanto, com os pensamentos sintonizados.

— Achei que tivesse seguido em frente. — sussurrei.

— Depois de você? — Ele se levantou e nossa diferença de altura evidenciou-se. — Não teria como. Além das tatuagens, você é a única marca na minha vida que realmente valeu a pena.

Ele estava maravilhoso.

Com uma calça jeans também escura e um tênis branco, destoando de todo o negro no qual ele se envolvia. Athos combinava com essa cor, o deixava ainda mais... sexy, se é que isso fosse possível.

— É que ficou tão quieto.

O azul e o castanho se prenderam nos meus e me vi atordoada diante da intensidade da sua checada.

Ele olhou de cima a baixo, e abriu um sorriso totalmente malicioso.

— Só estava ajeitando tudo. Sabe... — Ele encostou o cotovelo na ilha e se apoiou, deixando seu corpo ligeiramente na diagonal, enquanto seus olhos não abandonavam de forma alguma os meus — Eu percebi nesse meio tempo que fui covarde pra caralho quando te deixei vir pra cá sem ao menos dizer que eu também amo você. É bem louco, se pararmos pra pensar, como nos conhecemos e como tudo evoluiu. Parecia que eu te conhecia há anos e que nós dois era o certo, mesmo minha mente gritando para me afastar. Agora entende o motivo para eu ter colocado um ponto final de maneira drástica e tal, mas mesmo que não concorde com ele e que esteja com uma raiva absoluta de mim no momento, quero que saiba que eu soube que seria seu desde o dia em que a única coisa na qual eu conseguia pensar era no seu sorriso. Sou todo errado, — Fez um sinal com as mãos para si mesmo — Mas quero ser o certo pra você.

Eu desfaleci, completamente entregue a sinceridade na sua voz.

— Já é o certo, Athos. Desde o dia em que te vi, foi o certo. — Aproximei-me dele e deposei um beijo casto nos seus lábios.

Rapidamente suas mãos contornaram meu rosto e ele aprofundou o beijo, me impedindo de controlar toda aquela sensação de finalmente ter encontrado algo pelo qual suspirar.

— O que acha de a gente continuar nosso lance? — ele perguntou e abriu um sorriso imenso assim que nossas bocas se desgrudaram.

Eu vibrava, mas dessa vez de felicidade.

— Nosso lance? Sexual você quer dizer? — Brinquei e ele alargou o sorriso, mordendo o lábio inferior em divertimento.

Tive um vislumbre do seu piercing e minha nossa, só podia agradecer pelas coisas aterradoras e totalmente prazerosas que ele era capaz de fazer.

— O lance que quiser. Só adianto que sexual soa muito obsceno e porra, eu gosto dessa coisa de obscenidade entre a gente — gargalhei e ele me seguiu, apoiando suas mãos na minha cintura.

— Como vamos fazer? — perguntei, me dando

PERIGOSAS ACHERON

conta que eu ficaria por muito tempo longe do Brasil.

— Eu venho, você vai, e assim a gente encaminha tudo. Na moral, Patricinha, eu te amo tanto, que ficar esse tempo longe de você vai ser um sacrifício feito com muita vontade, porque eu sei que não vai sair da minha vida, não vou deixar. E aí — Mordeu de novo o lábio e Cristo! Meus pensamentos se dissolveram todos! — Acha que conseguimos fazer dar certo?

Não respondi, coleí a sua boca na minha de volta e quando percebi, nós já tínhamos nos movido entre tropeços para o meu quarto. Ele abriu a porta sem interromper nosso beijo e quando me derrubou na cama, relembramos tudo o que tinha mexido conosco antes de toda aquela situação complexa.

Suas mãos veneraram meu corpo.

Sua língua fez umas coisas muito insanas e indecentes.

Perdi mais uma aula do intensivo...

Francês...

Devo ter dito umas palavras soltas no calor do

PERIGOSAS ACHERON

momento, pouco me importava.

Quem em sã consciência se ligaria a isso?

Com ele ali, só o que eu queria era... matar a saudade.



Apoiei minha cabeça no seu peitoral, cansada e preguiçosa, sentindo seus dedos traçando círculos na minha cabeça.

— Eu preciso que saiba de uma coisa, para finalmente entender tudo — criei coragem para falar.

Levantei-me ligeiramente, para olhar o seu rosto, enquanto sua mão ainda trabalhava nos meus cachos.

— Manda.

— Ela também foi abusada, Athos. Olívia sofreu com aquele homem desde a infância até a vida adulta. Meu tio encontrou um diário onde ela conta os principais pontos, dias de terror que sofreu. Theo era filho dele e por isso ela fugiu. Mas, não teve

tanta sorte, já que ele a encontrou no orfanato. Ele a chantageava..., mas, ela se importava, por mais que tivesse escolhido não fazer nada por medo. Ela se importava com vocês... e foi ela quem o matou, para dar um fim a tudo.

Seus olhos estavam fixos nos meus, sua mão, congelada no meu cabelo. Athos estava absorvendo cada informação que eu dissera. De maneira resumida, no entanto, o mais importante estava ali.

— Isso explica o terror dela também. Me perguntei durante todos esses anos os motivos para ela não fazer nada e agora que sei que ela tinha Theo, que o medo era uma constante na vida dela, não sei se posso julgá-la. Era foda, Patricinha, foda pra caralho. Eu sofri por meses, meses que pareceram um inferno, não consigo nem imaginar o quanto ela sofreu, por anos... Porra, anos... Eu acho que não justifica em porra nenhuma o que ela fez, só que sei lá... pelo menos agora eu sei, entende? Já tinha escolhido me tratar quanto a isso, e com essa verdade, é como se eu estivesse... liberto.

Fechei meus olhos.

Liberdade...

Foi exatamente o que Olívia descreveu quando deu um fim a vida daquele homem.

Voltei a apoiar a minha bochecha no seu peito e Athos voltou a acarinhar minha cabeça.

O silêncio perdurou por um bom tempo, enquanto ele me aconchegava mais e mais a ele.

Uma sonolência começou a se apoderar de mim e em meio a névoa de vagar entre o acordada e o adormecida, ouvi a sua voz rouca sussurrar — Obrigado. Obrigado, por tudo, Patricinha.

Caí em um sono gostoso.

Sonhei com um dos mosqueteiros.

Perdi-me em um tatuador.

E principalmente, vivi um amor em meio a... girassóis.



Frika

Alguns meses depois

— O que faz aí? — perguntei para Eros, abrindo parcialmente sua porta.

Athos estava tatuando.

Quando eu chegara no estúdio entrara em um papo acalorado com a recepcionista sobre os últimos acontecimentos no mundo. Nós nos distraímos tanto que o cliente do Athos chegou e ele já chamou o homem e se enfurnou na sua sala.

Achei melhor não atrapalhar.

— É uma arte pra alguém.

Só esperei essa resposta pra poder entrar.

Tentei olhar, Eros impediu.

— Ei! Para de ser curiosa, Dita Von!

Ele parecia ofendido e eu acabei sorrindo com isso.

Como se ele se ofendesse com algo...

Sua sala cheirava a Jasmim dessa vez e eu não me lembrava ao certo, o que ele acreditava que esse trazia, mas pelo visto, ele estava precisando bastante dessa tal coisa.

Paz, calma e equilíbrio.

Sim, era isso, eu tinha quase certeza.

— Ei, seu puto, já fez meu desenho? — Athos entrou logo perguntando.

Olhou para mim como se imaginasse que eu estivesse ali.

— Estou terminando.

Tentei vislumbrar de novo, sentando na cadeira de frente para a sua mesa e inclinando meu corpo. Eros cobriu a folha com as mãos.

Athos gargalhou.

— Eros, você é muito...

— Chato — Athos completou a minha constatação.

— Que horror, que melação! Até completam as frases um do outro, agora? — Eros fez uma careta e voltou a sua atenção ao desenho de novo.

— Você que vai tatuar com o Eros?

— Vou sim.

— Vai cobrir alguma? Nem comentou nada comigo... — Meu tom de voz foi descendo cada vez mais baixo, conforme eu me sentia magoada por ele ter ocultado.

— Acho que tem uma que eu não preciso mais manter, entende? Não tenho do que reclamar. Minha vida jamais poderia se tornar tão... linda. — Ele caminhou até a mesa do Eros, e me entregou o desenho — Vou tatuar isso aqui.

Quando meus olhos pousaram em algo tão significativo e inesquecível pra nós dois, me segurei ao máximo para não chorar um dilúvio.

— Meu desenho da cachoeira — sussurrei.

Como eu via.

Tudo, todo o colorido, ele iria se marcar pra sempre com a minha visão, com algo que separara o nosso ponto de ruptura entre contar segredos ou mantê-los apenas para nós.

Athos tirou a camiseta e eu babei nele, como em milhares de vezes já fizera, aguardando que ele indicasse qual ele cobriria. Virou-se de costas para mim.

— Não estou mais perdido no limbo, Patricinha. Será a primeira tatuagem colorida que eu vou fazer e não consigo pensar em uma melhor.

“Perdido no limbo” — A frase que ele tinha tatuada em um tamanho bem grande, na parte baixa das costas, desapareceria.

Ela estava logo abaixo da caveira e as duas juntas, formavam um significado muito obscuro para manter.

— Vai ficar linda. — falei.

A tatuagem na minha panturrilha ainda estava

doendo. Athos finalmente tatuara Valfenda, o desenho que ele me fizera há alguns meses.

Eu amava *Senhor dos Anéis*.

Amava Athos.

E tudo o que tinha a ver com ele.

Além disso...

Todos nós fizemos algo para honrar uma memória.

Um girassol com a letra T estava traçado na nuca de cada um de nós. Na minha, do Athos, Eros, Bruno, e na da Carla.

Uma marca eterna para uma pessoa eterna nas nossas vidas.

— Lógico que vai, porra! Sou eu que estou fazendo, e Eros é sinônimo de perfeição, minha querida!

Acabei sorrindo com a fala dele e o observei arrumar tudo para tatuar Athos. Em determinado momento, passei a língua na boca, admirando o corpo esculpido e repleto de tatuagens do meu namorado. Ele me pegou nessa observação

maliciosa e piscou, deixando aquela sensação de frio na boca do estômago em polvorosa.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, mas deem uma maneirada no amor aí viu galera, *tá* me sufocando.

— Cala a boca, e manda a ver logo nessa porra, que eu e a Erika ainda temos um compromisso.

— Que reunião é essa sem mim? — Carla entreabriu a porta.

O sorriso que Eros deu ao ver minha amiga foi lindo de assistir. Nunca imaginei que pensaria algo do tipo, mas realmente, os dois eram perfeitos um para o outro.

— Ei, linda, vou tatuar o babaca, leva a Dita Von pra longe? Quebra essa pra mim? Os dois tão em uma melação desgraçada aqui, vão me atrapalhar.

— É pra já!

Minha amiga falou e entrou, me arrastando pela mão, para Deus sabia onde.



Caminhávamos de mãos dadas, entre as lápides, com o sol se pondo e tornando a paisagem algo estranho e mórbido, porém, repleto de sentimentos. Saudade era o maior deles.

— Tem certeza? — indaguei.

Athos balançou a cabeça confirmando.

— Preciso agradecer um cara.

Seus dedos traçaram círculos suaves e aconchegantes na minha mão. Sorri brandamente.

Alcançamos uma lápide consideravelmente nova no cemitério de Santa Clara e um bolo começou a se formar na minha garganta, uma dor conhecida e que eu sentira muitas vezes desde que dera adeus.

*“Filho, irmão e amigo amado. Partiu
conhecendo o amor mais puro que existe.”*

Theodoro Borges Albuquerque

Passei as mãos nas letras, sentindo as lágrimas molharem meu rosto. Elas não eram tão doloridas quanto foram na última vez que eu estivera aqui, no PERIGOSAS ACHERON

entanto, ainda eram repletas de ausência, e necessidade de assistir o sorriso que ele dava sempre que me via.

— Ei, cara, eu peço perdão por não ter vindo me despedir de você naquele dia. Por ter te tratado com tanta falta de consideração. Salvou a pessoa que eu mais amo no mundo e jamais eu conseguiria repor essa dívida com você, entende? Queria dizer que eu vou cuidar dela, vou cuidar dele também. Esteja aonde estiver pode ter certeza que eles serão amados, pra sempre. Está conosco também e pra sempre estará, até que a gente se encontre de novo, não é? O Clube do cinco nunca mais será o mesmo sem você e... — Athos começou a chorar e abaixou a cabeça desolado — não era pra ter acontecido nada do que aconteceu com você, irmão. Era muito novo para ir embora, mas Deus gosta de manter os bons por perto e... porra — Passou uma das mãos no rosto — Pessoa melhor do que você não vai existir não, mano.

Levantou-se e endireitou a postura, olhando para mim por sobre a névoa de lágrimas.

“Obrigada” — proferi, sem emitir qualquer som.

Agachei-me e deixei os girassóis no seu túmulo, depositando um beijo em cada um deles, como se eu estivesse beijando meu irmão.

— Amo você, Theo.

Olhei para o céu, alaranjado e tristonho com o sol descendo cada vez mais. Fechei meus olhos, respirando fundo, sentindo um calor no lado esquerdo do peito.

Quando os abri novamente, entrei em choque. Uma pontada de dor de cabeça se fez presente e eu pisquei diversas vezes para poder assimilar o que acontecia.

Minhas cores...

Elas estavam de volta.

Todas.

Coloquei as duas mãos na boca, desabando no chão, olhando para tudo incapaz de acreditar.

— Meu Deus, tá tudo bem, amor? — Athos desesperou-se.

Olhei para ele e não havia qualquer chance de conter o choro a essa altura.

— Elas... voltaram...

Ele arregalou os olhos, sem saber o que dizer.

— Elas voltaram, Athos. Voltaram pra mim! — Solucei.

Como dizer que eu não me sentia eu mesma sem a Tetracromacia? Era como se sem essa condição, eu fosse normal e já tinha me apegado tanto a ela que ser normal me assustava mais do que ser diferente.

— Foi o luto... O luto que tirou de você isso. Achou que não era merecedora por causa do que Theo fez e pela falta que ele faria, então...

— Eu bloqueei minha habilidade. — Deduzi.

— Acho que sim.

— Ah, meu Deus! — Comecei a soluçar.

Athos ajudou-me a levantar e depois me abraçou, forte e firme contra seu corpo, passando as mãos nas minhas costas, tentando conter a onda de dor que corria pelo meu corpo. Uma dor diferente, uma dor de reconhecimento por ter de volta o que eu perdera e achara que nunca mais teria.

— Finalmente deixou ele ir embora, Patricinha...

Sabia que ele dizia a verdade e foi por ter essa noção que eu me virei em direção a lápide e podia jurar que por instantes eu vi a névoa de lilás formar uma silhueta bem no lugar em que eu tocara. Pisquei freneticamente minhas pálpebras e ela desapareceu.

Olhei para o céu e senti um conforto imenso se apoderar de mim.

— Como?

— Não sei..., mas, talvez, com a sua dor ele não conseguia... encontrar a paz. Nem você.

Olhei para os olhos multicolores de Athos e lágrimas de alegria dessa vez me brindaram.

Ele enxugou cada uma delas, com um gesto de carinho.

— Senti tanta saudade dessas cores em você! — sussurrei — Agora entendo porque me apaixonei logo à primeira vista.

— Não foi pelo meu charme?

— Foi pela sua singularidade aos meus olhos. De
PERIGOSAS ACHERON

alguma forma, eu sabia que era você, que sempre seria você.

— Como eu fico ofendido com você dizendo isso logo em seguida? — Brincou — Porra, eu te amo demais — empurrou um cacho para trás da minha orelha — Amo de verdade.

Olhei mais uma vez para a lápide, agora com os girassóis repletos de cores e vida. Dei um sorriso repleto de paz.

Olhei para a lápide ao lado e não soube definir o que senti.

“Mãe, irmã e amiga muito querida”

Ana Olívia Borges Albuquerque

Ninguém soubera o que colocar na dela. Meu tio quem tinha corrido atrás de tudo, meu pai nem a isso se deu ao trabalho. Agora, ele respondia em liberdade pelos crimes que cometera, no entanto, eu não me sentia nem um pouco tentada a falar com ele, o qual pelo visto também se culpava já que

PERIGOSAS NACIONAIS

nem tentara fazer contato comigo. Athos dizia que eu devia perdoar e eu sabia que sim, mas, no momento eu precisava de um tempo maior para o fazer.

Virei-me, puxando Athos pela mão.

Fui detida quando percebi que ele não se movia.

Ao me virar para fitá-lo, notei que ele olhava o túmulo de Olívia com as sobrancelhas semicerradas.

Soltou a minha mão e foi até lá, agachando-se e olhando fixamente para o lugar.

— Eu perdoo você, sei que também sofreu, e de verdade, eu te perdoo.

Uma névoa também lilás subiu ao céu e eu acompanhei aqueles pontos coloridos em meio as cores do céu, tentando decifrar o que eles representavam.

Entendi só quando Athos passou um dos braços nos meus ombros e eu contornei a sua cintura com o meu, deixando para trás muita mágoa e rancor.

Olívia estava livre.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de todo o mal, ela estava finalmente livre.

— Você quer ir falar com o irmão da Clara? —
Indagou Athos.

— Ainda não.

— Faltam dois dias para o Natal.

— Eu sei.

— Você quem manda.

Saímos do cemitério e seguimos para o seu apartamento.

Por lá ficamos a noite inteira.

O que fizemos?

Não preciso dizer, certo?



Olhei para a mesa, preparada com a ceia de Natal e deposei minha mão na do Athos, sentindo a do Bruno me acolher no outro lado.

Meus olhos pousaram em Caveira e Milena, em um clima de romance que eu nunca imaginaria que

existia entre os dois.

Eros e Carla estavam mais do que felizes.

O único sozinho era Bruno e eu torcia para que ele encontrasse alguém que fizesse bem a ele, Theo não ficaria contente em ver como ele estava. Mas, eu o entendia, de verdade.

Meu tio, infelizmente, precisara ficar em Montreal para trabalhar e não conseguira aproveitar a minha viagem de fim de ano para me acompanhar. Ele dissera que não se importava com isso, desde que eu estivesse feliz, mas eu faria uma chamada de vídeo depois com todos, para felicitá-lo.

— Vamos rezar pelo que nos foi dado? — Falei.

— Sim — Sussurraram em uníssono.

Começamos a agradecer e a honrar os que haviam partido, mas que estariam sempre presentes entre a gente.

Nunca tivera um Natal tão feliz.

E jamais uma família tão grande e amorosa.

Meu lugar era ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre tinha sido... ali.

PERIGOSAS ACHERON

55



Três anos depois

Estava no aeroporto, aguardando ansioso que Patricinha chegasse. Finalmente, todas aquelas viagens acabariam. Não teria que esperar as suas férias para poder ficar com ela um pouco mais de tempo, teríamos todos os dias dali para frente.

Eros e eu mudamos de estúdio, para um maior, o mais procurado da cidade. Conseguimos alugar quatro salas, para outros tatuadores e um cara que mandava bem no piercing. Porra, aos poucos tudo parecia estar melhorando, tanto que já estávamos estampando várias revistas com o foco em tatuagem pelo país. Assinamos contrato com uma,

PERIGOSAS NACIONAIS

para enviarmos as nossas melhores artes e contar um pouco sobre nós. Não demorou muito a aparecer clientes de todas as cidades por perto, uma inclusive viera de outro estado, só para tatuar com a gente.

No âmbito profissional?

Estávamos botando pra quebrar.

No âmbito pessoal?

Também, já que eu estava com a Patricinha fazia pouco mais de três anos e o mesmo acontecia com Eros e Carla.

Ele continuava com seu jeito maluco, no entanto, todas as suas escapadas sexuais já não aconteciam mais. O que deixara a princípio as *minas* que ele pegava, um tanto quanto... revoltadas. Se é que podíamos definir assim.

Na minha sala, as pinturas dela estavam por todas as partes e quando os clientes entravam, se surpreendiam com o colorido do lugar, contrastando com meus quadros escuros de filmes de terror. Éramos opostos que se fundiam com tanta maestria que eu não sabia quando meu coração

PERIGOSAS ACHERON

começara a ser dela, ele só...era.

Eu sorria na maior parte do tempo, quando ela estava de férias e vinha passar o tempo comigo.

Toda essa noção, de que eu a amava pra caralho, de que eu faria qualquer coisa pelo sorriso dela e de que não havia nada melhor do que nós dois juntos, suscitava a certeza que eu precisava levá-la para o campo de girassóis, sem que ela soubesse.

Era o único lugar para fazer aquilo.

Bem, minhas mãos suavam bicas e eu não conseguia nem pensar coerentemente.

Olhei para o quadro de escalas e vi que o voo dela estava chegando, coisa de dez minutos para finalmente poder abraçar e me tranquilizar com a volta da mulher da minha vida para casa.

Tudo acontecia no momento certo e tal, bem louco se parássemos para pensar. Mas, se tudo na vida fosse uma certeza, se você soubesse o que aconteceria no seu dia logo que acordasse, se previsse tudo nos mínimos detalhes, qual seria a graça de acordar?

Viver intensamente, ser feliz, se divertir, era
PERIGOSAS ACHERON

melhor do que ter uma vida monótona, fadada ao escárnio e infelicidade eterna.

Porra, que bosta.

Eu sabia que não deveria ler muitos romances antes de deixar meu ponto de vista claro aqui, para vocês; de qualquer forma, caso vejam uma situação para propagar meus ensinamentos, fiquem à vontade. Disseminar bons conselhos, enquanto várias pessoas padecem de excelentes pontos de vista é uma boa, não é?

Sei lá.

Foda-se.

O avião que trazia Erika estava pousando.

Merda. Estava pousando!

Abri e fechei as minhas mãos. Andando apressado até onde ela desembarcaria. Meu coração pulsava frenético no meu ouvido, ansioso por ver a sua forma marcante de caminhar, seu cabelo ondulado e seus olhos verdes que me acalmavam a qualquer instante. Até mesmo nas chamadas de vídeo, que durante todo esse tempo que ela morou em Montreal, foram muitas.

Depois de uma longa espera, eu a enxerguei, olhando para todos os lados, a minha procura. Várias pessoas entraram na minha frente e ela desapareceu das minhas vistas. Esperei que saíssem e quando seu olhar topou com o meu, assisti embasbacado e perdido, um sorriso imenso se formar nos seus lábios.

Patricinha abandonou as malas e correu na minha direção.

Quando ela chegou, abri meus braços e sustentei seu peso, sentindo suas pernas envolverem minha cintura.

Seu cheiro de girassóis me dominou. Espalhou-se por todos os meus sentidos, como um presságio da felicidade que nos incendiaria. Era como se eu pudesse tocar um pedaço do céu, finalmente ao meu alcance.

Seu lugar era nos meus braços.

Comigo... para sempre.

— *Tava* com tanta saudade — Proferi e a apertei mais ao encontro do meu corpo.

— Eu também. Não via a hora que o avião

PERIGOSAS ACHERON

pousasse.

Meus braços em torno dela estavam tão tensos que eu sentia o ruído das pessoas à nossa volta e pouco me importava com elas.

— Todo mundo *tá* morrendo de ansiedade pra você contar a novidade.

Três meses desde que nos vimos pela última vez.

Um mês desde que ela me disse.

Eu seria pai e porra, não conseguia conter minha euforia.

Ninguém no estúdio sabia e caralho, eu me controlara ao máximo para não contar.

Minha língua estava cheia de cortes, de tanto que eu a mordera para manter a merda da minha boca fechada.

— Não conseguiu ficar quieto e disse que eu revelaria uma coisa?

— Melhor do que eu contar a surpresa em si, não acha?

Ela se desprendeu de mim e se firmou no chão,

com os braços ainda em torno do meu pescoço — Sinceramente, imaginei que chegaria e já estaria todo mundo sabendo.

Olhei para as suas malas ao longe e me apressei em pegá-las, antes que acabássemos perdendo-as de vista com a euforia do momento.

— Me tem em tão pouca estima? — ironizei.

— Claro que não, apenas o conheço e sei como fica quando está eufórico.

Revirei meus olhos. Ela não deixava de ter razão.

Entrelacei meus dedos aos seus e caminhamos juntos até onde o carro estava estacionado.

— Preciso te vender — Abri a porta do carona e puxei uma venda do bolso da minha calça jeans.

Erika olhou para ela com o cenho franzido e logo depois seus olhos encontraram os meus, repleto de perguntas.

— O que vocês vão aprontar?

Vocês?

Mal sabia ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

A surpresa cabia apenas a mim e eu fizera questão de avisar a galera que demoraria um pouco pra gente chegar, mesmo o voo dela sendo dali só algumas horas.

— Nada. — murmurei.

Fechei a sua porta e fui até o lado do motorista, sentando e respirando fundo. Quando dei a partida no carro, Erika recostou-se no banco e ficou quieta. Mais quieta do que eu estava acostumado.

— Não vale me assustar.

— Não vou te assustar.

— Bom... e como estão as coisas por aqui? Eros e Carla ainda estão brigados?

Eu tinha ido para Montreal há três meses e comentara que Eros e Carla tinham dado um tempo. No entanto, quando eu chegara, eles já estavam a todo vapor novamente, irritando todo mundo como sempre.

— Não. Voltaram a conversar depois de uma semana, ou menos. Não conseguem ficar muito tempo sem se falarem.

PERIGOSAS ACHERON

— É verdade.

Algumas músicas indie tocavam no som do carro e Erika começou a balançar a cabeça suavemente acompanhando o ritmo e cantarolando várias delas. Não sabia o que era mais lindo, seu sorriso suave, ou a sua liberdade em ser ela mesma.

— Eu sempre fico deslumbrado com a sua beleza. Sabia? — admiti.

— Sou irresistível, não é? — Sua fala tranquila me fez gargalhar.

— Tenho a modéstia em pessoa ao meu lado.

— Melhor do que você com a sua falsa modéstia. Vive dizendo que não se acha nada demais e só eu sei o que passo com as clientes novas. Ainda bem que agora usa aliança, ou não é um bom sinal, já que algumas adoram testar os limites? Bom, fico em dúvida.

Ela estava com os olhos vendados e não viu o sorriso convencido que se abriu no meu rosto.

— E mudando de assunto, como *tá* o Will?

— Bem. Ele viajou para Frankfurt, por causa de

um projeto. Uma engenheira da empresa foi com ele... e sabe que eu senti alguma coisa rolando entre eles? Deus bem sabe que ele merece e, estou torcendo para que essa mulher consiga ultrapassar as barreiras malucas que ele criou em torno de si.

— Ah... então era ela? — Comecei a falar e me dei conta que Patricinha não sabia.

— Ela o quê?

— Ah nada, esquece.

Pedir para uma mulher esquecer algo era a mesma coisa que atíçar a sua curiosidade.

— Pode ir falando, ou eu vou encontrar maneiras de arrancar a verdade de você depois.

— Quando cheguei da última vez... Ela estava saindo do apartamento. Era cedo, acho que umas cinco da manhã, lembra que eu tive que antecipar meu voo? — Ela balançou a cabeça em concordância — Então... Tinha uma mulher saindo de fininho e ela se assustou pra cacete quando me viu assim que abriu a porta. Eu segurava a chave nas mãos, prestes a colocar na fechadura. Não comentei nada quando percebi que William estava

de mau humor. Meio que entendi o que se passava.

— Por que não me disse? E como ela era? Loira, alta e com os cabelos bem compridos?

— Isso mesmo. Mas sei lá, foi rápido, eu entrei e ela saiu. Nem a cumprimentei, ela parecia em choque.

Erika gargalhou.

— Meu tio é mesmo do tipo que come quieto. Nem ao menos me contou nada, nem quando eu joguei verde pra tentar entender o que estava acontecendo com ele.

— Às vezes, ele só *tá* esperando pra confirmar se será pra valer pra te contar. É a única da família dele que ele considera. Não quer despertar esperanças vãs.

— Deve ser. Eu disse há um tempo que ele precisava seguir em frente e entregar seu coração para quem realmente o merecia. Fico contente que ele esteja finalmente ouvindo.

Acenei em concordância com a sua fala, mesmo que ela não pudesse ver.

À minha frente, a estrada que levava para a fazenda Arco-íris despontou, trazendo o sol com ela, no horizonte. As cores do pôr do sol eram fantásticas, flutuando de um amarelo vívido, laranja e vermelho, provocando uma tonalidade inconfundível de milagre.

Meu relacionamento com o Senhor finalmente voltara a ser sossegado e de agradecimento.

Quem poderia me julgar?

Quando se via e sentia tudo de errado na pele, não era espantoso que a figura de algo onipresente e que deixava que tudo acontecesse aos seus, se tornasse desacreditada. Eu tinha fé? No fundo, acreditava que sim. No entanto, não era tão devoto como minha mãe um dia foi.

A chuva do dia anterior fizera com que a estrada de terra estivesse ainda mais irregular e Erika sentiu o sacolejo do carro, inclinado a cabeça em dúvida, tentando enxergar entre o pano preto.

Ela sabia que não tinha nenhuma estrada de terra do aeroporto até Amorosa.

Merda.

Eu não pensara nessa parte. Só esperava que ela não sacasse na hora.

Parei o carro em uma das vagas para visitantes da fazenda. Agora, tudo era assim ali. Construíram uma pousada charmosa na propriedade, que ficava de frente para o campo de girassóis. Eu reservara um dos quartos, meses antes, só para não correr o risco de perder.

Quando eu viera ver o quarto com uma das clientes do estúdio, suspirei deslumbrado diante da beleza. Foi um choque, nunca imaginei que seria tão... foda. A pousada consistia em diversos chalés, com os mais variados estilos. O que eu reservara, contava com uma banheira de hidromassagem diante de vários vidros, formando uma visão hexagonal da plantação. A enorme cama *king-size* ficava de lado para a mesma vista, enredada por milhares de girassóis, sendo capturados com a visão das montanhas mais à frente. Somado ao ofurô, para mim, chegava bem perto da perfeição.

Por sorte, eu visitara justo antes do pôr do sol. Foi uma das visões mais lindas que já tive na vida, perdendo apenas para o sorriso da mulher que eu amava.

— Chegamos ou não? — perguntou impaciente.

Eu ainda tentava me acalmar.

Era uma situação de extrema emoção, isso porque eu raramente ficava nervoso, diante de toda a calma que precisava nos meus *tramos*.

— Chegamos. Espera um pouco — Eu me apressei a dizer, antes que ela tirasse a sua venda.

Abri a porta do seu lado e peguei na sua mão. Erika pressionou levemente meus dedos e deixou que eu a conduzisse para fora do carro. Caminhamos juntos até o pórtico que separava a fazenda da pousada.

Meus passos ecoavam os seus, enquanto eu olhava para os buracos na estrada e a fazia desviar de todos eles.

A sua confiança em mim era inabalável e com certeza, era um dos motivos para darmos tão certo juntos.

Quando duas almas se encontravam, como aconteceu com a gente, era impossível evitar o destino.

— O que está acontecendo, Athos? Nós não estamos em Santa Clara, estamos?

— Não.

— Onde estamos, então? — Ela fez menção de retirar a venda novamente e eu segurei a sua mão.

— E por que estou sentindo cheiro de... — ela deu uma pausa e respirou fundo — natureza?

— Nada de tirar a venda, Patricinha. Essa sua curiosidade ainda vai me colocar em maus lençóis.

— Athos, para de brincadeira, onde estamos? Por favor, não me faz morrer de curiosidade — Ela gargalhou e tentou retirar sua mão da minha para puxar a venda.

Mantive o aperto.

— Vai valer a pena, só espera um pouco. Todo mundo está morrendo de saudade e esperando pra te dar as boas-vindas.

— Certo. — resmungou.

Quando acessamos a estrada de cascalho que levava direto para a entrada do chalé que eu reservara, me abaixei e passei os braços pelos seus

joelhos, levantando-a em um rompante, mantendo-a bem firme junto ao meu peito. Ela estranhou um pouco o gesto, mas não demorou a se aninhar ao meu corpo.

Subi as escadas, devagar, tomando o cuidado de não derrubar nós dois.

Seria tenso demais, e meu pedido se tornaria um verdadeiro fracasso.

— Estamos quase lá.

— Sério? Ou está me enganando? — Seu tom foi brincalhão, mas a ansiedade me atingiu a milhão.

Pousei-a no chão, olhando para a vista dos girassóis, exatamente como eu tinha visto há meses. Eles estavam todos coloridos, brilhando e nem mesmo o Sol se pondo era capaz de ofuscar a beleza diante de tantas flores reverenciando-o, em um amor puro pelo astro.

— Enganando. — admiti, um sorriso maroto dominando minha feição.

A madeira estalava um pouco diante do nosso peso e Erika notou esse detalhe, colocando as mãos na venda.

— Já posso tirar?

— Eu vou tirar de você, apressada.

Meus dedos trabalharam rápido no nó que eu tinha dado e ouvi o seu murmúrio deslumbrado quando a barreira foi retirada dos seus olhos. Erika olhou em volta, para a cama repleta de girassóis, olhou para a banheira, que abria espaço para a vista do campo bem atrás de si. A porta dupla da varanda do chalé, deixava que a brisa entrasse e propagasse o cheiro semelhante ao perfume que ela costumava usar.

Todos os meus sentidos estavam repletos dela e até mesmo as batidas do meu coração pareceram oscilar com essa ideia.

— Minha nossa... que lindo!

Suas mãos pousaram sob seus lábios e Erika caminhou abobalhada até a varanda com deque em madeira, para contemplar a imensidão de amarelo que se estendia até onde nossos olhos não conseguiam mais enxergar.

Ao longe, o moinho da fazenda aumentava o charme das flores à sua volta.

Era como um cenário inacreditável, daqueles que líamos em livros e nunca imaginávamos que encontraríamos.

— Gostou? — Uma coceira incômoda de nervoso se instalou na minha garganta.

— Se eu gostei?! Meu Deus, Athos! Eu amei!

E foi nesse momento.

Nesse fatídico dia, em meio a tantos problemas e situações horríveis pelas quais passamos, que eu decidi que pediria a mulher que eu amava em casamento.

Peguei a caixa em veludo preto e me ajoelhei.

Patricinha começou a chorar e depois a rir desesperadamente.

Que ela era totalmente louca eu sabia, mas não contava com essa reação nem nos meus piores pesadelos.

— O que aconteceu?

— Não acredito nisso, você vai me pedir em casamento? Mas eu ia pedir você! Isso não é justo!

— Ela tirou uma caixa semelhante a que eu
PERIGOSAS ACHERON

segurava do bolso da sua calça jeans.

Ajoelhou-se também e abriu-a, deixando em evidência duas alianças douradas, no tamanho exato das nossas de prata.

Comecei a gargalhar histericamente, ainda de joelhos no assoalho de madeira.

Isso só podia acontecer com a gente.

— Sério que *tá* me tirando esse dia? Como você pode ser tão ardilosa assim?

— Aceita se casar comigo, Athos Monteiro? Sim ou não? Vamos lá, meu querido, eu pedi primeiro, você ficou duvidando aí, então agora quem vai ter que dizer o *sim* é você!

Desabei a cabeça, não aguentando a diversão da situação.

— Aceito, Patricinha. Aceito pra caralho.

— Vou colocar essa aliança no seu dedo então, tatuador. — Ela ainda tentava controlar o riso enquanto passava a aliança no meu dedo anelar — Fiz o mesmo com ela e o anel de noivado que eu tinha comprado.

Caímos na gargalhada segundos depois.

Levantei e a ajudei, abraçando-a logo em seguida.

Suas pálpebras desceram no mesmo instante em que o Sol ao longe repousou em meio ao verde das colinas. A escuridão foi aos poucos tomando conta da suíte, enquanto eu me desesperava pelo seu súbito silêncio.

Seus olhos se abriram, reluzindo, e suas mãos contornaram meu rosto, enquanto ela me admirava como se não tivesse me visto há muito tempo.

— Nunca vou me acostumar com a sua beleza.

— Fala como se eu fosse capaz de me acostumar com a sua — Fui sincero.

Ela espalhou uma trilha de beijos carinhosos pelo meu rosto e depois nossos olhares se mantiveram presos, enquanto eu sentia que por mais que acontecimentos traumáticos tirassem o melhor da gente, isso voltava quando entendíamos seu principal propósito.

— Ainda bem que eu te encontrei naquele dia, que a Tetracromacia me fez ficar fascinada com

PERIGOSAS ACHERON

você.

— Talvez... esse tenha sido aquele impulso que sentiu em tatuar. Para me encontrar — Acaricieei a sua bochecha, admirando a mulher da minha vida.

— Essa sua sabedoria é um dos motivos para eu amar loucamente você, sabia?

Abracei-a apertado.

— Pensei que fosse meu talento sexual.

— Ah, ele também teve uma parcela grande de mérito.

— Acho que eu mereço no mínimo comprovar esse seu amor louco, então, o que acha?

— Não tem mais ninguém aqui? — Ela indagou receosa.

— Não. Retribua esse milagre ao fato de eu conhecer uma das filhas do dono.

— Ela tatua no estúdio, não é? — Patricinha matou a charada.

— Você quem supôs.

— Claro — Ela tombou um pouco a cabeça para
PERIGOSAS ACHERON

o lado e seus cachos se concentraram todos em um amontoado.

— Te amo pra cacete, Patricinha. — Empurrei um cacho do seu cabelo para trás da orelha, sem parar de admirá-la.

— Digo o mesmo, mosqueteiro. Eu te amo demais. E amo essas declarações, só que... quando vamos partir pra ação?

Não demorei para tornar seu desejo em realidade.

Nós nos afundamos em meio a felicidade e não havia nada além dela. Nada além de um sentimento tão poderoso que eu tinha certeza que dormiria e acordaria sorrindo por todos os dias, até o fim da minha vida.

Mais tarde, quando descemos até os girassóis, um sorriso bobo ainda enfeitava nosso rosto. Esticamos nossos braços, nossas mãos firmemente entrelaçadas, passando por entre as flores e seu manto de pedidos realizados.

Cada um escolhia no que confiar.

Nós... escolhemos acreditar no amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Athos

Ninguém sabe ao certo como funciona o Tetracromatismo. Não é uma ciência exata, não é algo infinitamente estudado.

Eu tenho certeza que Erika perdeu momentaneamente sua habilidade de enxergar milhares de tons de cores devido ao luto, mas a sensação que também me assolava era a de que sua peculiaridade tivera como propósito me aproximar dela. Como uma garantia, de que nessa vida, almas destinadas se encontrariam novamente.

Pode ser tudo baboseira.

Claro que sim.

Mas, quem irá dizer com certeza se é ou não?

Olhei para o céu, segurando um copo de suco, em apoio à minha mulher que não poderia beber, grávida do nosso terceiro filho. Claro, porque não importava que um deles havia sido adotado, era nosso, nascera de um amor.

“Ei, Grande Cara, obrigado pela dádiva”

Sabe quando ficamos descrentes com tudo?

Pois é, minha vida já não era mais assim.

Há alguns anos, inclusive.

As portas do meu trauma foram abertas e se fecharam com minha superação. Claro que a terapia tinha sido um dos fatores fundamentais para isso, porém, o maior deles, sorria para mim neste exato momento.

Levantei meu copo e pisquei para a minha mulher.

Lembrava-me como se fosse hoje do momento em que eu finalmente decidira deixar tudo para trás... Do momento em que eu finalmente entendera meu propósito. No nosso primeiro Natal juntos, quando ela voltou de Montreal para passar um tempo com a gente.

Meu coração falhou algumas batidas assim que a vi no desembarque.

Foi como ter meu coração inteiro novamente, comigo, enquanto ela estava longe, ele parecia se dividir entre oceanos.

Naquele instante eu soube que não seria eu mesmo sem ela.

Nunca mais.

Agora... estávamos comemorando o início de uma era para o Athos & Eros, o episódio piloto de uma série envolvendo o estúdio e todas as nossas histórias diárias. Era um passo maior do que nossas pernas, no entanto, quando um produtor de televisão surgiu com a ideia, depois de tatuar conosco, foi como uma luz para o que deveríamos fazer. As pessoas precisavam conhecer o outro lado da moeda.

Além do mais, Eros era o alívio cômico.

O que não surpreendeu ninguém, claro.

— Ela está linda..., mas só queria perguntar se dessa vez eu que vou batizar, sabe? Não foi justo ter escolhido o Bruno pra batizar o Theo... — Eros

se colocou ao meu lado, resmungando.

Troquei meu peso de perna, me preparando para ouvir uma hora de reclamação.

— Sabe muito bem o motivo pelo qual ele foi nossa escolha.

— *Tá, tá*, claro que eu sei... é só que eu quero um afilhado também, entende? Senão você não vai batizar o meu! — Sua ameaça não surtiu qualquer efeito em mim.

— Sabemos muito bem que não terá um filho tão cedo.

— Como pode ter tanta certeza?

— Eu simplesmente... sei. — Comentei.

— É... você tem razão. Nem posso, na verdade.

Dessa vez eu olhei curioso para o meu amigo.

— Não entendi essa... na moral.

— Nem precisa entender, cara, nem precisa... — Deu tapas nas minhas costas e se afastou, indo até Carla, que segurava Theo no colo, conversando animada com meu filho.

Ele era o moleque com três anos mais esperto que eu já havia conhecido.

— Ele estava chorando de novo, não é? Por causa da escolha de padrinho? — Indagou Bruno.

— Sempre chora.

Gargalhamos com essa verdade.

— Eu nunca vou deixar de sentir saudade dele, sabe? Mas é aquela coisa, ele fez o que precisava ser feito. Não a culpei porque eu sabia que todo mundo teria feito o mesmo uns pelos outros, além do mais, ela era a pessoa que ele mais amava no mundo e como eu poderia odiar alguém que ele amava? Sumi por um tempo pra poder entender meu luto, lidar com ele. Não queria que se sentissem abandonados.

— Não nos sentimos, pode ter certeza — Coloquei uma mão no ombro do meu amigo.

Ele concordou, em um aceno.

— Vocês parecem se conhecer de outras vidas... São muito sintonizados. Talvez algum dia eu encontre outra pessoa que mexa comigo dessa forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai encontrar irmão, você vai.

— Tomara.

— Por que vocês dois estão aí no canto, meus queridos? Venham abrir o champagne com a gente!

— Caveira chamou animado, chacoalhando a garrafa.

Ele estava com a Milena. Inclusive, ela também estava grávida.

Se eu pensara em um arranjo melhor para ambos? Jamais. Até me perguntava como não havia percebido essa coisa entre eles antes. A felicidade reinava à minha volta e porra, nada me fazia sentir mais leve do que isso.

— *Tô indo, mas não vou beber!* — falei, já caminhando apressado na direção de todos.

— Essa palhaçada de novo? Tenho certeza que a Dita Von nem se importa! — Comentou.

— Não mesmo, tem toda a razão quanto a isso!
— ela falou, revirando os olhos.

Estava sentada no canto da nossa área de festas, no fundo de casa, com os pés esticados e parecendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão cansada quanto alguém que não dormira por uma semana inteira e ainda... queria transar a todos os instantes. Ela tinha virado uma ninfomaníaca das maiores! Mal terminávamos uma rodada, ela já queria outra e assim seguia. Isso quando eu não acordava sendo chupado e tal — claro que eu não era otário de reclamar dessa parte — só que a primeira gravidez não tinha sido assim e dessa vez, os hormônios a estavam consumindo e eu me deixava ser tragado... também.

Sorriu maliciosa para mim, eu retribuí sua perversidade.

Caminhei até ela e quando minha mão tocou a sua, o lugar que mais se aqueceu foi o canto esquerdo do meu peito.

— Está cada vez mais difícil levantar — Ela brincou.

— Sei que sim, por isso vim ajudar. — sussurrei.

— Ainda não consigo acreditar que isso é real, sabe? Essa felicidade, saber que eu tenho alguém com quem contar.

— E sempre terá. — Beijeí sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho certeza disso.

Eu parei de respirar, ciente de que estava olhando para o que de mais lindo habitava no meu universo.

Era tudo o que eu podia ver... ela, nossa família, o sentimento incrível que se fortalecia a cada dia.

— Ei pai, tem que parar de ficar no canto! —
Ouvi a voz do nosso filho mais velho bem atrás de mim.

Miguel ainda era a criança animada e feliz que eu conhecia, mas agora, finalmente, depois de tanto tempo tentando, ele era oficialmente nosso filho.

Se eu acreditava em anjos?

A essa altura, achava que eles estavam em toda parte.

— Concordo com você, meu lindo — Patricinha disse e o puxou para um abraço, beijando o topo da sua cabeça. — Te amo do tamanho do universo!

— E eu te amo do tamanho do multiverso!

— Não vale! É muito grande!

— Por isso mesmo que eu te amo desse tamanho!

PERIGOSAS ACHERON

Não tem como saber o tamanho, é só...muuuuuuuito grande!

Os dois ficaram abraçados por um bom tempo, enquanto eu os admirava.

— Eros não para de reclamar um segundo sequer da escolha de...

— Padrinho, eu sei — Patricinha ironizou.

Theodoro estava dormindo tranquilo nos braços da Carla e, eu não consegui evitar o sorriso que se alastrou pelo meu rosto.

— Enfim, ele só reclama mesmo, mas concorda totalmente. — Comentou — E, gata, eu preciso passar na galeria pra poder te ajudar com as vendas, mas como a construtora está no começo, sabe como é corrido.

— Claro que sei, sua maluca. Não precisa me ajudar em nada, e foque no seu negócio. Eu vou contratar alguém pra me ajudar, fica tranquila.

Ambas suspiraram.

— Vou sentir tanta falta de te ver todos os dias.

— Eu também, mas precisa focar na sua
PERIGOSAS ACHERON

empresa, sei bem como funciona.

As duas tinham iniciado seus próprios negócios. Erika abrira uma galeria em Amorosa, a galeria Girassol, e vendia tanto os quadros que ela pintava, como outros de pessoas completamente desconhecidos. Na verdade, vendia peças de arte no geral e estava se firmando nesse ramo em falta na região. Todos sabiam aonde ir para comprar coisas diferentes para decorarem suas casas.

Principalmente imagens... repletas de cores. Um vendaval de tons.

Enquanto Carla... Terminara a faculdade há alguns anos e seguira no ramo de engenharia, saindo da última empresa na qual trabalhou para começar a sua.

Decididas?

Sem sombra de dúvidas.

— Gente, vai começar, corram aqui, porra! —
Eros chamou a nossa atenção.

Peguei Erika no colo e corri com ela até a sala, onde todos já haviam se sentado, em uma rapidez incrível.

Caveira, Milena, Eros, Carla, Bruno, Erika, eu e nossos filhos.

A abertura do *Athos & Eros* ficou maravilhosa, aparecendo Eros e eu, os tatuadores associados ao nosso estúdio e os tramos mais fudas que fizemos.

— Não acredito que iriam começar sem a gente — William apareceu no corredor e eu me levantei para cumprimentá-lo com um abraço — desculpe por entrar assim sem bater, mas é que o portão estava aberto e se eu bem conheço vocês, estariam entretidos demais para nos atender.

— Olá — A loira ao lado dele falou.

A mesma que eu encontrara uma vez no seu apartamento em Montreal. Os dois tinham engatado um romance bem sério e pelo visto, ela agora estava aprendendo português.

Cumprimentei-a com um abraço também.

Patricinha se colocou ao meu lado e fez o mesmo com o tio, depois com a loira, e apenas eu consegui ouvir o “obrigada” que ela sussurrou. Assim como sabia a “que” agradecia também.

— E Heitor? — perguntou Will.

Fiz um sinal de corte no pescoço, indicando para que ele ficasse quieto. Perdoar era divino, mas Erika ainda estava digerindo tudo de errado que o pai fizera e não ajudava em nada que ele tivesse encontrado uma mulher tão detestável quanto Olívia.

— Se afundando como sempre. Nem todas as pessoas no mundo conseguem abandonar hábitos tóxicos. — O rancor na sua voz nem me assustava mais.

Eu sabia a mulher que tinha em casa. Quando ela ficava brava, sua característica doce sumia tão rápido quanto papel em vento forte.

— Ora, ora, quanto amor! — William tentou aliviar o clima.

— Há pessoas que não importa a quantidade de amor que recebem, só retribuem com... morte — eu passei meus braços em torno dela, porque sentia o caos vindo — e traição, e crueldade. Não quero mais pessoas assim em torno dos meus filhos com a única desculpa que precisa conhecer os netos e que os ama. Não mais, estou farta.

— Fica calma — sussurrei.

— Tarde demais.

Olhei para baixo, para o líquido que agora molhava o chão e arregalei meus olhos.

— Meu Deus! Estela vai nascer! — William gritou.

Eu me apavorei.

Todo mundo pulou do sofá e começou a correr para todos os lados possíveis, sem saber o que fazer.

Patricinha fez uma careta de dor, depois senti seu corpo ficar mole, enquanto ela cravava as unhas nos meus bíceps. Não perdi tempo, passei os braços por trás dos seus joelhos e a levantei.

Já tinha visto essa história acontecendo.

Já vira também a bolsa estourar, para ter a noção do que estava prestes a acontecer.

No final, ninguém viu a estreia do programa e quer saber?

Pouco nos importamos.

Porque nossa *estrela* estava doida para conhecer

PERIGOSAS NACIONAIS

o mundo.

E na moral...

Nós estávamos doidos para conhecê-la também.

PERIGOSAS ACHERON



AGRADECIMENTOS

Várias pessoas especiais e totalmente dedicadas fizeram parte dessa minha trajetória com essa história nova. Foram momentos tensos, em que eu chorei por não me sentir preparada para narrar sobre tudo que Athos e Erika viveram. Em outros, eu não conseguia parar de pensar neles.

Demorou muitos meses para que eles estivessem finalmente prontos, com todos os pontos traçados e com a leveza e palavras que precisavam para serem inesquecíveis no meu coração.

Atirar-me nessa história, foi como me atirar ao desconhecido, no qual eu não sabia o que encontraria quando chegasse ao fim.

Desafiei-me e quando coloquei o ponto final, tive a certeza que aquela sensação no meu peito, bem no lado esquerdo, era orgulho por eu ter conseguido o que procurava.

Eles me fizeram crescer.

Eles me trouxeram um conhecimento enorme sobre todas as questões abordadas.

No fim, tudo o que eu conseguia fazer era agradecer por terem surgido na minha vida e por terem decidido contar tudo para mim.

Espero que eles tenham conseguido um canto no coração de vocês, assim como conseguiram no meu.

Além do mais, às pessoas que participaram de todos os processos para que esse livro estivesse assim, tão perfeito e maravilhoso, meu mais sincero agradecimento.

Laizy, Margareth, as betas que acompanharam essa história desde o nascimento e que “ouviram” todas as minhas neuras, como eu poderia retribuir todo o amor que dedicaram a essa obra? Sinceramente, não sei..., mas, garanto que sem

PERIGOSAS NACIONAIS

vocês, nada disso teria sido possível. Então... obrigada de verdade, por tudo! Não citarei o nome de cada uma aqui, mas vocês sabem o quanto moram no meu coração!

PERIGOSAS ACHERON



OUTRAS OBRAS



Te prometo ser a única

Trilogia Tudo de Mim I

Formato e-Book

Amazon

Livro físico

Compre aqui!

Sinopse

Bonito, rico e agradável. Thom nunca ficava sozinho. Mas o que ele mais desejava estava fora de seu alcance: Lara. Sua prima adotada que o tratava como um irmão. Para ele não tinha coisa pior do que amar e não ser amado.

Lara. Inteligente, meiga e querida por toda a família, tinha somente um segredo, que escondia de tudo e todos. Inclusive de seu primo.

Quando a verdade vier à tona, será que Thom continuará a amá-la? Pode um amor ser tão forte a ponto de sobreviver a barreiras e crenças? São perguntas que serão respondidas por si mesmo, em meio a tantos conflitos e verdades não ditas, emocionando-nos a cada passo dado em busca da felicidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um império onde riqueza e poder não podem comprar o que há de mais importante no mundo: o amor.

PERIGOSAS ACHERON



Te darei o mundo

Trilogia *Tudo de Mim* II

Formato e-Book

[Amazon](#)

Livro físico

[Compre aqui!](#)

Sinopse

Stephen Cooper é um dos homens mais sedutores
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Nova Iorque, e pode ter certeza que ele se aproveitou disso. Ficando com quem ele quisesse e desejando quem ele pudesse. O grande problema, é que ele amava uma mulher que não lhe pertencia, e por isso, incentivou-a a viver um amor que não era o dele. Ficou sozinho e com o coração partido, sem expectativas de nada melhor para o futuro.

Eva Barnes é uma mulher batalhadora que nunca conheceu coisas fáceis na vida. Sofreu e sofre nas mãos de um pai bêbado, que se mantém às suas custas, enquanto ela ainda cuida da pequena filha de quatro anos. Ela não se considera uma mulher de futilidades, mas ao conhecer Stephen, pensa duas vezes na possibilidade de se deixar levar por um homem tão charmoso. Afinal, ela já caiu nesse truque e saiu despedaçada ao final.

Ambos guardam segredos entre si, mas durante a noite, eles não precisam ser revelados, precisam?

Dois corações quebrados, duas almas em busca do amor. Podem estes dois encontrar o que tanto procuram um no outro?

Jamais duvide do destino e jamais subestime o amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Te farei minha

Trilogia *Tudo de Mim* III

AMAZON

Sinopse

Andy é a típica garota texana, que usa botas e chapéus, tem uma Silverado onde toca somente músicas cowntry, e, claro, como na maioria das histórias de mulheres sulistas, tem um cowboy!

Hardy é seu sonho adolescente. Uns bons anos

mais velho, e muita experiência na arte de seduzir, ele nem mesmo presta atenção na mulher que vive a salivar litros por sua causa. E como se já não bastasse isso, após sair com sua irmã mais velha, Andy pareceu realmente sumir do mapa para ele. Mas ela cansou de ser ignorada, e esse verdadeiro homem de Dallas mal sabe o que o espera.

Muitas brigas, ciúmes e umas boas pancadas da vida, vão provar que o Texas se tornará pequeno para conter o desastre iminente de Hardy e Andy, prestes a descobrirem o amor.



Sadie e Max

Conto

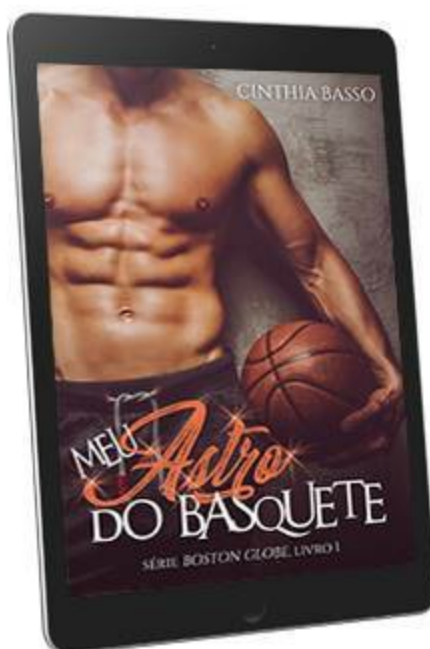
AMAZON

Sinopse

Sadie e Max são duas pessoas que não acreditam no amor. Por motivos diferentes e realidades opostas. Mas, e se em um olhar tudo mudasse? Eles estão prestes a se surpreenderem e descobrirem um dos caminhos que levam ao amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Meu astro do basquete

Série Boston Globe, livro 1

AMAZON

Sinopse

Beatriz é uma bibliotecária simples e maluca, que sonha em ficar frente a frente com o lendário astro do basquete, Josh Currey. Quando uma reviravolta acontece e tudo se encaminha para um final desanimador, ela se surpreende em como o destino pode pregar peças e virar toda a nossa vida

de cabeça para baixo.

Josh por outro lado, está aproveitando seu momento, tanto para se consagrar, como para ajudar as pessoas as quais tem a oportunidade de ajudar. É um homem decidido e que sabe a responsabilidade que carrega nas costas, adorando um bom jogo e aceitando todos os desafios à ele impostos.

Mas, será que ambos se encontrarão em meio a tantos empecilhos, dentre eles, a fama mundial do jogador?

E se o passado conter tudo o que procura para o futuro?

Nesse jogo da vida ambos descobrirão que um vencendo, os dois se tornam campeões!



Antes do sucesso

Série Boston Globe, livro 2

AMAZON

Sinopse

Allan James é um dos jogadores mais famosos da NBA. Todos querem estar ao seu redor por causa do seu jeito humilde, e o adoram pelo seu bom humor. No entanto, o que ninguém percebe, é que debaixo de tudo isso, ele esconde suas mágoas e tristezas, tentando afastar memórias de alguém que um dia fora insubstituível.

PERIGOSAS NACIONAIS

Roselyn Stewart é uma pacata bibliotecária que não se preocupa ou se interessa por fama nem atenção, mas sua vida vira de pernas para o ar quando James, o famoso jogador, se infiltra no seu mundo tranquilo, sem ao menos pedir permissão. Com seu jeito brincalhão e irresistível, ele mexe com seus sentimentos e a deixa confusa, fazendo-a repensar tudo o que acreditava sobre os homens.

Ninguém sabe, mas o passado de ambos pode estar mais perto do que imaginam, e só eles poderão escolher os caminhos para o futuro.

Pode o presente ser mais importante que o passado? E se o passado bater à sua porta, você o manda embora ou o convida a entrar?

PERIGOSAS ACHERON



Na marcação do amor

Série Boston Globe, livro 3

AMAZON

Sinopse

Silas Johnson é um homem tranquilo, que sempre quis encontrar alguém com quem pudesse contar. Não têm muitas ambições, é o mais romântico dos seus três amigos e não se importa com as piadas ao seu redor. Afinal, como dizem, Silas é o Silas e todos sabem o quanto romântico ele é capaz de ser.

PERIGOSAS ACHERON

Diane Kannenberg por outro lado, é uma jornalista esportiva brasileira, que sabe o que quer e isso inclui se sair bem na sua profissão, sem ficar à sombra de ninguém. Odeia como os astros acham que podem ficar com todas as mulheres do planeta e, principalmente, odeia a confiança com a qual eles falam com ela.

Silas sabe que ela vai ser dele.

Diane só pensa em quão idiota ele é por pensar isso.

Os dois vão acabar perdendo e descobrindo que na marcação do amor, o que menos importa é vencer.



A filha do astro

Série Boston Globe, livro 4

AMAZON

Sinopse

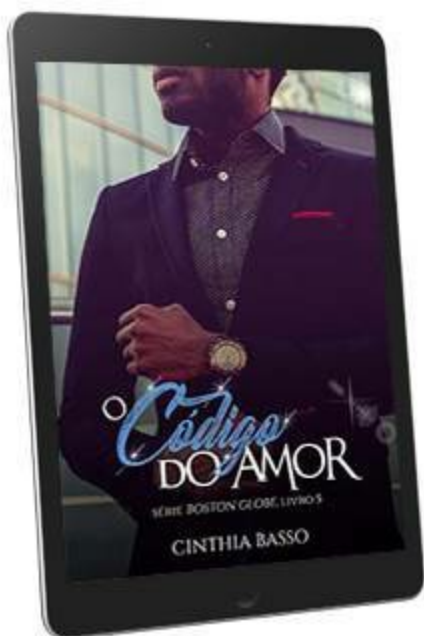
Lily Currey é uma mulher que sabe exatamente o que quer e nunca pretendeu ficar à sombra do sucesso do pai. Se tornou uma das modelos mais conhecidas e desejadas do mundo, guardando segredos e problemas debaixo de sete chaves, mantendo para si tudo o que poderia destruir a sua carreira.

PERIGOSAS ACHERON

Collin, seu irmão adotivo, aproveita e muito a vida de solteiro, sem se importar com o que os outros pensam e sem ligar muito para as mulheres que dizem amá-lo. É um cara que sabe o efeito que a sua presença causa e, por isso, prefere ser de todas do que investir suas fichas em apenas uma.

As pessoas pensam nela como a filha do astro. Enquanto ele é o jogador matador da liga de beisebol.

Lily e Collin... Seria mesmo interessante se não fosse um tanto quanto impossível!
Ou o impossível é apenas aquilo que nunca foi tentado?



O código do amor

Série Boston Globe, livro 5

AMAZON

Sinopse

Tyler Currey é um cara da tecnologia, com pinta de playboy e um corpo de fazer salivar até as nerds mais puritanas. Sua inteligência é surpreendente, assim como a sua capacidade de ter qualquer mulher aos seus pés, com uma simples conversa. Sua ficha de conquista é maior do que muitas em Boston e ele não se importa com isso, afinal, por

que não aproveitaria?

Mia Roberts é diferente e recatada, adora roupas do Star Wars, assim como revistas em quadrinhos e tudo o mais baseado em super-heróis. Por que Marvel ou DC Comics se ela pode gostar das duas? Seus óculos desajustados e sua falta de jeito com os homens poderiam caracterizá-la como sem graça para alguns, mas não para alguém com a mesma personalidade que ela.

Máquinas são mais fáceis de se compreender?

E se eles acabarem descobrindo que tem algo bem maior para entender do que simples linhas de programação?

Cada código tem suas particularidades, e o deles, é repleto delas.



Raio de sol

Formato e-Book

Amazon

Livro físico

Compre aqui!

Sinopse

Suellen Carvalho nasceu em Ventura, mas seu sonho fez com que saísse da cidade sem olhar para trás, com o intuito de estudar e se tornar a escritora que tanto queria ser. Agora, com um bloqueio

PERIGOSAS ACHERON

literário, ela está de volta e se surpreende ao notar que Vince, seu amigo de infância, se transformou de garoto franzino para um peão sexy, com um sorriso digno de fazê-la delirar.

Vincent D'Ávila é filho do fazendeiro mais conhecido da região, herdeiro da fazenda Raio de sol e um dos brutos mais cobiçados de Ventura. Com a volta da única mulher que sempre mexeu com os seus sentidos, Vince terá que escolher entre se render ao sentimento adormecido, ou trancafiar de vez tudo o que Suellen lhe desperta, e ela, por sua vez, terá que se decidir entre ir embora novamente ou atender ao pedido do seu coração.

O tempo os separou.

Mas existiria algo mais forte capaz de uni-los?



Laçando a Lua

Spin-off de Raio de Sol

AMAZON

Sinopse

Magnólia Rodrigues é uma mulher de fases, arredia, marcante, apaixonada e um tanto quanto atrevida. Nunca acreditou que pudesse de fato ser a protagonista da sua própria vida, mas viu tudo mudar quando aceitou se casar com um homem que na verdade, não conhecia.

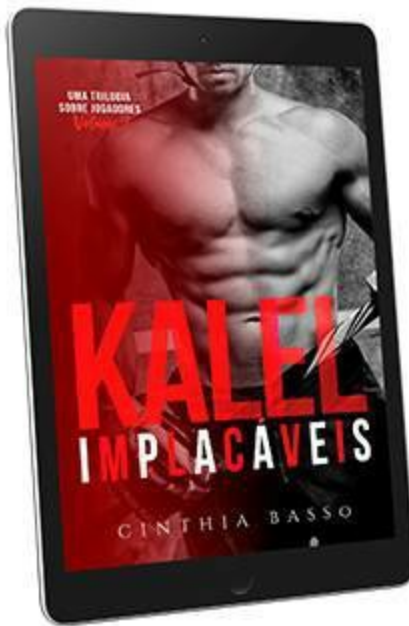
Rodrigo Sanches é herdeiro de um império

poderoso, um verdadeiro executivo que renegou tudo o que tinha direito, fugindo para Ventura, abandonando todas as pessoas que o sufocavam, sem ao menos olhar para trás. Não tinha perspectivas e não ansiava por nada, até o dia que conheceu Mag... A mulher mais insuportável e atraente com a qual ele poderia cruzar.

Ela é a lua e ele se tornou um caubói.

Poderia então laçar o impossível e domar seu coração?

Um novo livro está sendo escrito e uma nova história será contada.



KALEL

Trilogia Implacáveis, livro 1

AMAZON

Sinopse

Kalel “Destruidor” Haucke, o capitão do time de hóquei Boston Red Ice, vive uma vida regada a sexo, sem muitas preocupações além da sua devoção pelo esporte. É insuportável, convencido e charmoso ao extremo, usando desses artifícios para ficar com as mulheres que deseja, sem se importar em como elas se sentirão depois.

Mas poderia tudo mudar quando coloca os olhos no

PERIGOSAS ACHERON

maior desafio que já enfrentou?

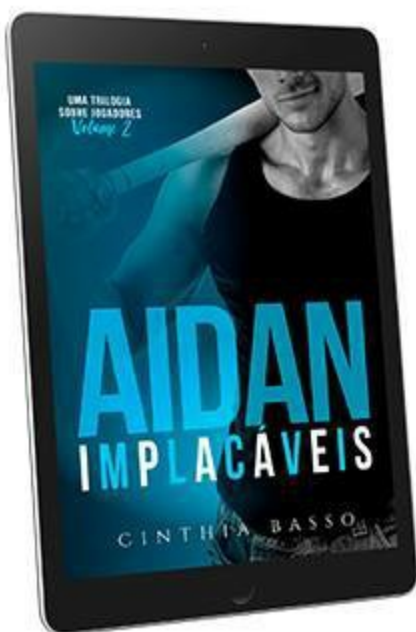
Lindsay Campbell é destemida, uma tenista que não mede forças para conquistar todos os seus sonhos. Guarda segredos que esconde de todas as pessoas, segredos que podem acabar com a sua carreira, assim como, a de quem se aproximar dela. Ambos vão se encontrar e então tudo será posto à prova.

Uma escolha terá que ser feita.

Uma decisão respeitada.

O esporte é a solução ou a causa dos problemas?

Uma pergunta, que infelizmente, parece não ter resposta.



AIDAN

Trilogia Implacáveis, livro 2

AMAZON

Sinopse

Aidan Campbell para todos os efeitos é um jogador de beisebol excepcional, e um dos homens mais interessantes da Major League Baseball. De uma família conhecida por ser influente e absurdamente rica, é definido pelo seu dinheiro, não pelo seu caráter. Quem é Aidan? Alguém o conhece de verdade?

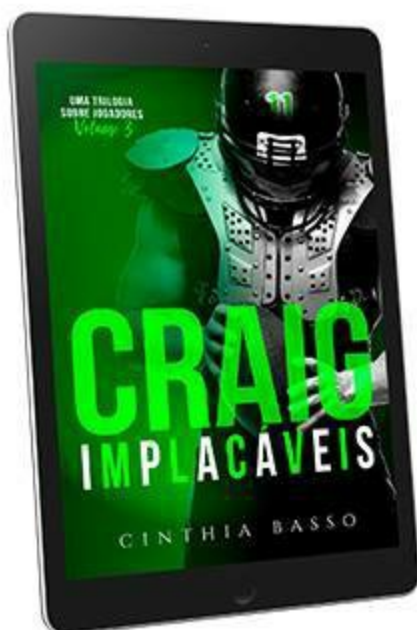
PERIGOSAS NACIONAIS

Gwendolyn Simmons é uma mulher independente, com o coração partido, em busca de si própria e de um lugar para curar suas feridas. Decide então mudar de ares, ansiando por passar uma temporada com a mãe. Só não esperava encontrar alguém do seu passado em tão boa... forma.

Aidan pode ser o único capaz de ajudá-la a esquecer seu coração partido, mas também pode ser a causa de uma nova rachadura.

Os papéis serão invertidos e quem será a caça e quem será o caçador, uma incógnita.

PERIGOSAS ACHERON



CRAIG

Trilogia Implacáveis, livro 3

AMAZON

Sinopse

Craig Monroe é o último cara no mundo com o qual Madison O'Connell gostaria de trabalhar. Entretanto, lá estava ela, na porta de um dos maiores jogadores de futebol americano de todos os tempos. O confiante quarterback do Miami Green Dolphins.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se ela pudesse escolher, se as contas não viessem para lembrá-la todo fim de mês, ela de fato, optaria por não lidar com um homem egocêntrico, que não se importava com nada além dos seus próprios problemas.

Madison previa uma catástrofe, mas não desistiria.

Craig só queria continuar com a sua vida de regalias e... se livrar dela.

A determinação de Madison.

O humor insuportável de Craig.

Uma combinação explosiva e que pode causar estragos.

No desfecho da trilogia Implacáveis, você irá perceber que o pior... fica sempre para o final.

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE A AUTORA



Uma moça do interior que viu nos livros a oportunidade de viajar sem sair do lugar. Engenheira civil, recém-graduada, que sonha pelas linhas de livros sem ter a menor vergonha de admitir isso.

Adora Einstein, Tesla e todos os cientistas
PERIGOSAS ACHERON

capazes de criar teorias consideradas absurdas de ideias adversas.

Pensa que todos nós somos capazes de conquistar nossos sonhos, e que o nosso maior inimigo somos nós mesmos. Afinal, nada cai do céu e não podemos ficar parados esperando que as coisas aconteçam sem qualquer esforço para isso!

Cria diversas histórias através das mais diferentes inspirações, não escreve sem estar ouvindo uma boa música e costuma colocar sempre um pouco de si nos personagens.

Enfim, essa é Cinthia Basso, uma mulher com o romantismo à flor da pele, que não busca nada além da felicidade.



CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram

cinthiabasso@outlook.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Notas

[←1]

O estilo de tatuagem mais tradicional. Suas características mais marcantes são os traços grossos e firmes, aliado a uma paleta limitada de cores, contendo basicamente preto, amarelo, verde, azul e vermelho

PERIGOSAS NACIONAIS

[←2]

Irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←3]

Marca de máquina de tatuagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←4]

Inventado, feito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←5]

Chuva.

PERIGOSAS ACHERON

[←6]

Sujeito que cobiça a mulher do próximo.

[←7]

Caixa de papelão reforçada, revestida internamente para prevenir vazamentos e proteções adicionais que evitam furos na caixa.

[←8]

Cópia de uma imagem em papel, para que ela seja reproduzida em outro lugar.

[←9]

Atriz e modelo, responsável pela reinvenção da estética
Pin-up.

[←10]

Condição em que as íris de um indivíduo são de cores diferentes, seja parcialmente, ou integralmente.

[← 11]

Estilo consideravelmente novo na tatuagem, com traços firmes e grossos, com sombreamentos e cores vibrantes em destaque.

[←12]

Gira que significa passear, dar uma volta, etc.

[←13]

Do original Rivendell, sendo uma cidade fictícia inventada por J.R.R. Tolkien.

[←14]

Máquinas de tatuagem tradicionais, normalmente usadas para traços. São brutas, pesadas e fortes.

[←15]

Geralmente usadas para pintura, porque são mais leves, suaves e vibram menos.

[←16]

Indivíduos que executam grafites (arte) em muros ou em qualquer outro lugar do interesse do cliente. Costuma ser associado a pichação, mas este em contrapartida, não é uma forma de arte e sim vandalismo, logo, tal associação não representa a realidade.

[←17]

Não seria boa, abaixo da expectativa.

[←18]

Marca de tinta spray.

[←19]

Trecho da música Pode ser romance? - da cantora Nathy Mc.

[←20]

Referência à frase de Bob Marley: A curva mais bonita de uma mulher é o seu sorriso.

[←21]

Referência a música Wish you were here do Pink Floyd, a qual o nome se traduz da seguinte forma: Queria que você estivesse aqui.

[←22]

Cidade subterrânea de Montreal.

[←23]

Água em inglês.